



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

PAULO HENRIQUE RODRIGUES DA SILVA

**ASSIM FALAVA ADRIANO: UMA ANÁLISE DAS TRAMAS DO CRIME E DA
ORDEM**

FORTALEZA

2023

PAULO HENRIQUE RODRIGUES DA SILVA

ASSIM FALAVA ADRIANO: UMA ANÁLISE DAS TRAMAS DO CRIME E DA
ORDEM

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Sociologia. Área de concentração: Sociologia da violência e dos conflitos sociais

Orientador: Prof. Dr. César Barreira.

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S582a Silva, Paulo Henrique Rodrigues da.
Assim falava Adriano: uma análise das tramas do crime e da ordem / Paulo Henrique Rodrigues da Silva. – 2023.
196 f. : il. color.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2023.
Orientação: Prof. Dr. César Barreira.

1. Crime. 2. ordem. 3. narcotráfico. 4. tramas. 5. família. I. Título.

CDD 301

PAULO HENRIQUE RODRIGUES DA SILVA

ASSIM FALAVA ADRIANO: UMA ANÁLISE DAS TRAMAS DO CRIME E DA
ORDEM

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Sociologia. Área de concentração: Sociologia da violência e dos conflitos sociais.

Aprovada em: 27/04/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. César Barreira (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Luis Fábio Silva Paiva (Interno)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Roberto Jose Coromoto Briceno Leon (Interno)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Clodomir Cordeiro de Matos Júnior (Externo)
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Prof. Dra. Camila Holanda Marinho (Externo)
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Dedico esta obra aos que estiveram presentes
nos bons e maus momentos.

AGRADECIMENTOS

Esta Tese de Doutorado em Sociologia foi realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Agradeço especialmente ao Prof. Dr. César Barreira por sua excelente orientação e habilidade em guiar uma pesquisa povoada de inúmeros desafios.

Agradeço ainda aos demais professores que ao longo do processo de construção desta pesquisa tanto contribuíram em minhas problematizações conceituais e metodológicas, lançando ideias e perspectivas que certamente me impulsionaram a desenvolver uma escrita mais focada, criativa e fluida.

Agradeço imensamente aos professores participantes da banca examinadora pelo tempo dedicado na leitura de meu trabalho e pelas valiosas colaborações e sugestões lançadas em minha defesa de Doutorado.

Aos meus diversos interlocutores e amigos que quiseram me ouvir e também me orientaram sem saber ao longo destes anos. Agradeço ao meu amigo Rodrigo pelo seu apoio constante e pelo tempo concedido na realização das entrevistas, assim como por sua boa vontade em disponibilizar informações e dados essenciais que me possibilitaram empreender devidamente a estruturação desta obra.

“Opposition is true Friendship”

(William Blake, 2007, p. 38).

RESUMO

A pesquisa analisa as transformações sociais recentes observadas nas tramas do crime e da ordem no Brasil, abordando problemáticas relacionadas à oposição entre a *vida familiar* e a *vida no crime*, na compreensão da estética da existência considerada *marginal* (GENET, 1986). Nesse sentido, analiso a trajetória de vida de Adriano Passos, que à primeira vista seria apenas um modesto comerciante de barracas de praia. Entretanto, nos bastidores de seus negócios socialmente reconhecidos, que serviam como camadas de ocultamento de suas verdadeiras práticas, Adriano administrava uma extensa rede de contatos e influências relacionadas ao narcotráfico, sendo um fornecedor de cocaína de considerável respeito nos bairros praianos do município de Caucaia (Ceará). Conheci Passos no ano de 2009, quando posteriormente ele passou a me pedir que escrevesse um livro sobre sua *vida no crime*. Assim, estabelecemos inúmeros diálogos que foram mais intensos entre os anos de 2012 e 2013. Nessas ocasiões Adriano narrou várias experiências vividas em São Paulo, onde teria se envolvido inicialmente em assaltos à banco e foi preso por 10 anos no *Complexo do Carandiru*, um lugar de grande carga simbólica no imaginário brasileiro da violência de Estado, racismo e letalidade policial. Adriano afirmou ter ouvido todo o Massacre de 2 de outubro de 1992, ocorrido no Pavilhão 9, que resultou na morte de centenas de detentos e impactou na formação de inúmeras *facções criminais*, com destaque para o *Primeiro Comando da Capital* (PCC) e o fortalecimento do *Comando Vermelho* (CV). Apesar de ter estabelecido intensos diálogos com Adriano de 2009 a 2013, não pude realizar a pesquisa enquanto ele ainda estava vivo. Em fevereiro de 2016 recebi a notícia de que Adriano e sua ex-esposa, Eva, haviam sido assassinados cruelmente a facadas, o que me impulsionou a resgatar e analisar as tramas íntimas e coletivas envolvendo as circunstâncias de suas mortes. Abrangendo deslocamentos físicos e imaginativos, o trabalho consiste essencialmente numa investigação, análise e interpretação de experiências, imagens, documentos, entrevistas e depoimentos policiais, buscando evidenciar os detalhes ocultos da intensa e complexa carreira criminal de Adriano Passos e demonstrando as recentes transformações das tramas do crime e da ordem no Brasil.

Palavras-chave: Crime; ordem; narcotráfico; tramas; família.

ABSTRACT

The research analyzes the recent social transformations observed in the plots of crime and order in Brazil, addressing issues related to the opposition between family life and life in crime, in understanding the aesthetics of existence considered marginal (GENET, 1986). In this sense, I analyze the life trajectory of Adriano Passos, who at first glance would be just a modest beach hut merchant. However, behind the scenes of his socially recognized businesses, which served as layers of concealment of his true practices, Adriano managed an extensive network of contacts and influences related to drug trafficking, being a cocaine supplier of considerable respect in the beach neighborhoods of the municipality of Caucaia (Ceará). I met Passos in 2009, when he later asked me to write a book about his life in crime. Thus, we established numerous dialogues that were more intense between 2012 and 2013. On these occasions Adriano narrated several experiences he had in São Paulo, where he was initially involved in bank robberies and was imprisoned for 10 years in Complexo do Carandiru, a place of great symbolic charge in the Brazilian imagination of State violence, racism and police lethality. Adriano stated that he heard the entire Massacre of October 2, 1992, which took place in Pavilion 9, which resulted in the death of hundreds of inmates and impacted the formation of numerous criminal factions, with emphasis on the Primeiro Comando da Capital (PCC) and the strengthening of the Comando Vermelho (CV). Despite having established intense dialogues with Adriano from 2009 to 2013, I was unable to carry out the research while he was still alive. In February 2016, I received the news that Adriano and his ex-wife, Eva, had been cruelly stabbed to death, which prompted me to rescue and analyze the intimate and collective plots surrounding the circumstances of their deaths. Covering physical and imaginative displacements, the work essentially consists of an investigation, analysis and interpretation of experiences, images, documents, interviews and police statements, seeking to highlight the hidden details of Adriano Passos' intense and complex criminal career and demonstrating the recent transformations in the plots of the crime and order in Brazil.

Keywords: Crime; order; drug trafficking; plots; family.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Adriano Passos (à direita na imagem) e amigos em São Paulo, 1990	46
Imagem 2 – Adriano ainda garoto fantasiado de policial	51
Imagem 3 – Ensaio da banda com Rodrigo, em sua residência no Icaraí, 2013	68
Imagem 4 – Conversando com Adriano no carnaval de 2013	70
Imagem 5 – Eva e Adriano com familiares no Icaraí	76
Imagem 6 – José Passos entre familiares, 1980	82
Imagem 7 – Adriano Passos de branco à esquerda na imagem, ainda rapaz	85
Imagem 8 – Transitando pelos sertões cearenses em agosto de 2017	99
Imagem 9 – A torre principal da Penitenciária conhecida como Pires	103
Imagem 10 – Cozinha de Dona Virgínia vista do quintal, agosto de 2017	106
Imagem 11 – O filho de Elitônio brinca solitário jogando pedras em uma árvore	107
Imagem 12 – Adriano capturado com um terço no pescoço	113
Imagem 13 – A identidade de Adriano ou José Passos de Sousa	115
Imagem 14 – Eu, Adriano e um amigo após um show em 2013, em Fortaleza	122
Imagem 15 – Eva e eu durante o carnaval de 2013, praia do Icaraí	123
Imagem 16 – Adriano em momento de descontração com uma garrafa de cerveja	126
Imagem 17 – Adriano abraçado com Tio Jones, militar e parente de Rodrigo	128
Imagem 18 – Vista da cidade de São Paulo, Pinheiros, dezembro de 2021	136
Imagem 19 – São Paulo, janeiro de 2022	137
Imagem 20 – Eva e Adriano recém-casados	138
Imagem 21 – Adriano Passos com seus parceiros e familiares no Carandiru	144
Imagem 22 – Adriano com seus colegas no pátio interno do Carandiru	147
Imagem 23 – Mapa da distribuição dos pavilhões no Carandiru	150
Imagem 24 – Adriano no interior de uma cela no Carandiru	151
Imagem 25 – Amigos de Adriano Passos na prisão	153

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CV	Comando Vermelho
PCC	Primeiro comando da capital
PEFOCE	Perícia Forense do Estado do Ceará
PM	Polícia Militar
PIRS	Penitenciária Industrial Regional de Sobral
SP	São Paulo
UFC	Universidade Federal do Ceará

SUMÁRIO

1	AS TRAMAS DO CRIME E DA ORDEM: ASPECTOS INTRODUTÓRIOS	13
1.1	Aproximações conceituais: desenvolvendo uma nova pesquisa	22
1.2	A projeção social da violência e do crime	26
1.3	Cólera social: a propagação dos fluxos sociais violentos	30
1.4	Aproximações metodológicas: prática de pesquisa e subjetividade	34
2	AS METAMORFOSES DE ADRIANO: UM PERSONAGEM CONSTRUÍDO ENTRE O BEM E O MAL	43
2.1	Som, Praia e sol	64
2.2	Eva e Adriano: um casal é encontrado morto	72
2.3	A vida familiar e a vida no crime: construindo fachadas	79
3	TERRITÓRIOS DE PESQUISA EM TRANSFORMAÇÃO: RELATOS DE UMA TRANSIÇÃO	92
3.1	Os discursos e conversações das ruas	94
3.2	Dormindo na prisão	98
3.3	Dormindo no sertão	105
3.4	Elaborando uma forma de luta	109
4	AS NARRATIVAS DE ADRIANO: UM INDIVÍDUO EM ROTA DE FUGA	112
4.1	Nos fluxos da cocaína: um aprendiz sob efeito	120
4.2	Policiais e bandidos: a recursividade moral das oposições	130
5	NA TORRE DE BABEL: VESTÍGIOS DE UMA TRAJETÓRIA CRIMINAL ENTRE CEARÁ E SÃO PAULO	135
5.1	O inferno é uma prisão: relatos do Carandiru	141
6	O INIMIGO ÍNTIMO: PACTOS E RUPTURAS NAS TRAMAS CRIMINAIS	157
7	A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL NAS TRAMAS DO CRIME E DA ORDEM: UMA CONCLUSÃO	173
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	187

1 AS TRAMAS DO CRIME E DA ORDEM: ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

Ao nos aproximarmos de certa dimensão da existência humana, podemos ver precisamente como cada indivíduo se desvincula dos demais; assumindo um ponto de vista mais distanciado, percebemos o indivíduo enquanto tal desaparecer e, em seu lugar, se nos revelar a imagem de uma ‘sociedade’ com suas formas e cores próprias, imagem que surge com a possibilidade de ser conhecida com maior ou menor precisão, mas que de modo algum terá menor valor que a imagem na qual serve apenas como estudo preliminar das partes. A diferença existente é somente aquela que se dá entre os diversos propósitos de conhecimento, os quais correspondam a diferentes posições de distanciamento. (SIMMEL, 2006, p. 14).

Partindo de leituras e experiências diversas, considero que as *tramas* (VEYNE, 2008) que procuro analisar desde minha pesquisa de dissertação¹ estão relacionadas a diferentes territórios sociais fortemente interconectados. Tais campos de pesquisa se construíram a partir de deslocamentos íntimos que não deixam de refletir também o trabalho de uma *coletividade*, pois ressalto que não realizei este trabalho de Tese de forma inteiramente solitária e apartada, mas contei com a valiosa ajuda de muitos professores, amigos e colaboradores, sem os quais tudo seria inviável. Em linhas gerais, posso afirmar que as tramas pesquisadas aqui, portanto, são mais humanas que criminais, considerando que eu busco compreender o significado relacional de modos de vida e trajetórias divergentes em conflito, encarnadas na figura de tipos sociais recorrentes, representada nas complexas relações de oposição e associação entre policiais e “foras da lei”.

Considero impossível desvincular a construção desta obra da minha própria trajetória pessoal, sobretudo acerca de questões cruciais que fui obrigado a incorporar no transcorrer dos eventos relatados. Tudo ocorre como se a pesquisa fosse um laboratório psicológico, centrado num trabalho reflexivo do pesquisador acerca de si mesmo e diretamente envolvido no esforço de refletir a dor do outro, assim como as projeções de si e dos outros. Noto que ao pesquisar alteramos intimamente a própria lógica dos *objetos* observados: inegavelmente *humanos* como qualquer constructo social. Assim, ao encarmos a lógica dos objetos sociais em conflito acabamos por refletir a nós mesmos, como uma serpente que investiga os rastros deixados por ela mesma.

Entretanto, a diferença consiste no fato de que o pesquisador é quem sempre olha para o objeto e pergunta primeiro: “Quem está aí?” Buscando alguma inspiração em Pierre Bourdieu (2005), em minha pesquisa se mostrou necessário elaborar um exercício íntimo de percepção, na tentativa inconsciente de delinear uma espécie de “esboço de autoanálise”.

¹ “Os Bandidos da Terra: tramas e conflitos sociais no sertão cearense” (SILVA, 2016).

Entretanto, trata-se de um relato de si (BUTLER, 2015) que não evita flertar com questões evocadas por outras áreas de conhecimento, como por exemplo a literatura (CAPOTE, 2003), a música, a poesia e suas potencialidades criativas e imaginativas, num gesto de praticar possíveis interdisciplinaridades. Compreendo que em contextos futuros (ELIAS, 1998) a sociologia deva se empenhar mais profundamente em questões relacionadas ao “inconsciente humano”, justamente por se propor ampliar o entendimento acerca das “disposições inconscientes do agir humano”, como apontam vários sociólogos e antropólogos de grande influência mundial, como Norbert Elias, Gabriel Tarde, Durkheim, Max Weber e Georg Simmel e muitos outros.

É certo que falar da sociedade sendo um indivíduo inegavelmente social é praticar curiosas redundâncias. Afinal de contas, o agir humano será sempre social, ou essa coisa profundamente *inconsciente* (FREUD, 2010), pois só perdura mediante uma existência coletiva devoradora das individualidades e subjetividades. Entretanto, há zonas de escape, assim como existem mecanismos eficazes de fuga e formas criativas de questionar a ordem social estabelecida. No entanto, seja no *centro* ou nas *margens*, a sociedade sempre foi um mistério evidente diante de nossos olhos. Ao encararmos a totalidade das sociedades humanas ao redor do mundo logo deduzimos que para existir um único indivíduo se desenrolou primeiramente uma infinita cadeia de indivíduos, que continuam a se reproduzir e se aniquilar incessantemente, de modo que vão sendo gradativamente arrastados pelo turbilhão do tempo e suas coletividades humanas, devoradoras de todas as coisas.

Considero que minha escrita se desenvolveu numa época de profunda crise global e em torno de inquietações inúmeras, numa relação de aproximação e distanciamento analítico de fenômenos observados ao longo de anos extremamente difíceis e desafiadores (não apenas para mim), constituindo um período em que vivi uma profunda depressão pessoal e introspecção social. Assim, foi atravessando uma fase árdua de minha vida que busquei refletir o fenômeno da morte, e então passei muitos anos inteiramente imerso nas memórias, questões e problemáticas concernentes às minhas duas pesquisas de pós-graduação, o que já vinha se desenrolando desde o mestrado e se estendeu até o doutorado. Nesse sentido, destaco a seguinte passagem de Georg Simmel (2003, p. 14):

Por exemplo, se o detalhe de um quadro observado minuciosamente tal como é visto com a maior proximidade óptica possível for submetido posteriormente a um exame que corresponda a uma distância de alguns metros, essa última perspectiva seria considerada totalmente equivocada e falseada – por mais que, partindo de conceitos superficiais, tomássemos tal exame detalhado como ‘mais verdadeiro’ do que o produzido pela imagem distanciada. (SIMMEL, 2003, p. 14).

No processo de escrita desta Tese, percebi que ao tentar deslocar algum aspecto do trabalho eu acabava por identificar outros detalhes escondidos nas entrelinhas, o que me obrigava a tomar mais tempo para refletir os novos aspectos identificados. Portanto, ressalto que as buscas por ferramentas metodológicas e conceituais híbridas e eficazes se construíram através da própria intensidade das imagens evocadas por minha pesquisa (BECKER, 2007), quando precisei então superar determinados entraves psicológicos, relacionados ao tratamento de cenas de violência e assassinato que ainda me bloqueavam intensamente, considerando a fragilidade da minha própria saúde mental e psicológica.

Só posteriormente pude compreender a forma como tais fatores íntimos e subjetivos estariam, em grande parte, relacionados ao difícil, e muitas vezes incompreensível, gesto de pesquisar e, conseqüentemente, de escrever: perseguindo discursos, imagens, cenários, conceitos e problemáticas aparentemente insolúveis, que as pessoas cotidianamente não estão interessadas em se debruçar com maior atenção e cuidado. Refletindo sobre as referidas imagens evocadas por minha pesquisa, destaco a seguinte passagem do escritor, sociólogo, semiólogo e filósofo francês Roland Barthes (1994, p. 124):

A imagem se destaca; ela é pura e clara como uma letra: é a letra daquilo que me faz mal. Precisa, completa, caprichada, definitiva, ela não deixa lugar para mim: sou excluído como o sou da cena primitiva, que talvez só exista durante o tempo em que ficou destacada pelo contorno da fechadura. Eis então, finalmente, a definição de imagem, de toda imagem: a imagem é aquilo de que sou excluído. Ao contrário desses desenhos-charada, onde o caçador está secretamente desenhado na confusão do arvoredo, eu não estou na cena: a imagem não tem enigma.

Posso afirmar que as confrontações com as cenas fortes evocadas pela pesquisa, assim como os impactos psicológicos gerados pelo campo empírico, além de estimularem um profundo processo de reflexão pessoal, forçaram-me a assumir novas perspectivas acerca de problemáticas que eu procurava observar sempre com a mesma ótica circular, a partir de uma percepção que hoje considero excessivamente “academicista”, e que só pude perceber e modificar gradativamente, com o passar dos anos.

Foi assim que no doutorado procurei me engajar na elaboração de uma postura mais criativa e diferenciada de escrita, que me aproximasse mais do meu campo empírico, embora sem esquecer ou negligenciar a importância do rigor teórico-metodológico, eliminando ao máximo os enquadramentos compulsórios na compreensão de trajetórias de vidas reais. Portanto, priorizei primeiramente a experiência e a prática, realizando uma

conjunção gradativa entre teoria e prática, o que a meu ver constitui o sentido maior do próprio fazer científico.

Paralelamente, sempre insisti na tarefa de desenvolver uma escrita que funcionasse como uma espécie de diálogo literário, científico, experimental e aberto, mediante um fluxo de reflexões, imaginações e conceitos envoltos nas narrativas de vida de personagens reais (BENJAMIN, 1987). Para isto, precisei elaborar um modo de escrever mais intimista, embora prezando pela objetividade, evidenciando uma realidade pulsante que de outra forma eu jamais seria capaz de demonstrar.

Portanto, experimentando momentos de euforia e fases de grande bloqueio criativo, busquei diferentes formas de analisar temas considerados perigosos, considerando que o próprio estudante e pesquisador se insere em um contexto global de tensão e crise, com a busca por *status* e poder a qualquer custo, que arrasta as pessoas a quadros existenciais extremamente deprimentes e de profundo adoecimento psíquico, uma vez que nem todo estudante dispõe de uma excelente condição financeira, que o possibilite pagar uma boa terapia no momento em que ele realmente necessite de amparo.

O leitor verá ainda que meus deslocamentos ao campo pesquisado se construíram numa espacialidade que relaciona a cidade de Fortaleza, os bairros praianos de Caucaia, Ceará, e, no outro extremo, a cidade de São Paulo e interior paulista. Portanto, ressalto que muitas das experiências vividas e narradas por meus interlocutores transcorreram em espacialidades completamente divergentes, embora se mostrem convergentes em relação ao quadro conceitual das tramas pesquisadas.

Foi assim que percorri ambientes urbanos e regiões praieiras, considerando ainda os percursos realizados em pequenas localidades e municípios interioranos, que também contribuíram para a construção geral do meu quadro analítico e metodológico. A partir dos elementos destacados acima, busquei esmiuçar especificamente as oposições entre o crime e a ordem (GARLAND, 2008) sob a ótica da construção social do personagem considerado banal, ordinário e fora da lei.

Por conta de uma pandemia global – que no momento em que escrevo já contabiliza 6, 51 milhões de óbitos no mundo –, no ano de 2020 decidi me mudar para o interior do Ceará, ocasião em que residi em várias cidades que já frequento intensamente desde antes do meu mestrado em Sociologia, quando então abordei a construção social do bandido no contexto dos sertões da Pedra, localizado na microrregião de Sobral, região noroeste do Ceará. Portanto, entre os anos de 2020 e 2021, estabeleci morada em localidades como Groaíras, Cariré e distritos de Sobral, onde revi passagens e paisagens que atravessei na

época de mestrado, revisitando territórios familiares quase sempre frequentados por mim desde a infância, pois minha família materna é daquela região.

Entretanto, minha pesquisa de doutorado não se restringe apenas às referidas localidades cearenses, pois quando decidi pesquisar a trajetória de Adriano Passos, meu campo empírico se modificou profundamente, de modo que precisei repensar os rumos do novo trabalho, incluindo também as experiências e narrativas de Passos vividas entre São Paulo, Fortaleza e Caucaia, o que irei demonstrar em capítulos posteriores. Nesse sentido, aos poucos fui me aproximando de outros campos empíricos que foram se somando às narrativas de vida. Logo a cidade de São Paulo se destacou em minhas reflexões, e pude visitá-la na passagem de 2021 a 2022, quando reencontrei um grande amigo, que por ironia do destino se tornou meu principal interlocutor, dando um auxílio precioso em meu trabalho.

Trata-se de Rodrigo, filho de Eva, que era a ex-esposa de Adriano Passos. Portanto, ressalto que Rodrigo não é filho de Adriano, pois o pai de Rodrigo era do Pará e se separou de Eva quando ele ainda era pequeno. Adriano, por sua vez, viveu muitos anos em São Paulo antes de retornar ao Ceará, de modo que lá viveu experiências diversas no mundo criminal, sendo o personagem central de minha análise, sobre quem irei discorrer ao longo do trabalho. Em suma, neste trabalho tento descrever as relações movidas “por dentro” do tráfico de drogas e do “crime organizado”, na construção social dos pactos e rupturas, observados na trajetória de Adriano Passos.

No processo de elaboração dos esquemas mentais da pesquisa, os diferentes territórios sociais se mostraram intensamente interconectados, pois concebi minha escrita como uma espécie de documentário panorâmico, experimental e não linear: que começa num lugar, continua em outro completamente diferente, e posteriormente retorna ao ponto inicial, numa dinâmica que se realiza através de constantes reflexões, regressões, digressões e saltos imaginativos. Admito que se trata de um trabalho “complexo”, que já venho elaborando desde antes de ingressar na pós-graduação.

No que se refere ao distanciamento geográfico dos territórios pesquisados, ainda que eu não mais analise especificamente a relação entre os sertões cearenses e os morros cariocas, por exemplo, em minha dissertação tais conexões territoriais foram intensamente enfatizadas, quando apreendi os deslocamentos do “bandido Elitônio”, que transitou entre os sertões da Pedra e os morros cariocas, residindo no Rio de Janeiro em várias ocasiões antes e depois de enveredar pela vida criminal. Considero muito interessante a relação com o “fora” do Estado, o que se aproxima da trajetória de Adriano Passos, embora o último tenha se relacionado bem mais intensamente com a cidade São Paulo, sendo possível afirmar que lá

viveu experiências mais profundas, radicais e inusitadas que Elitônio, por motivos inúmeros que irei esmiuçar posteriormente no texto.

Nesse sentido, meu objetivo principal, nessa relação de aproximação e distanciamento analítico de territórios aparentemente tão discrepantes, concentra-se na tentativa de relacionar e evidenciar as realidades regionais em contraposição ao contexto nacional mais amplo do “crime” e da “ordem”. Assim, refletindo os aspectos até aqui destacados, enfatizo a seguir uma passagem de Pontes Fraga (2003, p. 1):

Apesar da vasta distância de milhares de quilômetros e das marcantes diferenciações geográficas e culturais, há proximidades históricas entre o sertão nordestino e as favelas cariocas. A primeira, bastante referida, está na origem do termo favela, uma vez que, segundo registra-se, vincula-se à vegetação a nomear o morro próximo ao Arraial de Canudos, no Sertão da Bahia. Quando os combatentes da Guerra de Canudos retornaram ao Rio de Janeiro, após o massacre de Antônio Conselheiro e seus seguidores, sem ter aonde morar, as autoridades municipais se omitiram, permitindo a construção de habitações precárias nas encostas dos morros cariocas, sem o título de propriedade, como uma espécie de recompensa pelos serviços prestados. Seus moradores, prontamente, batizaram tais aglomerações habitacionais de favelas, numa referência ao morro de Canudos e por nestes locais existirem, do mesmo modo, a rastejante vegetação.

Apresentando as relações históricas da origem do termo “favela”, registrado na obra seminal de Euclides da Cunha (2016), Fraga demonstra o processo de transformação dos significados das expressões, sobretudo quando deslocadas de seu contexto originário. Nesse sentido, compreendo que uma pesquisa socioantropológica consiste muito mais em captar as metamorfoses dos significados e dos conceitos elaborados, especialmente quando estes são deslocados e dinamizados pelas próprias práticas sociais correntes.

Desse modo, assim como ocorre em relação ao fenômeno sócio histórico do *Arraial de Canudos*, é através dos referidos deslocamentos que os significados regionais acabam por extrapolar as barreiras espaciais e temporais existentes, adquirindo então outras nuances e amplitudes de maior escala, embora ainda mantenham características de suas particularidades regionais e tradicionais.

Compreendo que tais fenômenos podem ser devidamente constatados também no processo de formação das comunidades periféricas brasileiras, com suas dissemelhanças, mas ainda com profundas similaridades, comparando grandes metrópoles como São Paulo, Fortaleza, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Brasília, por exemplo. Assim, minha pesquisa se constrói por sobre situações dinâmicas e inusitadas, a partir de deslocamentos que acabam constituindo e reconfigurando novos campos e cenários sociológicos extremamente

interconectados, o que possibilita entrever pormenores imperceptíveis. Ainda acerca das diferenças espaciais e de pertencimento dos moradores no âmbito das *favelas* brasileiras, contrapondo a realidade de São Paulo e do Rio de Janeiro, vale destacar a seguinte passagem de Misha Glenny (2016, p. 52-53):

As favelas cariocas eram diferentes das da maioria das outras cidades, claro, porque ficavam nos morros. Brotavam neles como ilhas separadas entre si pelas áreas de classe média. Em decorrência disso, a identificação dos moradores com sua comunidade própria sempre foi mais intensa do que em outros lugares, sobretudo São Paulo. No Rio, como disse Chico Buarque: ‘cada ribanceira é uma nação’. Isso viria a ter um impacto significativo no desenvolvimento da economia social do narcotráfico e foi uma causa fundamental para os altos índices e a natureza específica da violência urbana no Rio, em comparação a São Paulo. (GLENNY, 2016, p. 52-53).

Assim, procuro extrair de tais cenários uma espécie de quadro socioantropológico de experiências diversificadas, a partir de um exercício panorâmico de se deslocar e formular questões em movimento: a fim de elencar ferramentas, peças e achados diversos, construídos por sobre diferentes *modos de vida*. Em suma, tudo consiste em captar e compreender elementos sociológicos inseridos nas práticas e hábitos de pessoas imersas em seus próprios microcosmos cotidianos, enfatizando os elementos inscritos nas entrelinhas das conversações das ruas, das praças, das esquinas, dos botecos e das residências.

No que se refere aos modos de vida antes referidos, busco compreender especificamente o que observo como o fator transformacional na construção social e moral das experiências do crime e da ordem (Estado): analisando seus desdobramentos mediante a análise de trajetórias de indivíduos em processo de fuga ou com complexas pendências com autoridades policiais, os supostos guardiões da lei e da ordem. Portanto, tudo consiste em esmiuçar a construção social de uma “vida braba”, que está relacionada aos modos de existência de bandidos, ladrões, traficantes, vagabundos, malandros e marginais, como são comumente denominados pela máquina de reprodução social.

Compreendo que a expressão popular “vida bandida” também faz referência à expressão “vida braba”, a qual passei a utilizar conceitualmente ainda no período de construção do meu trabalho de mestrado, sobretudo por ter escutado o termo pela primeira vez em visitas realizadas aos sertões da Pedra, localidade bastante erma e de difícil acesso da Microrregião de Sobral, Estado do Ceará. Portanto, a menção à uma “vida braba” surgiu enquanto entrevistava a mãe e o pai do jovem Elitônio nos sertões, ainda quando eu realizava o trabalho de campo para feitura da minha dissertação de mestrado.

Entretanto, com o passar do tempo, considerei essencial continuar a esmiuçar a referida expressão, como quem enfatiza a intensidade de uma trajetória biográfica (BERTAUX, 1999) cheia de amargor e dificuldades, e também por se mostrar perfeitamente apropriada para definir com eficácia os elementos que pretendo analisar e trazer à tona ao longo deste trabalho. Os pais de Elitônio parecem ter extraído o termo “vida braba” de outras expressões populares correntes, como “vida bandida” ou “vida loka”², que também são expressões largamente utilizadas no contexto urbano das tramas policiais e criminais brasileiras, em comunidades periféricas de várias capitais. No entanto, a noção de “vida braba” me parece exprimir uma intensidade discursiva diferenciada, fazendo referência ao que no sertão do Ceará denota um estilo de vida errante, amargoso e colérico, pautado na permanente condição de “fugitivo da Lei”. Em suma, enfatizo a observação e análise de tais elementos discursivos como uma forma de compreender os significados mais profundos atribuídos aos “modos de vida criminais”, assim como pude registrar em inúmeros momentos da pesquisa.

Ressalto que as denominações, rótulos sociais e variações pejorativas de sentido similares utilizadas ao longo do texto, são constantemente e intensamente rebuscadas e reforçadas no próprio campo empírico: não apenas por várias instâncias comunicacionais e midiáticas do Estado, mas pelos próprios indivíduos pesquisados. Observa-se que as pessoas diretamente envolvidas em suas variadas *tramas* cotidianas buscam radicalizar suas mútuas distinções, na constante recapitulação e atualização dos rótulos e códigos de transgressão, violência e confronto. Nota-se que no meio criminal, seja no interior, nas grandes cidades ou nas zonas metropolitanas, tudo depende de um “jogo de astúcias”.

As distinções sociais perpassam diretamente a ideia de transformação dos nomes e das formas de se referir a alguém. Por exemplo, um modo inusitado de chamar um nome corriqueiro, em certas ocasiões pode denotar uma nítida diferenciação de *status*: referente à posição social do detentor do nome ou título, o que se relaciona diretamente com as zonas de poder e códigos de comunicação movidos no âmbito das chefias e lideranças criminais (GLENNY, 2016). É importante ressaltar que, em determinados contextos sociais, ser considerado um homicida, bandido, traficante ou pistoleiro pode ser visto frequentemente como um símbolo de distinção e relativo prestígio local (BARREIRA, 1998). Em contrapartida, observa-se que em contextos mais normativos, por assim dizer, a simples

² Certamente a expressão se tornou mais famosa e disseminada após o lançamento da música do grupo de rap paulista Racionais Mc's, que se divide em duas partes: “Vida Loka I” e “Vida Loka II”, do disco “Nada como um dia após o outro dia”, lançado em 2002.

menção do apelido de um sujeito considerado perigoso ou temido é capaz de causar medo, terror e apreensão nas pessoas do lugar (SÁ, 2011).

Somando-se aos elementos até aqui destacados, por ocasião das inúmeras reviravoltas da pesquisa, analiso simultaneamente os policiais militares e suas ações muitas vezes contraditórias e paradoxais. Refiro-me especificamente às diferentes disposições, práticas, discursos e respostas sociais perpetradas por policiais militares, que emergem em determinadas posturas no acerto de contas com traficantes e facções criminais, constituindo assim o quadro mais panorâmico de minha pesquisa empírica.

No entanto, a figura do policial não é inserida apenas como um elemento analítico secundário, ou como um ente simbolicamente “maligno”, como se uma pesquisa sociológica consistisse em identificar “bandidos e mocinhos”. Em contrapartida, observo os policiais enquanto agentes fundamentais no processo de construção sociológica das distinções e oposições analisadas em minha Tese. Portanto, observo os policiais enquanto engrenagens vivas de uma máquina gigantesca que é o Estado, de modo que tais engrenagens vivas são movidas por esta força irresistível de “normatização social”, muito mais ampla do que elas mesmas são capazes de compreender, algo bastante similar ao que ocorre com os coletivos criminais organizados, embora num sentido contrário.

Assim, a figura do policial emerge justamente por apresentar perspectivas antagônicas, que estimulam a reflexão e compreensão da multiplicidade de problemáticas tratadas em relação ao bandido. Portanto, foi esse o tipo de diálogo que procurei estabelecer com alguns interlocutores, com os quais desenvolvi eventuais trocas e debates ao longo destes anos. Em suma, compreendo que, conceitualmente, assim como o bandido expõe as entranhas do policial, o policial também revela as entranhas do bandido. Portanto, é bastante nítido meu esforço em contrapor na escrita as imagens polarizadas de transgressão e ordem, como símbolos contrários de uma mesma lógica e construção histórico-social.

Penso que meu trabalho consiste na realização de uma síntese textual, imagética e imaginativa, firmada em um inventário de experiências vividas por mim em contato íntimo ou distante com pessoas reais, amigos e conhecidos que me ensinaram a como se equilibrar nos caminhos sinuosos da prática de pesquisa, na tentativa de apreender trajetórias biográficas margeadas por rebeldias, violências, valentias e danações inúmeras. Enfatizo ainda as ambições desproporcionais dos indivíduos, geralmente firmadas na satisfação de desejos imediatos, na busca por um poder individualizado, um *status* impactante, dinheiro em abundância, assim como a possibilidade de se locomover sem limitações expressas por uma ordem superior constituída, demonstrando a existência de uma “estética da existência

marginal”, similar ao que pode ser encontrado especialmente em Jean Genet (1986) e Prado (2012).

1.1 Aproximações conceituais: desenvolvendo uma nova pesquisa

A vida cotidiana tem uma duração, um fluxo, mas não leva a parte nenhuma; O próprio adjetivo ‘cotidiano’ e seus sinônimos indicam que o tempo, neste caso, é constituído apenas em repetição. A vida do indivíduo, em contraste, é não só finita, mas irreversível, ‘ser para a morte’. ‘Isto e morte, morrer e sabê-lo. Isto é a Viúva Negra, morte’ (Lowell). O tempo, neste caso, é o tempo do corpo, uma fronteira de presença muito diferente da evaporação do tempo-espaço inerente a duração da atividade cotidiana. Nossas vidas ‘passam’ em tempo irreversível com a passagem da vida do organismo. O fato de que falamos do ‘ciclo vital’ subentende a existência de elementos de repetição também aí. (GIDDENS, 2003, p. 40-41).

Em minha pesquisa busco refletir sobre a trajetória de indivíduos que não se encaixam perante às normas sociais prontamente estabelecidas, seja por um destino incontornável, por opção pessoal ou fatalidade³. Assim, minha análise tem como objetivo perscrutar os significados e as experiências destas vidas vertiginosas e abreviadas, bem como as durações e persistências de suas existências sociais, em meio às contradições e paradoxos observados no universo criminal do Brasil contemporâneo.

Embora não tenha a pretensão de realizar um trabalho estritamente *biográfico* sobre a vida de um único homem (BERTAUX, 1999; BOURDIEU, 1996; KOFES, 2001), compreendo aqui os percursos de vidas que se constroem numa complexa intersecção, considerando que as pessoas com as quais interagi produziram comigo uma espécie de “obra coletiva” que jamais se esgotaria em si mesma. Assim, busco refletir conjuntamente as palavras de muitos indivíduos em minha escrita, com os quais pude estabelecer contato e experiências diversas ao longo destes anos.

Outras pessoas citadas no texto falam a partir de lugares aparentemente distantes (como Rodrigo em São Paulo), embora estejam intimamente próximas, considerando os verdadeiros saltos comunicacionais possibilitados pelas redes sociais, sem deixar de considerar suas problemáticas. Em suma, ressalto que muitas pessoas não estão mais aqui em vida, embora inspirem uma presença sutil, como o *personagem* que irei analisar ao longo

³ “Neste diário não quero dissimular as outras razões que fizeram de mim um ladrão, a mais simples sendo a necessidade de comer; todavia, em minha escolha jamais entraram a revolta, a amargura, a raiva ou qualquer sentimento desse tipo. Com um cuidado maníaco ‘um cuidado ciumento’, preparei a minha aventura como se arruma uma cama, um quarto para o amor: eu tive tesão pelo crime.” (GENET, 1986, p. 11).

desta Tese: Adriano Passos. Ressalto que ao longo do trabalho o leitor compreenderá porque considero Adriano um personagem que se auto gestou, ou um ser humano real que se recriou a partir do caos social no qual se viu inserido.

Partindo de uma espécie de inventário social de trajetórias individuais, desde o mestrado decidi analisar as potências e limites das existências consideradas *marginais*, *indesejáveis* ou *infames* (FOUCAULT, 2003), pautadas em modos de vida igualmente considerados desviantes. Portanto, minha pesquisa consiste em confrontar um quadro de imagens em choque, alternando pontos de vista e relacionando trajetórias humanas diversas, que parecem se cruzar e convergir em um dado espaço no tempo, emergindo como motes de reflexões que procuro analisar há bastante tempo. A fim de contextualizar o leitor, ressalto que inicialmente eu pretendia manter o foco na análise da construção social do bandido no contexto dos sertões da Microrregião de Sobral, o que já vinha empreendendo desde minha dissertação, mas depois decidi mudar completamente os rumos.

Sobretudo nos primeiros anos do doutorado, percebi que não me interessava mais pela análise do bandido restrito apenas ao contexto sertanejo e interiorano, pois me parecia um recorte um tanto limitado para a inserção de memórias e novos elementos que despontavam e eu pretendia mover na escrita. Portanto, o próprio campo empírico acabou redefinindo os novos contornos da pesquisa, mediante a reconstrução de cenas de violência mais complexas. Posso afirmar que, por assistir muitos jornais e noticiários variados, sempre procurei me manter atento às transformações criminais de grande impacto nacional: como por exemplo a chegada e consolidação das facções criminais no Estado do Ceará que, de fato, reconfiguraram todos os cenários de violência e tráfico de drogas na região.

Tais elementos me estimularam a rearranjar minhas concepções e percepções enquanto *pessoa e pesquisador*, visto que um não sobrevive sem o outro, a fim de esmiuçar em detalhes aspectos que talvez eu tenha negligenciado em meu texto de dissertação, tanto pelo tempo veloz, como pelas necessárias limitações acerca do enfoque e recorte do objeto pesquisado. Assim, tentei construir uma obra que se pudesse considerar tão visceral como foram as experiências de meus interlocutores, fundamentada numa escrita autêntica, reflexiva, criativa e panorâmica. Portanto, procurei escrever um texto que fosse capaz de lançar luzes sobre as transformações *morais* ocorridas no mundo criminal, com seus desdobramentos na sociedade e nas reações perpetradas pelo Estado.

A partir das próprias dimensões cotidianas do viver humano é onde se configuram as partículas mais essenciais e elementares das correntes de ódio, assassinatos e intrigas sangrentas: nos embates repetitivos e cotidianos, configurados por imagens inconscientes de

desejo e medo, como ressaltado por Norbert Elias (1994). Em alguns momentos, somos levados a imaginar que a violência e o crime se propagam como formas misteriosas de contágio ou contaminação psíquica, coletiva e discursiva⁴, que num sentido estritamente antropológico se aproximaria da ideia de “contaminação ritual”, para rememorar aqui a interessante obra da antropóloga Mary Douglas (2014).

Nota-se que atualmente a alta criminalidade não está mais restrita apenas às grandes metrópoles, como São Paulo, Rio de Janeiro, Fortaleza e Brasília. Ao contrário, as narrativas violentas são realidade cada vez mais disseminada nos sertões e paragens desérticas do interior do Brasil, sobretudo com o advento das Facções; assim como é constatado em muitas capitais brasileiras, que despontam entre as mais violentas do Brasil, como é o caso de Fortaleza. Em inúmeros casos, muitos conflitos fogem das definições legítimas da Lei e do Crime, e as autoridades armadas do Estado, além de despreparadas, apenas realizam um trabalho de aprofundamento dos abismos sociais já existentes, em que muitos policiais agem muitas vezes de forma truculenta e letal, à margem da Lei.

Portanto, ao pesquisador só resta capturar estas relações sociais mais ordinárias, resgatando a raiz de suas sociogêneses, podendo então realizar um esforço mais profundo de compreensão de relações humanas antagônicas, caóticas e conflituosas. Em suma, compreendo que a violência consiste em dois ou mais objetos, símbolos, imagens ou visões que se chocam e se conflitam continuamente – tanto no sentido empírico, quanto no sentido simbólico –, produzindo então um deslocamento, uma espécie de “terceiro fator”. Portanto, considero imprescindível uma análise mais aprofundada da eficácia e sugestão simbólica dos chamados “discursos de ódio”, que inclusive atingem, machucam e matam muitas pessoas pelo simples fato delas existirem.

Ao logo de meu trabalho de escrita, ao perceber que brotavam questões mais abrangentes sobre o termo “vida braba”, refletindo a ideia de um amargor existencial latente – que eu não havia explorado com a devida intensidade em minha dissertação –, considerei interessante reinventar meu próprio vocabulário, pois compreendo que a realidade da violência se alterou de maneira extremamente repentina, exigindo muitas reelaborações analíticas. Portanto, procurei primeiro empreender uma superação definitiva da minha dissertação e da trajetória de Elitônio Melo Paiva, que havia capturado minha atenção por vários anos, para que então os primeiros contornos desta Tese de doutorado pudessem

⁴ “Discursos que podem matar, discursos de verdade e discursos – vocês são prova e testemunha disso – que fazem rir. E os discursos de verdade que fazem rir e que têm o poder institucional de matar são, no fim das contas, numa sociedade como a nossa, discursos que merecem um pouco de atenção.” (FOUCAULT, 2010, p. 7).

emergir, possibilitando a inserção de outras trajetórias que auxiliassem no aperfeiçoamento de reflexões sobre a construção social do bandido. Portanto, meu trabalho não se restringe apenas à realidade sertaneja, mas parte de lá e se estende a outros contextos humanos, que procuro investigar, conectar e sintetizar em meus escritos.⁵

Nas buscas que empreendi a partir do mestrado, compreendo que o sertão é um universo vasto, não sendo mais pertinente encará-lo de forma romantizada e saudosista: como uma realidade exótica, distanciada e desconectada das esferas centrais de poder ou dos grandes centros urbanos. Rememorando Gabriel Tarde (1992, p. 80): “Mas há grande distância entre o ideal e a realidade das coisas”.

De fato, as experiências de pesquisa demonstram como vai ficando gradativamente para trás toda forma de idealização ou completa segmentação da vida rural, em contraste com uma vida urbana e metropolitana supostamente mais dinâmica e interconectada; uma vez que a realidade do campo vem se tornando muito mais informatizada, tecnológica e digitalizada, e também muito mais transformada do que as gerações mais antigas gostariam de ver. Atualmente, o sertão é mais do que nunca altamente interconectado com todas as grandes capitais e metrópoles.

Portanto, observa-se que a vida se modificou no sertão com a chegada das novas tecnologias comunicacionais e alta conectividade. É inegável que as redes virtuais alteraram vertiginosamente as relações sociais, e impactaram os contextos mais “regionais e localizados”, que na prática se mesclam e se complementam, construindo arranjos inusitados que devem ser devidamente enfatizados em pesquisas científicas.

No incessante compartilhamento de dados e intensa troca virtual, observa-se que as redes sociais estão cada vez mais centradas na ideia de uma comunicação total. Tudo consiste em atender às expectativas de uma multidão desamparada, sedenta de tramas, dramas e máscaras de personalidades. Para isso, é preciso construir “fachadas”. Tais aspectos tem relação com uma certa “teatralização da vida cotidiana”, com a construção de camadas simbólicas de ocultamento do *eu*, conceitos propostos por Erving Goffman (2013) e que serão utilizados em minha Tese, sobretudo na análise da trajetória de Adriano Passos.

⁵ “O diário que estou escrevendo não é apenas um descanso literário. À medida que vou progredindo, ordenando o que a minha vida passada me propõe, à medida que aumenta minha obstinação no rigor da composição – dos capítulos, das frases, do próprio livro –, sinto que vai se fortalecendo a minha vontade de utilizar, para fins virtuosos, as misérias de outrora. Experimento o poder de fazê-lo. [...] Não constitui uma busca do tempo passado, mas uma obra de arte cuja matéria-pretexo é a minha vida de outrora. Há de ser um presente fixado com a ajuda do passado, não o inverso. [...] O que procurei principalmente foi ser a consciência do roubo cujo poema escrevo, isto é: recusando enumerar as minhas façanhas, mostro o que lhes devo na ordem moral, o que a partir deles construo, [...] Uma grande vaidade.” (GENET, 1986, p. 59; 68; 89-90).

1.2 A projeção social da violência e do crime

“Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente”.
(*O Manifesto Antropofágico*, Oswald de Andrade. Fonte: Domínio Público).

Compreendo que o ato de pesquisar é inteiramente afetado pelas projeções massivas da realidade, pois não é por lidar com pessoas de carne e osso que o cientista social irá excluir de seus cálculos os impactos das grandes revoluções tecnológicas no mundo social. Tais mudanças acabam modificando as dimensões mais subjetivas da existência humana, afetando as formas de enxergar os próprios corpos, assim como a natureza das relações afetivas e sexuais. É por essa via que minha pesquisa também consiste em observar hábitos, expressões, sotaques, posturas, gestos, gírias e repetições de uma circularidade social que se expressa em silenciosas tramas humanas.

Como ressaltado em parágrafos anteriores, primeiramente precisei realizar um esforço gradativo de superação do caso Elitônio, e dos bandos e quadrilhas armadas dos sertões (que pesquisei em minha dissertação). Embora tais grupos não tenham deixado de existir, encontravam-se em muitos aspectos distanciados dos novos elementos que eu pretendia mover em minha Tese, que constituíam acontecimentos mais significativos para mim, e que com o tempo vi emergir violentamente em inúmeras extensões do campo empírico. Nesse sentido, a partir de minhas pesquisas e observações, noto que os bandos armados independentes, formados nos municípios e sertões do interior do Estado do Ceará, também pareciam desatualizados e desarticulados em relação ao crescente impacto da chegada das facções de narcotraficantes no Estado do Ceará, o que evidencia uma assimilação tardia de alguns coletivos criminais, acerca das mudanças estruturais que subverteram vários cenários, sobretudo entre os anos de 2013 a 2018.

Entre os anos de 2014 a 2021, sempre que eu viajava pelos interiores ouvia falar de pequenos roubos e assaltos contra agências lotéricas e pequenos comércios. No entanto, no transcorrer dos anos, notei que os grandes assaltos aumentaram consideravelmente, sendo cada vez mais letais, explosivos e midiaticizados: centrados em agências bancárias e de valores do interior e sertões cearenses, constituindo um “novo cangaço”. Em muitos aspectos estas novas ações criminais estão relacionadas tanto às facções quanto às milícias (constituída de policiais ou ex policiais militares, assim como militares desligados ou da ativa), visto que movem grandes contingentes de homens equipados e fortemente armados voltados para objetivos criminais diversos, de modo que o principal certamente é arrecadar grandes somas

de dinheiro. Observa-se que nos últimos anos o fenômeno se proliferou em cidades interioranas de vários Estados brasileiros, em ações que quase sempre apresentavam os mesmos padrões de ação criminal.

Percebi que com o passar dos anos, a presença das facções se tornou uma realidade pungente e inegável em todo o Estado do Ceará, tornando-se cada vez mais evidente a ampliação considerável do tráfico de entorpecentes e substâncias psicoativas em geral, em lugares onde anos atrás as pessoas só ouviam falar de bebidas alcóolicas, cigarros e, em ocasiões mais raras e reservadas, falava-se da *maconha*. Em alguns contextos sociais sertanejos que pude analisar, ainda é um verdadeiro tabu social simplesmente mencionar qualquer tipo de drogas ilícitas, sobretudo as substâncias consideradas moralmente “malditas”, como a cocaína ou o *crack*, pois o sujeito que as menciona se arrisca a ser muito mal visto pela sociedade em geral, correndo o risco potencial de ser encarado como alguém contaminado, um legítimo usuário de drogas, maconheiro ou vagabundo, podendo nunca mais conseguir respeito, emprego ou oportunidades em sua própria região, tamanho o estigma social gerado (BARBOSA, 1998, p. 53-55).

Na visão popular, religiosa e tradicional cearense, sobretudo na virada do século XIX para o século XX, a maconha passou a ser considerada como substância “maligna”, sendo encarada como potencial inimiga pública da igreja, da família e do Estado, inclusive num sentido moral. Portanto, é assim que qualquer prática considerada *desviante* (VELHO, 1981) poderia ser considerada diabólica. Entretanto, com o advento das grandes revoluções ideológicas e transformações sociais ocorridas ao redor do mundo em especial a partir dos anos 1960, o cenário começou a se modificar bastante, e a maconha atualmente é muito mais aceita em determinados círculos sociais de alto padrão econômico, embora ainda existam muitas zonas de tensão que perpassam diretamente o processo histórico de proibição e criminalização das drogas no contexto brasileiro (PAIVA, 2016).

Por se tratar de uma região muito mais tradicional e moralmente conservadora, em inúmeros lugares que frequentei nos sertões, em que a Bíblia cristã era o único livro que as pessoas prezavam e guardavam em casa, como artefato sagrado, a maconha era classificada e relacionada frequentemente ao ente maligno (BIRMAN; MACHADO, 2012). As referências à erva geralmente estão centradas na noção de uma planta que produz visões indesejáveis e torna a pessoa possuída, supostamente apta a cometer qualquer tipo de delito, produzindo então um rótulo extremamente problemático e incontornável ao indivíduo acusado de seu consumo (BECKER, 2008). Portanto, se ocorre assim com erva, o tabu é ainda maior em relação às drogas sintéticas.

Em suma, observa-se que tais construções sócio históricas ainda povoam o imaginário religioso da população, no que se refere ao consumo de substâncias mais ou menos desconhecidas e ignoradas. Para espanto de mentes mais conservadoras e tradicionalistas, fato é que a maconha *prensada*⁶ – passou a ser cada vez mais comercializada em larga escala no Estado do Ceará. Foi assim que a chegada das grandes redes nacionais de narcotráfico em terras cearenses experimentou até mesmo períodos de relativa “pacificação”, perpetrada pelas facções criminais (MATOS JR; SANTIAGO, 2023) entre os anos de 2012 e 2016, embora posteriormente tenham ocorridos conflitos letais para controle e monopólio das zonas de comercialização de drogas, fortemente disputadas.

Uma operação da Polícia Militar prendeu 70 pessoas suspeitas de integrarem facções criminosas em Sobral, no interior do Ceará, nesta terça-feira (28). De acordo com o tenente-coronel Assis Azevedo, comandante do 3º Batalhão, membros de gangues que eram consideradas rivais se reuniram para fazer uma passeata que marcaria "paz entre as facções". "A Polícia Militar acompanhou o evento desde o início porque sabemos que são pessoas que têm problemas com a Justiça e com as polícias. O ato começou de forma pacífica, mas depois houve afronta às pessoas de bem, ameaças, infrações de trânsito e desacato", explica o policial responsável pela operação.⁷

Com as novas configurações das tramas criminais, tornou-se perceptível a presença maior no número de indivíduos advindos de fora do Estado, sobretudo Rio de Janeiro e São Paulo. Por outro lado, é certo que tais coletivos criminais sempre tiveram amplas relações e participação de cearenses e nordestinos, que começavam a assimilar e se envolver de forma mais direta nas lucrativas arrecadações faccionais, embora sem os riscos de praticar velhos amadorismos.

Tudo isso possibilitou a formação de alianças criminais exigentes de hierarquias mais rígidas, firmada em códigos racionalizados de deveres e responsabilidades. Refletindo sobre os aspectos destacados, chamo atenção do leitor para a passagem de Glenny (2016, p. 66):

Quando começou a “nevar” no Rio em 1984, a droga mais costumeira na Rocinha ainda era a maconha. Até então a cocaína era uma raridade, reservada aos mais abastados, em geral com algumas ligações na alta sociedade. No submundo dos anos

⁶ Os termos mais comuns são maconha “solta” e “prensada”. A “maconha solta” é aquela coletada de forma natural, sem quaisquer intervenções químicas radicais. Já a maconha “prensada” passa por vários processos químicos antes de chegar na mão dos usuários, sendo considerada mais forte e também mais impura.

⁷ POLÍCIA PRENDE 70 PESSOAS EM MARCHA POR “UNIÃO” DAS FACÇÕES CRIMINOSAS NO CEARÁ. Disponível em: <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2016/06/policia-prende-70-pessoas-em-marcha-por-uniao-faccoes-criminosas-no-ce.html>. Acesso em: 10 de abril de 2021.

1970, dizia-se simplesmente “branco” para a cocaína e “preto” para a maconha. Isso refletia as cores naturais das drogas, mas também o perfil racial e social de seus consumidores. A maconha fora um traço da vida na favela por vários anos sem gerar muitas controvérsias. Mal se percebia o tráfico com os moradores, a menos que eles tivessem o hábito de comprar um baseado ocasional. A maconha era uma mera atividade secundária dos dois homens que controlavam os setores da Rocinha na atividade muitíssimo lucrativa do jogo do bicho. Um morava no alto do morro, outro na parte de baixo. Essa rivalidade entre as duas áreas se manteve.

Nota-se que no Brasil as relações criminais não estão mais sendo pautadas apenas em frágeis elos de camaradagem, comumente associadas aos bandos e quadrilhas armadas que surgem, desaparecem e ressurgem circularmente em todo o Ceará e demais Estados do Brasil. Por outro lado, nota-se que estão se firmando em coletivos armados muito mais coesos, articulados por uma racionalidade ativa e capazes de elaborar *fachadas* (AQUINO, 2009) perfeitamente alheias aos olhares mais destreinados, focados apenas na aparência superficial das coisas, sem conferir o que realmente ocorre nos bastidores.

Assim, observa-se uma problemática constante, relacionada ao imenso despreparo e letalidade das forças policiais cearenses frente a dinâmicas criminais cada vez mais especializadas, racionalizadas e organizadas. A fim de extrair exemplos pertinentes de acontecimentos reais, destaco um caso relativamente recente e que me chamou bastante atenção, justamente por conta dos elementos profundamente irracionais observados nas ações das forças policiais, sobretudo confirmar questões que venho procurando refletir e desenvolver há vários anos em um texto escrito.

Trata-se do ocorrido na madrugada do dia 7 de dezembro de 2018, no município de Milagres, localizado na mesorregião sul do Estado do Ceará. Naquela madrugada, uma “quadrilha” de criminosos fortemente equipados – armados com explosivos, escopetas e metralhadoras, conforme as características ressaltadas nos “novos bandos criminais”, relacionados à chegada massiva das facções no Ceará (MATOS JR; SANTIAGO, 2023) –, tomaram várias pessoas como reféns na pacata e desprotegida cidade, com o objetivo de assaltar um banco, instalando ali um clima de terror e tensão.

Entretanto, com a chegada das forças policiais, houve intenso tiroteio e, segundo várias testemunhas, tanto assaltantes como reféns foram mortos por tiros advindos do lado dos policiais, que aparentemente não souberam distinguir os “bandidos” dos “cidadãos” usados como reféns no sangrento confronto. Entretanto, o preço do erro foi extremamente alto e vergonhoso para as contas do Estado. No total foram treze mortos: seis reféns assassinados, sendo cinco pessoas mortas e inocentes pertencentes a uma mesma família, natural da cidade de Milagres, que tiveram o azar de estarem no centro do fogo cruzado. É inevitável não

atentar para a repercussão extremamente negativa do caso: assunto falado em todo país e veiculado pelos principais jornais, mídias e redes sociais.

A ação demonstrava uma operação policial que não parecia se fundamentar em treinamentos, inteligências e comandos seriamente formulados e coordenados, mas apenas na agressividade, na obsessão em eliminar a qualquer custo aqueles sujeitos considerados indesejáveis, mediante uma desastrosa “pedagogia da bala”. Portanto, considero que a face dos bandidos é igualmente animada pela face do policial: personagens que se retroalimentam, evidenciando divergências e oposições de uma relação cunhada cotidianamente pelas próprias forças sociais em conflito.⁸

Portanto, o caso de Milagres é para mim de ampla significação, pois demonstra como as autoridades policiais pareciam completamente despreparadas e desinformadas em relação aos frequentes assaltos e ataques que foram se intensificando, sobretudo entre os anos de 2017 e 2018, perpetrados por indivíduos cada vez mais numerosos, coordenados e equipados para o confronto armado. Em suma, emergem aqui elementos que se relacionam profundamente com a chegada e instalação das facções em todo o Estado do Ceará e os inúmeros desdobramentos dessas novas reconfigurações criminais.

1.3 Cólera social: a propagação dos fluxos sociais violentos

Para as multidões, a necessidade de odiar corresponde à necessidade de agir. Excitar seu entusiasmo não leva muito longe; mas oferecer-lhe um motivo e um objeto de ódio é dar asas à sua atividade, que, como sabemos, é essencialmente destrutiva quando se exprime por atos precisos; daí o sucesso das listas de proscições nas insurreições. O que as multidões em cólera reclamam é uma ou várias cabeças (TARDE, 1992, p. 75).

Com base nos elementos até aqui destacados, em busca de formular uma estratégia teórico-metodológica mais heterodoxa, enfatizo que meu objetivo geral consiste em associar com fluidez o jogo de oposições, observando as perspectivas conflitivas do que seja considerado crime e ordem, no embate entre policiais e bandidos. Nesse sentido, busquei formas textuais de evidenciar uma constante confrontação de percursos, narrativas, práticas discursivas, estéticas e corporeidades divergentes, constituindo elementos que se apresentam como extremamente complexos e sistemáticos na análise de *tramas criminais* (BARBOSA,

⁸ Considerando que: “O indivíduo é, ao mesmo tempo, moeda e matriz.” (MAUSS, 1994, p. 52).

1998). Tais confrontações analíticas, portanto, abrangem diversas trajetórias relacionadas com a minha própria trajetória, embora algumas pessoas que pesquiso já tenham partido desse mundo, deixando para trás seus dramas, percalços e memórias.

Compreendo que as “existências marginais” (GENET, 1986; SHUTTERLAND, 1988; SHAW, 1974), apesar de distanciadas em suas dimensões espaço-temporais, parecem dialogar e se entrecruzar numa síntese por escrito, sendo o pesquisador a própria argamassa, ou aquele que se esforça em atenuar as distorções e os ruídos do campo empírico, captando o sentido mais profundo do trabalho a ser realizado, por mais arriscado que seja. As questões destacadas estimulam reflexões acerca da sobrevivência e também da morte, que seria a transformação última do indivíduo. Assim, busco discorrer sobre a própria condição humana, existencial e mundana no contexto das tramas da violência criminal e conflitos com as zonas rígidas do Estado, de modo que minha Tese se constrói na captura e organização de uma intersecção, nas dimensões de significados entrelaçados, que se interpenetram e se modificam recursivamente, transformando assim a minha própria subjetividade.

Desde a feitura de minha dissertação, percebi que nas narrativas criminais há um certo impulso coletivo e psíquico de crueldade nas narrativas captadas, pois muitas pessoas parecem se empolgar ao narrar determinados fatos violentos e impactantes, propagando assim o que se costuma chamar uma “cultura de violência” (SODRÉ, 2009). Falo especificamente de uma certa “cólera social” que parece impregnar e contagiar a atmosfera das coletividades humanas, de forma inconsciente, convergindo à ação concreta conteúdos discursivos e simbólicos frequentemente extremados e radicalizados.

Compreendo que tais fenômenos geralmente se manifestam em arroubos de euforia coletiva, ocorrendo em dimensões sociais diversificadas, como uma espécie de contágio psíquico, que pode ser observado nos embates políticos, nas guerras policiais contra as facções criminais ou entre elas mesmas. Portanto, compreendo que o que mantém a coesão de grupos e coletividades humanas está relacionado com a construção social de um *inimigo comum* (ECO, 2011), assim como palavras e discursos de ordem com relativa eficácia simbólica: objetivando animar, enfatizar e perpetuar a existência do grupo e sua potência coletiva frente ao universo social.

Minhas buscas e experiências me fizeram entrever que as diferentes expressões do crime e da ordem, assim como a dinâmica dos símbolos sociais agonísticos, hipersexualizados e autodestrutivos (BATAILLE, 2014), estimulam reflexões inusitadas. Tais dinâmicas propiciam a manifestação de um relativo extravasamento nos indivíduos, refletidos na busca por uma depuração e aniquilação das imagens, corpos, práticas, representações e

discursos em constante troca e choque conflitivo com outras imagens, corpos, práticas, representações e discursos: numa lógica antagônica recursiva, irresistível e incontornável. Falo aqui, portanto, de uma essência de conflito, dominação e agressividade fomentada inconscientemente pelas formações humanas em geral, considerando suas várias escalas. Tudo ocorre a partir do momento em que desenvolvem preceitos, manifestos, hinos, marcas e brasões que dividem o mundo entre “nós e eles”, como se observa não apenas no universo criminal. Assim, a história nos demonstra inúmeras aberrações praticadas pelas religiões ao redor do mundo, por exemplo, como bem demonstra René Girard (2018), ao relacionar violência e religião. Portanto, observa-se que a propagação do agir violento ocorre antes de tudo num nível puramente simbólico, posteriormente se manifestando através de arroubos coletivos de invasão, destruição e morte.

Em suma, compreendo que os símbolos coletivos de pertencimento, identidade e localidade definem as formas consideradas mais tradicionais ou modernizadas de agir e de se portar em determinado contexto histórico-social, trazendo em si a essência de uma “pulsão de morte” que pode ser deflagrada quando superestimulada por influências internas ou externas. Nesse sentido, destaco uma curiosa passagem de Sigmund Freud (1996, p. 189-190), em que ele fala sobre “o interesse sociológico da psicanálise”:

É verdade que a psicanálise tomou como tema a mente individual, mas ao fazer investigações sobre o indivíduo, não podia deixar de tratar da base emocional da relação dele com a sociedade. Foi descoberto que os sentimentos sociais contêm invariavelmente um elemento erótico – elemento que, se for superenfaticado e depois reprimido, tornar-se-á um dos sinais distintivos de um grupo particular de distúrbios mentais.

Um dos exemplos que mais se aproxima do que procuro evidenciar, relacionado à liberação monstruosa dos impulsos coletivos mais brutais de ódio e crueldade, ocorreu certamente na Alemanha nazista, quando a escalada insana da violência teve origem inicialmente na ação de pequenos grupos fanáticos, adeptos de Hitler, que invadiam, expropriavam e incendiavam casas de judeus, espancando, torturando, linchando e estuprando sem qualquer culpa ou ressentimento (ARENDRT, 1989). Posteriormente, com a definitiva ascensão do partido nacional-socialista ao poder, os nazistas decidiram então sistematizar, aperfeiçoar e legitimar gradativamente sua máquina grotesca de extermínio, construindo imensos campos de concentração de escala industrial, tema em que a análise de Hannah Arendt (2014) continua sendo extremamente autêntica e fundamental.

Em suma, ressalto que todas as questões destacadas até aqui apontam para o fato de que o vazio reprimido no indivíduo, e que ele não é capaz de preencher no plano de sua própria individualidade, parece ser preenchido e extravasado de forma radicalmente imediata no plano coletivo; o que se aproxima bastante das percepções de Georg Simmel (2006)⁹ e Gabriel Tarde (1992). Neste ponto, ressalto também os trabalhos de Sigmund Freud, sobretudo “Psicologia das massas e análise do eu” (2013), “Totem e Tabu” (1996) e “O mal-estar na civilização” (2010), suas obras consideradas mais “sociológicas”.

Compreendo que tais questões estão ligadas a impulsos psíquicos reprimidos pelas coletividades que acabam alterando a subjetividade dos indivíduos, sobretudo dos que estão mais ligados nas alternâncias das socialidades violentas, com seus humores extremados, desejos e impulsos sexuais agressivos, constantemente dinamizados por uma multidão solitária e ansiosa que a tudo observa, classifica e consome (SENNET, 1988; PAIVA, 2012), como se observa atualmente na problemática das ideologias e políticas violentas, excludentes e antidemocráticas em ascensão nas últimas décadas, no Brasil e no mundo. Compreendo que a proliferação dos chamados “discursos de ódio” possibilita a percepção desta cólera social e seus extravasamentos, como elementos de violência que considero uma dimensão imanente em todas as minhas narrativas de pesquisa. Portanto, ressalto ainda que esta mesma “cólera social” pode ser similarmente observada no fenômeno dos linchamentos, ricamente exposto por José de Souza Martins (2015). Continuando nesta linha reflexiva, destaco aqui uma passagem elucidativa de Freud (2010, p.76-77):

O quê de realidade por trás disso, que as pessoas gostam de negar, é que o ser humano não é uma criatura branda, ávida de amor, que no máximo pode se defender, quando atacado, mas sim que ele deve incluir, entre seus dotes instintuais, também um forte quinhão de agressividade. Em consequência disso, para ele o próximo não constitui apenas um possível colaborador e objeto sexual, mas também uma tentação para satisfazer a tendência à agressão, para explorar seu trabalho sem recompensá-lo, para dele se utilizar sexualmente contra a sua vontade, para usurpar seu patrimônio, para humilhá-lo, para infligir-lhe dor, para torturá-lo e matá-lo.

A partir de um exercício imaginativo sobre o universo criminal, notei que muitos impulsos coletivos de agressividade, erotização e morte permeavam grande parte das

⁹ “Essa relação foi classicamente formulada por Schiller: ‘Cada um, visto como indivíduo, é inteligente e sagaz. *In corpore* (em corporação), temos logo um tolo à nossa frente.’ Enfatizando mais acentuadamente o elemento das individualidades, que, partindo dos mais variados lados, deixam como traço comum somente os estratos da personalidade situados nas dimensões mais inferiores., Heine se expressou a respeito dessa relação: ‘Raramente vocês me compreenderam; / raramente os compreendi; / somente quando nos encontramos no lodaçal, / logo nos compreendemos.’” (SIMMEL, 2006, p. 48).

narrativas que pude analisar em minha pesquisa, sobretudo as de meu personagem principal: Adriano Passos. Em suma, tendo como base as leituras que pude relacionar, compreendo que os referidos impulsos consistem em construções coletivas, embora se reflitam em indivíduos isolados, sem deixar de considerar que um só indivíduo é capaz de representar simbolicamente uma infinda cadeia de indivíduos, como aponta Norbert Elias (1994). Indo mais além, buscando inspiração em Gabriel Tarde (2003), considero que uma só *mônada* já constitui em si mesma uma sociedade.

1.4 Aproximações metodológicas: prática de pesquisa e subjetividade

Todo escrever está “correto”: é um gesto que organiza os sinais gráficos e os alinha. E os sinais gráficos são (direta ou indiretamente) sinais para os pensamentos. Portanto, escrever é um gesto que orienta e alinha o pensamento. Quem escreve, teve de refletir antes. E os sinais gráficos são aspas para o pensamento correto. Numa primeira aproximação com a escrita, evidencia-se um motivo oculto por trás do escrever: escreve-se para se colocar os pensamentos nos trilhos corretos. De fato, a primeira impressão que se tem na contemplação do que já foi escrito é, exatamente, esse algo organizado, enfileirado. (FLUSSER, 2010, p. 19).

Observa-se que os fenômenos que extrapolam as dimensões morais socialmente toleráveis da *crueldade* (BARREIRA, 2015) parecem se gestar em torno de disposições inconscientes das psiques individuais: estimuladas e animadas em torno da consciência social considerada mais proeminente em determinado contexto sócio histórico. Entretanto, sempre existirão os rebeldes, os que não se adequam, os que percorrem realidades mais alternativas, em contraposição ao padrão moral considerado correto e, portanto, normativo. Em suma, trata-se de um choque inevitável entre impulsos conscientes e inconscientes, individuais e coletivos que se combatem, alternam-se e se complementam.

Nota-se que no universo social os humores mais microscópicos são fomentados a partir de pequenos embates cotidianos. Entretanto, quando tais humores são movidos por suas tramas sanguinárias, acabam se proliferando e contaminando outras subjetividades e zonas discursivas. Portanto, pode-se afirmar que a violência é a própria sociedade. Em outras palavras: a vida social inevitavelmente produz diferenças, as diferenças geram conflitos e os conflitos geram violências. Em suma, as questões aqui destacadas emergiram na busca por compreender as vidas de pessoas lançadas em caminhos incontornáveis ou aparentemente sem volta, em que certamente percorrem as vias mais conflitivas, amargas e cáusticas do viver

humano (BARBOSA, 1998). Muitos acabam se extraviando e ceifando outras vidas em suas danças, quando então se despedaçam nos muros da realidade concreta, como esferas biológicas desamparadas e sem duração (SHAW, 1974).

Ainda abordando questões e problemáticas mais gerais, os percursos de minha pesquisa, construídos sobre gestos de aproximações e distanciamentos, só confirmam o fato de que nenhuma das classificações perpetradas pelo senso comum ou pelas várias formas de dominação e controle do Estado (GARLAND, 2008) – simbolicamente centrada nas construções de tipologias sociais (WEBER, 2004) – podem se fixar em longo prazo, pois atravessam constantes reconfigurações e metamorfoses. Nota-se que tais classificações se atualizam ainda na medida em que são transportadas ao campo da análise científica, quando então novas dimensões analíticas e conceituais são revolvidas e explicitadas. Portanto, considero que a sociedade é produto lógico da percepção objetiva de indivíduos puramente relacionais e transformacionais, forçados a elaborar respostas sociais eficazes a todo instante. Assim, a sociedade produz indivíduos que reagem de forma mais ou menos integrada e coesa ao seu ambiente: praticando, projetando, interagindo, recusando, nomeando e renomeando todas as coisas, na infinda alternância dos humores.

Após reflexões que emergiram intensamente no processo de escrita, observo que os conceitos construídos sobre o campo empírico estão firmados na percepção da violência como uma realidade socialmente *difusa* (BARREIRA, 2008). No entanto, compreendo que existem diferenças nítidas nos diferentes impactos da violência objetiva, que pode ser mais fortemente sentida em contextos, segmentos e territórios sociologicamente vulneráveis, que geralmente são os primeiros a experimentar os impactos ferozes da opressão econômica, do descaso educacional, do racismo estrutural, das moradias insalubres, do descaso governamental e da repressão policial do Estado.

Assim, parecem haver formas de violência que sempre escapam para outras dimensões sociais, sendo propagadas como uma espécie de elemento contaminante, que impregna os humores das coletividades mais consideradas mais vulneráveis. Portanto, a rotina de violência no Brasil é transbordante nas falas e gestos das pessoas, que se sentem medrosas e coagidas por espetáculos cotidianos e imagens fortes de violência, constantemente veiculadas na mídia, praticadas inclusive por agentes da segurança pública que transformam viaturas policiais em “câmaras de gás”. Assim, observa-se que a maior arma de controle social do Estado é a propagação do *medo*, que sempre vem acompanhado das mentiras que sustentam toda “sociedade do medo” (MATOS JR., 2008).

Portanto, cabe indagar: como o pesquisador deve se aproximar dessas realidades violentas e de medo? Compreendo que aos olhos do estudante que procura realizar uma sincera imersão em seu universo analítico, a violência será sempre encarada como uma realidade socialmente imanente, pois tal percepção está relacionada a um treinamento de observação, na percepção de uma visão analítica sobre a confusão social, observando o caos do mundo como ele é. Nesse sentido, procuro enfatizar também os riscos do estudo sobre a violência, o conflito, o crime e as margens, num país cada vez mais letal e politicamente desarranjado como o Brasil e, sobretudo, em um Estado efervescente como o Ceará. De 2018 para 2021 percebi que pesquisar a temática da violência e, sobretudo, a construção social do bandido, vem despertando olhares desconfiados em muitas pessoas com quem eventualmente converso. Muitos não compreendem a importância da análise científica e a compreensão das dimensões mais ocultas do viver humano.

É importante considerar ainda a própria busca íntima e subjetiva de quem pesquisa, que não deixa de ser um tipo pitoresco de trabalhador que busca ferramentas e métodos, atravessando fases, bloqueios e crises criativas similares aos de um escritor comum. O pesquisador, portanto, está envolvido nas agruras e dificuldades em se localizar e relatar a si mesmo (BUTLER, 2015), na tentativa de contornar uma realidade violenta, estando diretamente inserido em um campo empírico nitidamente perigoso. Em suma, tais questões são capazes de gerar muitas tensões, uma vez que o cientista social – enquanto pessoa – já se encontra imerso em lógicas tão exigentes de coragens e astúcias, que podem ser bastante análogas às experiências vividas pelos seus próprios personagens pesquisados, envolvidos em suas confrontações e correrias cotidianas.¹⁰

Penso que o pesquisador não seria alguém indispensável, se não houvesse nele o desejo latente de encontrar, escutar e quem sabe estimular os outros em seu próprio convívio, despertando possíveis curiosidades a respeito de aspectos da realidade ainda não observados. Portanto, independentemente de como seja possível denominá-las, é preciso enfatizar que as relações de proximidade, familiaridade e intimidade, em geral, são quase que indissociáveis de acontecimentos ocorridos em escala macroscópica, sobretudo no que se refere aos fatos mais cotidianos e corriqueiros: em que tudo parece se estruturar mediante a constante

¹⁰ “O comer e o beber, as funções mais antigas e, espiritualmente falando, as mais vazias, são o meio de reunião – frequentemente o único – que propicia a ligação entre pessoas e círculos mais heterogêneos. Mesmo os encontros sociais entre pessoas muito cultas mostram a tendência a desembocar no relato das anedotas mais baixas. É com esses jogos sociais, que trazem consigo o caráter espiritualmente mais primitivo e desprovido de ambição, que se chega à alegria sem limites e ao sentimento de união desprovido de qualquer reserva nos círculos mais jovens.” (SIMMEL, 2006, p. 49).

elaboração de mecanismos e dispositivos de retroalimentação do poder social, em suas infinitas variações e escalas.

Assim, observo que a violência – em suas circularidades e recursividades – constitui o próprio contexto social da vida cotidiana. E mesmo para quem está em seu confortável apartamento de luxo, na cobertura de um grande edifício monitorado e cercado de segurança: ao ligar a TV, ao conferir as mensagens de *e-mail* ou das redes sociais – com seus bipes e lembretes diários a respeito de como o mundo realmente está caminhando para o derradeiro colapso –, lá estará estampada a letalidade de como as pessoas se intrigam e se conflitam repetidamente da porta de casa para a rua¹¹.

Certamente o sujeito se deparará com enxurradas de péssimas notícias, com cargas pesadas de fortes emoções e negatividades. Portanto, observa-se que a mídia brasileira veicula toda espécie de perturbações com extrema velocidade: cenas de sangue, perseguições, tiroteios, tráfico de drogas, corrupções, sequestros, estupros e assassinatos. Portanto, trata-se de uma cadeia infundável de violências compartilhadas, em que nunca é possível avaliar com precisão suas raízes sociogênicas, justamente por serem tão arraigadas aos modos de vida das pessoas em geral. Em suma, é certo que a violência é frequentemente impulsionada pelos principais núcleos midiáticos de entretenimento das *massas* (TARDE, 1992), numa cumplicidade estabelecida com os principais códigos discursivos e sugestivos, na elaboração de grandes espetáculos públicos violentos. Refletindo sobre a exigência de uma “velocidade mental” na vida cotidiana, destaco a seguinte passagem de Calvino (1990):

O século da motorização impôs a velocidade como um valor mensurável, cujos recordes balizam a história do progresso, da máquina e do homem. Mas a velocidade mental não pode ser medida e não permite comparações ou disputas, nem pode dispor os resultados obtidos numa perspectiva histórica. A velocidade mental vale por si mesma, pelo prazer que proporciona àqueles que são sensíveis a esse prazer, e não pela utilidade prática que se possa extrair dela. Um raciocínio rápido não é necessariamente superior a um raciocínio ponderado, ao contrário; mas comunica algo de especial que está precisamente nessa ligeireza. (CALVINO, 1990, p. 59).

Compreendo que, do montante de indivíduos fortemente lançados no caldeirão dos jogos práticos de ação e velocidade, de grupos sociais gerados às margens dos centros legítimos de ressonância, poder e domínio do Estado (CLASTRES, 1979): pessoas que da infância à vida adulta já observam a violência manifestada ao redor de suas próprias

¹¹ “Recursividade” é um termo utilizado de forma geral para descrever o processo de repetição de um objeto de um jeito similar ao que já fora mostrado. Um bom exemplo disso são as imagens multiplicadas que aparecem quando dois espelhos são apontados um para o outro.

existências – tais indivíduos, ainda que não possuam um conhecimento formal sobre o que seja “pesquisar”, acabam se tornando verdadeiros “observadores sociais”, sem sequer ter consciência disso. Em outras palavras, ninguém é capaz de dominar melhor uma realidade particular do que uma pessoa nascida em tal realidade. É assim que vejo Adriano, como quem foi capaz de perceber muito cedo a lógica do “jogo social” na qual estava inevitavelmente inserido.

Como se observa, no Brasil não há uma cultura de leitura consolidada, princípio do que seria uma transformação social criativa, radical e diferenciada do que se entende por realidade. Portanto, a prática de pesquisa se evidencia como uma forma eficaz de falar com liberdade e propriedade acerca de tudo que se viu e vivenciou, resguardando a possibilidade de futuros desdobramentos. Portanto, as pessoas que não dispõem de meios intelectuais para registrar os fatos, apenas utilizam os olhos, os ouvidos e a voz como formas de apreender e reiterar a própria sociedade na qual estão inseridas, e a partir daí adquirem percepções peculiares de sua “teia social” (GEERTZ, 2008).

Ressalto que em décadas mais recentes o pensamento crítico e científico vem sendo alvo de agressivas ameaças de cunho político-ideológico, firmadas em “achismos”, que procuram desqualificar de todas as formas a resistente e combativa comunidade científica nacional e internacional: visto que o recente fenômeno político de obscurantismo e negacionismo atinge atualmente todas as partes do globo terrestre, quando definitivamente a mentira já se tornou a principal arma de guerra e desagregação humana. Desse modo, foi justamente se enxergando psicologicamente mergulhado neste lodaçal, que procurei escrever este punhado de letras e linhas.

Desde antes de ingressar na pós-graduação no curso de Ciências Sociais, em minhas andanças como pessoa, observador, aprendiz e professor – e ouvindo atentamente meus professores –, comecei a atentar para o constante falatório generalizado, indiferente e aparentemente descompromissado das ruas, nas cidades, interiores e sertões. Portanto, passei a observar mais atentamente os diálogos casuais de beira de calçada ou de esquina, onde ainda que não se tenha a violência como mote principal de conversação ou núcleo discursivo, logo tudo descamba com facilidade às narrativas da opressão, do crime, do medo (MATOS JR, 2008) e até mesmo sobre as “tramas policiais”: como se fossem temas fundamentais à própria convenção mental dos encontros e das relações humanas em geral.

Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim

exagerado é partilhado por todos vós. Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais; nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque soframos, com a dor e os desprazeres, a lei e a polícia, mas porque nos une, nivela e agremia o amor da rua. É este mesmo o sentimento imperturbável e indissolúvel, o único que, como a própria vida, resiste às idades e às épocas. Tudo se transforma, tudo varia – o amor, o ódio, o egoísmo. Hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a ironia. Os séculos passam, deslizam, levando as coisas fúteis e os acontecimentos notáveis. Só persiste e fica, legado das gerações cada vez maior, o amor da rua. (RIO, 2008, p. 28).

Em suma, pode-se dizer que na rua todo mundo tem sempre uma história para contar e recontar. Portanto, tudo consiste em elaborar respostas sociais eficazes, estabelecendo laços mais arraigados em um viver ativo e vigilante, acerca do qual é preciso se debruçar cotidianamente: falando, comunicando e opinando a respeito das situações mais ordinárias e extraordinárias, como também das violências pessoais ou coletivas. Foi assim que procurei elaborar minhas narrativas com máximo rigor e cautela, fundamentadas num amplo inventário de experiências vividas também por mim, desvelando uma dimensão mais conceitual dos fatos.

O testemunho do pesquisador, portanto, deve ser encarado como a própria argamassa, que irá reunir e relacionar aspectos aparentemente opostos – como “cidade e sertão”, “família e crime” –, construindo um mosaico de ideias relacionadas. Do ponto de vista empírico, compreendo que meu trabalho consiste em realizar uma conjunção e análise científica das tramas criminais, à luz das dinâmicas familiares e afetivas de Adriano Passos, observadas por mim e por meus interlocutores em cenários diferenciados.

Partindo daí, procuro demonstrar uma transformação sociológica em curso, na tentativa de considerar o processo da escrita como a própria carruagem criativa, capaz de construir um experimento teórico, metodológico e conceitual, em busca de capturar determinadas interfaces e conexões acerca de uma temática espinhosa e um personagem metamórfico. Afinal de contas, como compreender um sujeito que se apresenta como uma impermanência? O que realmente é capaz de enquadrar o “fora da lei”? Trata-se de um sujeito socialmente construído ou intimamente inclinado a práticas cruéis e perversas? Na busca por perguntas e respostas satisfatórias, tudo consiste em agrupar, observar, refletir e esmiuçar modos de vida, peças discursivas e textuais, assim como práticas cotidianas, hábitos, linguagens e narrativas que apontem um norte.

Busco me aproximar, portanto, de “modos de vida” que, apesar de não possuírem conexão direta com as regiões mais rígidas do *socius*, acabam sendo classificados e capturados por estas forças irresistíveis de normatização social. Portanto, embora procurem se

posicionar distanciados de determinadas zonas, buscando seus aportes e elos nas esferas consideradas mais abertas e maleáveis do viver social, em algum momento tais indivíduos acabam sendo tragados por uma lógica extremamente desigual e repressiva, quando vivem “a experiência do Estado”, e a partir daí nunca mais são os mesmos. No caso de Adriano Passos, a sua principal “experiência de Estado” foi a sua época de prisão, em que foi forçado a se transformar, docilizar, domesticar e racionalizar.

Nesse sentido, em minha análise procuro incluir estas dimensões sociais consideradas mais “conservadoras”, frequentemente relacionadas a uma postura moral que caracteriza o que seria uma vida considerada “de bem” e “de mal”. Assim, busco analisar alguns discursos da ordem e da repressão policial, demonstrando que – na realidade social mais profunda – é possível entrever que todas estas questões se encontram recursivamente implicadas umas nas outras.

Por conseguinte, analisando o inventário de fatos e acontecimentos, dos antigos aos mais recentes, no extenso histórico de evidente despreparo e letalidade das forças policiais, é possível observar que o Estado brasileiro age como um verdadeiro propulsor de uma pungente “recursividade moral”, que aciona o “moral” e o “imoral” em suas próprias entranhas, uma vez que determinadas perversidades e crueldades parecem ser constitutivas das próprias definições oficiais de repressão do Estado, que em geral trata pessoas como números sem alma, emoções e sentimentos. Tais acionamentos parecem consolidar, em definitivo, o conflito e a guerra, o rastreamento e a aniquilação massiva de grupos e indivíduos considerados “marginais”, “desviantes” e “descartáveis”, lançando-os cada vez mais às margens dos grandes centros de ressonância, inclusão e decisão social. Nesse sentido, é possível constatar – com o montante de notícias sangrentas e explosivas que parecem contaminar incessantemente a vida diária – que na sociedade brasileira as definições fundamentais da violência, inclusive acerca da natureza sociológica dos conflitos, colapsaram na raiz há um tempo considerável.

Embora pareça ingenuidade do pesquisador pelear em suas curiosidades e investigações – buscando compreender, de fato, onde começa e termina o fenômeno da violência –, suspeita-se que tudo isso carrega implícito o código da máquina de reprodução, dominação e ressonância do Estado, considerando como em nosso país as fronteiras entre o “público” e o “privado” ainda não foram devidamente estabelecidas: estando retidas nas mãos de uma elite privilegiada, enquanto que a população sobrevive, procurando se equilibrar como pode “no fio da navalha”. As dimensões do Estado parecem estar enviesadas e distorcidas em suas raízes profundamente *familistas*, que somente profundas modificações em longo prazo

poderiam sanar, a fim de assimilar o significado do que de fato constitui “a coisa pública” e suas segmentaridades. É perceptível como a ética e moral dogmáticas cristãs – numa crescente proliferação relativamente recente do Protestantismo, centrada no avanço das Igrejas evangélicas em todo o Estado do Ceará – estão profundamente arraigadas e confundidas com as projeções e construções psicológicas prévias dos indivíduos: no que se refere a quem são os legítimos inimigos – os bons e maus nos jogos de poder – firmando-se numa “ética” extremamente deturpada e enviesada.

Escrevendo estas linhas no ano de 2022, nesse momento posso afirmar enfaticamente que no contexto brasileiro atual o extermínio é apresentado como a única modalidade de ordem a ser oferecida para a população, que há bastante tempo é vítima de todas as mazelas possíveis (MATOS JR., 2019). É preciso denunciar a forma como a aniquilação e a morte¹² se tornaram as únicas formas legítimas de intervenção estatal, na concepção de um Estado policial extremamente letal e também, ironicamente, letárgico. Portanto, o Estado pratica uma espécie de depuração às avessas destinada a mitigar todo mal social, que para eles só emerge das classes mais vulneráveis, onde o inimigo número 1 é sempre o pobre preto da favela. Destaco que a obra de Glenny (2016) discorre muito bem sobre tais questões, quando fala da genealogia do tráfico de drogas e surgimento das facções no Rio de Janeiro, que se mescla com o surgimento das facções paulistas.

Em suma, os que matam e morrem, e que lutam contra ou a favor do Estado, são sempre números previsíveis na contagem de corpos em conflitos com as zonas mais sangrentas do poder constituído. Nesse sentido, as guerras sociais, corporais e discursivas funcionam como práticas de códigos elementares, que são constantemente atualizados e arranjados para consolidação de lógicas cada vez mais punitivas de uso da violência: na perpetuação de ciclos, padrões e modelos de reproduções, transformações e, sobretudo, degradações e decomposições sociais, respaldadas pelo poder que emana da imbatível *máquina* de classificações simbólicas, como ressalta Wittgenstein.

A máquina como símbolo de seu modo de operar. A máquina – poderia dizer, em primeiro lugar – parece já trazer em si seu modo de operar. Que significa isto? Na medida em que conhecemos a máquina, tudo o mais, a saber: os movimentos que irá fazer, parece estar já bem determinado. Nós usamos uma máquina, ou uma imagem de uma máquina, como símbolo de um determinado modo de operar.

¹² “As lutas ou as alianças dessas três forças, suas colisões, suas invasões recíprocas, sua ação mútua, suas relações múltiplas e variadas, são um dos interesses pungentes da história. A vida social não tem nada de mais interno nem de mais fecundo que esse longo trabalho de oposição e de adaptação frequentemente sangrentos.” (TARDE, 1992, p. 82).

Por fim, penso que devemos nos posicionar mais além do oceano de símbolos e significados que nos atravessam e que procuram determinar nossos sentidos, pensamentos e ações: o “sistema” que tenta nos puxar cada vez mais para o fundo do oceano de significados, nas profundezas das experiências humanas mais inusitadas. Apesar de tudo, sempre teremos histórias para contar, utilizando todas as palavras possíveis. Sempre teremos ideias para compartilhar enquanto vivermos, e somente seremos vivos em nós mesmos ao considerarmos as diferenças e contrariedades encontradas no “outro”.

Portanto, é preciso escrever as transcendências do outro, através de palavras que se precipitam por num oceano de significados vários: revelando então muitos enigmas e mistérios. Em cada palavra ou frase proferida por algum personagem pesquisado, observa-se a insistência de uma voz que quer se expressar, como tudo que salta da imaginação. Em suma, não vivemos inteiramente isolados, porém, somos invadidos por uma “multiplicidade” (DELEUZE; GUATTARI, 2010) imponderável que nos preenche, transforma e impulsiona à realização da “obra” de nossa própria vida.

2 AS METAMORFOSES DE ADRIANO: UM PERSONAGEM CONSTRUÍDO ENTRE O BEM E O MAL

O reconhecimento não pode ser reduzido à formulação e à emissão de juízos sobre os outros. Indiscutivelmente, há situações éticas e legais em que esses juízos devem ser feitos. No entanto, não deveríamos concluir que a determinação legal da culpa ou da inocência seja o mesmo que reconhecimento social. Na verdade, o reconhecimento muitas vezes nos obriga a suspender o juízo para podermos apreender o outro. Muitas vezes nos baseamos em juízos de culpa ou inocência para resumir a vida do outro, confundindo postura ética com aquele que julga. Em que medida a cena de reconhecimento é pressuposta pelo ato de julgar? O reconhecimento fornece um quadro mais amplo dentro do qual é possível avaliar o próprio juízo moral? Ainda é possível fazer a pergunta: “Qual o valor do juízo moral?” (BUTLER, 2015, p. 63-64).

Como procurei enfatizar ao longo do capítulo introdutório, trazendo ainda outras problemáticas mais gerais ao centro de minha análise, na tentativa de delinear um esboço da minha Tese de doutorado, ressalto que precisei realizar um esforço adicional de retorno a um outro passado quase esquecido por mim – inclusive anterior ao caso do jovem dos sertões, Elitônio –, com o intuito de resgatar memórias, lembranças, imagens, trajetórias e narrativas diversas, aparentemente distantes da realidade interiorana e sertaneja, embora funcionem como a parte complementar de um quebra-cabeças mais amplo que eu pretendia revolver já há bastante tempo. De todo modo, confesso que por alguns anos todas estas questões me causavam imensa inquietação, como se representassem um impulso ou necessidade íntima, embora dolorosa.

Inicialmente, eu precisava encontrar fórmulas e métodos de externalizar tudo que me comovia na memória e no pensamento, pois precisava atender ao pedido de um falecido amigo: que antes de morrer me pediu que eu escrevesse um livro sobre sua curiosa trajetória de vida, destacando especificamente a sua experiência criminal relativamente extensa e, em muitos aspectos, bastante peculiar. Entretanto, a dificuldade maior residia em como eu poderia estabelecer em minha pesquisa um equilíbrio definitivo entre diferentes *locus* pesquisados, firmando um elo mais palpável, compreensível e pertinente, entre o sertão, a cidade, o litoral e as grandes metrópoles.

Nesse sentido, seria possível introduzir novas abordagens, narrativas e tramas relacionadas ao universo criminal, que funcionariam como as últimas peças de acabamento do meu trabalho de Tese. Em suma, tudo convergia para a construção de um quadro sociológico um tanto complexo, devo admitir. Portanto, ressalto que as metodologias utilizadas por mim ao longo da construção da escrita me permitiram com o tempo dialogar com mais propriedade

e pertinência acerca de velhos e novos fenômenos e configurações criminais no Estado do Ceará, que se transformaram de forma extremamente veloz com o passar dos anos (PAIVA, 2019). Por outro lado, sobre os referidos dilemas pessoais, com dificuldade de concentração e bloqueio de capacidade criativa, percebi que o referido equilíbrio deveria se constituir primeiramente em mim mesmo, pois eu precisava aprender a escrever mesmo angustiado ou doente, refletindo e expondo na escrita tudo que havia assimilado das experiências vividas ao longo de vários anos de Universidade e, sobretudo, pesquisando os temas perigosos aqui destacados.

Precisei empreender, portanto, um esforço adicional em imaginar o pesquisador como quem relaciona esferas profundamente antagônicas da realidade socialmente construída, se debruçando por sobre a análise de práticas, insistências, desistências e deslocamentos realizados em sua difícil labuta. Portanto, empenhei-me na tentativa de evidenciar aspectos imperceptíveis dessa mesma “realidade” aparentemente incontornável, demonstrando então novidades implícitas ou ignoradas pelo olhar desinteressado e cotidiano dos agentes sociais em ação.

As maneiras heterodoxas de se relacionar, fazer e improvisar no campo pesquisado, perante possíveis contrariedades e adversidades da vida cotidiana (CERTEAU, 1994), foram certamente a base das minhas escolhas teórico-metodológicas, com as quais procurei trabalhar reflexivamente como pesquisador e doutorando em sociologia. Posso afirmar que não fiz nada absolutamente sozinho (falando num sentido estritamente figurativo), uma vez que todos meus professores e amigos foram essenciais nesse processo, sobretudo meu orientador César Barreira, que sempre soube me convencer a seguir um estilo e um caminho de escrita simples, criativo, equilibrado e objetivo, sem perder o devido tratamento literário.

O leitor verá ainda que minhas buscas se firmaram também em torno de deslocamentos distintos, realizando incursões a diferentes campos sociológicos, que de algum modo estão relacionados ao meu objeto e temática de pesquisa. Portanto, chamo tais incursões de *aproximações*, o que propiciou incontáveis conversações e vivências fecundas com interlocutores considerados “peças-chave”, que me fizeram enxergar com mais profundidade o que eu realmente deveria transmitir na escrita. É necessário enfatizar que tais aproximações implicaram também em algumas angústias e crises que, com o passar dos anos, tornaram-me mais sensível às problemáticas psicológicas que envolvem aqueles que estudam e pesquisam; sobretudo para aqueles que pesquisam temas considerados pesados, como a violência e o crime. Por conseguinte, devo ressaltar ainda que fui obrigado a atentar, de forma um pouco

mais cuidadosa e particular, acerca das questões e problemáticas coletivas e individuais relacionadas ao fenômeno da *morte*, como um símbolo potencialmente sociológico, frequentemente observado no âmbito das experiências criminais. Portanto, ao longo do trabalho acabei utilizando alguns autores que versam sobre a brevidade e o encerramento da vida. Em termos antropológicos, compreendo que mesmo após a morte há uma existência que continua viva nas histórias contadas sobre uma trajetória biológica específica, pois sempre haverá uma narrativa a ser repassada acerca do “indivíduo ausente”, que de alguma forma prossegue nas falas acerca de sua existência e trajetórias terrenas.

Portanto, compreendo que a sociedade jamais deixa que as pessoas morram ou sejam esquecidas completamente, pois sempre haverá juízos acerca de alguém que esteve aqui e que imprimiu marcas peculiares na própria tessitura social. Tais vestígios estão baseados em resquícios de memórias, relatos e narrativas (HALBWACHS, 1990; POLLAK, 1989; KOFES, 2001), por mais banais ou extraordinárias que estas possam parecer. Neste ponto, vale lembrar a seguinte passagem de Judith Butler (2015, p. 64-65):

Talvez somente pela experiência do outro, sob a condição de termos suspenso o juízo, tornamo-nos finalmente capazes de uma reflexão ética sobre a humanidade do outro, mesmo quando o outro busca aniquilar a humanidade. Embora decerto eu não diga que jamais devemos julgar – os juízos são imperativa e igualmente necessários para a vida política, jurídica e pessoal –, acredito que seja importante, ao repensar os termos culturais da ética, lembrarmos-nos de que nem todas as relações éticas são redutíveis a atos de juízo, e que a própria capacidade de julgar pressupõe uma relação prévia entre quem julga e quem é julgado. A capacidade de realizar e justificar juízos morais não esgota a esfera da ética e não coincide com a obrigação ética ou a relacionalidade ética.

Em suma, considero que numa pesquisa com viés socioantropológico, tudo consiste em tornar visíveis estas dimensões mais invisíveis e microscópicas das relações pessoais e coletivas, gestadas e reconfiguradas a todo o momento a partir de conexões extremamente subjetivas: através de pensamentos, práticas, ações discursivas e escolhas inconscientes, frequentemente movidas pelos agentes em embate simbólico no campo social (BOURDIEU, 2009). Nesse sentido, em posteriores reflexões e diálogos com meu orientador, professores e amigos íntimos, tanto no Ceará quanto em São Paulo, notei que Adriano Passos se constituía em uma peça-chave, pois se tratava de alguém que me ajudaria a conectar determinados aspectos mais complexos sobre o mundo criminal, a partir de reflexões e questionamentos que foram emergindo gradativamente em minhas pesquisas iniciais sobre os referidos temas.



Imagem 1. Adriano Passos (à direita na imagem) e amigos em São Paulo, 1990. Fonte: Arquivo Pessoal.

Numa abordagem preliminar, eu diria que tais aspectos se referem à racionalidade extremada no âmbito das experiências criminais, com a noção da família como berço de personalidades e perspectivas opostas em conflito interno ou externo: destacando especificamente a percepção das redes afetivas e parentais utilizadas como supostas *fachadas criminais* (AQUINO, 2009). Portanto, foi assim que acabei revisitando a vida de um velho

conhecido: Adriano Passos, como o chamarei ao longo de todo o trabalho, pois é preciso enfatizar que se trata de um pseudônimo desenvolvido por ele mesmo, utilizando a mudança nominal como uma estratégia de ocultamento: uma fachada minimamente eficaz, a fim de se proteger de possíveis diligências policiais, justamente por ocasião de suas inúmeras pendências com a Lei, ou mesmo como um modo de se prevenir perante outros inimigos gerados e adquiridos no âmbito criminal.

Neste ponto, gostaria de introduzir determinadas analogias. Por um lado, temos o bandido Elitonio, como era popularmente conhecido nos sertões do Ceará: um indivíduo que chegou a morar e trabalhar várias vezes no Rio de Janeiro, embora nunca tenha se envolvido em correrias criminais na referida cidade, pois segundo vários de meus interlocutores, com os quais pude interagir ao longo do período de mestrado, eles afirmavam que no Rio de Janeiro Elitonio vivia apenas “de casa pro trabalho”. Soma-se a isso o fato de que Elitonio desconhecia completamente as reais dimensões e limites da capital carioca, de modo que seus parentes relatavam que ele tinha muito medo de se envolver em esquemas criminais no Rio de Janeiro, pois sabia que lá o *jogo* era bem mais complicado, complexo e acumulado em comparação ao Estado do Ceará (MISSE, 1999), onde ele se considerava um “bicho solto”. Portanto, pode-se dizer que as suas ações criminais sempre se limitaram ao contexto dos sertões e interiores da região noroeste do Ceará, como apresentei em minha pesquisa de dissertação.

Tendo como base tais analogias e reflexões teóricas, com o tempo percebi que tanto Elitonio nos sertões, como Adriano nas grandes cidades, ambos eram movidos por determinadas disposições e hábitos anteriores, relacionados às suas diferentes trajetórias de vida, que posteriormente resultaram em diferentes disposições, práticas e ações criminais. Entretanto, compreendo que muitos de seus atos não se deram de forma completamente consciente, sendo importante considerar que muitas vezes os agentes sociais não têm total controle ou escolha de seus caminhos, pois geralmente eles apenas se deixam levar inconscientes pelas correntes humanas dos acontecimentos.

Nesse sentido, vale lembrar que grande parte da literatura sociológica, desde Gabriel Tarde (1992), passando por Georg Simmel (2006) e chegando a Pierre Bourdieu (2009), entre muitos outros pensadores, considera que as referidas disposições sociais nos indivíduos devem se constituir primeiramente nas esferas mais ocultas e sombrias do inconsciente, ou seja, nas zonas mais inacessíveis da psique humana (FREUD, 2010; 2013). Portanto, considerando seus diferentes níveis de ocultamento, pode-se afirmar que tais disposições inconscientes são apenas casualmente percebidas, ressignificadas e incorporadas à

vida consciente dos indivíduos em sociedade: o que certamente incluiria o montante de suas experiências pessoais mais felizes, angustiantes e traumáticas, evidenciando, portanto, seus principais medos, desejos e necessidades latentes.

Portanto, tento demonstrar que, em certa medida, Adriano Passos se constitui um exemplo peculiar de auto reprogramação e reconfiguração de suas próprias disposições pessoais e sociais, o que Bourdieu chamaria *habitus*¹³, pois foi capaz de perceber num impulso criminal – inicialmente agressivo e *inconsciente* – a possibilidade de satisfazer mais plenamente suas respectivas vontades e desejos *conscientes*, embora a satisfação de tais desejos exigissem sua gradativa adequação e adaptação a um mundo e uma vida social mais legitimada e respaldada; como quem se apropria de uma imagem mundana familiar, exterior e diferenciada, e passa a construir inúmeras camadas de ocultamento sobre sua personalidade profunda (*self*), como fachadas estrategicamente traçadas (GOFFMAN, 2011), a fim de alcançar determinada eficácia simbólica, capaz de ecoar diretamente no jogo social, o que constituiria a sua *plateia*.¹⁴

Em suma, ressalto que o conceito de fachada utilizado por mim ao longo do trabalho se aproxima bastante da abordagem de Jania Perla de Aquino (2009, p. 75), em seu trabalho de Tese:

Para que figurem como referências aos padrões de comportamento, fachadas sofrem processos de institucionalização, passando a constituir estereótipos abstratos ou ícones de sentido fixo e quase imutável em uma determinada sociedade. Com isto, servem de modelo ou referenciais para as expectativas que são endereçadas aos

¹³ “Os condicionamentos associados a uma classe particular de condições de existência produzem *habitus*, sistema de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu fim sem supor a intenção consciente de fins e o domínio expresso das operações necessárias para alcançá-los, objetivamente “reguladas” e “regulares” sem em nada ser o produto da obediência a algumas regras e, sendo tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro.” (BOURDIEU, 2009, p. 88).

¹⁴ “A principal contribuição de Goffman à reflexão sobre a performance foi sua tese de doutorado que, em 1957, tornou-se o primeiro livro do autor. Neste trabalho, ele afirma que os agentes sociais, na vida ordinária, em situações de encontro presencial com outros agentes, de maneira consciente ou inconsciente performatizam seus comportamentos. Este texto, cujo título original é *Presentation of Self in Everyday Life* foi traduzido para o português como A Representação do Eu da Vida Cotidiana. Embora, a tradução mais aproximada do termo *presentation* seja “apresentação” e, *self* não corresponda exatamente a “eu”, a intenção de quem o traduziu ao utilizar o termo “representação”, decerto foi dar ênfase a analogia entre profissionais do teatro e os atores sociais na vida cotidiana que Goffman (1992) desenvolve no livro. O autor classifica como performance toda atividade realizada na presença de um ou mais observadores capaz de exercer sobre estes determinados efeitos. A interação social é tomada como locus de construção mútua de imagens, a partir de informações que são transmitidas intencionalmente ou emitidas pelos atores. Em Goffman (1992), o veículo por excelência de operacionalização das performances seria a fachada, apresentada como “equipamento expressivo padronizado” dos atores sociais e responsáveis pela mútua formação de imagens entre os agentes interactantes.” (AQUINO, 2009, p. 22-23).

comportamentos sociais performados. Quase sempre, as fachadas preexistem ao desempenho dos atores sociais e se atualizam em suas performances, estes, na verdade, são avaliados pela capacidade de ajuste as expectativas da própria sociedade, identificadas com certas fachadas. Portanto, os agentes sociais, nos processos de interação, tendem a incorporar padrões já tipificados. Em suas atuações, legitimam-se como pertencentes a determinadas posições e papéis por se encaixarem em determinados padrões de fachadas. A rigor, a impressão que se constrói sobre alguém a partir de suas performances em situações de contato face a face, concede a fachada uma dimensão mais “seletiva” do que “criativa”.

Numa análise preliminar, observa-se que a produção de uma outra identidade, embora não envolva o total apagamento da identidade original, impulsionou Adriano a mudar até mesmo seu próprio nome: pois ele na verdade se chamava José Passos de Sousa, e somente alguns anos depois de se casar com Eva é que ele resolveu adotar o pseudônimo Adriano Passos. Neste sentido, considero pertinente revisitar o texto “A Ilusão Biográfica”, de Pierre Bourdieu (1996, p. 78, grifos do autor), destacando especialmente algumas reflexões acerca do conceito de *nominação*:

Como instituição, o nome próprio é arrancado ao tempo, ao espaço e às variações de lugar e de momento: assim, para além de todas as mudanças e flutuações biológicas e sociais, ele assegura aos indivíduos designados a *constância nominal*, a identidade com o sentido de identidade a si mesmo, de *constantia sibi*, exigida pela ordem social. Compreende-se, então, que, em inúmeros universos sociais, os deveres mais sagrados em relação a si mesmo tomem a forma de deveres em relação ao nome próprio (que é sempre também, por um lado, um nome coletivo, como *nome de família*, especificado por um prenome).

Em suma, ao que pude perceber mais intimamente, todos os caminhos de Passos após sua detenção foram no sentido de adquirir uma nova *identidade social* acima de qualquer suspeita. Portanto, ele acabou construindo não só um outro personagem a partir de si mesmo, mas também uma outra personalidade, capaz de desvincular (ainda que provisoriamente) sua atual imagem da imagem do “ex presidiário”, “bandido”, “traficante” ou “fora da lei”. Portanto, estes foram estigmas adquiridos ao longo de sua carreira criminal, e que ecoavam inclusive em seu próprio ambiente familiar, pois alguns de seus parentes costumavam se maldizer a respeito de Adriano, vendo com maus olhos seus empreendimentos perigosos, havendo inclusive algumas narrativas de rixas e intrigas no interior de sua família, que serão analisadas nos capítulos finais.

Assim, pode-se afirmar que a fachada de “autônomo”, “homem de casa” e “pai de família”, sempre cuidando dos negócios domésticos, acabou possibilitando que Adriano vivesse uma vida mais socialmente integrada em muitos aspectos, comparando com o tempo

em que ele era apenas um jovem inconsequente: potencial aspirante à “marginal”, “bandido”, “assaltante” ou “vida loka”. Não importa o “rótulo”, o próprio Adriano costumava enfatizar que sempre cultivou certo fascínio pelo estilo de vida *fora da lei*, de modo que nenhuma crítica pejorativa sobre ele surtiria efeito. Portanto, Passos não se importava com os julgamentos alheios, seu negócio era apenas ganhar dinheiro e usufruir de sua liberdade tão sonhada após vários anos de cárcere, de modo que ainda mantinha viva a sua “estética marginal”, extraindo todas as vantagens possíveis advindas dos negócios com o tráfico de cocaína nos bairros praianos de Caucaia (GENET, 1986).

Adriano me confessou que desde muito jovem não gostava de atender aos limites sociais e familiares impostos às suas ações e escolhas pessoais, e por isso mesmo se meteu em inúmeras confusões ao longo de sua adolescência. Por uma conjunção de fatores, ainda jovem, Passos começou a viver a intensidade das ruas periféricas de Fortaleza, no começo dos anos de 1980, participando de *gangues* e tomando parte em práticas criminais que foram tomando proporções distintas, quando então ele se envolvido em um suposto assassinato. Tais eventos serão abordados em capítulos posteriores, em que discorrerei a respeito da conjuntura familiar de Adriano e os acontecimentos que o forçaram a fugir de Fortaleza para São Paulo com apenas 16 anos, o que teria ocorrido por volta de 1988. Ironicamente, percebi que no mesmo ano em que eu nascia em Fortaleza, Adriano viajava pela primeira vez a São Paulo, com um homicídio nas costas. Só muitos anos depois nos encontraríamos face a face, o que possibilitou a própria construção deste trabalho de pesquisa.

Ressalto que a reconstituição dos anos iniciais de Adriano em São Paulo, assim como o histórico de sua prisão, foi uma tarefa bastante complicada de se reconstituir, embora eu considere que muitos detalhes jamais possam ser resgatados como eu realmente gostaria, sobretudo por tanto tempo que se passou e pela falta de contato com sua família, que nesta pesquisa decidi não envolver diretamente em minha análise, evitando repetir um erro que havia cometido em minha dissertação e que no fim não me agradou muito. Por se tratar de alguém que conheci muito de perto, decidi que faria o trabalho tendo como base especialmente as minhas memórias, partindo de documentos e diálogos estabelecidos com Adriano, Eva, Rodrigo e com alguns de seus familiares, sem inclui-los diretamente no trabalho. Assim, busquei reunir narrativas utilizando pseudônimos diversos, selecionando de forma rigorosa o que eu deveria inserir ou excluir da escrita.

Sempre que Passos falava sobre escrever seu livro eu desconversava, achava que ele não estava falando sério, pois naquela época eu ainda nem havia me graduado em Ciências Sociais. No entanto, sempre que nos encontrávamos Adriano despejava uma série de relatos e

fatos que constituíram a base deste trabalho, sobretudo em conversas mais reservadas estabelecidas entre nós. Naquele contexto o que mais pesava contra a escrita do livro encomendado por Adriano estava no fato de que eu ainda não acreditava em suas histórias, achava que ele estava exagerando ou fantasiando os fatos, talvez pelo efeito alucinante da cocaína que ele usava sempre em grandes quantidades, embora em 2012 eu também tenha passado a consumir a substância na companhia de Adriano.



Imagem 2. Adriano ainda garoto, fantasiado de policial. Fonte: Arquivo Pessoal.

Em geral, eu achava as narrativas de Passos muito incomuns, portanto apenas ouvia passivamente e achava até absurdo no começo. Certo dia ele me confessou que o indivíduo conhecido como Alemão, que foi o suposto mentor do Assalto ao Banco Central – ocorrido em Fortaleza entre os dias 6 e 7 de agosto de 2005 –, chegou a tentar recrutar Adriano no Icaraí, indo até sua barraca de praia pessoalmente, onde ele teria tomado uma cerveja com a maior naturalidade, observando atentamente todo o ambiente, e depois de algum tempo caminhou até o balcão e foi logo perguntando objetivamente se Passos sabia mexer com “encanamento”. Era óbvio que Passos não sabia mexer com encanamento, mas ele me explicou que a expressão “mexer com encanamento” era na verdade um código do mundo criminal, a fim de indicar que seria realizado um *serviço* mais específico.

Eu perguntei como ele tinha tanta certeza que aquele homem realmente era o Alemão, mas Adriano confessou que sabia de tudo justamente por já ter sido assaltante de banco em São Paulo, e também por conta de sua extensa rede de contatos e informantes dentro e fora de presídios, espalhados por Fortaleza e região metropolitana. Portanto, ele era profundamente ciente de todos que frequentavam sua barraca, incluindo os criminosos mais procurados pela polícia cearense. Qualquer presença estranha ou fora do comum já deixava todos seus empregados atentos e de prontidão, pois eles sempre estavam presentes no local, trabalhando na barraca como garçons, ajudantes e cozinheiros.

De qualquer forma, Adriano acabou recusando o pedido de Alemão, pois ele me confessou que em 2005 estava muito bem com Eva, com sua vida doméstica bastante sossegada e seus negócios indo bem. Portanto, naquelas circunstâncias Adriano não queria mais se envolver em grandes roubos, mas apenas traficar discretamente e cuidar da barraca Praia e Sol, sem chamar atenção das autoridades policiais. Logo depois de ter o pedido de parceria negado, Passos relatou que o homem misterioso simplesmente agradeceu pela atenção dispensada, pagou a conta e foi embora tranquilamente, da mesma forma como chegou. Meses depois Adriano viu a notícia do assalto ao Banco Central, ocorrido no centro de Fortaleza, sendo anunciado na TV, e ele então entendeu melhor qual a intenção daquele sujeito estranho que o abordou perguntando sobre encanamento, logicamente porque o trabalho seria realizado todo pelo subsolo.

Outro exemplo a respeito das narrativas de Adriano, foi quando ele me confessou que havia participado do sequestro em Fortaleza do filho do dono de uma empresa muito rica e influente, sendo muito conhecida pelos cearenses em geral. Decidi ocultar aqui o nome da empresa por motivos pessoais. Nesse sentido, Adriano relatou que eles passaram vários dias com esse rapaz encapuzado, a quem ele se referia como um *playboy*, de família milionária. Os

sequestradores o forçaram a pedir grandes somas em dinheiro para a família, mediante violência, chantagens e ameaças, de modo que o dinheiro realmente foi enviado para o resgate e todos lucraram com o resultado, inclusive Passos.

Ressalto que, à época do ocorrido o referido caso foi intensamente noticiado na mídia cearense, de modo que Adriano ainda me desafiou a ir pesquisar na internet os pormenores da ação, a fim de constatar que tudo que ele dizia coincidia com os fatos. Sobre o desfecho do caso, o jovem empresário teria sido deixado numa pousada, localizada quase na fronteira do Ceará com a Paraíba. A pousada pertencia a dois “laranjas”¹⁵, que logo foram presos no mesmo local. Adriano me relatou que essas pessoas deviam favores, e por isso resolveram se arriscar, mesmo sabendo da alta possibilidade de serem presos. Em suma, impressiona o fato de que ninguém sequer imaginou que o empresário havia ficado no Icarai, amarrado e encapuzado num cubículo escuro próximo à Barraca de Passos.

A respeito da prisão de Adriano no Carandiru, especialmente sobre o seu testemunho *in loco* do Massacre que lá ocorreu em 1992 – fato que eu duvidava muito, diga-se de passagem –, só posteriormente, quando Rodrigo me enviou as imagens de Passos na referida prisão, já uns dois anos após o seu assassinato, foi quando me dei conta de que ele realmente falava a verdade, e que eu deveria atender de forma decidida sua vontade, de que fosse escrito o tão pedido livro sobre sua trajetória criminal, que ironicamente acabou se constituindo nesta Tese. Penso que as coisas não acontecem por acaso, e o encontro possibilitou que o empreendimento se tornasse possível.

A impressão que eu tinha era de que Adriano já conhecia ou tinha visto alguém realizar um trabalho semelhante no campo da Sociologia ou da Antropologia Urbana, em São Paulo talvez, ou pela própria influência de Rodrigo, que também cursava Sociologia comigo na UFC. Portanto, Adriano parecia bastante atualizado de assuntos diversos, sendo extremamente respeitador com estudantes e pesquisadores. Ele sabia perfeitamente que um pesquisador social coletava relatos e por isso o que ele mais fazia era relatar suas experiências, de forma completamente espontânea. Adriano conversava sempre olho no olho, sem falseamentos, e sempre com propriedade e humildade acerca do que afirmava. Imagino que no Carandiru Passos possa ter conhecido grupos mais acolhedores, que realizavam trabalhos sociais e de assistência nas penitenciárias.

¹⁵ “Laranja” é um termo popular que se refere às pessoas que assumem um crime, tanto espontaneamente quanto forçadamente (o que é mais comum). Nesse sentido, elas são obrigadas a assumir a autoria de um crime em favor dos verdadeiros criminosos, geralmente sendo detidas no lugar destes.

Por conseguinte, considerando seus anos de amadurecimento, após sair da prisão e retornar ao Ceará com a alma lavada de tantas mazelas que sofreu na prisão, como também pelos horrores que viu e presenciou entre os próprios detentos, pode-se dizer que toda sua carreira criminal o ensinou a estabelecer raízes sociais mais seguras, profundas, íntimas e, portanto, mais duradouras, adquirindo assim uma relativa integração social, no contexto dos bairros praianos do município de Caucaia. Penso que, em sua época de “vida loka”, o próprio Adriano se negava a estabelecer uma vida doméstica tranquila, de modo que evitou seguir esse caminho durante muito tempo: aquela vida previsível de cama, mesa e banho, aniversários, decoração, visitas, plantas aguadas no terraço, crianças correndo no quintal, cachorros, gatos, papagaio, visitar os parentes no fim de semana, etc.

Portanto, pode-se dizer que Adriano usufruiu também de todos os benefícios de uma vida doméstica mais equilibrada, calculada e controlada, embora sempre pairasse sobre ele um certo impulso de fuga, que jamais o deixaria permanecer eternamente imerso em seu paraíso familiar. Portanto, além dos negócios no crime, seus conflitos familiares podem ter sido um dos motivos principais para seu fatídico assassinato, assim como o de Eva, que quando morreu já estava separada de Adriano que naquela altura se relacionava com outras mulheres, o que eu já sabia, embora não tivesse visto ele com outras pessoalmente. Eva já havia levado suas coisas e estava morando com uma amiga em outra residência, um apartamento no centro do Icaraí, mas ainda assim via Adriano frequentemente, e ainda convivia com ele diariamente. Eva não foi poupada pelos assassinos, que certamente concluíram que naquelas circunstâncias ela sabia demais, podendo ser uma voz que indicasse os assassinos de Adriano.

Adriano nasceu em 28 de abril de 1972, no interior do Ceará, município de Granja, onde teria vivido grande parte de sua infância e juventude. Porém, ele percorreu e residiu em várias cidades e também em outros Estados – como Fortaleza, João Pessoa e São Paulo – adquirindo então o que considero percepções e disposições peculiares de agir. Em linhas gerais, percebi que Adriano acabou refletindo acerca de uma “recursividade moral” implícita nos jogos de domínio e poder, do crime e da ordem, adentrando assuntos que irei abordar em capítulos posteriores do texto.

É preciso considerar que após sair da prisão, sobretudo uma prisão tão marcada no imaginário brasileiro, uma prisão literalmente caótica e infernal, como era o Centro de Detenção de São Paulo Flaminio Fávero, o Carandiru, o indivíduo certamente passa a carregar um *estigma* social inegável, que o acompanhará pelo resto da vida: a *marca* de um ex presidiário (GOFFMAN, 1988). Trata-se de um símbolo instituído, um sinal muitas vezes

invisível ou imperceptível. Códigos, símbolos, brasões e totens dinamizam as psicologias dos sujeitos aprisionados, e também podem representar a impressão dessa mácula social que vai se enraizando nos corpos, como tatuagem (CLASTRES, 2014, p. 160-162).

Adriano tinha inúmeras dessas demarcações sociais: cicatrizes e tatuagens pelo corpo, sendo ainda cego do olho esquerdo. Tais estigmas foram adquiridos não apenas na época da prisão, onde teria sido sofrido duramente por vários anos, mas onde também pareceu ter amadurecido e se transformado, metamorfoseando-se aos poucos num “novo sujeito”. Esse novo sujeito, portanto, é aquele que viveu a experiência do Estado, e experimentou o amargor do Estado. A prisão constitui, portanto, o locus central em que o Estado irá *imprimir* a marca da Lei nos corpos e nas mentes dos indivíduos, fazendo-os lembrar que essa Lei é dura, implacável e fria:

O testemunho de Martchenko ilustra com sobriedade a tríplice aliança, entrevista por Kafka, entre a lei, a escrita e o corpo:

E então nascem as tatuagens. Conheci dois antigos prisioneiros comuns transformados em “prisioneiros políticos”; um respondia ao cognome Moussa, o outro a Mazai. Eles tinham a testa e as faces tatuadas: “Comunistas = Carrascos”, “Os comunistas sugam o sangue do povo”. Mais tarde, eu iria encontrar muitos deportados trazendo máximas desse tipo gravadas sobre os seus rostos. Na maioria das vezes, suas testas apresentavam, em letras garrafais: “ESCRAVOS DE KRUCHTCHEV”, “ESCRAVO DO P.C.U.S”.

Mas alguma coisa na realidade dos campos da URSS no decorrer da década de 60, ultrapassa até a ficção da colônia penal. É que, aqui, o sistema da lei precisa de uma máquina para escrever o seu texto sobre o corpo do prisioneiro que suporta passivamente a prova, enquanto, no campo real, a tríplice aliança, levada até o seu ponto extremo de estreitamento, elimina a própria necessidade da máquina: ou antes, é o prisioneiro em pessoa que se transforma em máquina de escrever a lei, e que a inscreve sobre seu próprio corpo. Nas colônias penais da Moldávia, a dureza da lei encontra, como meio para se enunciar, a mão, o próprio corpo do culpado-vítima. O limite é alcançado, o prisioneiro está inteiramente fora da lei: quem o diz é o seu corpo escrito.” (CLASTRES, 2014, p. 161-162, grifos do autor).

Em suma, o objetivo da Lei não é corrigir, mas sim traumatizar, ou seja, *marcar* nos sujeitos a lembrança de um rigor: a *memória da ordem*. Nesse sentido, há muitos séculos, grandes pensadores sociais já defendiam que qualquer sistema de punição deve se configurar primeiramente no controle dos corpos, que sentem e suportam os choques e surras dos eventuais agressores, agentes da opressão. Nesse sentido, após demarcados os corpos, a punição é então transposta ao controle das subjetividades, a partir de minuciosos jogos psicológicos que ao mesmo tempo em que silenciam os indivíduos, podem leva-los à completa loucura. A história nos demonstra que o objetivo primordial da tortura é destruir

qualquer vestígio de sanidade, integridade e dignidade na psicologia dos supliciados, e nunca é demais lembrar a criminosa Ditadura Militar brasileira, que sabia bem como aplicar os métodos de tortura cruéis, o que consolidou uma tradição extremamente injusta, racista e violenta observadas nas práticas e atitudes da Polícia Militar brasileira, principalmente nas comunidades mais pobres (SÁ; SANTIAGO, 2011).

Portanto, seguindo a linha de raciocínio anterior, o doloroso processo de ser demarcado: a captura, o aprisionamento, as punições e as práticas de torturas severas infligidas aos corpos dos condenados encarcerados, objetivam inibir de uma vez por todas as suas capacidades cognitivas, assim como o discernimento e a autonomia moral dos indivíduos torturados e enjaulados, encarados apenas como verdadeiros “fardos sociais”.

O CÓDIGO, O CORPO

Que a lei encontre uma forma de se inscrever em espaços inesperados é o que nos pode ensinar esta ou aquela obra literária. O funcionário de A colônia penal explica minuciosamente ao visitante o funcionamento da máquina de escrever a lei:

Nossa sentença não é severa. Grava-se simplesmente, com auxílio do rastelo, o parágrafo transgredido sobre a pele do culpado. Vai-se, por exemplo, escrever no corpo desse condenado – e o funcionário apontava para o homem: “Respeite o seu superior”.

E, ao visitante que se surpreende ao saber que o condenado desconhece a sentença que o atinge, o funcionário, cheio de bom senso, responde:

Seria inútil levá-la ao conhecimento dele, uma vez que vai aprendê-la no próprio corpo.

E, mais adiante:

Você viu que não é fácil ler esse texto com os olhos; pois bem, o homem a decodifica com suas feridas. É sem dúvida um enorme trabalho: são necessárias seis horas para terminar.

Kafka designa aqui o corpo como superfície de escrita, como superfície apta para receber o texto legível da lei (CLASTRES, 2014, p. 160-161, grifos do autor).

Considero que foi justamente a aproximação de Adriano a um estilo de vida não necessariamente associado ao mundo dos roubos, das drogas e das armas que o permitiu se recodificar, mudando o estilo de se vestir, adquirindo novos contatos e conexões bem mais rentáveis no mundo criminal. A partir de daí sua vida se fez em torno de negócios mais discretos, que possibilitaram uma relativa estabilidade econômica durante algum tempo, embora posteriormente ele tenha realmente perdido o controle de tudo. Em muitos aspectos, é

evidente que em seus últimos meses de vida, o tempo se fechou radicalmente diante de seus olhos. Portanto, Adriano Passos foi alvo de uma emboscada planejada nos mínimos detalhes por indivíduos provavelmente faccionados, que já estavam de olho em seus domínios, influência e poder local, sobretudo pelo fato de Passos não aceitar se *faccionar*¹⁶, o que complicou ainda mais sua situação como traficante local.

Portanto, com base nos acontecimentos referentes à sua morte e a respeito de tudo que pesquisei sobre os últimos anos de sua vida, é possível afirmar que Adriano produziu de forma gradativa muitos inimigos em toda região, quando então foram ressurgindo novas chefias e comandos em vários bairros de Fortaleza e Caucaia: todos competindo entre si, principalmente pelo controle do tráfico de cocaína. Nesse sentido, um elemento que não deve ser esquecido é especificamente a chegada das facções criminais advindas de outros estados, sobretudo do Rio de Janeiro e São Paulo, e que foi intensificada a partir do ano de 2013, com a suposta “pacificação” de muitas comunidades cariocas (PAIVA, 2019).

Portanto, considerando tantas configurações e conflitos inseridos no panorama criminal de 2013 a 2016, penso que o maior inimigo de José Passos foi alguém proveniente de sua própria família, de seu convívio íntimo, familiar e diário. Considero que este “inimigo íntimo” está encarnado em um personagem que será imprescindível em toda a trama de vida e morte de Adriano. Portanto, ao longo do trabalho e nos depoimentos transcritos ele será identificado apenas pela sigla JC, um sobrinho de Passos.

Conheci JC e sua esposa Débora através de Adriano e Eva, no ano de 2012, quando voltei a frequentar a residência deles de forma mais constante, considerando que comecei a frequentar o lugar em 2009. Nessa mesma época, JC e Débora também passaram a frequentar mais intensamente a barraca de Adriano e a residência deles, e como eu estava quase sempre por lá acabamos nos conhecendo inevitavelmente. Lembro que inicialmente notei algo de anormal nos dois, pois pareciam muito perdidos e aparentemente sempre se mostravam ansiosos demais em comparação com as outras pessoas que conviviam com Adriano e Eva. Portanto, não demorou muito para que eu começasse a realmente evitar JC e sua esposa, pois percebi que emanava de ambos uma atmosfera extremamente negativa, de pouca confiança e descontrole, principalmente quando cheiravam cocaína. Enquanto Adriano ficava tranquilo e conversador sob efeito de pó, JC ficava sempre bastante agitado, sobretudo

¹⁶ A lógica criminal com a chegada das facções seguia uma linha bastante simples: os comandos locais não faccionados deveriam cair um a um, com exceção dos que decidissem abraçar uma facção como forma de se proteger das reconfigurações criminais em curso. Ao que tudo indica Adriano não se faccionou e por isso não foi poupado pelo crime.

a esposa a sua esposa Débora, o que mais adiante é confirmado no relato de Priscila, uma transexual que era também muito amiga de Adriano e Eva.

Prosseguindo a narrativa, penso que as estranhas circunstâncias envolvendo os assassinatos confirmam que Adriano estava na mira de seus piores inimigos locais, incluindo policiais militares da região que há meses vinham intensificando as visitas e importunações em sua residência: principalmente em busca de propinas. Portanto, de algum modo, Adriano sabia que o cerco estava se fechando sutilmente contra ele, e dessa vez não parecia haver escapatória. Rodrigo me contou que os policiais chegaram a sequestrar Eva na escola, e fizeram voltas e voltas com ela, perguntando onde estava Passos.

Conversando com Rodrigo em 2016, soube que Adriano teria levado uma grande surra de policiais que costumavam cobrar consideráveis quantias em dinheiro. Estes o acoossaram e torturaram duramente em sua residência, o que teria ocorrido um mês antes de sua morte, em 2016. Por conta da referida surra, Adriano precisou se maquiar para ir ao velório de sua mãe, para que os parentes não notassem as marcas e escoriações no rosto, embora todos tivessem notado e, segundo Rodrigo, os familiares de Passos ficaram bastante contrariados pelo fato de ele ter aparecido no velório da mãe daquela forma tão “indigna”, na percepção deles. Portanto, àquela altura todos já sabiam de seu profundo envolvimento com o crime, e se mostravam extremamente desconfiados e distantes dele.

Por outro lado, apesar de ser constantemente ameaçado por policiais e outros traficantes, Adriano sempre enfatizava uma insistência pessoal em seguir com a vida criminal. Nesse sentido, eu notava que Adriano emanava um sentimento de profunda raiva, ressentimento e rebeldia existencial, uma espécie de desacordo mais antigo com o mundo e com “o sistema”, ou seja, o Estado e suas regras preestabelecidas. Portanto, Adriano partiu de um estilo de vida muito mais cáustico, doloroso e problemático (a “vida braba”), que o destinou por vários anos aos porões infernais e celas insalubres do Carandiru, ao longo dos anos de 1990. Foi então que Adriano passou a exercer um estilo muito mais racionalizado, e em vários aspectos socialmente elaborado, algo que ocorreu gradativamente após sua saída da prisão, que teria ocorrido por volta do ano de 2002.

Outro fator interessante que pude observar, é que Adriano sempre se apresentava para os mais íntimos como um experiente, convicto e auto proclamado “fora da lei”, e gostava inclusive de rememorar seus tempos de detenção, não como algo que lhe fora agradável de se vivenciar e relembrar, mas onde ele teria adquirido uma certa *moral*: uma carga de experiências úteis em um universo que lhe parecia extremamente sedutor. Sua sorte foi ter saído vivo do Inferno, e fora da prisão ele decidiu esbanjar de uma liberdade quase sem

limites, embora de forma mais racionalizada e comedida, para quem antes era totalmente inconsequente e “vida loka”.

Quando se sentia mais à vontade, Passos falava das *tretas*¹⁷ que presenciou no Carandiru, em que viu muitas cenas de crueldade e perversidade que jamais sumiram de sua mente, embora lá ele também tenha feito muitos amigos. Em suma, compreendo que tais cenas acabaram descolando Adriano de uma realidade dita normal e padronizada, pois no Carandiru ele viu a morte de perto e de dentro. A partir de então ele nunca mais se sentiu o mesmo. Isso significa que quando tudo estava aparentemente bem Adriano sabia que havia algo errado no ar. Por outro lado, acredito que Passos conseguiu superar a enorme confusão mental, opressão e pressão dos anos de cárcere, pois não aparentava de forma alguma carregar graves sequelas psicológicas. Acredito que o Carandiru foi um choque que ele desejou inconscientemente, pois precisava disso para se tornar ainda mais experiente, e por isso ele falava destes anos com evidente orgulho.

Refletindo sobre estes aspectos, é curioso notar um ponto já destacado em parágrafos anteriores. É perceptível que a transformação perpetrada pela Lei muitas vezes almeja produzir uma marca incontornável no sujeito, desenvolvendo um trauma que passa a demarcar uma diferença, o “estilo de vida” de ex detento, aproximando-se então do que Jean Genet (1986) considera a estética de uma existência marginal, que muitas vezes passa a ser reivindicada pelo próprio sujeito. Portanto, observa-se que o Estado almeja *marcar* os indivíduos de todas as formas possíveis e inimagináveis.

Pois, sendo dura, a lei é ao mesmo tempo escrita. A escrita existe em função da lei, a lei habita a escrita; e conhecer uma é não poder mais desconhecer a outra. Toda lei é portanto escrita, toda escrita é índice de lei. Os grandes déspotas que servem de marcos para a história no-lo ensinam, assim como todos os reis, imperadores, faraós, todos os Sóis, em suma, que souberam impor aos povos a sua Lei: sempre e por toda a parte, a escrita reinventada proclama de pronto o poder da lei, gravada na pedra, pintada sobre as cascas das árvores, desenhada nos papiros. Até mesmo os *quipos* dos Incas podem ser considerados uma escrita. Longe de se reduzirem a simples processos mnemotécnicos de contabilidade, as cordinhas amarradas eram de *ante-mão*, *necessariamente*, uma escrita que afirmava a legitimidade da lei imperial, e o terror que ela devia inspirar. (CLASTRES, 2014, p. 160).

Portanto, quando o conheci Adriano se portava como quem há bastante tempo, e por convicção própria, exercia práticas consideradas ilícitas sem qualquer peso na consciência, pois viver sentindo culpa de alguma coisa não fazia muito sentido para ele, pois

¹⁷ *Treta* é uma gíria das ruas que significa em geral “problemas” e “questões”, indicando “confusões” que precisam ser resolvidas de formas distintas no interior do mundo criminal.

ele já era um autoproclamado “fora da lei”. Portanto, um fator preponderante que o impulsionou ao mundo do crime, no meu entendimento dos anos que convivi com ele, é de que Adriano não concordava de forma alguma com os jogos do Estado, que ele considerava desleais, corruptos e desiguais.

Para ele, um jogo em que ele sempre sairia perdendo não poderia ser um jogo justo, sendo relegado apenas a pessoas mais fracas e submissas que não tinham inteligência para arriscar algo maior e receber as devidas recompensas dos riscos. Portanto, foi justamente no universo criminal onde Adriano pareceu ter encontrado e experimentado não só o maior de todos os riscos, como também os louros ilusórios de uma vida vivida “no fio da navalha”. Em suma: um estilo de vida em permanente tensão e prazeres breves, em que a única opção é nunca mais parar até que um dia a morte bata à porta.

Em resumo, num esforço de rememoração de acontecimentos transcorridos num passado distante, trata-se de alguém que fui bastante próximo por ocasião de uma série de encontros e acasos curiosos. Tudo ocorreu durante um período relativamente curto de minha vida, porém intenso, ocorrido entre os anos de 2009 a 2013, quando ainda começava a escrever meu projeto de mestrado, dissertando sobre o banditismo no sertão. Portanto, por inúmeras razões pessoais, a partir de 2013 acabei me distanciando gradativamente de Adriano e sua esposa Eloína (Eva), tendo contato permanente apenas com Rodrigo.

A partir de 2013 não mais reencontrei o casal pessoalmente, mas apenas recebia notícias superficiais e muito raras. Portanto, eu ignorava completamente o que ocorria nos *bastidores*¹⁸ de suas vidas pessoais, embora tivesse me afastado dos dois por achar que Passos jamais deixaria de se aprofundar nos negócios do crime, e aquilo já se tornava perigoso para quem estivesse próximo dele. Nem mesmo o filho de Eva, Rodrigo, sabia ao certo o que ocorria na residência de Adriano, pois naquela altura ele já havia ido embora para São Paulo, e apenas em 2016 eu soube dos seus assassinatos.

Com base em tais narrativas, considero que as vivências íntimas firmadas ao longo de vários anos constituíram uma legítima oficina imaginativa e existencial, trazendo reflexões sobre a vida e a morte, alegrias e tristezas. Tais ingredientes geraram estímulos

¹⁸ “O contraponto das fachadas seriam os bastidores, contexto em que os indivíduos estão ‘desprevenidos’. Se a região de fachada é aquela onde o ator social está diante de uma plateia e mobiliza suas estratégias de representação, a região dos bastidores emerge como um domínio que escapa ao alcance da plateia, lá os atores sociais se consideram livres da necessidade de representar. Na análise de Goffman (1992), os bastidores são, em alguma medida, apresentados como ‘perigosos’ às performances, já que sua visibilidade pode descortinar informações ou fatores contraditórios à imagem que se quis transmitir, na produção da fachada. Os prejuízos e possibilidades de desconstrução de fachadas contidos nos bastidores evidenciam contingências ou imponderáveis inerentes aos processos de interação social.” (AQUINO, 2009, p. 76).

poderosos, quando busquei ser mais ousado na forma de enxergar as relações interpessoais, sobretudo na percepção dos fenômenos criminais, da violência e controle social armado no âmbito do Estado vigilante e punitivo (GARLAND, 2008).

Conheci Adriano quando ainda começava a vislumbrar questões relativas ao estudo do desvio e do crime, mas naquela época achava um sonho inatingível poder cursar uma pós-graduação, sobretudo versando sobre estes temas. Eu ainda tinha receio em trilhar tais caminhos, pois sentia que não possuía as ferramentas psicológicas, imaginativas e metodológico-conceituais necessárias para uma devida aproximação dos elementos que poderiam emergir, sobretudo em se tratando de assuntos geralmente vistos pela maioria das pessoas como temas *pesados*; como pude notar nas conversas com pessoas que vinham me indagar: “*O que você faz no doutorado? Você vai ser médico?*”

Lembro bem de uma ocasião, ocorrida em janeiro de 2013, quando eu havia recém retornado de uma viagem ao interior do Ceará, Groaíras, profundamente impressionado com o que havia presenciado por lá. Logo que retornei do interior, fui visitar Adriano e conversei a respeito dos bandos dos sertões que eu havia ouvido falar recentemente. Adriano logo riu e desdenhou, repetindo que sua história de vida e carreira criminal era bem mais interessante que a do bandido Elitônio, e que eu deveria escrever um livro era sobre sua vida criminal. Ressalto que tais fatos ocorreram quando ainda começava a pensar timidamente na possibilidade de pesquisar a vida de Elitônio, considerando que seu assassinato se consumou em 25 de dezembro de 2012, mas apenas em julho de 2013 eu consegui terminar de construir o projeto de mestrado sobre sua trajetória criminal. Neste ponto destaco uma passagem de Richard Sennet (1988):

Quais as condições sociais que encorajam as pessoas a demonstrarem a outras os seus sentimentos, de tal modo que provoquem uma resposta simpática, alguma reação? Em que condições os seres humanos recorrem aos seus poderes criativos para tornarem expressiva a experiência cotidiana? Essas perguntas são maneiras de se questionar quando, se é que isso alguma vez aconteceu, o ser humano, naturalmente e sem estardalhaço, apela para energias que hoje parecem exclusivas ao domínio da arte. Grande parte dos escritos contemporâneos sobre a obsessão da sociedade para com o eu proclama o fato de que essa obsessão nos impede de sermos expressivos uns com os outros, de que somos artistas sem uma arte. Mas qual é a arte que as obsessões íntimas desgastam? (SENNET, 1988, p. 45-46).

Como por ironia do destino, Adriano não entendia que para contar sua história eu teria que primeiro atravessar os sertões e confrontar uma experiência criminal que hoje considero muito mais *enraizada*: analisando uma trama profundamente interiorizada em

lugarejos áridos e distantes, visitando núcleos familiares extremamente vulneráveis e analisando complicadas redes parentais; que em muitas casos perpassaram fatos ocorridos com pessoas da minha própria família, como no caso do Delegado Moreno, por exemplo, policial militar e familiar com quem estabeleci intensa interlocução tanto no mestrado quanto em alguns momentos pontuais da construção desta Tese.

Nesse sentido, apenas de forma gradativa é que pude reunir ferramentas necessárias para a compreensão das transformações relacionadas ao fenômeno da violência no Ceará, analisando casos um tanto mais complexos, como pode ser facilmente constatado na trajetória de Adriano Passos: que transitou entre vários estados e morou durante um longo tempo em lugares muito mais diversificados, como na cidade de São Paulo, estabelecendo relações mais profundas e integradas às altas cúpulas do mundo criminal, pois no Carandiru ele viu o surgimento de poderosas e famosas facções criminais. Portanto, Adriano parece um personagem mais adequado ao que eu pretendia esmiuçar, se compararmos com a figura do bandido Elitônio, que restringia suas ações somente às paragens da caatinga e acabou morrendo com apenas 24 anos de idade, sem relações com o narcotráfico.

Nesse sentido, enquanto Elitônio carregava em si todas as características de um jovem bandido do sertão: instintivo, arisco, inconsequente, arredio e, por inúmeros motivos, muito inexperiente. Portanto, ele demonstrava uma experiência criminal que eu considero mais *interiorizada*, que incluía “matar ou morrer”, sendo sua ação claramente restrita aos domínios e territórios dos sertões. Por outro lado, Adriano parecia carregar em si uma experiência criminal mais prolongada e antecipatória acerca de futuras configurações criminais, e adquiriu uma “hexis corpórea” peculiar (BOURDIEU, 2014; 2009) mais urbanizada, racionalizada e especializada. Portanto, Passos estava bastante inteirado do iminente advento das facções, assim como do horizonte de tecnologias e conexões que há tempos busca se consolidar no contexto criminal.

Aqui vale relembrar a seguinte passagem de Bourdieu (2014), que observa os agentes sociais como munidos de uma série de disposições inconscientes, na elaboração mais ou menos sutil de uma “hexis corpórea”:

[...] progressivamente incorporada e que dá ao corpo sua fisionomia propriamente social, é uma maneira global de portar seu corpo, de o apresentar aos outros, e exprime, entre outras coisas, uma relação particular – de concordância ou de discordância – entre o corpo real e o corpo legítimo (tal como ele se define por uma classe particular de esquemas de percepção) ou, se preferimos, uma antecipação inconsciente das chances de sucesso da interação que contribui para definir essas chances

(pelos traços comumente descritos como segurança, confiança em si, etc.). (BORDIEU, 2014, p. 255).

Portanto, pude observar que aquele homem que se apresentava como alguém muito simples, aparentemente sem muitos recursos, pois não ostentava riquezas de nenhum tipo, era capaz de se antecipar à muitas tramas do mundo criminal que outros indivíduos como Elitonio, por exemplo, demorariam bastante tempo para assimilar, ou acabariam morrendo sem estabelecer outras espertezas que o livrassem ainda que temporariamente de uma morte precoce. Portanto, compreendo que Adriano conseguiu prolongar um pouco mais sua vida no crime por ter notado as tramas sutis, por ter adquirido mais experiências e estabelecido relações de grande impacto no âmbito criminal.

É como se Elitonio estivesse no espectro mais “baixo” da vida criminal, por ter seguido a vida de um assaltante completamente sem escrúpulos, com várias acusações de assassinatos, assaltos, roubos e estupros em suas costas. Assim, pode-se afirmar que embora Adriano tenha partido inicialmente de uma “vida braba” – como também foi a vida do bandido Elitonio nos sertões, sendo integrante de gangues na adolescência e se envolvendo em grandes *tretas* com policiais e outros gangues rivais –, é preciso reconhecer que com sua experiência ele se tornou um sujeito *desviante* que durante muito tempo conseguiu dramatizar ou teatralizar¹⁹ a sua própria existência e elaborar uma estratégia social, a fim de conquistar respeito comunitário, influência e principalmente dinheiro (poder). Ao contrário de Adriano, Elitonio jamais havia sido preso pela polícia, e agia de uma forma mais emocionada e irracional, aventurando-se em uma série de violentos assaltos consecutivos que ele não parou de praticar até a sua morte, quando tinha apenas 24 anos de idade.

Em muitos aspectos, Adriano foi capaz de parar, observar e refletir sobre si mesmo e sobre a sociedade brasileira, sobretudo nos anos em que ficou detido no Complexo Carandiru. Nesse sentido, Adriano passou a assimilar determinadas fachadas sociais a partir de experiências diversas acumuladas, tanto nas transgressões radicais da vida em liberdade quanto na frieza e desolação das celas prisionais em São Paulo, a maior “selva de concreto e aço” do país. Em suma, compreendo que Adriano havia conquistado o campo da cautela, da discrição e da perspicácia no mundo criminal, agindo de forma quase sempre consciente e

¹⁹ “A astúcia esbanjada na preocupação com o eu é a da representação teatral: esta exige um público de estranhos para ser bem-sucedida, mas entre íntimos é inexpressiva, ou até mesmo destrutiva. A representação teatral, na forma das boas maneiras, convenções e gestos rituais, é a própria substância de que são formadas as relações públicas e da qual as relações públicas auferem sua significação emocional. Quanto mais as condições sociais desgastam o fórum público, mais as pessoas se tornam rotineiramente inibidas em exercerem a capacidade de representar.” (SENNET, p. 46).

sem levantar grandes suspeitas acerca de suas verdadeiras práticas passadas, projetos futuros e ocupações correntes, embora suas “camadas protetoras” aparentemente tenham se desgastado nos derradeiros anos de sua vida.

Outra peculiaridade captada nas falas de Passos consistia no fato de que ele discorria largamente sobre o que quase ninguém falava entre os anos de 2009 a 2013, assuntos que causavam verdadeiro temor a quem ouvia por serem temas considerados desagradáveis e perigosos, sendo ainda pouco falados no Ceará naquela conjuntura (MATOS JR.; SANTIAGO, 2023). Tendo como base suas próprias experiências pessoais em São Paulo, Passos alertava com propriedade que as facções criminais começariam a se expandir e a se deslocar de seus principais centros e territórios de comando e influência, em grande parte concentrados na região sudeste.

Portanto, conforme Adriano me relatava à época, em poucos anos tais facções invadiriam rapidamente todos os principais Estados do Norte e Nordeste brasileiro, perpetrando sangrentas disputas, guerras e conflitos generalizados pelo monopólio total do tráfico de drogas, armas e territórios, como ocorre atualmente em todo o Estado do Ceará, por exemplo. Em todo caso, é preciso enfatizar que na conjuntura em que Passos e Eva foram assassinados as facções já estavam muito mais conhecidas, e não havia mais como esconder ou ignorar aquela realidade. Desse modo, em 2016 muitas periferias já estavam completamente tomadas, geralmente por várias facções rivais em permanente conflito por tomada de territórios e poder (PAIVA, 2019).

2.1 Som, praia e sol

Segundo o IBGE, Caucaia foi um dos primeiros núcleos de população do Ceará, com povoamento iniciado pelos jesuítas Luís Figueiras e Francisco Pinto a partir de 1735. Os padres da Companhia de Jesus conseguiram aldear os indígenas da região e transformá-los em auxiliares da missão. Como Aldeia, ficou na dependência da Vila de Fortaleza. Porém, após divergências com os jesuítas, o Marquês de Pombal ordenou suprimir todas as Aldeias administradas pela Companhia de Jesus no Brasil e elevar as aldeias indígenas que se encontravam sob a orientação dos jesuítas a vilas. Assim, a Aldeia de Caucaia recebeu o nome de Vila Nova Real de Soure (nome de uma localidade portuguesa no distrito de Coimbra) por determinação da corte portuguesa, sendo oficializada em 15 de outubro de 1759. A Câmara Municipal se reuniu pela primeira vez dois dias depois.²⁰

²⁰ DE ALDEIA À CIDADE, CONHEÇA A HISTÓRIA DE CAUCAIA QUE HOJE CELEBRA 263 ANOS. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/ceara/de-aldeia-a-cidade-conheca-a-historia-de-caucaia-que-hoje-celebra-263-anos-veja-imagens-1.3289241>). Acesso em: 20 de junho de 2022.

Considero importante contextualizar aqui alguns fatos cruciais, que me fizeram enveredar pela pesquisa com a temática de violência, conflito e criminalidade. Como ressaltado anteriormente, foi a partir da minha proximidade com Adriano em 2012 que tive importantes *insights* acerca da própria necessidade do que eu procurava entender enquanto pessoa e, conseqüentemente, sobre o que eu pretendia produzir enquanto pesquisador em Ciências Sociais, reunindo e analisando as tramas criminais e a construção social de um “fora da lei”. Nesse sentido, meu projeto de doutorado sobre Adriano Passos começou a se delinear em 2018, embora minha pesquisa de mestrado também tenha sido construída com base em sua influência, pois em 2012 nossos diálogos começaram a abrir minha mente para uma realidade desconcertante: a realidade dos *marginais*, dos invisíveis, dos que não se encaixam na norma e padrão social, mas que buscam questionar e subverter a ordem.

Portanto, logo percebi que no mundo social haviam existências que eu ainda observava muito à distância, de forma bastante deturpada. Foi então que minhas investigações foram se firmando em torno de reconstruções de trajetórias que me fizessem compreender melhor estas vidas vertiginosas, elaborando assim um inventário de existências. Para isto, é preciso buscar os vestígios deixados pelas pessoas consideradas indesejáveis.²¹ Em suma, ressalto que todas as ideias e questões destacadas aqui levaram tempo considerável para uma devida maturação e aperfeiçoamento.

De fato, precisei aprender a exercitar um sentido de maior abrangência acerca das novas configurações do crime e da ordem num âmbito macroscópico – compreendendo-as além de um sentido local e restritivo –, quando procurei então me debruçar mais criticamente sobre várias fontes informacionais, que trouxessem o panorama de uma narrativa mais ampla, observando também os reflexos das mudanças político-ideológicas ocorridas no país como um todo, que há alguns anos enfrenta uma crise psicológica, ética e moral sem precedentes históricos, se recortarmos o período posterior à redemocratização do Brasil, ocorrida no ano de 1988.

Portanto, considero inegável que todos estes impactos se deram de forma extremamente vertiginosa, projetando um cenário efervescente de crime, violência e assassinato que começou a borbulhar e a se reconfigurar no Estado do Ceará num período relativamente curto, entre os anos de 2012 a 2018; e que atualmente se mostra muito mais consolidado mediante a presença massiva das facções criminais em várias comunidades

²¹ “É uma antologia de existências. Vidas de algumas linhas ou de algumas páginas, desventuras e aventuras sem nome, juntadas em um punhado de palavras. Vidas breves, encontradas por acaso em livros e documentos. [...] Vidas singulares, tornadas, por não sei quais acasos, estranhos poemas, eis o que eu quis juntar em uma espécie de herbário” (FOUCAULT, 2003, p. 203).

urbanas e no interior. Tais transformações sistêmicas podem ser analisadas, evidenciadas e confirmadas por diferentes áreas de saber, que procuram esmiuçar com rigor e responsabilidade os fenômenos estruturais em curso.

É necessário perceber ainda como as grandes transformações políticas e vertentes ideológicas antagônicas têm tido um impacto cada vez mais evidente e imediato nas sociedades mais tradicionais, como ocorre com os povos indígenas frequentemente ameaçados pela ganância de um Estado criminoso e de orientação abertamente fascista. Em suma, compreendo que a sina do pesquisador, portanto, deve consistir em reunir métodos, achados e saberes que sirvam como testemunhos legítimos para futuras gerações mais conscientes e buscadoras: que funcionem como registros de uma época de profundas mudanças, rupturas e crises morais, políticas e sociais.

A fim de contextualizar um dos principais cenários em que transcorreram boa parte dos eventos analisados em meu trabalho de Tese, antes de falar da praia do Icaraí, primeiramente é preciso falar de Caucaia que, por muito tempo foi considerada como uma verdadeira “cidade-dormitório” e dos finais de semana de lazer, no que concerne ao imaginário dos fortalezenses. Nas últimas análises feitas pelo IBGE, realizadas no ano de 2021, atualmente Caucaia já constitui o segundo maior município em população do Estado do Ceará, com aproximadamente 370 mil habitantes registrados. É evidente que com o passar do tempo, o acelerado crescimento demográfico permitiu que a cidade expandisse de forma considerável, de modo que em 2016 realizou pela primeira vez um segundo turno nas eleições municipais; lembrando que as regras eleitorais permitem segundos turnos apenas em municípios com mais de 200 mil eleitores.

Com a criação da Região Metropolitana de Fortaleza, em 1973, Caucaia expandiu-se como centro habitacional e industrial. Em divisão territorial de 1991 que dura até hoje, o município é constituído de 8 distritos: Caucaia (Centro), Bom Princípio, Catuana, Guararu, Jurema, Mirambé, Sítios Novos e Tucunduba. A área em que hoje se situa o município é marcada pela presença histórica de dois povos indígenas: Tapebas e Anacés. Também é o município com o maior número de representação de quilombos no Estado, tendo 11 comunidades reconhecidas oficialmente pela Coordenação das Comunidades Quilombolas do Ceará (Cerquice).

Por outro lado, é quase impossível falar de Caucaia sem falar de seus famosos bairros praianos: especialmente Icaraí, Tabuba e Cumbuco, que apesar de tantas edificações e comércio e, sobretudo pela intensa erosão ocorrida nos últimos anos, ainda assim estas praias despontam como destinos turísticos sempre lembrados em todo Ceará. Na década de 1980,

duas boas alternativas de lazer litorâneo para os moradores da capital cearense eram as praias de Iparana e Pacheco, localizada a oeste de Fortaleza e que são pertencentes ao município de Caucaia, embora as respectivas praias tenham deixado de serem frequentadas em razão da degradação da faixa litorânea e do agressivo avanço do mar. Agora o problema passou a afetar uma outra praia, que já foi concorridíssima, com imóveis valorizados e muito procurada por nativos, turistas e moradores de Fortaleza: a praia do Icaraí. Com o tempo, muitas barracas de praia e grandes imóveis particulares foram completamente destruídos pela força das ondas, e os trechos apropriados ao banho quase sumiram por completo, pois atualmente a maioria das praias do Icaraí são cheias de pedras cortantes e poluição, causando grande tristeza e pesar a quem viu essas praias mais movimentadas.

Em pesquisas realizadas sobre o fenômeno do avanço das marés no litoral do Ceará feitas por pesquisadores da UFC, através do Instituto de Pesquisas do Mar (Labomar), os cientistas concluíram que o problema teria começado ainda no século passado, na década de 1940, com a construção do então Porto do Mucuripe, que já afetou uma área considerável do litoral cearense. Segundo os pesquisadores, antes do porto, até 800 mil metros cúbicos de sedimentos eram trazidos para o litoral de Fortaleza a cada ano e esse processo foi interrompido. Como consequência, a areia começou a ser removida pelas correntes marinhas da faixa mais próxima do Porto, o que levou à construção de espigões ao longo da orla de Fortaleza.

Tais empreendimentos, no entanto, foram levando toda a erosão para as praias vizinhas, até chegar ao Icaraí, que atualmente pode ser considerado como o ponto mais crítico e afetado pela referida erosão, reconfigurando todo o cenário natural e residencial daquela região, pois no chamado Icaraí Velho é possível observar muitos pontos comerciais e casas abandonadas e destruídas pelo avanço do mar, onde anos antes havia relativa prosperidade. Tomar banho no Icaraí se tornou uma experiência ruim por conta dos detritos, de modo que apenas alguns locais ainda são utilizados por banhistas e surfistas.

Em suma, apesar de nem sempre haver uma associação direta por parte de alguns setores da população, é possível constatar que todos os fatos relatados, ou seja, o avanço do mar, a construção do aterro na Praia de Iracema, os espigões construídos ao longo do litoral e a degradação da costa no Icaraí: tais fatores estão relacionados com os desdobramentos negativos da construção do Porto do Mucuripe, que não foram previstos e muito menos evitados. Ainda assim, pude encontrar pessoas no Icaraí Velho que tinham plena ciência dos motivos do avanço do mar naquela região, portanto sabiam que a decadência do Icaraí Velho e a constante erosão do Icaraí Novo se deu justamente por conta de ações governamentais

absolutamente imprudentes e irresponsáveis, que impactaram milhares de pessoas que jamais foram devidamente ressarcidas pelos prejuízos.

Fixando este cenário sociológico, lembro perfeitamente a primeira visita que realizei à casa de Rodrigo, num sábado ensolarado em 2009, quando passei a frequentar regularmente os referidos bairros praianos de Caucaia. Nessa época havia formado uma banda musical com Rodrigo, filho de Eloína (que Rodrigo me apresentou sempre como Eva). Naquele contexto, em 2009, Eva já estava morando com Adriano há alguns anos, e se casaram no dia 12 de junho. Eu e Rodrigo nos conhecemos na UFC em 2008, através de amigos em comum, e eu já fazia composições musicais e tocava desde os 13 anos de idade e Rodrigo também era compositor. Foi assim que apresentamos nossas composições um ao outro, sempre que nos encontrávamos na Universidade, e a partir de então nos tornamos grandes amigos. Um fator crucial para nossa aproximação, é que naquela época eu cursava o segundo ano de graduação de licenciatura em Ciências Sociais na UFC e Rodrigo também, embora ele fosse de uma turma anterior à minha.



Imagem 3. Ensaio da banda com Rodrigo, em sua residência no Icarai, 2013. Fonte: Arquivo Pessoal.

As conversas entre eu e Rodrigo orbitavam debates sobre as teorias socioantropológicas que víamos nas aulas das Ciências Sociais, além de sempre falarmos muito sobre música, o futuro, o sentido da vida, relacionamentos e outros assuntos variados. No decorrer de todos os dias da semana, entre 2008 e 2009, eu e Rodrigo sempre nos encontrávamos e conversávamos longamente no ambiente universitário, perambulando pelo curso de Sociologia, Biblioteca e demais espaços de estudo e lazer da UFC, onde estudavam outros amigos em comum. De forma gradual, nossos assuntos foram se concentrando na ideia de montar uma banda musical. Naquele contexto, eu considerava – e ainda considero – Rodrigo um grande músico, compositor, multi-instrumentista. Trata-se de um sujeito de fala mansa, pele escura e cabelos pretos e lisos que remetem à sua herança e ancestralidade *indígena*, pois ele veio do Pará ainda muito criança. Eu percebia que os mesmos traços encontrados na fisionomia de Rodrigo também estavam fortemente ressaltados no rosto de sua mãe, Eva, que também tinha fortes traços indígenas.²²

Portanto, a partir de nossa proximidade passei a frequentar mais intensamente a residência de Rodrigo que se localizava no “coração” do chamado Icarai Velho. Portanto, a partir de 2009, quase sempre nos reuníamos aos finais de semana para posicionar a bateria e plugar os instrumentos elétricos, iniciando sessões sonoras que às vezes atravessavam toda a madrugada. Havia dias em que éramos acompanhados por antigas namoradas, amigas e amigos músicos que gostavam de ir ver a gente tocar. Geralmente, após o som, o destino era ir caminhar na beira da praia ao fim de tarde e conversar sobre a vida, a música e outros assuntos variados. Curiosamente, naquela época eu observava que Rodrigo era um tipo de desviante às avessas, pois apesar de ser músico não costumava sair para festas e jamais bebia ou fumava cigarros, sendo excessivamente reservado e até moralista, como ele mesmo dizia. Portanto, pode-se afirmar que Rodrigo era o típico modelo do jovem comportado, educado, correto e responsável.

Certamente, tendo como base o comportamento exemplar de Rodrigo, a impressão inicial que tive era de que se tratava de um núcleo familiar de pessoas muito certinhas e

²² “A questão, contudo, permanece: quando é que a máquina abstrata de rostidade entra em jogo? Quando é desencadeada? Tomemos exemplos simples: o poder maternal que passa pelo rosto durante o próprio aleitamento; o poder passional que passa pelo rosto do amado, mesmo nas carícias; o poder político que passa pelo rosto do chefe, bandeiras, ícones e fotos, e mesmo nas ações da massa; o poder do cinema que passa pelo rosto da estrela e o close, o poder da televisão... O rosto não age aqui como individual, é a individuação que resulta da necessidade de que haja rosto. O que conta não é a individualidade do rosto, mas a eficácia da cifração que ele permite operar, e em quais casos. Não é questão de ideologia, mas de economia e de organização de poder. Não dizemos certamente que o rosto, a potência do rosto, engendra o poder e o explica. Em contrapartida, determinados agenciamentos de poder têm necessidade de produção de rosto, outros não.” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 42).

comportadas. Apenas posteriormente, ao conhecer Adriano e Eva mais intimamente, considerando seus gostos mútuos por encontros, saídas e festas quase intermináveis regadas a muita cerveja e outras coisas mais, percebi que apenas Rodrigo era realmente o mais comportado e responsável da casa, sendo sempre muito tranquilo, equilibrado, avesso aos excessos e introspectivo, de modo que ignorava completamente as diversões e saídas de Eva e Adriano.



Imagem 4. Conversando com Adriano no carnaval de 2013. Fonte: Arquivo Pessoal.

Considero importante falar da música, primeiramente por se tratar de um campo de conhecimento completamente relacionado com a Sociologia, visto que muitos sociólogos se interessavam pelo universo musical ou também eram músicos, como Georg Simmel, Howard Becker, Erving Goffman e Norbert Elias. Eu vejo a música como uma espécie de trilha sonora infinita das relações sociais, advindo daí a sua importância como elemento de resistência, pois muitos músicos de renome já foram chamados de “vagabundos”, de modo que com os cientistas sociais isso não é muito diferente. Em suma, seja como músico ou como

sociólogo, sempre vão chamar você de “vagabundo” em algum momento, pois a música e a sociologia crítica são artes que sempre vão irritar profundamente as pessoas conformadas, encapsuladas e encaixotadas.

Para mim, a música sempre esteve relacionada com a reflexão e a crítica social, como uma forma de questionar o comportamento e o estilo de vida das pessoas. Na adolescência formei alguns grupos de rock com amigos no bairro Henrique Jorge, em Fortaleza, onde me criei, e tive uma experiência muito interessante quando o pai do nosso baterista nos convidou para fazer uma apresentação na antiga Febem-Ce, antiga unidade prisional para “jovens infratores”. Eu tinha apenas 14 anos e não avisei aos meus pais na época, e naquele dia tocamos para os internos e nos misturamos com eles, conversamos muito, jogamos bola e só voltamos para casa ao final da tarde. Aquela experiência fez eu perceber muito cedo que aquelas pessoas não eram nada ruins ou irrecuperáveis, pois aqueles jovens também tinham sonhos e projetos de vida, embora deturpados por um olhar social preconceituoso, racista e limitado.

Rodrigo gravava suas músicas em casa, geralmente sozinho, mas quase sempre chamava outros amigos para montar grupos musicais. Ele havia desenvolvido um sistema de gravação em que ele mesmo tocava todos os instrumentos, registrava e depois reunia e regulava tudo em uma única faixa musical. Nesse sentido, como eu também vinha de uma experiência artística intensiva, logo começamos a trocar material e a nos frequentar por amplas simpatias mútuas, quando Rodrigo costumava me visitar em Fortaleza e eu reservava os finais de semana para ir visitá-lo na praia do Icaraí, para levarmos os projetos da banda adiante.

Foi assim que, no calor dos encontros, outras pessoas acabaram se somando ao nosso círculo de amizades, constituindo várias formações musicais que foram se alternando ao longo dos anos, com ensaios que duravam praticamente o dia inteiro. Era nos ensaios que a gente alterava, aperfeiçoava e incrementava nossas músicas, que eram também a base de nossa diversão. Por volta do ano de 2012, Rodrigo e eu formamos outra banda com um amigo meu de infância do Henrique Jorge, Igor, e uma amiga que também conhecemos na UFC e cursava a graduação em Ciências Sociais, chamada Lyanne. Após algumas apresentações públicas e inúmeros ensaios, nossa banda acabou ao fim do primeiro semestre de 2013, embora os contatos e as amizades continuassem fortemente firmados, mesmo após a partida de Rodrigo para São Paulo.

Em 2016 eu e Lyanne havíamos até mesmo combinado de realizar uma viagem juntos para São Paulo com o intuito de visitar Rodrigo, mas o projeto acabou não acontecendo

por fatalidade do destino. Acerca das experiências de morte e de luto na vida íntima das pessoas, ressalto que eu e Rodrigo compartilhamos histórias singulares de perdas de pessoas próximas e queridas, além de Adriano e Eva. Foi Rodrigo quem primeiro me comunicou uma das notícias mais impactantes da minha vida, pois eu estava concluindo o primeiro ano de doutorado em Sociologia na UFC, em 2017, quando Rodrigo me informou do repentino falecimento de nossa querida amiga e companheira de banda e composições, Lyanne, que cometeu suicídio no dia 4 de novembro de 2017, quatro anos após o fim de nossa antiga banda.

2.2 Eva e Adriano: um casal é encontrado morto

Essas vidas, por que não ir escutá-las lá onde, por elas próprias, elas falam? Mas, em primeiro lugar, do que elas foram em sua violência ou em sua desgraça singular, nos restaria qualquer coisa se elas não tivessem, em um dado momento, cruzado com o poder e provocado suas forças? Afinal, não é um dos traços fundamentais de nossa sociedade o fato de que nela o destino tome a força da relação com o poder, da luta com ou contra ele? O ponto mais intenso das vidas, aquele em que se concentra sua energia, é bem ali onde elas se chocam com o poder, se debatem com ele, tentam utilizar suas forças ou escapar de suas armadilhas. As falas breves e estridentes que vão e vêm entre o poder e as existências as mais essenciais, sem dúvida, são para estas o único monumento que jamais lhes foi concedido; é o que lhes dá, para atravessar o tempo, o pouco de ruído, o breve clarão que as traz até nós. (FOUCAULT, 2003, p. 207).

Enquanto eu escrevia o texto de dissertação acerca das danações de Elitônio Melo Paiva, em maio de 2016, exatamente sete anos após conhecer Rodrigo, recebi dele uma mensagem impactante. Antes de tudo, é importante ressaltar que em 2016 Rodrigo já estava morando em Mairiporã. Em 2014, após concluir o curso de Ciências Sociais na Universidade Federal do Ceará, Rodrigo passou num concurso para professor, e então teve que se mudar repentinamente para São Paulo ainda em 2014, escolhendo então residir em Mairiporã. Posteriormente, em 2021, ele se mudou para Atibaia, mesma época em que o visitei e fiquei hospedado em sua residência.

A notícia de Rodrigo consistia no fato de que Adriano – que eu já não via há exatos três anos, portanto, desde 2013 – havia sido encontrado morto, assassinado com inúmeras facadas em sua residência no bairro Guajiru, em Caucaia, juntamente com sua esposa Eloína, professora primária, natural do município de Santarém, Estado do Pará.

Rodrigo, como um filho verdadeiramente angustiado e enlutado, contou-me que as mortes de sua mãe e de seu padrasto ocorreram no período do carnaval de 2016, por volta dos últimos dias de fevereiro. Entretanto, os detalhes do caso só foram reportados quatro dias após o assassinato: quando os corpos foram encontrados casualmente por uma das filhas de Eloína, ambos em avançado estado de putrefação.

Os corpos de um homem e uma mulher foram localizados em uma residência no Bairro Guajiru, em Caucaia, com golpes de faca. Os trabalhos iniciais da Perícia Forense apontam para um crime passional. A Polícia acredita que o crime ocorreu na última terça-feira. De acordo com a Perícia Forense do Estado do Ceará (Pefoce), dados preliminares apontam que a mulher teria cometido o homicídio e, em seguida, cortado os pulsos, mas os peritos ainda vão aguardar um laudo médico para completar a análise. Segundo o Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Caucaia (Sindsep), Eloína Alves Dutra, 47, lecionava na Escola César Nildo, na Barra Nova, e estava lotada na creche da Escola Luzia Correia, na Tabuba. A professora era paraense e veio residir no Ceará com marido e três filhos. De acordo com o tenente-coronel Barbosa, comandante do policiamento em Caucaia, o marido da professora, identificado por Adriano Passos de Sousa, 46, foi encontrado de bruços com golpes de faca nas costas. Já ela foi localizada com os pulsos cortados em cima do corpo do marido. Os dois só foram achados pois a filha mais velha do casal não conseguia contato com a mãe há mais de quatro dias. Ao chegar à residência, a jovem se deparou com a cena de violência. Os vizinhos afirmam que o casal já havia tido uma desavença, mas que tudo já havia sido resolvido. "Viviam bem. Como o bairro é pequeno todos os conheciam. Sempre estavam bem próximos nos eventos", destaca Walber Braga, amigo do casal. A Pefoce identificou que o homem apresentava perfurações profundas nas costas e cabeça. No local foi encontrada uma peixeira de aproximadamente 30 cm. No carro do casal foram encontrados compras de um mercantil ainda lacrados com nota fiscal datado de terça-feira. A Polícia segue investigando o caso. O velório do casal foi realizado no Salão Paroquial da comunidade do Icarai e o enterro aconteceu no cemitério da Pirapora, na tarde de ontem. A direção do Sindsep convocou todos os professores, que estão em greve no município, para comparecer nos atos sindicais vestindo blusa branca, pedindo paz e a apuração imediata do caso.²³

Apesar das mortes se caracterizarem como verdadeiros homicídios, sobretudo pela forma como os corpos foram violentados e dispostos na cena do crime, nos jornais e na mídia tudo foi estranhamente minimizado como um crime de natureza puramente passional: o que evidencia arestas e obscuridades no tratamento público do caso. Lembro com clareza que em 2016 encontrei e assisti a um vídeo breve e impactante, que alguém havia postado na plataforma virtual *Youtube*. Eram as filmagens da remoção dos corpos de Passos e Eloína, em estado de putrefação. Comecei a me dar conta que ali estavam dois velhos amigos mortos, que

²³ CASAL ENCONTRADO MORTO EM QUARTO COM GOLPES DE FACA. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/seguranca/casal-encontrado-morto-em-quarto-com-golpes-de-faca-1.1501081>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2020.

jamais retornariam para relatar o que realmente havia ocorrido com eles. Depois constatei que o vídeo havia sido deletado das redes.

Em cumprimento à ordem de serviço acima especificada, a equipe Alfa da Delegacia Metropolitana de Caucaia realizou diversas diligências com objetivo de esclarecer os fatos que culminaram com as mortes das vítimas ELOINA ALVES DUTRA PASSOS (conhecida como EVA) e JOSÉ PASSOS DE SOUSA (Conhecido como Adriano). Inicialmente fomos até à residência onde ocorreu o crime e lá conversamos com uma vizinha, Sra. AILA. Esta relatou que conhecia o casal e que não acredita que EVA teria coragem de matar ADRIANO e suicidar-se. Acrescentou ainda que no dia 19/02/2016 (data provável), por volta das 20:30, viu uma moto adentrar o local pelo portão pequeno da casa. Acrescenta ainda que o casal vinha entre idas e vindas e que EVA teria dito que estava de mudança para um apartamento no Icaraí e que esta havia escrito uma carta pra polícia declarando que não tinha envolvimento com as atividades ilícitas do marido e que esta carta estava com a polícia. Conversamos com RAQUEL, filha de EVA que relatou o que se segue: que já havia prestado depoimento nesta Delegacia e que nesta ocasião forneceu todas as informações que possui acerca do caso. Mas, em resumo, referiu que tentou falar com sua mãe por diversas vezes por telefone, porém, sem êxito. Que no sábado, 27/02/2016, foi até a casa de sua mãe juntamente com M. A. P., vulgo “Avalanche”, o qual era amigo de ADRIANO e, conseqüentemente, de EVA. Que estranhou o fato de AVALANCHE ter ligado para uma advogada de nome LIVIA, a qual compareceu ao local onde o crime ocorreu. RAQUEL mencionou que não achou adequada a postura desta advogada, a qual até ria durante momento tão difícil pra família. Que ADRIANO realmente era traficante de drogas e que possuía envolvimento amoroso com várias mulheres, inclusive a última ligação registrada no celular de ADRIANO é para a namorada NATÁLIA. Que dias antes a casa havia sido invadida por policiais militares. Que suspeita do casal JC e DÉBORA, que estavam morando na casa das vítimas, e tomaram destino ignorado desde a data do fato. Não houve mais nada a acrescentar que não tivesse sido citado em seu depoimento. GABRIELA, também filha de EVA, confirmou o que sua irmã disse (...)

(Trecho do Relatório de Diligências Policiais sobre a morte de Eva e Adriano Passos, 14 de abril de 2016, Caucaia - Ceará).

Ressalto que, quando o conheci, apenas pessoas mais específicas e próximas sabiam que Adriano Passos vivia a partir de fachadas estrategicamente arranjadas em torno de si, e que serviam como verdadeiras camadas de ocultamento postas sobre suas verdadeiras ocupações pessoais e negócios envolvendo muito dinheiro com o tráfico de cocaína. Sem nada desconfiar de seu modo de agir, eu o conheci, encontrei e conversei algumas vezes ao frequentar a casa de Rodrigo em 2009, 2010 e 2011, mas apenas em meados de 2012 é que pude me inteirar dos negócios ocultos de Adriano, quando ele decidiu então me “abrir o jogo”. A partir de então ele passou a proferir uma série de narrativas sobre coisas que vivenciou, sempre que nos encontrávamos por ocasião dos ensaios da banda que eu havia formado com Rodrigo. Em suma, em ocasiões esporádicas – de 2009 a 2013 –, eu costumava passar finais de semana ininterruptos na praia do Icaraí, e paralelamente ao desenvolvimento

de minha amizade com Rodrigo, com o tempo Adriano e Eloína (Eva) passaram a me convidar constantemente para sair e a participar cada vez mais de seus círculos de conversações, diversões e intimidades.

Eu nunca tinha parado pra pensar nessa questão: como que o Adriano conheceu minha mãe. Fazendo um cálculo, acho que ele entrou na nossa vida foi no ano de 2005 (...) 2005 ou 2006. Que eu lembro que eu tava no terceiro ano, foi 2006. Logo na sequência eu entrei na faculdade e eu lembro que ele já fazia parte desse momento da minha vida porque ele chegou a me levar pra fazer matrícula, a inscrição. Eu lembro que foi em 2007. Então eu lembro que ele entrou na nossa vida foi em 2006, né. E de início assim eu não... foi uma época em que a minha mãe tava muito próxima do meu tio, Abnael, né, que foi morar um tempo com a gente. E eles saíam bastante, tal assim, sempre saíam. O Adriano tava procurando um emprego na praia. Eles tavam sempre juntos e numa dessas, né, de ir a praia, a minha mãe conheceu o Adriano na barraca lá. A barraca era Praia e Sol. A barraca já existia. Ela era de propriedade de um cara que, não me recordo o nome dele agora. Mas eles tinham meio que uma “sociedade”, vamos dizer assim. E essa sociedade durou até o momento em que a barraca foi destruída a primeira vez, e esse cara não quis investir nada pra recuperar a barraca, o Adriano foi e lá e investiu, né. Pegou uma grana emprestada e refez a barraca. Praia e Sol. Era uma barraca muito conhecida ali na galera do surf, costumavam acontecer alguns eventos de reggae lá, algumas bandas eram chamadas. Tocou lá Tribo de Jah, Dona Leda, que são bandas conhecidas no cenário do reggae. E nesse momento o Adriano tinha uma vida de comerciante, né. Um comércio que funcionava e que dava certo. Até então ele não tinha nenhum envolvimento aí, com tráfico e tal.

(Relato de Rodrigo, filho de Eva, dezembro de 2021, Atibaia - São Paulo).

Equilibrando-se nos intervalos e bastidores dos negócios da barraca de praia e de sua mais nova família, Adriano era um dos maiores traficantes e fornecedores de cocaína na região litorânea do município de Caucaia, abrangendo mais especificamente as praias do Icaraí, Guajiru, Tabuba e Cumbuco. Entretanto, seu principal ponto fixo de possíveis encontros e negócios certamente era a sua barraca de praia – que ele teria adquirido por volta de 2004 a 2005 através de negócios firmados com um amigo – e que fora completamente tragada pelo mar em anos posteriores. Ressalto que frequentei intensamente a referida barraca – entre 2009 e 2013 –, que se chamava *Praia e Sol* e se localizava bastante próxima ao centro comercial do chamado Icaraí Novo. Revisitei o local da barraca com Rodrigo em janeiro de 2023 e pude constatar que ela foi completamente devorada pelo mar nos anos posteriores, restando apenas escombros do que um dia ali existiu.

Como tento ressaltar em várias passagens, acompanhei a vida de Adriano Passos durante alguns anos intensos, mas apenas fatos posteriores me impulsionaram a resgatar seus percursos, podendo registrá-los, refleti-los e analisá-los por escrito. É necessário enfatizar que para isso tive de enfrentar depressões, e em muitos momentos passei por sérios bloqueios

psicológicos: que muitas vezes pareciam me desesperar, e que nos piores dias simplesmente me impossibilitavam de pensar ou escrever qualquer linha sobre o assunto. Eu estava convencido de que o mergulho em memórias, relatos e narrativas de um passado doloroso me forçaria a resgatar o que eu chamo de cenas fortes, constituindo imagens que eu não poderia relembrar e analisar impunemente.



Imagem 5. Eva e Adriano com familiares no Icaraí. Fonte: Arquivo Pessoal.

Após tantas tribulações psicológicas, acabei compreendendo que isto talvez se chame pesquisar: algo como um constante combate contra si mesmo, e a busca incessante por um ponto de equilíbrio interior, que possa se refletir e se formalizar exteriormente, concretizando-se em produções concretas e objetivas. Assim, hoje penso que não há como se

debruçar vigorosamente sobre um objeto que não seja o reflexo de uma honesta guerra interior: capaz de causar temor e tremor em nós mesmos, ou algum tipo de deslocamento imaginativo naquele que observa e analisa os fenômenos – que não deve ser apenas um mero observador passivo destes mesmos fenômenos.

Em geral, trata-se de não apenas refletir sobre uma morte abstrata, debruçando-se sobre as mortes dos outros, seus corpos e as suas dores, mas tudo consiste em encontrar formas de conviver com a morte real²⁴ a partir de suas problemáticas sociológicas, buscando foco e equilíbrio na construção de uma escrita que evidencie elementos mais inusitados. Portanto, com o tempo estas questões se tornaram pontos fundantes em minhas reflexões pessoais, constituindo então verdadeiros pilares de criação em minhas buscas científicas e subjetivas.

A morte é um problema dos vivos. Os mortos não têm problemas. Entre as muitas criaturas que morrem na Terra, a morte constitui um problema só para os seres humanos. Embora compartilhem o nascimento, a doença, a juventude, a maturidade, a velhice e a morte com os animais, apenas eles, dentre todos os vivos, sabem que morrerão; apenas eles podem prever seu próprio fim, estando cientes de que pode ocorrer a qualquer momento e tomando precauções especiais – como indivíduos e como grupos – para proteger-se contra a ameaça e a aniquilação. (ELIAS, 2001, p. 10).

As perdas sucessivas e mortes violentas de muitas pessoas íntimas e queridas ao longo dos anos – não necessariamente ligadas a uma “carreira criminal” – transformaram profundamente minha visão, forçando-me a buscar uma perspectiva mais sólida e resignada frente às fatalidades, frustrações e contrariedades do viver humano. Em diálogos estabelecidos com pessoas enlutadas, numa conversa franca face a face, eu notava que muitas pessoas não queriam conversar sobre a morte, ou muito menos ouvir narrativas de luto. Nesse sentido, hoje sempre que escuto alguém falar de perdas pessoais, procuro ouvir com bastante atenção, e deixo a pessoa falar livremente, pois cada um pode repassar algo muito valioso nas formas de lidar com a morte, de encará-la como fator natural da vida ou de vê-la de um ponto de vista mais espiritual, por exemplo. É assim que vejo Rodrigo: como alguém que consegue lidar com seus lutos de maneira muito digna, admirável e corajosa.

Portanto, deixando de observar tal fenômeno como um “bicho de sete cabeças”, somos capazes de enxergá-lo de maneira mais objetiva e menos carregada. Em suma, a morte

²⁴ “O problema social da morte é especialmente difícil de resolver porque os vivos acham difícil identificar-se com os moribundos.” (ELIAS, 2001, p. 9).

sempre será a interpretação social, legítima e corrente do limiar da vida, de acordo com a corrente social em que se está inserido. Feliz de quem busca compreender tais fenômenos para além das amarrações de classe, poder econômico ou instrução, e tais temas vieram à tona justamente porque tive que lidar com um interlocutor enlutado, que acompanhou de São Paulo a triste notícia do assassinato de sua mãe e de seu padrasto.

Portanto, observo que quando se trata de um luto próximo, é notável que muitas pessoas evitam o assunto a todo custo, e outros até mesmo costumam ridicularizar pessoas enlutadas, considerando-as exageradas e com manias de isolamento e tristeza. Eles apenas ignoram o fato de que determinadas perdas inscrevem nos indivíduos depressões que simplesmente nunca são inteiramente controladas ou amenizadas, causando sérios bloqueios íntimos e sociais ao longo da vida. Por outro lado, percebe-se que – inconscientemente – as pessoas buscam a todo momento temáticas variadas sobre a morte: seja em notícias de jornal, séries, filmes e músicas, por exemplo.

Em outros casos, alguns procuram investigar nos livros, coletando explicações mais profundas sobre o fenômeno, enquanto outros racionalizam o tema, outros esoterizam e a grande massa simplesmente ignora. Falar de morte só é interessante quando é a morte dos outros, da família dos outros, do pai dos outros, dos irmãos dos outros, mas quando as pessoas enfrentam o problema em seu próprio seio familiar, a questão vira tabu, e não se pode falar muito longamente, pois as pessoas geralmente não tem muita estrutura psicológica para lidar com a morte mais de perto.

Entretanto, ignorar é uma forma menos carregada de encarar o assunto, de refletir o fenômeno no plano da vida dita consciente. Em suma, tais fatos me fizeram buscar compreender os sentidos implícitos na morbidez inconsciente das relações humanas em geral, as “pulsões de morte”, pois em algum momento não é possível ignorar o oceano de vozes silenciadas que buscam ouvidos sensíveis e aptos a captá-las. Em determinados momentos, penso que é preciso primeiro descer às profundezas de si, para talvez enxergar alguma luz no fim do túnel, no âmbito das relações humanas.

Refletindo sobre os significados do que se faz, decidi então discorrer sobre a vida vertiginosa de Adriano Passos: considerando que tanto minha dissertação como a presente Tese jamais teriam existido sem as influências criativas de suas narrativas, ou seus constantes apelos para que eu narrasse a sua história de vida. Ele costumava repetir rindo, em inúmeras ocasiões: “Paulo, você ainda vai escrever um livro sobre a minha vida. Pode registrar o eu que digo, porque eu falo como aconteceu”; e logo depois despejava relatos e narrativas prolongadas acerca de suas experiências criminais que, segundo ele, sentia-se bem em confiar

à minha pessoa, pois me achava “confiável”, “cabeça” e de “mente aberta”, e que no futuro eu saberia o que fazer com aquelas informações.

No entanto, entre 2009 a 2013, não tendo muito menos decidido fazer uma pós-graduação ou me propor a escrever uma Tese sobre violência e criminalidade, eu achava sua frase absolutamente infundada, como se ele quisesse apenas impressionar alguém mais inexperiente com aquelas histórias propositalmente impactantes. Porém, o tempo me revelou que Passos estava sendo bastante franco na medida do possível, pois ele me confiava narrativas realmente muito íntimas de sua trajetória de vida que, olhando de hoje, nem sei como ele teve a audácia de me revelar tantos detalhes e segredos em riqueza de detalhes. De todo modo, é irônico observar que Adriano tinha plena razão – ainda que de maneira inconsciente – ao afirmar várias vezes que eu escreveria um livro sobre sua vida, considerando que só muitos anos depois o empreendimento de escrita a que ele se referia começou a fazer total sentido para mim.

2.3 A vida familiar e a vida no crime: construindo fachadas

Cara, em relação ao ponto família, do Adriano, poderia dividir na relação dele com a família dele, e na relação dele comigo, assim, que era da nossa família, ele fez parte um tempo, né? Começando em relação à família que ele construiu com a minha mãe e comigo lá e com minhas irmãs. Ele aparentemente seguia todo o *script* de um “bom cidadão de bem”, digamos assim, né. É curioso usar esse termo aqui. Mas eu lembro que quando ele foi pra São Paulo com a minha mãe, quando ele veio pra cá, né, pra São Paulo, pra prestar contas com a Justiça, né. Ele veio pra mostrar isso: que ele tinha uma família, que ele tava trabalhando, que ele tinha saído daquela vida que ele levava antes. Então ele tinha essa..., ele assumiu esse papel, né? E eu achava assim, eu achava que ele era uma pessoa muito fácil de lidar, cara. Muito... Você conheceu ele, você sabe como é que ele era. Aliás, acho que cê conheceu mais facetas do Adriano do que eu, né? Mas assim, em relação ao que eu conheci dele, era uma pessoa respeitosa, uma pessoa agradável, ele tinha noção do papel dele ali que a gente teve aquele negócio dos salgados, ele também tinha noção do que ele devia fazer. Ele tinha noção de que ele deveria respeitar nosso ambiente. Inclusive, enquanto eu estive lá nunca se tornou uma coisa clara, embora depois eu tivesse descoberto que ele já tava mexendo com negócio de usar droga, né, já tinha voltado. Mas quando eu tava lá, isso segundo minha mãe, como ele tinha um certo medo, até porque eu era meio assim, meio moralista na época, né? E ele tinha um certo medo assim, acho que de tornar isso muito evidente. A minha mãe sabia, né. A minha mãe sabia e aquilo ficava entre eles. Era uma pessoa que era cuidadosa, cuidadoso com minha mãe. Sempre tava junto com minhas irmãs também. Quando eu precisei sempre, ele também teve comigo assim de, por exemplo, acompanhar em alguma, sei lá, de cumprir aquele papel de pai, sabe? Que leva o filho ou os filhos pra um determinado lugar e vai buscar, e arrumar grana aqui pra isso... Então ele cumpriu acho que esse papel, ele seguiu esse papel de forma até exemplar enquanto durou isso, né? Então ele sempre tava presente quando minhas irmãs precisavam de

alguma coisa, seja economicamente ou mesmo assim em relação a um certo cuidado. Comigo também, com minha mãe também. E... Eu deixo a parte da família dele por último porque, assim né, ele tinha uma família muito grande. Uma família que, como toda família tem aquelas questões familiares, né? Aqueles problemas familiares. E eu lembro que quando descobriram, né, a ligação dele com o crime novamente e tal, quando ele morreu, tipo assim eles simplesmente meio que assim ficaram muito “putos” assim, né? Putos não, ficaram decepcionados. Tanto que eles nem quiseram saber de nem um jeito do Adriano, sabe? Pra eles era como se fosse uma vergonha, pra eles, ter um filho que teve esse envolvimento com o crime e tal. Eu lembro que ele morreu mais ou menos um mês depois da mãe dele, a dona Mariana. Eu lembro que sempre a gente ia lá no Metrôpole, né. Assim, eu não ia muito, né, mas às vezes eu ia. A gente ia até o Metrôpole porque sempre ele todo final de semana ia visitar. Ele visitava ela, eles faziam um jantar lá, minha mãe ia. Era tipo assim, Dona Mariana, ele e minha mãe e, às vezes, eu. Então ele sempre tava visitando a mãe dele. Ele parecia gostar muito de uma irmã dele chamada Lúcia, e de um irmão aqui de São Paulo, que eu esqueci o nome dele... Sérgio de Sousa, alguma coisa assim, enfim. E, pra ser bem sincero, em relação a ele e a família dele assim.. é que eu também nunca gostei de me envolver muito, não conhecia. Recebia quando iam lá em casa, né. Recebia aquela coisa meio... distante, mas ele parecia se dar bem com a família, só achei curioso esse papo de depois dá... depois do que aconteceu... (pausa pra pensar) Ah! Lembrei de uma coisa! Minha mãe falou que no enterro da mãe dele ele foi até o enterro. E ele tava muito machucado porque, se não me engano – minha mãe que tinha dito isso, né – que a polícia tinha pegado ele, tinham batido muito nele e tal. E ela teve que maquiá-lo pra ele poder ir no enterro, tá ligado? E eu acho que a família meio que percebeu, eles ficaram meio chateados e tal. Então, em relação à família dele é isso que eu posso falar, né? Em relação a como é que ele era na família, assim, comigo ele sempre se demonstrou ser uma pessoa boa, uma pessoa justa também, não ficava brigando com a minha mãe, assim tipo... Era uma coisa bem tranquila assim. E era muito fácil de lidar, né. Sempre quando eu falo da minha família assim, quando as pessoas me perguntam, eu falo: Ah! A relação que eu tinha em casa, antes de sair de casa era muito boa assim. Enquanto era eu, minha mãe e Adriano, a gente convivia muito bem, cada um sabia seu papel na casa, assim, era uma coisa bacana, agradável.

(Relato de Rodrigo, janeiro de 2022, Atibaia - São Paulo).

Como relatado até aqui, ao longo do processo de pesquisa de doutorado possa afirmar que estabeleci incontáveis e prolongadas conversas com Rodrigo, sobretudo a respeito de nosso passado intimamente compartilhado²⁵, e mais especificamente em relação às mortes de sua mãe e seu padrasto, além de nossos amigos em comum que também se tornaram partes de nossas conversações. Vale lembrar que no ano de 2020, contexto em que a Covid-19 estava no auge em todo mundo, eu me encontrava no interior do Ceará, no município de Groaíras, pois havia decidido ir morar lá temporariamente apenas para ficar mais próximo de minha mãe, sobretudo por conta das inúmeras das incertezas acerca do fim da pandemia que assolava o Brasil e o mundo. Nesse sentido, em conversas com Rodrigo pela ferramenta virtual

²⁵ “[...] o quadro preto e branco pintado com o sentimento do ‘bom passado, mau presente’ não serve a qualquer propósito. A questão principal é como e porque era assim, e por que se tornou diferente. Uma vez certos das respostas a essas perguntas, estaremos em condições de formar um juízo de valor.” (ELIAS, 2001, p. 24).

Whatsapp, comecei a visualizar com mais clareza que tipo de abordagem iria desenvolver em minha escrita, pois com o isolamento da pandemia tive que tomar sérias decisões sobre o que iria realmente pesquisar, e a partir de tais decisões fui construindo o esqueleto do que seria este trabalho.

Foi assim que procurei elaborar determinadas indagações, que me pareceram provisoriamente fecundas e pertinentes: qual o peso das relações familiares no âmbito das tramas criminais? De que forma a intimidade pode se transformar em controle, domínio e tirania? De que maneira o gesto de cultivar, cuidar, afagar e guardar implica – frequentemente – em uma nítida expectativa de opressão e aprisionamento? É possível afirmar que toda disposição de afeto implicaria sempre numa imposição de dominância? E, por fim, até que ponto é possível analisar as relações afetivas das pessoas em relação aos mecanismos de controle do Estado?

Eu lembro que quando ele (Adriano) conheceu minha mãe (Eva), uma vez ele foi dormir na minha casa, né, na nossa casa. E aí ele deixou um tênis, um tênis no banheiro. Eu acordei pra escola, tava no terceiro ano. Isso ele só contou depois. Fui pra escola. Aí ele falou que teve um dia que... ele não sabia quem eu era assim, não tinha me visto ainda. Aí ele falou que pegou o mesmo ônibus que eu pegava pra ir pra escola. E ele disse que tinha um moleque que tava olhando pro tênis dele direto (risos). Ele ficou pensando: “Pô, será que esse é o filho da Eva? Será que ele viu o meu tênis lá no banheiro e agora ele tá vendo aqui?” (risos) Eu acho engraçado porque ele tinha um certo respeito assim comigo, sabe? Eu sentia isso. E minha mãe também falava que ele me respeitava bastante assim. Até porque naquela época eu tinha uma postura muito moralista assim, basicamente, em relação às coisas. E como eles levavam uma vida meio louca. Uma vida meio fora dos padrões, de muita festa, e sem responsabilidade às vezes. Ele sentia um pouco dessa... Ele sentia um pouco de medo assim, sei lá, de provocar algum dissabor assim da minha parte, em mim. E eu até pensei muito sobre isso assim, inclusive durante muito tempo. Depois que eu saí... Claro que não foi depois que eu saí que ele voltou à vida do crime. Porque ele meio que, um pouco antes de eu ir pra São Paulo, ele já tinha se reconectado, né. Só que depois que eu sai de casa, foi que ele se sentiu mais a vontade pra ampliar os domínios dele, assim. Inclusive levando isso pra dentro de casa, né. Porque enquanto eu morava lá era uma coisa, assim, bem discreta que rolava. Isso basicamente quem me falou foram amigos em comum que nós tínhamos, né? E que falava: “Olha, Rodrigo, depois que tu foi embora a casa de vocês virou tipo uma “boca” (ponto de drogas), praticamente”. Então, eles se conheceram em 2006, mais ou menos, nessa de minha mãe, de lugares em comum que eles conviviam. E eles foram se conhecendo. Eles devem ter assumido rapidamente a relação deles. Minha mãe tava apaixonada, né, era perceptível. Mas ele, o Adriano era uma pessoa muito assim respeitosa assim com a minha mãe. Muito respeitosa com a nossa casa, comigo, com minhas irmãs. Inclusive isso era uma coisa que eu cheguei a comentar antes, a respeito do Adriano, que eu achava ele... Eu acho ele um personagem muito curioso: que ao mesmo tempo que ele conseguia ser uma pessoa boa, um trabalhador da barraca ou uma pessoa boa com a gente, ele conseguia também ser uma pessoa perversa, assim, de maltratar alguém, uma desavença nesse mundo do crime, de torturar e tal. Basicamente, então é isso, a respeito de como o Adriano conheceu minha mãe

(Relato de Rodrigo, dezembro de 2021, Atibaia - São Paulo).

As paixões são geralmente vistas como inimigas da razão, e as abstrações do amor romântico e do afeto familiar parecem fundir os nomes, os corpos, os lugares, os elos e liames de cada um em relação a todos os outros. Nesse sentido, os parentes são as correntes caudalosas que nos regam, unificam e enlaçam, mas que também nos afastam e intrigam de formas no mínimo misteriosas.²⁶ Compreendo que tais questões estão amplamente relacionadas com a natureza das amarrações sanguíneas, essas teias visíveis e invisíveis de significados sociais que nos circundam, e da qual nos fala o gênio de Max Weber (2004) e Clifford Geertz (2008)²⁷. Portanto, são teias imaginárias que tecem os próprios grupos humanos, mantendo-os firmemente arraigados uns aos outros, aos seus territórios e suas cosmovisões sobre a existência humana.



Imagem 6. José Passos (único sem tarja preta) entre familiares, 1980. Fonte: Arquivo Pessoal.

²⁶ “Normalmente, no caso mais simples, temos pelo menos um prenome e um sobrenome. Nós os recebemos ao nascer. Na família o prenome nos separa, nos diferencia de nossos familiares (havendo homônimos, acrescenta-se filho, júnior, neto etc.). O sobrenome nos assimila, iguala-nos a nossos familiares. Fazemos parte de uma família, confundimo-nos com nossos familiares: somos *um* daquela família.” (CIAMPA, 2005, p. 143).

²⁷ Sem deixar de considerar que o conceito de “teia de significados” fora originalmente extraído de Friedrich Nietzsche (2012).

Para famílias que se firmaram em determinado *locus* originário, garantindo ali suas bases íntimas e coletivas, a obrigação de ter que abandonar a terra natal, por exemplo, pode se traduzir em um irreparável *déficit* social e coletivo – em que uma grande lacuna afetiva e emocional se abre. A pujante literatura nacional sempre procurou retratar com qualidade e criatividade os dramas desta dimensão social tão paradoxal, demonstrando as gêneses da estreita relação existente entre as formações dos territórios e as relações parentais de produção e reprodução social.

É assim que, sobretudo em termos cearenses, dirigir-se ao *interior* é sinônimo de adentrar os territórios e domínios de dentro (*de profundis*), orbitados em torno da família (COMERFORD, 2003). Portanto, assim como o personagem que analisei em minha dissertação, Adriano era do interior de Granja, e sempre me narrou que tinha um núcleo familiar muito amplo e carinhoso, e que gostava muito de sua mãe e de suas irmãs. Entretanto, lembro que Adriano costumava falar com carinho toda especial sobre uma de suas irmãs, que ele dizia gostar de assuntos espirituais, *yoga*, e que eu certamente eu ia adorar conhecer e conversar com ela um dia, o que nunca ocorreu.

Pesquisando Adriano, percebi que a dimensão dos afetos parece tentar conter o que há de mais incontrolável nas pessoas e suas coletividades. Trata-se de procurar domesticar a natureza mais rebelde e rigorosa dos seres humanos, assim como a psicologia desviante e transgressora dos indivíduos e suas predisposições sociais. Portanto, a família parece se empenhar na tentativa de saciar os insaciáveis, no processo gradual de tornar dócil o amargo e o colérico, fixando o maleável, volatilizando o rígido.

As maiores responsabilidades são relegadas à família, que por sua vez transmite a outras instituições (como a escola) tais responsabilidades. No contexto familiar, é também possível observar as cenas sociais mais terríveis, perpetradas pelos extravasamentos humanos mais primitivos, representados nos impulsos sexuais violentos e mortíferos que estão ocultos na base inconsciente de quase todas as formações familiares ao redor do mundo, com suas raízes similarmente arraigadas à noção de contaminação ritual, profanação, violação e perversidade (DOUGLAS, 2014; BATAILLE, 2014).

É assim que todo afeto humano, sobretudo o sentimento mais irresistível, fundamentado no intenso investimento amoroso, parece se tornar facilmente frustrado, incontrolável, austero, perverso e cruel, de modo que a observação das disposições agressivas nos indivíduos demonstra que todo afeto humano necessita – para sua própria subsistência – de determinadas disposições interiorizadas, relacionadas ao domínio das esferas de *autocontrole* social (ELIAS, 1994), assim como no desenvolvimento de laços mentais

impulsivos e inconscientes relativos ao que Sigmund Freud (2010, p. 65) considera um “amor e ternura inibidos na meta”.²⁸

Em linhas gerais, observa-se que a necessidade de controle dos desejos e regulação dos impulsos perversos parece emprestar ao afeto uma forma singular de um relativo descontrole possível, e foi esta excessiva tolerância aos abusos e excessos da figura patriarcal que possibilitou a configuração de um “novo mundo” que questiona cada vez mais a sexualidade, o lugar da mulher e as bases da família nuclear tradicional (ROUDINESCO, 2008). É a tolerância com o algoz familiar que muitas vezes faz com que um ato de perversidade passe a ser encarado como se fosse um gesto de amor e ternura excessivos, sobretudo por instâncias da opinião pública.

Portanto, até mesmo os desafetos possuem sua relativa carga potencial de protocolos, códigos, considerações e compensações que evidenciam a lógica de uma recursividade moral implicada no crime. Assim, as relações mais conflitivas precisam ser também sutilmente configuradas dentro de um campo aceitável de acordos prévios, respostas sociais eficazes e possibilidades agonísticas comumente aceitáveis. Afetar as pessoas é realizar um *atravessamento* de outros seres sociais, de modo que a relação com os desafetos parece produzir formas mais inusitadas de transformação e deslocamento social em contextos determinados, sobretudo no que concerne ao âmbito criminal, pois são os próprios conflitos que reconfiguram diferentes cenários sociais.

Ao longo do mestrado, enquanto seguia os passos de Elitônio e bandos armados dos sertões da Pedra – localizado nos interstícios de cidades e lugarejos que compõem a Microrregião de Sobral –, percebi que tudo que eu buscava acabava sempre desembocando na imagem da família: avós, mãe, pai, filhos, netos, sobrinhos, primos e irmãos. Era como se a explicação mais elementar das coisas que eu buscava compreender apontasse sempre para a mais fundante de todas as instituições humanas, com seus vários liames e amarrações, ou seja, a família como ela é.

Porém, foi só a partir de diálogos posteriores com amigos, professores e pesquisadores que começaram a despontar concepções no sentido da “família como fachada do crime”, quando emergiu então a necessidade de narrar os percursos de Adriano Passos, e deixar o bandido Elitônio no passado. Indo além de minhas intensas experiências pessoais, decidi que a pesquisa se daria sutilmente em torno de Rodrigo – um verdadeiro “filho

²⁸ “O amor que fundou a família continua ativo na civilização, tanto em seu cunho original, em que não renuncia à satisfação sexual direta, como em sua modificação, a ternura inibida na meta. Nas duas formas dá prosseguimento à função de unir um número considerável de pessoas, de maneira mais intensa do que a obtida pelo interesse em trabalho comum” (FREUD, 2010, p. 65).

enlutado” – num exercício similar ao que empreendi em minha dissertação, em que me aproximei de uma legítima “mãe enlutada”: Dona Virgínia, a mãe de Elitônio Melo Paiva, assassinado em dezembro de 2012. Portanto, tudo se inverteu de maneira significativa: em minha dissertação tive como foco principal as narrativas e relatos de uma mãe enlutada, que discorria sobre o jovem filho morto por conta de suas práticas criminais, de modo que em minha escrita tive como foco principal as narrativas de um filho sobre a sua mãe morta por consequência do crime organizado.



Imagem 7. Adriano Passos de branco à esquerda na imagem, ainda rapaz. Fonte: Arquivo Pessoal.

Numa breve retrospectiva, a barraca Praia e Sol era um local muito agradável e privilegiado, onde Adriano e Eva vendiam muitas cervejas, refrigerantes, peixes, petiscos e pratos típicos em geral. Ali circulavam diariamente inúmeros surfistas, que consideravam o trecho excelente para pegar boas ondas, embora não fosse apropriado para o banho, pois as pedras, conchas e pedregulhos advindos das destruições causadas pelo avanço do mar e inúteis tentativas humanas de sua contenção tornavam o mergulho cortante e doloroso em

alguns pontos. Adriano, Eva e Rodrigo sempre me contavam com nostalgia que em anos mais favoráveis eles organizavam shows de *reggae* e campeonatos de *surf* na barraca, em eventos que reuniam muitas pessoas e consideráveis somas de dinheiro.

Os proprietários dos estabelecimentos chegam a fazer contagem regressiva para a próxima maré alta com lua cheia, que ocorrerá no dia 7 de outubro, quando o mar ficará mais agressivo. Para evitar a perda total de seu patrimônio, Adriano Passos de Souza, dono da barraca *Praia e Sol*, está recuando à medida que o mar avança. Semana passada, perdeu cerca de cinco metros da palhoça, um banheiro, cozinha e bar. Por isso, decidiu desmontar tudo e reestruturar mais atrás. “Esse fenômeno vem de pouco tempo. Quando comprei o local, há um ano e meio, eu tinha quatro palhoças grandes e mais 40 quiosques lá embaixo. Hoje, só restou essa aqui pela metade”, diz o empresário. Por conta do clima de abandono, poucos clientes ainda frequentam o local. Segundo Souza, o movimento caiu em cerca de 50%. Para evitar que o vento continue a destruição iniciada pelo mar, o funcionário do estabelecimento, José Ivo Romeiro de Menezes, coloca palhas de coqueiro sobre a areia tentando minimizar a erosão.²⁹

Apesar dos negócios justos e relativamente rentáveis com a barraca de praia – que, segundo Passos, era essencial para fortalecer sua fachada pública e social de legítimo “barraqueiro, pai de família, trabalhador e cidadão de bem” –, tudo aquilo dependia de muitos fatores externos: das fases da Lua, marés e variações climáticas, assim como do avanço do mar. Nesse sentido, Adriano sempre me confessava que nenhum de seus negócios se equiparava ao lucro exorbitante obtido com o tráfico de cocaína, que funcionava dia e noite, e não dependia das intempéries da natureza e do clima.

De fato, aos poucos pude constatar que aquele homem que se vestia de maneira absolutamente simples – que nunca esbanjava ou ostentava qualquer poder material, como veículos possantes, roupas caras, cordões de ouro ou armas presas à cintura –, na verdade detinha uma “sociedade criminal” ampla. Percebi que Adriano fazia parte de uma extensa rede de colaboradores, parceiros e contatos diversos, incluindo contatos com estrangeiros e “homens de farda” (policiais), que movimentavam imensas quantidades de cocaína e de dinheiro. Além disso, ele já exercia ali uma influência considerável, obtendo lucros exorbitantes com o tráfico e até mesmo com seus “negócios de fachada”, tal como Adriano costumava enfatizar em relação ao trabalho diário na barraca Praia e Sol e sua venda de salgados de praia, sempre preocupado com que tudo funcionasse devidamente, pois aquelas eram suas proteções sociais simbólicas.

²⁹ MAR DERRUBA BARRACAS NO ICARAÍ. Disponível em: <https://diarionordeste.verdesmares.com.br/metro/mar-derruba-barracas-no-icarai-1.711374>. Acesso em: 02 de agosto de 2019.

Conforme fomos aprofundando nossa relação de amizade, com o tempo a confiança se consolidou, e Passos me explicava em detalhes os principais aspectos de seus negócios ilícitos, sobretudo acerca de seu passado vivendo “no submundo do submundo do crime”: o Complexo Carandiru. Em geral, as conversas eram sempre inusitadas, direcionadas pelo próprio Adriano, que enfatizava os mínimos detalhes de seus feitos criminais passados. A partir de suas falas e gestos, eu ia desenvolvendo diversas impressões e inúmeros questionamentos internos, de modo que Passos ia me esclarecendo as dúvidas de forma gradativa, sempre ressaltando a realidade dos fatos.

Portanto, havia essa sensação que Passos estaria realmente “abrindo o jogo” de sua vida para mim, pois ele compartilhava suas narrativas com um ar de quem passou muito tempo esperando alguém que o ouvisse sem julgar e que, melhor ainda, não pertencesse ao “universo criminal”. Certo dia ele me convidou para um local reservado e me mostrou as diferenças na qualidade da cocaína que ele disponibilizava na região. Por exemplo, a mercadoria mais pura e de melhor qualidade era muito alva, e Passos a destinava somente aos clientes mais “respeitáveis” e “de confiança”, como ele mesmo dizia: sobretudo clientes considerados como “bons pagadores”. Por outro lado, as parcelas consideradas mais impura da substância, de cor levemente amarelada ou acinzentada, era destinada aos clientes considerados “insistentes”, “problemáticos” e “viciados”.

Apesar de afirmar que era um sujeito experiente nos riscos da cocaína, justamente por conta de sua extensa experiência como usuário, Adriano sempre consumia muito pó. Entretanto, eu percebia que até a forma que Adriano consumia a droga era diferenciada, e mesmo sob efeito muitas vezes ninguém notava que ele estava “cheirado”. Foi assim que, a meu ver, Passos procurou se reinventar ao máximo, a partir de significativas mudanças de atitude e esquemas muito bem construídos em torno de si (GOFFMAN, 1988). Ele sempre encontrou formas de continuar sendo o mesmo “vida loka” de sempre, pois era bastante crítico ao *sistema* como um todo, sendo alguém que vivia de forma muito independente, espontânea e desapegada. Ainda assim, Passos detinha um núcleo social sólido, e em muitas ocasiões dizia que jamais pretendia largar totalmente suas relações com o crime, que na sua visão eram administradas com extrema cautela, pois de todo modo ele já havia se aprofundado demais para conseguir largar totalmente o crime.

Em um de nossos diálogos eu cheguei a lhe tecer advertências sobre os riscos implicados em suas práticas, especificamente sobre a possibilidade de que ele envolvesse sem querer outras pessoas próximas em suas tramas perigosas, prejudicando pessoas como Eva, Rodrigo, suas irmãs ou amigos e conhecidos da família. Entretanto, Passos respondia todos os

meus conselhos apenas com um sorriso extremamente irônico na face, como se me achasse ingênuo (e me analisando de hoje, sou obrigado a concordar totalmente com ele), e utilizava o argumento de que aquele era seu destino escolhido, a sua sina, e não havia mais como mudar aquela *realidade*. Adriano havia encarnado a *via crucis*, ele tinha tomado a pílula vermelha de Morpheus e não pararia até ver onde ia a toca do coelho branco.

Se houvessem mais perdas e mortes em seu caminho, estas seriam encaradas apenas como mais uma fatalidade de sua trajetória vertiginosa, pois para ele se mostrava perfeitamente possível conviver com a memória dos mortos, e Passos me dizia que vez ou outra enxergava o espírito (espectro) de inimigos que ele havia eliminado no passado, embora eu ignorasse se isto era verdade ou não, embora ele afirmasse com muita seriedade. Portanto, considerando sua experiência, astúcia, racionalidade e estabilidade no âmbito criminal, para Adriano era impossível viver novamente o pesadelo de ser subjugado por quem quer que fosse, e ser preso mais uma vez não estava no horizonte de seus planos. Segundo Passos me confessou: ele preferia morrer antes de ser preso outra vez. E assim seu destino foi consumado, seu desejo se cumpriu exatamente como ele havia previsto.

Retornando aos elementos teórico-conceituais apresentados e desenvolvidos ao longo dos capítulos anteriores, penso que no estudo da Sociologia é possível observar a forma como determinados indivíduos conseguem se apropriar de valiosas ferramentas conceituais e prático-discursivas, sendo capazes de desenvolver uma percepção autêntica e peculiar da *teia social* de significados que o envolve, de forma mais ou menos compartilhada com outros indivíduos em seu ambiente social. Acredito que é a partir destas apropriações que podem ser geradas novas socialidades, orbitando *personalidades* que de algum modo se destacam das demais (ELIAS, 1995).

Assim, mesmo em lugares completamente ermos e distanciados, como nos confins dos sertões, onde o silêncio parece adquirir uma estranha existência particular e alheio às luzes das grandes metrópoles (SIMMEL, 1987), é possível encontrar pessoas dominando saberes inimagináveis, muitos sábios vivendo imersos na natureza selvagem da caatinga, como também viveram meus antigos ancestrais, tios e avós maternos e paternos, e coletivos humanos dominando conhecimentos adquiridos e repassados por outros familiares ainda mais sábios e experientes. É assim que as tradições e saberes familiares vão sendo repassados de geração em geração, atravessando o tempo e o espaço.

Em suma, a imaginação criativa é gerada muitas vezes da escuridão, do caos, da lama ou do nada, e produz todos os saberes mais preciosos, frequentemente ignorados pelas massas sociais imersas no turbilhão das grandes cidades. Compreendo, portanto, que a boa

pesquisa deve trazer tais elementos à tona. Nesse sentido, destaco a seguinte passagem de Maurice Halbwachs (1990, p. 143):

Assim, não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem, uma à outra, nada permanece em nosso espírito, e não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca. É sobre o espaço, sobre o nosso espaço – aquele que ocupamos, por onde sempre passamos, ao qual sempre temos acesso, e que em todo caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças.

Perscrutar lugares, pessoas e artefatos deve perpassar a observação, assimilação e análise autorreflexiva do que considero os “pontos de observância” – como o ponto de vista do policial, do motorista, do professor, do estudante ou do pesquisador –, que jamais podem ser encarados como pontos fixos num tabuleiro de xadrez, sendo quase que inteiramente movediços: transitando dentro e fora dos tabuleiros (TARDE, 1992). No ponto em que os gestos e palavras são vertidos em vórtices, que tragam o olhar por vezes desatento do pesquisador, lidar com formas práticas de saber, com correntes sociais de transmissões e trocas de conhecimentos, deve ser algo similar a realizar uma objetivação de si, não apenas enquanto pesquisador, mas também enquanto pessoa.

De qualquer forma, tudo consiste em olhar para si mediante a percepção do outro. Em outras palavras, trata-se de partir da sua própria subjetividade bruta, por assim dizer, tornando-a mais sofisticada, mais equilibrada e sensível ao que está posto diante de nossos olhos: o material humano disponível ordinário e desinteressado, e por isso mesmo genuíno. Compreendo que é a partir do banal, do cotidiano e de tudo que é repetição onde se gera o ponto central e a elaboração de formas mais autênticas e criativas de entrever as dimensões ocultas do não-visto, do extraordinário, do misterioso e do interdito: questões que devem estar validadas objetivamente, cientificamente e analiticamente, na tentativa de percorrer espaços controversos e práticas diversas empreendidas em determinados contextos sociais. Em suma, defendo que seguir o fluxo vital é o que se mostra extremamente recompensador, e de onde as experiências mais inusitadas podem surgir.

Relacionando tais reflexões à prática de escrita acadêmica, logo surge a seguinte questão: como é possível então captar e analisar algo aparentemente tão abstrato como a violência e a dor infligida e sentida pelas pessoas em sociedade? Compreendo que tais fenômenos parecem gerar incômodo justamente pelo fato de se apresentarem como sina

incontornável das próprias relações sociais, saturadas de todas as formas de conflito e violência, que já surgem abarrotadas de suas respectivas explicações morais, éticas, espirituais e até mesmo político-ideológicas. Em suma, vale ressaltar que tais temas são extremamente complexos e difíceis de delimitar cientificamente, por se mostrarem tão profundamente engendrados nas dimensões mais subjetivas e inconscientes da vida mental de indivíduos em sociedade.

Portanto, foi certamente partindo destes vários incômodos, atravessando processos que levam muitos anos para serem devidamente percebidos e posteriormente analisados, que hoje compreendo minha trajetória acadêmica como estando inegavelmente imersa em meus próprios percursos íntimos, afetivos e familiares.³⁰ Entretanto, foi justamente o fator pessoal que mais pesou em determinado momento da pesquisa, obrigando-me a buscar mais objetividade, a fim de converter minhas experiências numa escrita sucinta e realmente aproximada de meus tantos incômodos. Ressalto que, nesse processo prolongado de maturação, sempre procurei me enxergar como um conversador, antropófago ou aprendiz de pesquisador, constantemente envolvido na elaboração de percepções, métodos e problemáticas de estudo que se mostrassem pertinentes.

Por conversação, entendo todo diálogo sem utilidade direta e imediata, em que se fala sobretudo por falar, por prazer, por distração, por polidez. Essa definição exclui de nosso tema tanto os interrogatórios judiciários como as negociações diplomáticas ou comerciais, os concílios e até mesmo os congressos científicos, embora se caracterizem por muito falatório supérfluo. Ela não exclui o flerte mundano nem as conversas amorosas em geral, apesar da transparência frequente de seu objetivo que não as impede de serem agradáveis por si mesmas (TARDE, 1992, p. 95).

Por fim, como destacado em linhas anteriores, considero que foram justamente as reflexões sobre a morte – ou sobre a dor da morte – que contornaram as experiências mais impactantes e transformadoras do meu campo empírico, quando decidi me enredar em questões que antes eu ignorava por puro temor ou falta de experiência. A partir de meus tantos percursos, fui me envolvendo nas inquietudes de buscar compreender os sentidos daquilo que eu considerava o mais “ordinário”. E assim, de forma gradativa, fui inventando, combinando e assumindo para mim uma via perceptiva muito pessoal, combinada a tudo que vi nos meus

³⁰ “Seria preciso opor dois tipos de ciências, ou de procedimentos científicos: um que consiste em ‘reproduzir’, o outro que consiste em ‘seguir’. Um seria de reprodução, de iteração e reiteração; o outro, de itinerância, seria o conjunto das ciências itinerantes, ambulantes. Reduz-se com demasiada facilidade a itinerância a uma condição da técnica, ou da aplicação e da verificação da ciência. Mas isto não é assim: *seguir não é o mesmo que reproduzir*, e nunca se segue a fim de reproduzir.” (DELEUZE; GUATTARI, 1997b, p. 39, grifos dos autores).

anos de Universidade, embora sempre procurando desenvolver uma certa liberdade criativa enquanto aprendiz de pesquisador.

3 TERRITÓRIOS DE PESQUISA EM TRANSFORMAÇÃO: RELATOS DE UMA TRANSIÇÃO

Para mim só existe percorrer os caminhos que têm coração, em qualquer caminho que possa ter coração. Ali eu viajo e para mim o único desafio que vale a pena é percorrer toda a sua extensão. E ali viajo... olhando, olhando, arquejante. (CASTAÑEDA, 2013, p. 231).

O foco central deste capítulo está relacionado com a forma que decidi delinear a transição da análise de Elitônio para Adriano Passos. Nesse sentido, elaborei alguns questionamentos que funcionam como motes: como realizar um atravessamento de um personagem do sertão para um outro da cidade grande, construindo assim uma nova pesquisa? De que forma elaborar uma transição satisfatória em direção a um objeto de pesquisa completamente diferenciado, em relação ao pesquisado em minha dissertação de mestrado? É perceptível que minha análise está claramente pautada na elaboração de uma analogia entre estes dois personagens criminais: de um lado, aquele que se criou e findou a vida no sertão e, de outro lado, aquele que se criou na cidade grande e viveu em imensas metrópoles como São Paulo. Portanto, embora Adriano tenha nascido no interior do Ceará, município de Granja, conseguiu assimilar outras formas de se relacionar e de se mover no mundo ao longo da vida, realizando suas práticas criminais de forma mais “experiente”.

Do ponto de vista metodológico, em meus percursos busco exercer a arte da conversação, da escuta, da observação, da narrativa, da participação e da imaginação, inclusive em momentos de necessário isolamento reflexivo. Portanto, seja nas dimensões do campo ou fora dele, mergulhado numa espécie de solidão povoada, procuro sempre pensar fora da caixa, embora consciente de estar dentro dessa mesma caixa que eu chamo de “máquina social”, relacionada às dimensões conscientes e racionalistas de um mundo calculado, objetivo e prático. Por outro lado, compreendo que a pesquisa socioantropológica envolve muitas subjetividades, na tentativa de assimilar a dimensão oculta do outro e tornar mais nítidas as razões tácitas de suas ações manifestas.

Portanto, aprendi a fazer ciência a partir de um estranhamento das coisas ditas normais, para só então compreender o estranho de tudo implicado em minha forma de escrever e contar histórias. Por isso, neste capítulo busco destacar algumas narrativas ordinárias de campo, mas que propiciaram uma virada extraordinária em meus objetivos e metas enquanto pesquisador do “social”, na relação com os outros e seus desdobramentos.

Tais narrativas, portanto, estão fundamentadas em deslocamentos pessoais que foram atualizando e redefinindo inúmeros aspectos da minha pesquisa de Tese de doutorado, que foi adquirindo então novas perspectivas, colorações e nuances.

Por volta das 16 horas de uma tarde ensolarada de quinta-feira, 3 de agosto de 2017, poucas semanas antes de iniciar meu segundo semestre de doutorado em Sociologia, eu me encontrava em Sobral, sentado na cadeira de um quiosque ou Café, observando o livro que havia acabado de adquirir em cima da mesa. O Beco do Cotovelo do Centro de Sobral é um lugar que gosto muito de frequentar sempre que visito aquela região. Trata-se de um *locus* de passagem, onde comprei alguns livros e que serve também como um ponto de encontros e confluências: com suas várias lanchonetes, bancos, farmácias e lojas populares diversas que emprestam à cidade uma dinâmica tipicamente interiorana.

Naquele momento eu esperava ansiosamente por Fred, um amigo que conheci nos tempos em que ainda realizava minhas incursões de mestrado, por volta de 2014 e 2015. Fred tinha avisado que chegaria a poucos minutos e me faria companhia até o anoitecer, quando eu havia combinado com minha prima, Joana – e seu marido, Moreno, soldado da polícia militar –, que me pegassem na rodoviária de Sobral às 19 horas, e logo em seguida iríamos à cidade de Groaíras, onde eu pretendia me estabelecer e permanecer por vários dias visitando novamente os sertões da Pedra, pois ainda pretendia pesquisar os bandos dos sertões. O referido lugarejo foi onde empreendi grande parte das entrevistas utilizadas em minha pesquisa de mestrado, seguindo a trajetória caótica do bandido Elitônio e dos bandos armados dos sertões.

Como dito anteriormente, naquele contexto eu ainda pretendia continuar a pesquisar sobre os bandos dos sertões, embora em alguns momentos começasse a perceber que deveria realizar uma definitiva superação da trajetória de Elitônio Melo Paiva, trazendo à tona um personagem inclusive antagônico a ele e que surgia em minhas memórias como alguém que eu devia um pequeno favor: escrever um livro sobre sua vida. Como expus nos primeiros capítulos, esse alguém era Adriano Passos. Assim, gradativamente decidi incluir a trajetória de Adriano em minha Tese de doutorado, o que me fez enveredar por um caminho diferente em relação ao que havia empreendido na dissertação.

Naquela mesma tarde eu acabava de chegar da cidade de Cariré, onde havia ficado hospedado durante vários dias na casa de dois tios da parte de minha família materna. Nas duas semanas anteriores eu havia passado vários dias no sertão de Bom Princípio, na casa de outros familiares por parte de minha família paterna, próximo ao município de Morrinhos. Portanto, os meus percursos pelo interior já se estendiam por várias semanas, em que eu

transitava numa espécie de transe, andando por vários lugares do interior, indo para eventos casuais, ouvindo, fotografando e registrando tudo em busca de algo que eu não sabia ao certo. Ressalto que nunca expus meus materiais de campo em nenhuma rede social, guardando apenas em meu arquivo pessoal e para fins de pesquisa. É inevitável não lembrar que aquela foi a última vez que conversei longamente em Bom Princípio com meu tio Edilson, antes de seu falecimento em 2018. Era alguém bastante querido, pois eu havia crescido com ele muito próximo, sobretudo em constantes viagens que realizava com meu pai aos finais de semana para o interior de Água Verde, próximo ao município de Redenção, lugar que meu avô João viveu até os 98 anos de idade.

3.1 Os discursos e conversações das ruas

Suponha agora que eu lance nesta rede um sujeito sensível, ávido de manter com seu outro um espaço impermeável, puro (não tocado), consagrado; as atividades de rede, seu tráfico de informações, suas obstruções, suas iniciativas serão recebidas como tantos perigos. E, no meio dessa pequena sociedade, ao mesmo tempo aldeia etnológica e comédia de teatro de revista, estrutura parental e trapalhada cômica, está o Informante, que se agita e diz tudo a todo mundo. (BARTHES, 1994, p. 130).

Em suma, minha primeira incursão ao campo empírico após o ingresso no doutorado em Sociologia na UFC ocorreu precisamente entre julho e agosto de 2017, quando viajei pelo período de um mês, transitando pelos interiores e sertões da microrregião de Sobral: seguindo os relatos de si e do outro, sondando meus interlocutores acerca de novos casos de bandidos foragidos, bandos de assaltantes e ladrões na microrregião de Sobral. Naquele contexto eu ainda pretendia realizar visitas regulares aos familiares de Elitônio, reencontrando pessoas e retornando aos sertões que eu havia frequentado durante dois anos intensos ao longo do mestrado.

Evidentemente, esta minha primeira incursão consistia muito mais em uma revisitação, pois eu estava apenas explorando novamente aqueles lugares, embora não se tratasse de uma simples incursão entre várias outras. Internamente eu travava uma intensa e constante luta, que ocorria comigo ainda que inconscientemente. Eu me perguntava sobre qual caminho deveria seguir na feitura da Tese, projetando novos desafios e deixando determinados aspectos do passado para trás, embora toda minha pesquisa tenha relação direta com este passado e suas armadilhas quase imperceptíveis.

Inicialmente, busquei atualizar e selecionar as novas observações de campo, procurando empreender uma metodologia inspirada pela noção de *tramas humanas* (VEYNE, 2008), procurando englobar trajetórias, vivências, carreiras e relações de confiabilidade, camaradagem e familiaridade no universo criminal, especificamente questionando o uso das redes parentais como fachadas para a prática de atividades criminais. Compreendo que estes exercícios imaginativos servem para que o pesquisador vá construindo gradativamente alguns padrões de ação e relação social no âmbito do crime, elementos que acabaram sendo úteis na pesquisa sobre a trajetória de Adriano.

Em meus vários percursos no interior eu sempre costumava viajar nas “topiks”, que são os principais transportes coletivos intermunicipais da Microrregião de Sobral e realizam todos os dias os seus respectivos trajetos, de cidade em cidade, de sertão em sertão. Com o tempo as viagens se converteram no que eu chamo de “oficina de escuta”, em que eu conferia os relatos e casos mais espontâneos das pessoas, que costumavam debater sobre os recorrentes assaltos que aconteciam com bastante intensidade nas estradas e acessos da região, espalhando terror em grande parte da população. Em contrapartida, havia também muitos boatos, invenções e falácias de toda espécie. De forma curiosa, bastava estabelecer um simples diálogo, ou um mote banal de conversação, para que os assuntos sobre violência logo viessem à tona.

Portanto, o medo, a raiva e a indignação dos motoristas e cobradores de *vans* eram sentimentos que se traduziam em discursos imperativos e legalistas contra toda forma de “marginalidade”, “vagabundagem” e “bandidagem”, que para as pessoas da região pareciam despontar como uma verdadeira tragédia social sem solução. Em conversas com senhoras mais religiosas, elas garantiam para mim que a razão de tanta violência era porque “estamos vivendo o Apocalipse”. Nestas viagens presenciei também muitas confusões e vi muitos acidentes fatais nas estradas, com caçambas tombadas e pessoas ao redor.

Apesar de eu pessoalmente discordar de muitas das opiniões de meus interlocutores e informantes casuais, muitas vezes eu precisava *saber ficar calado*, a fim de evitar constrangimentos ou discordâncias inúteis. Tais experiências me fazem rememorar uma passagem irônica e curiosa de Roland Barthes (1994, p. 130):

O Informante, ingênuo ou perverso, tem um papel negativo. Por mais inocente que seja a mensagem que ele me transmite (como uma doença), ele reduz meu outro a nada mais que um outro. Sou obrigado a escutá-lo (mundanamente não posso deixar que vejam minha excitação), mas me esforço em tornar minha escuta fosca, indiferente, como que tapada

Em contrapartida, eu notava que muitos comentários negativos eram direcionados contra as autoridades policiais e políticas do Estado, que as pessoas consideravam inteiramente incapazes, ineficazes e insuficientes para dar conta de “tanto bandido à solta, fazendo o que bem quer”, como alguns gostavam de enfatizar com certo ar de sabedoria, como se estivessem falando o que todo mundo esperava ouvir. Para mim, entretanto, aquele era só mais um reprodutor de discursos prontos, discursos provenientes de outras pessoas que ele provavelmente havia encontrado naquela mesma manhã.

Eu notava que muitos discursos se repetiam, demonstrando poucas variações, como se tivessem saído de um mesmo “mote” temático ou centro de ressonância. Outro elemento bastante presente nas falas estava relacionado com a intensificação do tráfico de drogas na região, sobretudo de crack, cocaína e maconha, ocasionado pela chegada massiva das facções criminais. Ouvi boatos de que muitos desses coletivos ligados ao narcotráfico se alojaram principalmente nos bairros mais periféricos de vários municípios do interior do Estado: altos, favelas e sertões distantes que a polícia não alcança. Destaco aqui como exemplo o sertão de Bonfim, que segundo ouvi de muitos populares conhecedores da região: “é um fim de mundo onde nem a polícia entra, é terra de bandido”. Vários interlocutores afirmavam que muitos dos novos ladrões e assaltantes que surgiam naquelas imediações vinham desses sertões ermos, distantes e inacessíveis que nem mesmo as forças da lei tinham coragem de adentrar.

Como enfatizado em minha pesquisa de mestrado, constatei falas em que as pessoas afirmavam que tais facções eram compostas por muitos nordestinos, sobretudo cearenses que por inúmeros motivos retornaram de grandes favelas localizadas nas principais metrópoles do país, como São Paulo, Rio de Janeiro e, embora menos frequente, Recife e Brasília. Em suma, todos os discursos eram respaldados em respostas prontas e imediatas acerca de qualquer comentário proferido, sempre brotando nas falas, gestos e trejeitos de transeuntes, motoristas, cobradores, e passageiros, que pude observar em incontáveis viagens de coletivo.

Guiado por situações inteiramente espontâneas, eu sentia que não era necessário acrescentar absolutamente nada às falas casualmente captadas, que assumiam uma posição essencial no meu próprio campo perceptivo e imaginativo: minha Tese de doutorado estava ali e me interpelava de forma completamente natural, quando eu havia aprendido a capturar tudo aquilo como se possuísse ouvidos mágicos. O que eu achava mais imprescindível para que pudesse ser mais tarde rememorado, registrava prontamente num pequeno diário pessoal –

que somente eu seria capaz de traduzir –, levando-o sempre dentro de minha pequena mochila de viagem e discretamente ao meu alcance.

Nessas conduções, em alguns momentos eu apenas ligava o gravador de forma completamente espontânea, como quem grava ou escuta uma simples mensagem das redes sociais, a fim de registrar o som ambiente: ou melhor, as conversas que as pessoas proferiam em monólogos infundáveis, e que às vezes perduravam até o destino final dos percursos intermunicipais. Em muitos momentos, eu sentia que as pessoas realmente queriam ser ouvidas e notadas, sobretudo por seus discursos e opiniões. Refletindo tais questões, destaco aqui a preciosa passagem de Gabriel Tarde (1992, p.79):

A opinião está para o público, nos tempos modernos, assim como a alma está para o corpo, e o estudo de um nos conduz naturalmente ao outro. Poderão objetar que sempre existiu uma opinião pública, enquanto o público, no sentido que especificamos, é bastante recente. Isso é certo, mas veremos em seguida a que se reduz o alcance dessa objeção. O que vem a ser a opinião? Como ela surge? Quais são suas fontes diversas? Como ela se exprime ao crescer e, exprimindo-se, cresce, como indicam seus modos de expressão contemporânea, o sufrágio universal e o jornalismo? Qual é sua fecundidade e sua importância social? Como ela se transforma? E para que foz comum, se é que há uma foz, convergem suas múltiplas correntes?” (TARDE, 1992, p. 79).

Horas mais tarde, já na residência de familiares, amigos ou apenas conhecidos, eu procurava então analisar com mais calma aquelas gravações, tomando as devidas anotações mentais e escritas de tudo que presenciei, vi e ouvi. Nesse sentido, as viagens nas *vans* se transmutaram em verdadeiras oficinas de pesquisa, observações e diálogos intensivos, na tentativa de se inteirar acerca de todas as coisas ditas, silenciadas, ridicularizadas, conversadas, narradas e compartilhadas pelas pessoas, sem qualquer intervenção externa, embora compreendendo que o observador sempre afetará os experimentos observados, em graus e escalas variáveis.

Compreendo que não se vive sem um mote mínimo de estranhamento, e viver deve ser a forma mais sublime de estabelecer um princípio de diferença em nós mesmos, enquanto indivíduos propulsores de uma imaginação sociológica e autorreflexiva, ainda que embrionária. O campo empírico é como um terreno de relações de forças simbólicas em permanente embate geracional e transformacional que retém aspectos de duradouro. Desse modo, o estabelecimento de um ponto satisfatório de observação em campo envolve adquirir determinadas posturas relativamente seguras de se relacionar: no sentido de estar atento aos

possíveis confrontos internos e externos que implicam assumir determinadas posições, proporcionando uma vista panorâmica dos acontecimentos.

3.2 Dormindo na prisão

Uma instituição total pode ser definida como um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada. As prisões servem como exemplo claro disso, desde que consideremos que o aspecto característico de prisões pode ser encontrado em instituições cujos participantes não se comportaram de forma ilegal. (GOFFMAN, 1987, p. 11).

Regressando à narrativa inicial deste capítulo, Sobral, quinta-feira, 3 de agosto de 2017, por volta das 17 horas, Fred chega voando elétrico em sua moto, vindo direto do trabalho em que fabricava o dia inteiro peças industriais de aço e metal. Eu e Fred logo nos cumprimentamos e ficamos atualizando os assuntos corriqueiros, jogando conversa fora e rondando o Centro de Sobral lotado de estudantes universitários: jovens voltando das escolas, trabalhadores suados no caminho de volta pra casa. Às 19 horas decido pegar um mototáxi – em frente a um posto de gasolina qualquer – com destino à rodoviária grande, a fim de esperar minha prima Joana e seu marido Moreno, o policial.

Entretanto, ao chegar à rodoviária não consegui me comunicar com ninguém, pois Joana estava *off-line* nas redes sociais e quando ligava a atendente eletrônica repetia que “o telefone está fora de área ou desligado”. Então simplesmente fico por horas a fio esperando, sem respostas de que seria resgatado. Reflexivo, eu observava todos os carros que passavam e chegavam e pensava que se eles não aparecessem teria que improvisar outra dormida, pois não teria como chegar em Groaíras ainda naquela noite. As *topiks* intermunicipais já não realizavam seus trajetos à partir da 17 horas da tarde, e como estava supostamente firmado que eu teria carona às 19 horas, apenas confiei que o acordo seria mantido e não pensei em viajar mais cedo. Eu estava sentado num banco qualquer, enquanto observava por largas horas um imenso grupo de policiais, mototaxistas, taxistas e motoristas de ônibus que riam e conversavam ressonantes sobre toda espécie de assunto, dispostos numa imensa roda de conversação, logo na entrada da rodoviária. Em determinado instante vejo um automóvel

chegando e estacionando. Um senhor desceu do carro, me encara e depois fica olhando ao redor, como se estivesse procurando alguém.



Imagem 8. Transitando pelos sertões cearenses em agosto de 2017. Fonte: Arquivo Pessoal.

Eu então me aproximo e pergunto: “Boa noite, você foi mandado pelo Moreno? Você é amigo de Moreno? Meu nome é Paulo”. Embora não fosse enviado de Moreno, o senhor emendou logo em seguida, estendendo a mão amigavelmente em minha direção: “Rapaz, engraçado você perguntar isso, não fui mandado pelo Moreno não, mas meu nome também é Moreno! Muito prazer!”. Por ser um nome tão incomum, ambos soltamos uma tremenda gargalhada por conta da coincidência inusitada, e por fim nos cumprimentamos e eu então me afastei do senhor Moreno, que não era quem eu esperava, e voltei a me sentar no banco onde havia deixado minha bolsa de viagem. A coincidência cômica havia me acalmado um pouco mais, servindo como um sinal significativo de que eu deveria esperar com mais resignação, pois logo eles chegariam e algo interessante estaria por vir. Em esparsos acessos de impaciência, eu já pensava em comprar a passagem ali mesmo com destino à Fortaleza, ou quem sabe ir caminhando insanamente até Groaíras, de modo que pagaria todos os meus pecados naquela empreitada.

Apenas por volta das 22 horas, finalmente chegaram de carro Joana, minha prima, e Moreno, o policial, devidamente fardado. Eu entro no veículo rindo, afirmando que estava quase indo embora para Fortaleza por conta da extensiva demora, pois nós havíamos combinado às 19 horas e já haviam se passado quase três horas de espera sem nenhuma resposta. Porém, Joana me pediu desculpas e tentou explicar os motivos do atraso. Decidi no pensamento que aquela seria a última vez que dependeria de favores dos outros para me locomover nessas incursões, considerando que naquelas viagens eu havia me condicionado a seguir cada vez mais independente. Portanto, apenas afirmei tranquilamente que estava tudo bem. Logo em seguida, enquanto dirigia o carro, Moreno, o policial, olha pra mim e diz em um tom claramente provocador, como lhe é de costume: “Paulo, hoje tu vai dormir é mais eu lá na Pires!” Imediatamente achei se tratar de uma brincadeira, mas depois pensei que fosse alguém de quem eu não lembrava no momento.

Antes que eu concluísse o pensamento, Moreno me informa que na verdade ainda estava em serviço, pois cumpria plantão naquela noite na Penitenciária Industrial Regional de Sobral (PIRS), mais popularmente conhecida como “Pires” –, que fica à beira da estrada que dá acesso à entrada principal do município de Groaíras. O policial havia acabado de buscar minha prima no trabalho e logo depois foram me buscar na rodoviária, então ela ficaria num apartamento que os dois haviam alugado alguns meses antes, no Centro de Sobral, onde Joana estava trabalhando há anos como professora de Sociologia no ensino médio (ela também é formada em Sociologia), e por fim Moreno teria que voltar à Pires.

Joana se vira para o banco de trás e me pergunta se prefiro dormir em Sobral ou se desejava ir para Groaíras. Eu respondo prontamente que gostaria de ir direto para Groaíras, pois estava cansado e queria me organizar para fazer as incursões de campo que havia estabelecido. Como dito anteriormente, eu desejar fazer novas visitas aos sertões relacionadas à minha pesquisa de doutorado, e o tempo era essencial. Moreno então se volta para mim e diz: “Quando chegar lá na Pires a gente vê a possibilidade de conseguir uma carona que te leve pra Groaíras”. Após deixar Joana em frente ao apartamento, vou para o banco da frente do automóvel e então seguimos viagem para a Penitenciária.

Moreno e eu saímos de Sobral por volta das 23 horas. Conhecidos de longa data, eu e o policial sempre conversávamos sobre quase todo tipo de assunto, num extenso apanhado dos acontecimentos recentes, somado a assuntos banais e aleatórios ou geralmente questões relacionadas à família, mas sempre numa espécie de mútua tensão e provocação constante, em diálogos psicológicos. É certo que desde a minha dissertação muitas questões haviam ficado em aberto ou por esclarecer, além das transformações inevitáveis impostas pelo

tempo, que também envolviam diretamente a própria pessoa do policial Moreno. O policial era um dos personagens-chave de minha pesquisa de mestrado, pois ele teve relação direta com Elitônio e foi um dos seus maiores “caçadores”, como muitos dizem na região. As conversas com Moreno, portanto, foram essenciais e possibilitaram um mergulho mais completo em meu objeto de pesquisa, sobretudo no que se refere à proximidade com as zonas de tensão das emoções e das intimidades familiares erigidas entre os “homens da lei” e os “bandidos fora da lei”, oposições que eram publicamente veiculadas em rádios, *blogs*, redes sociais da *internet* e jornais de toda a região.

Havia muito a conversar com o policial Moreno, mas eu procurava ser prudente, pois mantinha relações próximas com as pessoas do sertão, mais especificamente os parentes de famosos “bandidos” mortos ou perseguidos da lei, de modo que eu tinha bastante receio em revelar detalhes que não devia. Porém, procurei estabelecer um jeito de pesquisar sem atribuir a essas questões um peso que tornasse nula a interação entre eu e Moreno. Eu procurava repetir na mente a frase de Paulinho da Viola: “Quem sabe de tudo não fale, quem não sabe de nada se cale”, como uma espécie de mantra metodológico inusitado. Assim, os diálogos que eu estabelecia com o policial Moreno seguiam a lógica de jogos mentais que apenas nós dois poderíamos compreender. Nesse sentido, quem estivesse de fora do nível particular da nossa interação jamais conseguiria entender como nos dávamos até relativamente bem, respeitando os limites um do outro.

Moreno indagava sobre minha pesquisa e sempre discutíamos e confrontávamos nossas perspectivas, numa mútua provocação e desafio de ideias constante: ele um policial, eu um estudante de pós-graduação em Sociologia. Diferentes e opostos em todos os aspectos, mas sempre travando uma espécie de “bom combate”, ambos procurando formas autênticas de *conflitar*. Eu notava que o policial sempre queria se mostrar reflexivo e um “antropólogo” nato da segurança pública, da política, do crime e da “bandidagem”, alguém que também se preocupava com as implicações sociológicas dos acontecimentos envolvendo as guerras entre a criminalidade e a Lei – ressaltando que minha prima Joana também é socióloga e ambos acabaram se influenciando mutuamente –, de modo que muitas vezes as conversas tomavam inclusive ares de discussão teórica e conceitual.

Eu notava que Moreno se portava como a voz da verdadeira experiência policial das ruas, conhecedor da “vida dura” como ela supostamente seria “na prática”, unindo às suas experiências uma considerável leitura intelectual e panorâmica da conjuntura: “Nada é tão simples como parece, o sistema está todo corrompido. Algo vai vir pra varrer toda essa roubalheira que está aí”, dizia o policial. Moreno também costumava tecer pesadas críticas

aos governantes e políticos, sobretudo ao que ele chamava de “esquerda”, que segundo ele havia levado o país ao “buraco”. Ele já havia defendido políticos de extrema direita e depois acabou se convertendo em potencial eleitor de Bolsonaro, um político radical contra quem eu nutro profunda aversão.

Desse modo, eu e Moreno somos como duas trajetórias amplamente antagônicas, distintas e distantes, mas existem ressalvas. “A família não quer ceder o indivíduo”, já explicava Freud (2010, p. 66), ao tratar dos misteriosos e severos liames familiares que nos envolvem. Portanto, era exatamente a “família”, com sua potência afetivamente carregada ao redor de si, que sempre estava no centro de todas as nossas interações.³¹ Mas nada é tão fatal assim. Considero que os contatos com universos tão conflitantes possibilitaram que eu enxergasse as pessoas como genuínos veículos transformativos e informativos do que chamamos *realidade*: engrenagens essenciais no exercício cotidiano de estar sempre ponderando e equilibrando os contrários – no outro e em si –, sem se considerar o detentor isolado de um saber definitivo acerca da realidade dos fenômenos.

O automóvel deslizava veloz sobre o asfalto ainda escaldado pelo tradicional sol implacável daquele longo dia, enquanto isso eu observava a familiar paisagem de trevas e caatinga se precipitando em todas as direções. Lâmpadas residenciais surgiam como vagalumes elétricos que escapavam pelas frestas de pequenas moradias de taipa insalubres, destruídas, distantes e solitárias, que surgiam tímidas aqui e ali. Em algumas casas precárias eu observava lamparinas como sendo a única iluminação da residência, com muitas pessoas aninhadas na minúscula porta principal do alpendre, conferindo o movimento do mesmo cenário de todos os dias, entre pesares, silêncios e risos.

Em certo momento o policial me informa que, provavelmente por conta do horário, naquela noite eu não teria mais como conseguir carona para Groáiras, onde eu ficaria na casa da minha Tia Isabel, mãe de Joana. No entanto eu já estava resignado e empolgado sobre a possibilidade de dormir na Penitenciária. Mesmo não me importando com o conforto, Moreno falou em seguida: “Relaxa, Paulo, lá na Pires tem os alojamentos dos oficiais que são até confortáveis, tem TV, geladeira e você vai dormir tranquilo”. E eu então respondi: “Por mim tudo bem, eu acho que vai ser até interessante”.

Não demorou muito tempo para que de longe eu avistasse os faróis acesos das grandes torres dispostas ao longo da imensa muralha quase interminável, como uma visão que

³¹ “Já notamos que um dos principais empenhos da civilização consiste em juntar os homens em grandes unidades. Mas a família não quer ceder o indivíduo. Quanto maior for a coesão dos membros da família, mais frequentemente eles tenderão a se apartar dos outros, e mais dificilmente ingressarão no círculo mais amplo da vida.” (FREUD, 2010, p. 66).

brota do meio da escuridão noturna da caatinga. Vale ressaltar que eu vi aquela Penitenciária começar a ser construída na época em que morei em Groáras, quando era apenas um menino muito magro, leitor de revistas de música e fã de discos de rock, entre 2001 e 2002, e também por incontáveis viagens posteriores que, por motivos pessoais, realizei àquela região. Como enfatiza Goffman (2013, p. 120): “Uma região pode ser definida como qualquer lugar que seja limitado de algum modo por barreiras à percepção. As regiões variam, evidentemente, no grau em que são limitadas e de acordo com os meios de comunicação em que se realizam as barreiras à percepção.” (GOFFMAN, 2013, p. 120).

Não deixei de notar que Pires à noite, de fato, parecia um pires luminoso instalado à força no meio do vazio, deslocado do cenário que percorri de bicicleta por muitos anos, sempre em companhia de outros amigos antigos do interior. Lembro que várias pessoas do lugar costumavam afirmar em conversas rotineiras que a “bandagem” ficou mais intensa justamente após a construção da referida penitenciária. Como por ironia do destino, eu iria dormir justamente ali: entre homens enjaulados, os fardos humanos do Estado, e os “homens de farda”, os “filhos do Estado” (SÁ, 2002). Naquela noite, portanto, eu dormiria ao lado de policiais fortemente armados e vigilantes em seus postos e torres de vigilância, que não imaginavam que eu pesquiso a construção social do “fora da Lei”.

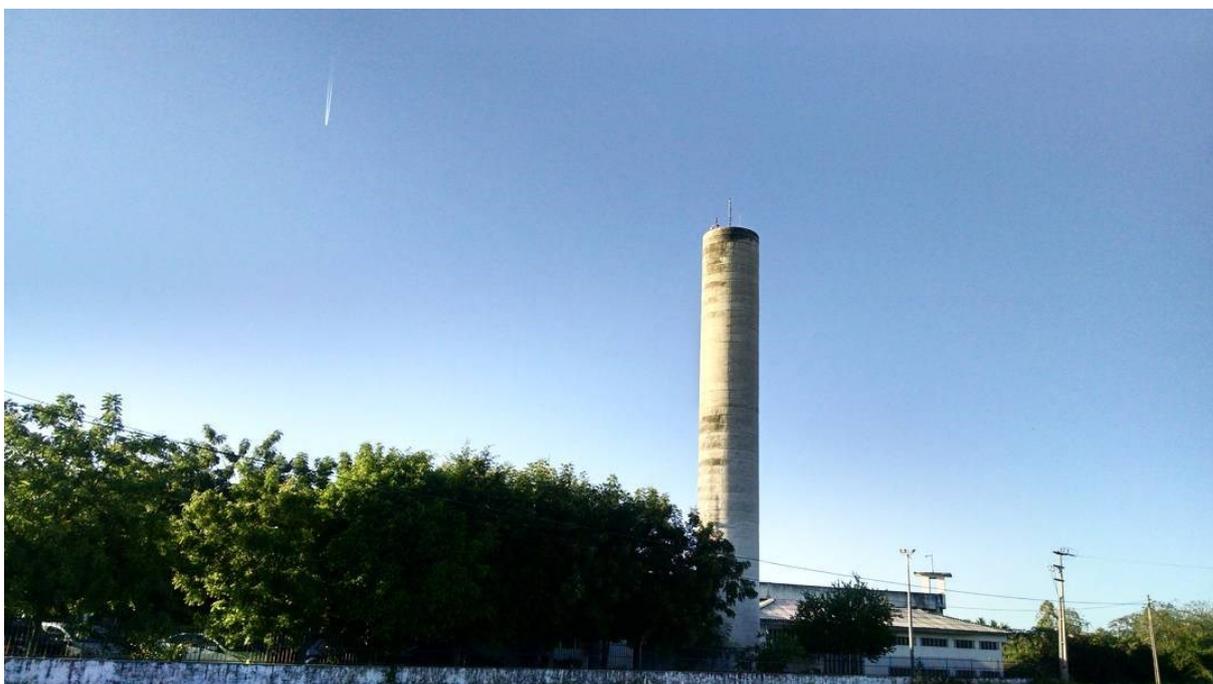


Imagem 9. A torre principal da grande Penitenciária Industrial Regional de Sobral (PIRS), popularmente chamada Pires. Fonte: Arquivo Pessoal.

Muitas reflexões se passavam pela minha mente, e eu pensava o quanto aquele dia havia sido longo e cheio de surpresas estranhas. Entretanto, aquele era meu campo empírico se evidenciando. Pela manhã eu acordava em Cariré, à tarde flutuava na turbulência escaldante do Centro de Sobral e à noite dormia numa enorme penitenciária no meio do nada, quando apenas no dia seguinte estaria na cidade de Groaíras. É isso que chamo “itinerância”: aquilo que se constrói a partir dos fluxos e liames que nos carregam, sobretudo enquanto estamos em “modo de itinerância” (DELEUZE; GUATTARI, 1997b, p. 68). Nesse sentido, a temática de pesquisa sobre o crime e a violência em seus tantos desdobramentos, nos meus percursos se revelavam sempre como uma realidade empiricamente *difusa* (BARREIRA, 2008), sendo em determinados momentos mais implícita, e em outros momentos explícita até demais. Vendo a Pires eu lembrava das narrativas de Adriano sobre o Carandiru, que naquele contexto eu ainda não cogitava incluir em minha Tese.

Lembrei ainda que entre os anos de 2013 e 2014 eu havia trabalhado como pesquisador no primeiro Censo Penitenciário do Estado do Ceará. A experiência, que além de inesquecível foi para mim humanamente impactante, mostrou-se essencial para que eu comesse a elaborar os esboços do que se constituiu minha dissertação de mestrado. Foi ali que me acerquei de “tipologias criminais”, desde a figura do traficante *playboy* de bairro nobre ao assassino mais “ordinário, cruel, frio e sanguinário”.

Compreendo que muita coisa mudou profundamente daqueles anos para cá, sobretudo no que diz respeito às configurações criminais dos presídios cearenses: pois ainda se ouvia falar escassamente das “facções”. Entretanto, entrevistei muitas pessoas, com as quais pude entender um pouco mais acerca de realidades que ninguém gostaria de se aproximar ou enxergar a fundo. Muitas histórias e narrativas que ainda se repetem em minha mente de formas variadas, que parecem nunca se modificar, transformando-se apenas os nomes, os lugares e as relações.

Naquela noite eu lembrava que a Pires havia sido uma das poucas penitenciárias que não pude visitar naquela época de pesquisador censitário. Entretanto, acabei sendo levado àquele espaço, como se alguma coisa valiosa pudesse ser somada a partir daquelas experiências. Adentrando à penitenciária já muito tarde da noite e sem muitas cerimônias, Moreno me apresentou rapidamente aos seus colegas de trabalho, que eu era o primo de sua esposa e dormiria ali aquela noite para logo pela manhã ir para Groaíras. Os dois policiais presentes apenas consentiram sem nada dizer, e Moreno logo me conduziu ao alojamento dos oficiais localizado nos andares superiores do presídio.

O alojamento tinha um ar-condicionado muito forte, com televisão e várias camas idênticas. Eu e Moreno conversamos acerca de assuntos familiares e depois caímos no sono. Acordamos por volta das 6 horas da manhã, quando o policial me informa que aquele seria o melhor horário para conseguir uma boa carona com destino a Groaíras. Arrumei a bolsa rapidamente, escovei os dentes, e logo descemos ao térreo do presídio, próximo à entrada principal, onde outros policiais já estavam acordados, animados e tomavam café da manhã na cozinha do prédio. Os “homens da ordem” estavam todos ali, reunidos (SÁ, 2002). Eu e Moreno entramos na cozinha e tomamos café com os demais policiais, que conversavam assuntos aleatórios e riam de piadas corriqueiras, preparados para mais um dia de trabalho. Eu entendia que o labor deles era cansativo e estressante, embora eu percebesse que eles nada entendiam do meu trabalho como estudante de doutorado e pesquisador.

A fim de aguardar possíveis caronas, após o café caminhamos até a beira da pista, observando os automóveis que vinham do sentido de Sobral/Groaíras, que passava bem em frente a penitenciária Pires. Poucos minutos depois, a carona chegou na forma de um caminhão de alimentos. Era o caminhão que distribuía comida, diariamente, para todas as cadeias públicas e presídios da região. Moreno me indicou como ótima oportunidade de carona, pois o motorista só pararia por 5 minutos em mais um lugar e depois seguiria em direção à Groaíras. Logo depois eu voava pelas estradas acompanhado de um motorista sobralense e extremamente conversador que me perguntava de tudo: de onde eu vinha, o que fazia, quantos dias iria ficar ali? Belchior tocava na rádio, e o homem teceu breves comentários a respeito de seu velório em Sobral, que teria se dado há poucos meses. Em 20 minutos eu adentrava o centro de Groaíras.

3.3 Dormindo no sertão

Os dias que passei em Groaíras foram pacatos, e de alguma forma eu já não sentia uma atmosfera muito favorável para a realização do trabalho de campo relacionado ao caso do “bandido Elitônio”, pois tudo parecia estar estranhamente “impedido”. Apesar de tudo, num dia ensolarado de 2017 eu resolvi contratar um mototaxista com destino ao sertão da Pedra, um lugar que eu já conhecia bem e de longa data, a fim de conversar com os familiares do jovem Elitônio, considerado um dos antigos bandidos mais perigosos daquela região. A visita dessa vez foi bem diferente das anteriores, pois cheguei lá sendo recebido como alguém que

acabou se tornando bem mais que um “conhecido”. Eu praticamente já era “de casa”, apesar das distâncias entre Fortaleza e os sertões.

Como sempre fui recebido muito bem por Dona Virgínia, que logo tratou de me servir café e alguma merenda. As conversas prosseguiram e o tema Elitônio parecia algo mais distante naquele contexto. O que mais me marcou foi a sensação de que aquele núcleo familiar, sobretudo os demais filhos de Dona Virgínia, bem mais maduros, casados e com suas vidas particulares, queriam fazer de tudo para esquecer toda a confusão em que o irmão enveredou, e onde acabou encontrando a morte.

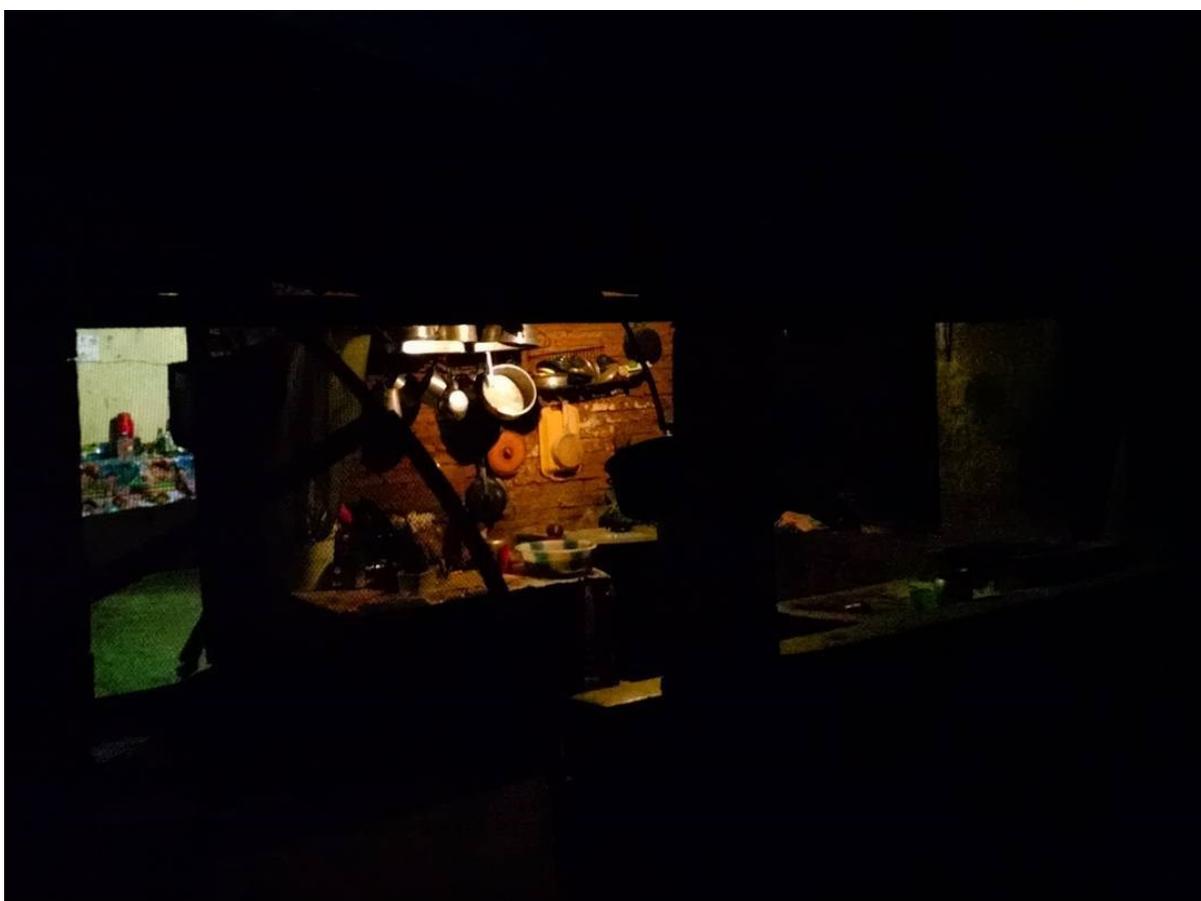


Imagem 10. Cozinha de Dona Virgínia vista do quintal, agosto de 2017. Fonte: Arquivo Pessoal.

Naquela ocasião, portanto, conversei isoladamente com o irmão mais velho de Elitônio, e também com os demais membros mais jovens da família, que me confessaram que todos, com exceção de seus pais, Dona Virgínia e Seu Francisco, queriam superar Elitônio, tornando-o apenas uma memória individual de cada um, seguindo em frente sem ficar se contendo demais num passado que foi extremamente doloroso e desconfortável. Dona

Virgínia, entretanto, era a que mais lembrava do filho assassinado, o que de certo modo irritava e incomodava visivelmente os outros irmãos de Elitônio.

Dessa forma, percebi o quanto eu ainda estava reavivando, talvez erroneamente, determinadas emoções e sentimentos negativos no seio daquele núcleo familiar, procurando extrair daquelas pessoas intermináveis elementos de um caso que posteriormente se mostrou um verdadeiro fardo na memória dos demais integrantes da família, sobretudo para os irmãos e irmãs de Elitônio. Em minha dissertação, Dona Virgínia já havia destacado em inúmeros momentos o quanto era perseguida e evitada socialmente por ocasião da memória do filho, justamente por ser considerada uma “mãe de bandido”.

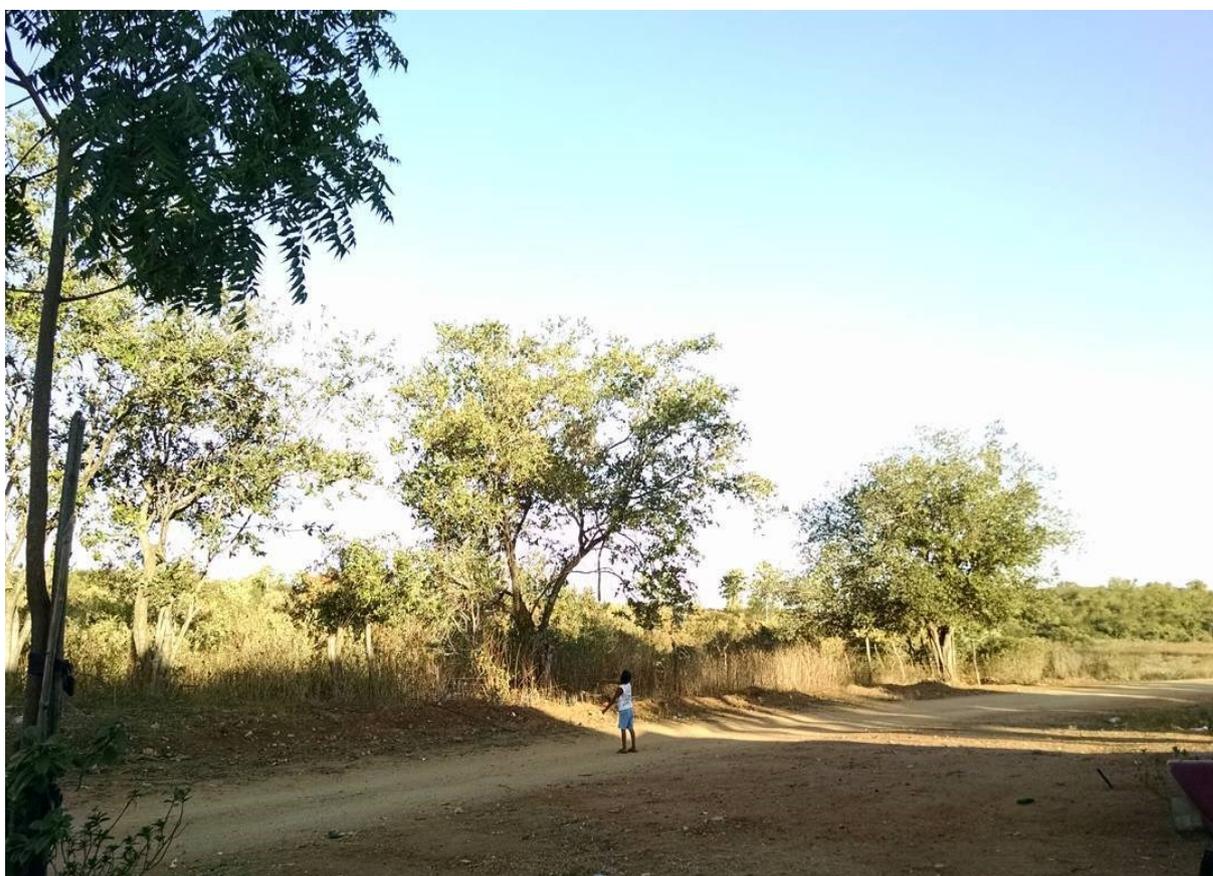


Imagem 11. O filho de Elitônio brinca solitário jogando pedras em uma árvore. Fonte: Arquivo Pessoal.

Nesse sentido, intuindo o que os demais irmãos e parentes de Elitônio viviam socialmente, sendo sempre vistos negativamente, como estando diretamente relacionados ao irmão “desviante”, eu compreendi que a minha pesquisa sobre Elitônio já estava concluída, pois notei que eu mesmo já não tinha tanta vontade de continuar extraindo informações repetidas que já haviam sido ditas anteriormente em várias entrevistas que realizei com aquele

núcleo parental, nos sertões da Microrregião de Sobral. Portanto, ao retornar daquela viagem eu estava decidido que minha pesquisa de doutorado seria completamente diferente da dissertação, embora eu tente realizar paralelos significativos com os modos de vida e as práticas criminais de Elitônio e Adriano Passos.

Naquela visita eu acabei bebendo até o anoitecer com vários primos, irmãos e amigos dos familiares de Elitônio, fomos parar num bar nos confins de outro sertão que nem tinha um nome definido, e acabei dormindo num dos quartos da residência de Dona Virgínia e Seu Francisco, de modo que pela manhã ainda me serviram café e depois providenciaram alegremente um transporte de retorno. Aquela visita, portanto, foi muito crucial e simbólica para mim, pois determinou uma aproximação muito maior com aquela gente, embora esboçasse um fim provisório de um processo muito longo, que começou em 2012 e acabou culminando na minha defesa de dissertação. Portanto, trata-se de um processo de autoanálise (BOURDIEU, 2005) e de uma busca mental e criativa que só se concluiria após a conclusão de minha Tese, no que estou envolvido há muitos anos.

Anos depois da visita realizada aos sertões da Pedra em 2017, em 2020 fui morar em Groaíras para viver mais próximo da minha mãe, pois o mundo atravessava uma pandemia de escala global que impactou em muitos aspectos da vida de todos. Em dezembro de 2020, certo dia alguém bate no meu portão, por volta do meio dia, e quando abro tenho uma surpresa: era Dona Virgínia. A senhora ressaltou que havia ficado sabendo da minha estadia na cidade e como tinha ido resolver questões no centro decidiu bater na minha porta e me convidar à sua casa, depois de vários anos passados. Entretanto, naquela ocasião não tive como visitá-la, a pandemia ainda havia piorado e logo depois me mudei para outra cidade, tornando a visita cada vez mais adiada. Ressalto que no futuro ainda pretendo visitar Dona Virgínia com certeza, mas dessa vez pretendo estar mais tranquilo e seguro em relação ao que devo conversar com ela.

Em muitos aspectos, a pesquisa sobre a vida criminal do jovem Elitônio trazia um peso que posteriormente me senti impossibilitado de carregar, além de considerar o fato de que a vida e trajetória de Adriano Passos parecia abranger mais profundamente determinadas questões que eu pretendia trazer à tona em meu texto de Tese, ressaltando a chegada e proliferação das facções no estado do Ceará, as possíveis analogias entre criminalidade no contexto urbano e no contexto interiorano, assim como os elementos relacionados com a racionalidade, a intimidade e a recursividade moral no âmbito das tramas do crime e da ordem, com o fenômeno da violência e do conflito sempre margeando todos os aspectos referenciados. Em suma, este foi meu relato criativo de como ocorreu a minha transição

conceitual na escrita da pesquisa de Tese, quando decidi encerrar um processo iniciado na dissertação, que não me dava mais horizontes novos para avançar, de modo que decidi iniciar outro projeto completamente diferenciado, trazendo à tona outras perspectivas acerca da construção e transformação do personagem considerado “fora da lei”.

3.4 Elaborando uma forma de luta

Ainda que a relação de pesquisa se distinga da maioria das trocas de existência comum, já que tem por fim o mero conhecimento, ela continua, apesar de tudo, uma relação social que exerce efeitos (variáveis segundo os diferentes parâmetros que a podem afetar) sobre os resultados obtidos. Sem dúvida a interrogação científica exclui por definição a intenção de exercer qualquer forma de violência simbólica capaz de afetar as respostas; acontece, entretanto, que nesses assuntos não se pode confiar somente na boa vontade, porque todo tipo de distorções estão inscritas na própria estrutura da relação de pesquisa. Estas distorções devem ser reconhecidas e dominadas; e isso na própria realização de uma prática que pode ser refletida e metódica, sem ser a aplicação de um método ou a colocação em prática de uma reflexão teórica. (BOURDIEU, 2008, p. 694).

Como um fechamento conceitual do presente capítulo que expõe algumas de minhas narrativas de campo, considero que é perseguindo questões aparentemente práticas e cotidianas de outras pessoas que o pesquisador acaba visualizando e aperfeiçoando ainda mais suas próprias ferramentas discursivas, conceituais e metodológicas, num exercício permanente de autoanálise: relatando a si mesmo no campo e buscando solucionar ou ao menos apaziguar e abrandar suas próprias inseguranças e inquietações existenciais, na regulação e mediação de emoções irresistíveis que brotam em todo fazer científico.

É necessário, portanto, buscar uma forma autêntica de se posicionar em campo, lutando por um ponto de visão e agência que esteja devidamente a par das inevitáveis diretrizes coletivas: operando em favor dos olhares que divergem continuamente. Afinal de contas, enxergamos sempre através do olhar opaco dos outros. Portanto, mostra-se fundamental elaborar estratégias no sentido de combater possíveis dominâncias, ataques, distorções e apropriações indesejáveis de nosso universo conceitual e investigativo: na busca por um lugar ao sol que ilumine campos práticos de saber humano.

Como ressaltado pelo misterioso índio Don Juan Matus, no livro de Carlos Castañeda, e que havia me chamado bastante atenção: é necessário que o pesquisador assuma *una forma para pelear*, que pode ser traduzido em uma “forma de luta” (CASTAÑEDA,

2013, p. 223)³². Logo notei a curiosa correspondência entre a palavra espanhola “*pelear*” (lutar) com a palavra em português “*pelejar*” (teimar, insistir ou resistir), popularmente utilizada no dia a dia em todo o Estado do Ceará.

Destaco tais elementos de forma reflexiva, pois considero que a prática de pesquisa consiste justamente em estabelecer uma forma de luta, em ambientes muitas vezes hostis: onde o pesquisador enfrenta muitos desafios, como também ouve muitas críticas negativas e distorções acerca de seu verdadeiro trabalho e motivações pessoais. Portanto, não se trata de uma luta corpórea, mas de uma luta mental, psicológica e simbólica. Nesse sentido, penso que tudo consiste em focar na conquista de um espaço de equilíbrio interno, lidando com as contrariedades do acaso e das confrontações humanas; praticando deslocamentos, percebendo e olhando tudo. Portanto, a prática de pesquisa é realmente uma peleja, o que implica em assumir uma postura de luta (simbólica) permanente.

Nesse sentido, penso que tudo consiste em estabelecer uma maneira de se portar frente às confrontações visíveis ou invisíveis do campo empírico – lembrando que, para Pierre Bourdieu, a prática sociológica consiste num verdadeiro “esporte de combate”. Portanto, um combate que certamente envolve uma insistência, ou a incorporação de uma visão realçada e aperfeiçoada pela imaginação autorreflexiva: que pode ser realizada por qualquer indivíduo que carregue as sementes essenciais de uma busca profunda, e existem muitos assim. Particularmente, minhas buscas foram inspiradas em formas peculiares de encarar a aparente confusão social, tentando sublimar algo a partir daí.

Aprendi que para realizar a sublimação é necessário que o pesquisador desenvolva um espírito mais ousado, saindo do casulo confortável, passando temporadas fora da cidade, visitando lugares ermos, onde ninguém quer ir, e tentando conquistar aí uma posição corporal e psicológica voltada para a dinâmica de seus deslocamentos, estabelecendo um combate bom com as oposições das pessoas e das coisas encontradas pelo caminho. Para isso é necessário estabelecer um equilíbrio interior em relação ao que se faz, para daí desenvolver formas inusitadas de pelejar no campo empírico. Tudo consiste em encontrar um ponto bom, livrando-se de qualquer intervenção do ego ou vaidade pessoal: elementos que turvariam as relações e nossa própria interpretação e análise.

³² Dom Juan parecia estar muito preocupado, estado muito raro nele. Isso naturalmente aumentou minha apreensão. Falou que não tinha ideia clara de quem tinha capturado minha alma, mas que, fosse quem fosse, sem dúvida pretendia matar-me ou me tornar muito doente. Então deu-me instruções muito precisas sobre a ‘forma de luta’, uma posição do corpo específica a ser mantida enquanto ficasse no meu ponto bom. Eu tinha de manter essa posição que ele chamava de forma de luta (una forma para pelear)” (CASTAÑEDA, 2013, p. 223).

Por fim, para o pesquisador social, muitas vezes é necessário apenas aprender a escoar pelos fluxos diários, livrando-se de amarrações mentais e projeções inconscientes, indo ao âmago de suas sociogêneses. Afinal, somos apenas aprendizes de diferentes maneiras de observar as transformações e as diferenças da vida social. Portanto, tudo consiste em buscar uma postura de pesquisa que se diferencie na capacidade de observação do “ordinário” como produtor do “extraordinário”: enxergando mais além dos pontos de aglutinação dos fenômenos das interações sociais conflitivas, envolvidas no constante embate entre imagens de “conservação” e “subversão”, em choques sucessivos que, por fim, produzem “transformação social”.

4 AS NARRATIVAS DE ADRIANO: UM INDIVÍDUO EM ROTA DE FUGA

O que eu sabia dele era que ele tinha morado em São Paulo. Até determinado momento ele morava em São Paulo. E que ele tinha trabalhado em São Paulo com um irmão dele num hotel. (...) O irmão dele era tipo gerente desse hotel. E aos poucos quem trazia alguma coisa do Adriano era minha mãe. Ela falava, assim... Ah, eu acho que ela deveria até se sentir mais confortável de falar pra mim, porque eu lembro que naquela época eu tinha uma certa... Sempre tive uma certa moralidade assim comigo, sabe? Em relação a drogas, à bebida, assim, eu nunca... Tanto que a minha relação com drogas só foi passar a existir na verdade quando eu saí de casa. Porque, como eu via as pessoas, como minha mãe ficava, como algumas pessoas ficavam, eu sempre tinha uma aversão àquilo. Tu mesmo sabe que quando a gente saía, né? Às vezes você tomava uma cerveja com o Adriano e o Igor, e eu não. Então pra mim existia essa questão, sabe? Então, minha mãe ela trazia essas informações e, tipo assim... Eu também, eu nunca fui de julgar ninguém, assim, pelas coisas do passado, e tal. Sempre ouvi, ficava surpreso com as informações que eu ouvia. De pessoas, personagens que existiam ali na Barraca, por exemplo, que apareciam do passado do Adriano, que eu sabia que ele era amigo deles. Eu só não sabia como é que era... Com o tempo fui sabendo que era ligado a uma prisão, ou a um crime. Então, pra mim assim, sobre o passado do Adriano, eu recordo um dia que a gente até virou a noite nesse dia. E ele contou como é que foi a história dele, como que ele saiu do Ceará... O modo como eu lembro hoje talvez não seja o modo como ele me contou. Mas o que ficou na minha mente é que ele saiu cedo do Ceará. Ele cometeu um crime com uma galera assim dele. Que eu acho que no interior ali do Ceará, lá por Granja, devia haver muita gangue na época. Acho que até o Brasil mesmo tinha acho que uma certa moda de ter gangue naquela época. E eles meio que revidaram uma agressão contra um amigo deles, e tipo bateram num cara que era policial, sei lá, algo ligado à polícia. E aí a solução foi ele ir pra São Paulo. Em São Paulo ele foi abrigado por um cara de uma padaria. E ele morava na padaria e trabalhava na padaria. Até que uma vez ele roubou a padaria, e aí foi mandado embora. E depois ele ainda processou o dono da padaria, processou por direitos trabalhistas. Não sei como é que ele foi parar no Carandiru... Não sei qual foi o evento que fez ele parar no Carandiru. Aí depois de um tempo minha mãe apareceu com umas fotos dele assim e tal. Mas isso só foi se tornar mais claro entre a gente quando ela teve que viajar pra São Paulo com ele pra eles legalizarem a situação dele. Ele teve que vir pra cá pra São Paulo, pra meio que falar com o juiz, pra dizer que tava casado e que trabalhava, tinha uma vida de um “cidadão de bem”, entre aspas, né? E assim pra mim nunca foi uma coisa que eu julgasse mal.

(Relato de Rodrigo, dezembro de 2021, Atibaia - São Paulo).

Como procuro frisar em vários pontos, o resgate da trajetória de Adriano Passos possibilitou clarear questões que procurei trazer à tona ainda em minha dissertação de mestrado, como por exemplo: qual a função simbólica da família no universo criminal? Quais as fronteiras, limites e demarcações do que está “dentro da lei” e do que está “fora da lei”, uma vez que na vida prática todas as dualidades estão profundamente embaralhadas? Outro de meus questionamentos surgiu da ideia de que ao escrever sempre acabamos nos envolvendo na criação de “personagens”, embora tais personagens devam se basear numa realidade

minimamente palpável, considerando a dimensão específica da realidade social na qual determinados indivíduos estão inseridos. Entretanto, considero que nunca é possível captar de forma absoluta a realidade concreta das relações humanas, pois estas estão sempre escapando de nossas mãos e sentidos, uma vez que as narrativas sociais partem sempre de “interpretações acerca do que ocorreu”, de modo que tais interpretações costumam conflitar, pois dependem de percepções mais subjetivas acerca dos fatos observados.



Imagem 12. Adriano capturado com um terço no pescoço. Fonte: Arquivo Pessoal.

Portanto, falando de forma metafórica, posso afirmar que ao longo deste trabalho, por várias vezes o personagem Adriano pareceu me escapar completamente, pois em muitos momentos eu parecia não enxergar e nem compreender mais as suas ações e motivações criminais. Em muitos momentos Adriano parecia tão estranho, fugidio e inalcançável que pensei inclusive em desistir da pesquisa, ou melhor, do livro encomendado por ele, e que eu não imaginava que pudesse um dia se tornar algo concreto. Se estudar um vivo já é extremamente complicado, estudar gente morta é bem mais difícil do que se imagina, ainda mais se tratando de alguém que você conheceu intimamente.

Quando eu pensava em desistir da pesquisa, pouco antes de estourar a pandemia de Covid-19 em todo o mundo, em março de 2020 eu tive um sonho com Adriano em que ele aparecia muito preocupado, cansado e suado, como se tivesse vindo a pé e no sol quente de um lugar muito distante. Seus bolsos como sempre estavam abarrotados de objetos não identificados que ele apalpava avidamente, como quem verifica se perdeu ou deixou cair alguma coisa na rua. Ele não falava, e apenas me encarou e gesticulou que eu fosse encontrá-lo num lugar que de algum modo eu já sabia qual era.

No fim do sonho eu o encontrava nos fundos de uma residência muito parecida com a casa em que ele e Eva foram assassinados, e que eu frequentei quando ainda andava no Icaraí. Naquele quintal nós conversamos, e Adriano me falou coisas específicas que esqueci completamente ao acordar. De qualquer forma, alguma coisa ficou registrada daquele encontro imaginário, como uma força ou impulso inconsciente (FREUD, 2001) que me possibilitou concluir a presente Tese. Percebi que geralmente quando sonhava com Passos sempre via ele ao lado de Eva, mas neste sonho estava sozinho.

Outro detalhe curioso é que em suas narrativas Passos sempre costumava enfatizar as inúmeras fugas que realizou no passado: seja as fugas de prisões, as fugas de uma cidade para outra, as fugas de possíveis detenções ou as fugas de realidade da cocaína. Com o tempo eu percebi que em grande parte as histórias de Adriano se relacionavam bastante com sua condição de foragido, em processo permanente de escape, que ele muitas vezes narrava rindo e com um certo brilho no olhar, como quem conta grandes feitos.

Certa vez ele me confessou que anos antes havia batido na traseira de um carro numa movimentada avenida de Fortaleza, no momento em que ele estava quase saindo da cidade em direção a Caucaia. Ao notar a batida o motorista do outro carro logo sinalizou para que Adriano parasse no acostamento, e Adriano foi encostando lentamente, indicando que estava parando conforme solicitado. No entanto, quando o outro motorista desceu do veículo

Adriano simplesmente acelerou o automóvel e bateu em retirada, na clara intenção de se evadir do local.

Passos começou então a ser seguido, se envolvendo em uma intensa perseguição que se estendeu até depois da Barra do Ceará. Assim, ele precisou fazer uma série de manobras e entrar em várias ruas e acessos complicados, a fim de despistar o motorista furioso. Entretanto, ele me confessou que não podia ter parado de forma alguma naquelas circunstâncias, pois o carro que dirigia estava completamente irregular, além de que se ele fosse apanhado por policiais certamente seria detido e encarcerado, pois havia muita cocaína no veículo, sem falar de seu extenso histórico de graves pendências com a Lei, de modo que nessa conjuntura ele já era profundamente envolvido com o tráfico de drogas nos bairros praianos de Caucaia, seguindo um caminho sem retorno.



Imagem 13. A identidade de Adriano, ou José Passos de Sousa. Fonte: Arquivo Pessoal.

Embora minha pesquisa de mestrado apresente algumas similaridades por se tratar da análise de uma trajetória de vida, considero que meu esforço foi bem diferente do que empreendi neste doutorado, pois jamais havia conhecido Elitônio pessoalmente, mas apenas ouvi falar dele antes de sua morte, com base nos boatos de pessoas próximas. Por outro lado, com Adriano tive uma relação de grande proximidade, o que impacta em inúmeros aspectos da pesquisa. Portanto, creio que é neste ponto que o pesquisador testa sua capacidade de ressignificar suas próprias relações íntimas e sociais, assim como estabelecer limites aceitáveis de relação no âmbito do fazer científico.

Por conta de Adriano, um fã confesso do grupo de rap paulista Racionais Mc's, hoje penso que o mundo social nada mais é do que esta *sobrevida* em constante escape, em que a única meta consiste em não ser capturado pelo Estado. Tudo isso envolve a condição de uma permanente fuga social da “civilização”, que implica um desejo ou pulsão de morte (FREUD, 2010). Compreendo que até os agentes desviantes tem necessidade de demandar pulsos de ordem, e por isso mesmo são chamados *agentes*. Em outras palavras, se somos completamente livres queremos fugir de todas as obrigações, pressões e demandas impostas pelo mundo social, embora em sociedade seja quase impossível ser inteiramente livre e desgarrado do imenso rebanho de corpos humanos em choque.

Nesse sentido, compreendo que a fuga é paradoxalmente uma espécie de “motor social”, um elemento impulsionador que induz os agentes sociais ao desejo irresistível de já ser capturado – ou, em outras palavras, ser “classificado” –, de modo que para ser capturado é necessário que antes se esteja em processo de fuga, e a vida de fuga é uma vida de aprisionamento, é uma vida constantemente “atrás das grades” (imaginárias ou concretas). De todo modo, não é apenas o “fora da lei” que está tentando escapar. A busca delirante e inesgotável pelo vazio do consumo e do status social da sociedade ocidental contemporânea é uma forma de fuga talvez ainda mais grave e desonesta que a fuga daqueles que não se adequam ao *status quo*. Portanto, compreendo que a irresistível “máquina de ressonância Estado” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 83-115) sempre irá produzir um desejo inconsciente e compulsório de englobar e ser englobado, de devorar e ser devorado, de classificar e ser classificado, de modo que são estes jogos de dominâncias que, bem ou mal, impulsionam o próprio viver social.

Procurando abordar outras questões mais conceituais ao fim deste tópico, compreendo que um indivíduo humano (portanto, social) nunca será o mesmo ao longo de sua trajetória de vida, uma vez que sua principal característica é a transformação permanente, ou seja, a fuga de um estado para outro estado, sempre em busca da linha de menor resistência,

em oposição às linhas rígidas do viver. Assim, pode-se indagar: com tantas explicações acerca da “realidade”, o que é possível obter com a investigação científica ou, mais especificamente, com a investigação sociológica?

De maneira geral, a pesquisa científica possibilita uma aproximação mais ou menos rigorosa do que se poderia chamar “núcleo duro da realidade” (BARTHES, 1972), seja esta “realidade” física, biológica ou social, pois qualquer estudioso sabe que há muito o que aprender a respeito dos fenômenos naturais, seus mistérios e complexidades. Neste ponto, vale destacar a seguinte passagem de Pierre Bourdieu (1996):

A noção de espaço contém, em si, o princípio de uma apreensão *relacional* do mundo social: ela afirma, de fato, que toda a ‘realidade’ que designa reside na *exterioridade mútua* dos elementos que a compõem. Os seres aparentes, diretamente visíveis, quer se trate de indivíduos quer de grupos, existem e subsistem na e pela *diferença*, isto é, enquanto ocupam *posições relativas* em um espaço de relações que, ainda que invisível e sempre difícil de expressar empiricamente, é a realidade mais real [...] e o princípio real dos comportamentos dos indivíduos e dos grupos (BOURDIEU, 1996, p. 48-49, grifos do autor).

No que se refere aos fenômenos sociológicos, somos propensos a afirmar que estes são ainda mais imprevisíveis e paradoxais, justamente por conta do elemento profundamente subjetivo, inerente ao próprio agir humano, embora o fator da imprevisibilidade no mundo social não deva ser encarado de forma tão aterradora quanto se pensa. Em muitos aspectos, pode-se afirmar que tudo se relaciona com o problema do ponto de vista do observador³³. Basta alterar a perspectiva de análise, ampliando um pouco mais o campo de visão e reflexão (SIMMEL, 2006, p. 14), para perceber que de todo caos social sempre emergiu e sempre irá emergir em algum momento histórico, num dado tempo e espaço social, alguma espécie de ordenação e estruturação mais ou menos lógica das pessoas, dos hábitos, das leis e das coisas: produzindo então o que chamamos de *sistemas*, sejam eles religiosos, políticos ou científicos.

³³ Eugen Wigner, físico ganhador do prêmio Nobel, atesta que o papel da consciência no âmbito da teoria quântica é imprescindível. Capra revela igualmente a importância do observador na produção dos fenômenos quânticos. Para ele, o observador não só testemunha os atributos do evento físico, como também influencia na forma como essas qualidades se manifestarão. Pauli declara: ‘A ciência da microfísica, devido à ‘complementaridade’ básica das situações, enfrenta a impossibilidade de eliminar os efeitos da intervenção do observador por meio de neutralizantes determinados e deve, portanto, abandonar em princípio qualquer compreensão objetiva dos fenômenos físicos. Onde a física clássica ainda vê o determinismo das leis causais da natureza nós agora só buscamos leis estatísticas de probabilidades imediatas’. [...] Nenhuma lei natural deve ser formulada dizendo-se ‘tal coisa acontecerá em tal circunstância’. Tudo o que o microfísico pode afirmar é que ‘de acordo com as probabilidades estatísticas, tal fenômeno deve acontecer’ (von Franz, 1964/2005, p. 308).’ (ADAMO, 2020, p. 13).

Em suma, ao redor qualquer núcleo biológico humano é bastante provável que sempre surgirá algum esboço de linguagem e codificação social, como uma sistematização mais ou menos estruturada de crenças e laços parentais que funcionam como arcabouços simbólicos de um determinado povo. Portanto, considero que evidenciar e analisar estas “lógicas sociais” é a tarefa a ser empreendida pelo cientista social. Nesse sentido, compreendo que mesmo em meio a uma realidade aparentemente disforme, ainda assim é possível identificar determinados padrões de memória, ação e formação social, o que pode ser observado na análise de qualquer constructo e coletividade humana.

A partir do momento em que se registra um nascimento e uma nova vida é gerada, identifica-se aí uma máquina de reprodução social geradora de outras sociedades (TARDE, 2003)³⁴: ou seja, um aglomerado humano com potencial caótico e ordenador, de vida e de morte, que se reconfigura incessantemente, na busca por sentidos provisórios e duradouros. Inclusive, pode-se entrever aqui um conflito primordial entre imagens sociológicas de conservação e transgressão, com correntes sociais que respaldam o *status quo* e correntes sociais que o questionam a todo momento.

A pesquisa científica lança luzes sobre o fato de que nem tudo no universo social é tão caótico e disforme quanto parece, pois sempre haverá uma ordem tácita por detrás da aparente desordem generalizada. Portanto, é desse mesmo “caos” que surgiu toda espécie de segmentaridade humana: as tribos, os brasões, as leis, as ideologias, as constituições, as jurisdições, as empresas, as fronteiras, as armas, as artes, etc. No pano de fundo da gênese sociológica de todos os povos ao redor do mundo, é sempre possível captar aquela potência social amorfa que luta por adquirir formas, e que se transforma nessa mesma luta, ou seja, transforma-se a partir de um drama, impacto ou trauma³⁵.

Indo mais além, um físico quântico constrói seu objeto de estudo de forma bastante similar ao procedimento de um cientista social, uma vez que ambos devem estabelecer seus respectivos objetos de experimentação e análise a partir de observações e deslocamentos imaginativos, uma vez que sem movimento reflexivo e um ponto fixo não há construção de formas. Eis aqui, mais uma vez, um problema científico clássico: as relações entre o observador e objeto observado.

³⁴ Como afirma Gabriel Tarde (2007, p. 65): “Eis o suficiente para provar, creio eu, que a ciência tende a pulverizar o universo, a multiplicar indefinidamente os seres.”

³⁵ “Deparar com seu limite, com sua impotência constatada: que choque terrível para todo homem e, antes de tudo, que surpresa! Nessa pretensão universal do infinitamente pequeno ao infinitamente grande, e no choque universal e eterno resultante, há certamente com que justificar o pessimismo. Para um desenvolvimento único, bilhões de abortos! Nossa noção da matéria traduz bem esse caráter essencialmente contrariante do mundo que nos cerca.” (TARDE, 2007, p. 124).

Portanto, seja na sociologia ou na física teórica, de acordo com o transcórrer dos respectivos processos científicos, posteriormente os pesquisadores devem concretizar suas pesquisas de acordo com os dados brutos encontrados ao longo das investigações, seja casualmente ou intencionalmente, fazendo com que tais dados dialoguem entre si, utilizando então as ferramentas teórico-metodológicas escolhidas para a devida realização do trabalho. Entretanto, muitos cometem o erro de formular questões excessivamente teóricas antes mesmo de aprofundar e analisar os fatores empíricos disponíveis. Neste caso, é como tentar subjugar a realidade social, moldando-a de acordo com as próprias fantasias e devaneios teóricos do pesquisador (BECKER, 2007).

Portanto, considerando estas questões e reflexões fundamentais para a compreensão do “fazer científico”, compreendo que – assim como concluíram os principais expoentes da física quântica – na pesquisa sociológica ou antropológica tudo sempre será afetado e alterado pelo próprio pesquisador (ou seja, o *observador*), ainda que isto ocorra de forma inteiramente inconsciente. Em suma, o observador sempre afetará o objeto observado, por mais que ele tente isolar radicalmente tal objeto, pois sempre restarão arestas e liames externos esquecidos ou ignorados, que certamente irão impactar nos resultados finais da análise. Nesse sentido, pode-se afirmar que a imparcialidade absoluta não existe objetivamente no universo social: o que existe são tentativas graduais de aproximação em relação às *realidades* humanas investigadas cientificamente.

A fim de realizar esta aproximação, em muitos momentos precisei praticar deslocamentos não apenas físicos, corporais, mas em grande parte mentais e psicológicos, saindo mais de uma zona de conforto metodológico-conceitual que eu havia ingressado ainda na época do mestrado. Portanto, fui procurando agregar gradativamente novos elementos e outros autores inusitados à minha escrita, a fim de realçar outras tonalidades, trazendo o pesquisador para mais próximo do objeto pesquisado.

Assim, busquei confrontar meus interlocutores em seus principais *locus* de ação e relação, como uma forma de reunir e agrupar em torno de minhas investigações trajetórias em muitos aspectos diferenciadas, embora simultaneamente enredadas e interconectadas em contextos sociais regionais ou orbitando esferas mais centrais, que considero mais diretamente relacionadas com os grandes núcleos de emanção e ressonância da máquina de poder e fascinação do Estado (DELEUZE; GUATTARI, 1996; CLASTRES, 1979). Nesse sentido, foi assim que procurei estabelecer relações e conexões em campos completamente diferenciados, procurando realizar uma convergência das experiências vividas por Adriano Passos no interior de Granja onde nasceu, em São Paulo, Fortaleza e, principalmente, nos bairros praianos do

município de Caucaia, região metropolitana de Fortaleza, onde ele passou seus últimos anos de vida. Portanto, ao longo do texto busco contrastar os elementos disponíveis em minha pesquisa sobre Adriano com as experiências que vivi nos sertões da região noroeste do Estado do Ceará, quando ainda decidia sobre o que pesquisar, o que acabou se convertendo neste trabalho. Em suma, é perceptível como as relações de pesquisa foram inegavelmente configuradas por minhas próprias relações íntimas e parentais.

4.1 Nos fluxos da cocaína: um aprendiz sob efeito

Estávamos em algum lugar perto de Barstow, à beira do deserto, quando as drogas começaram a fazer efeito. Lembro que falei algo como “estou meio tonto; acho melhor você dirigir...” E de repente fomos cercados por um rugido terrível, e o céu se encheu de algo que pareciam morcegos imensos, descendo, guinchando e mergulhando ao redor do carro, que avançava até Las Vegas a uns 160 por hora, com a capota abaixada. E uma voz gritava: “Jesus Santíssimo! Que diabo são esses bichos?” Então o silêncio voltou. Meu advogado tinha tirado a camisa e estava derramando cerveja no peito para facilitar o processo de bronzeamento. “Por que você tá gritando, porra?”, resmungou, olhando para o sol com os olhos fechados e protegidos por óculos escuros espanhóis que se ajustavam à cabeça. “Deixa pra lá”, respondi. “É sua vez de dirigir.” Pisei no freio e conduzi o Grande Tubarão Vermelho até o acostamento da rodovia. Melhor nem citar os morcegos, pensei. Não ia demorar para que o infeliz também os visse. (THOMPSON, 2011, p. 11).

A cocaína ainda fazia efeito no organismo, e o sol brilhava alto na praia do Icaraí, intensamente movimentada naquele domingo de março de 2013, quando o relógio marcava por volta das 10 horas da manhã. O “fluxo”³⁶, ou seja, a “curtição” havia iniciado ainda na noite de sexta-feira, quando o álcool e as drogas começaram a surtir um efeito alucinante no grupo composto por mim, Adriano, Eva e alguns de seus amigos e outros conhecidos. Nessa época em que frequentei o Icaraí a única pessoa do grupo que não usava cocaína era Eva, que apenas bebia muitas cervejas e defendia o uso da *Cannabis*.

Entretanto, Rodrigo me confessou posteriormente que, provavelmente a partir de 2015 – quando eu não mais frequentava o Icaraí –, Eva teria começado a também consumir cocaína frequentemente ao lado de Adriano, de modo que suas curtições às vezes duravam vários dias. Em suma, atualmente reflito que o uso daquela substância se convertia em mais um instrumento de fuga na trajetória de Passos, e que certamente foi uma das razões de seu assassinato, pois há tempos sua vida girava em torno dos negócios rentáveis e arriscados

³⁶ A expressão utilizada em muitas capitais brasileiras significa que a pessoa que está “no fluxo” está sob efeito de drogas pesadas, geralmente por vários dias seguidos.

relacionados ao tráfico de cocaína, substância que ele consumia sem pudor, sempre em grandes quantidades, o que por fim acabou revelando uma certa irresponsabilidade e falta de autocontrole em relação aos acontecimentos em curso.

Retomando à narrativa daquela manhã de domingo de março de 2013, na praia do Icaraí, após acontecimentos mais ou menos desconexos, virando noites seguidas, indo de carro a vários lugares diferentes e conversando com Adriano mil e um assuntos aleatórios e indecifráveis, naquela manhã eu me sentia como um personagem de um livro de Hunter S. Thompson (2011), que eu lia bastante na época, além de outras literaturas similares, como os *beatniks*. E ali estava um outro eu, completamente alterado³⁷, embora ainda no controle de minhas faculdades mentais básicas, sentado numa cadeira de plástico surrada, enquanto olhava reflexivamente para os transeuntes e para o mar que balançava no horizonte. Enquanto isso, continuava a beber mais cervejas, que eram trazidas à mesa ininterruptamente, sempre que a garrafa anterior esvaziava ou esquentava, mesmo que eu não pedisse.

Naturalmente, as cervejas eram enviadas à mesa por ordens de Adriano, que estava sempre pelos arredores, ligado nas demandas da Barraca, sempre bebendo, fazendo piadas, cheirando pó discretamente e conversando sobre todo tipo de assuntos espontâneos, sempre com um sorriso no rosto, como se a vida fosse um mar de rosas. Como completo 35 anos em abril de 2023 – a exatos 10 anos passados em relação aos fatos aqui narrados –, naquela época eu tinha apenas 25 anos, e havia acabado de terminar um namoro sério com uma garota do mesmo curso de graduação em Sociologia da UFC, com quem cheguei inclusive a morar junto durante alguns meses e quase casamos. Rodrigo, Adriano e Eva também chegaram a conhecê-la no ano de 2012, justamente no período em que Adriano começou a abrir o jogo a respeito de suas experiências no mundo do crime. Em suma, eu estava mal e precisava de boas válvulas de escape, e percebia que Adriano Passos era a companhia ideal para isso.

Portanto, em consequência desses e outros sérios problemas familiares costumeiros, meu estado emocional e psicológico naquela época certamente não estava em seus melhores dias. Era necessário encontrar ou inventar rotas de fuga, formas desesperadas de escapar do peso desconfortável da existência, assim como fazia Adriano, que era um cidadão literalmente sem limites em se tratando de consumir cocaína. Afinal de contas, como

³⁷ “[...] ser apanhado e marcado como desviante tem importantes consequências para a participação social mais ampla e a auto imagem do indivíduo. A mais importante é uma mudança drástica em sua identidade pública. Cometer o ato impróprio e ser apanhado lhe confere um novo status. Ele revelou-se um tipo de pessoa diferente do que supostamente era. É rotulado de ‘bicha’, ‘viciado’, ‘maluco’ ou ‘doido’, e tratado como tal.” (BECKER, 2008, p. 42).

diria o poeta: “Quem faz de si um animal selvagem fica livre da dor de ser um homem”. E ele tinha razão: a imaturidade aliada à desilusão amorosa, aos problemas familiares, ao álcool e às drogas pesadas eram a melhor forma de se tornar uma espécie de “animal selvagem”³⁸, escapando de uma realidade externa indesejável, embora nada disso mude o fato de que esta mesma realidade estaria sempre ali pulsante: sempre à espreita, encarando-me com olhos de ressaca marítima.



Imagem 14. Eu, Adriano e um amigo após um show de nossa banda em fevereiro de 2013, em Fortaleza. Fonte: Arquivo Pessoal.

Sentado ali eu observava tudo alucinadamente, e ouvia sem qualquer interesse a voz estridente no rádio que anunciava o *show* de um roqueiro inglês extremamente famoso, que ocorreria no mês seguinte, em Fortaleza. Era o show de Paul McCartney. Ironicamente, fui para aquele show depois, o que representou para mim um divisor de águas, pois foi justo

³⁸ “Era quase meio dia e ainda tínhamos cerca de duzentos quilômetros pela frente. Seriam quilômetros difíceis. Eu sabia que muito em breve nós dois estaríamos completamente alucinados. Mas não havia mais volta, nem tempo para descansar. Precisávamos seguir em frente.” (THOMPSON, 2011, p. 11).

na época em que parei de andar no Icaraí, a partir de abril de 2013. Posteriormente só encontrei Adriano em julho de 2013, e então nunca mais o vi pessoalmente. Algumas mesas da barraca de praia estavam abarrotadas de clientes, banhistas e transeuntes, pois era bastante frequentada ao longo da semana e aos finais de semana. Naqueles dias Rodrigo não estava no Ceará, pois tinha viajado dias antes à Praia Grande, litoral de São Paulo, a fim de visitar uma antiga namorada que ele tinha na época. Rodrigo havia conhecido a namorada há alguns anos no Icaraí, mas ela depois precisou se mudar com os pais para São Paulo, e eles continuaram namorando à distância durante alguns anos.



Imagem 15. Eva e eu durante o carnaval de 2013, praia do Icaraí. Fonte: Arquivo Pessoal.

Portanto, de 2009 a 2013, Rodrigo sempre costumava realizar periodicamente as referidas viagens, que às vezes duravam um mês ou mais. Fato é que quando Rodrigo viajava para São Paulo a casa ficava temporariamente liberada para as curtições e excessos de Adriano, Eva e seus amigos (e eu mesmo era um deles) que gostavam de conversar, ouvir música, beber bastante e experimentar coisas diferentes, de modo que naquele contexto Eva

só bebia e fumava maconha e Passos, por sua vez, consumia altas doses de cocaína. Nunca vi Adriano fumar maconha. No espectro oposto, portanto, havia Rodrigo, alguém completamente moralista (como ele mesmo diz) e alheio aos excessos.

Numa retrospectiva da barraca Praia e Sol, há alguns anos o lugar havia se tornado um ponto de encontro para muitos surfistas, turistas e banhistas novatos e mais experientes dos arredores, que tomavam bebidas diversas no estabelecimento, comiam e fumavam cigarros de maconha de forma mais ou menos discreta nos arredores da barraca. Entre brincadeiras, risadas e conversas descontraídas que dinamizavam os dias, os baseados (cigarros de maconha) transitavam acesos pelas mãos espertas dos surfistas, que se revezavam nos intervalos das ondas e mergulhos³⁹.

Eu tentava lembrar em vão como havia chegado naquele estado de torpor, que eu geralmente considerava imensamente desagradável, mas depois que o fluxo da cocaína começava era preciso ir até o fim, não havia como parar. Seguindo aquela intensidade eu jamais me tornaria pesquisador um dia. Certamente não. Um fator importante relacionado aos efeitos do pó no organismo humano, é que no momento que você a utiliza tudo ao redor se apaga, e todos os pensamentos se voltam apenas para a próxima carreira de pó, o que pode gerar grande ansiedade e paranoia extremas.

A cocaína silencia o excesso de pensamentos e preocupações, pois anestesia e super estimula temporariamente o sistema nervoso dos usuários, dando uma relativa sensação de poder, liberdade e destrave mental, de modo que muitos indivíduos ficam excessivamente falantes quando estão sob o efeito da droga. Entretanto, como contrapartida de um bem-estar breve e ilusório, a cocaína exige que todo foco do indivíduo se concentre apenas no consumo dela própria, o que em muitos casos conduz ao abuso e intensa dependência química, embora não seja tão imensamente devastadora quanto o crack.

Nesse sentido, eu procurava viver tudo aquilo como uma experiência que fosse antes de tudo passageira, ou uma fase ruim que eu realmente precisava viver. Além de eu não ser tão inconsequente na utilização de substâncias psicoativas, eu sempre questionava muito à necessidade de precisar daquela substância para me sentir mais feliz, e tinha bastante receio em me tornar um viciado irreversível, como vi acontecer com muitas pessoas. Por isso, sempre pesquisava sobre o assunto e procurava exemplos de pessoas que por motivos pessoais enveredaram por este caminho, como o próprio Adriano fez.

³⁹ “[...] por toda parte onde há multiplicidade, você encontrará também um indivíduo excepcional, e é com ele que terá que fazer aliança para devir-animal. Não um lobo sozinho talvez, mas há o chefe de bando, o senhor da matilha, ou então o antigo chefe destituído que vive agora sozinho, há o Solitário, ou ainda o Demônio.” (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p. 25-26).

Ainda muito alterado, em muitos aspectos minha atenção parecia estar mais apurada que o normal, e eu observava atentamente as disposições dos corpos, das feições das pessoas, como também as sutilezas, os diferentes humores e trejeitos dos homens que trabalhavam na barraca Praia e Sol, um hábito de observação que aprendi nas aulas de Antropologia da Universidade. No ritmo do trabalho prático e cotidiano, os homens transitavam freneticamente de um lado para o outro: servindo as mesas, anotando pedidos, varrendo o chão e organizando o espaço sempre que necessário.

De vez em quando a substância perigosa e extremamente branca era servida em grandes quantidades, de forma nem sempre tão discreta, geralmente na cozinha do estabelecimento, embora isto fosse apenas para os “de casa” ou, em outras palavras, para os mais chegados. Ressalto que as definições sobre quem era estranho ou mais próximo eram dadas de forma muito espontânea, pois Adriano era quem administrava as porções de cocaína servidas, e cada um ia na sua cota. Assim, entre uma carreira de pó e outra o dia passava numa temporalidade completamente desconexa, em que só parecia existir o momento presente, embora a atenção, o foco e as ideias se mantivessem em níveis extremados por horas quase intermináveis. Sob efeito da cocaína, na mente do usuário não ocorrem preocupações sobre o dia de amanhã, o que importa é apenas aqui e agora. Eu percebia que algumas pessoas desconhecidas chegavam de repente, geralmente homens, e logo ficava claro o nível de intimidade que Passos estabelecia com eles.

Algumas destas pessoas ele parecia não gostar muito e as repelia prontamente, embora de forma discreta. No entanto, havia pessoas que ele recebia de forma bem mais afetiva e calorosa, e em alguns casos chegava inclusive a convidar para tomar cerveja ou cheirar pó, caso fossem mais confiáveis. Depois eu notava que a maioria daqueles homens eram seus antigos clientes fiéis, aliados ou até viciados insistentes que procuravam Adriano quase que diariamente, embora ele soubesse como lidar com cada um deles.

Outro personagem que quase sempre estava presente naquele período era JC, sobrinho de Adriano, sobre quem falei brevemente em capítulos anteriores e que também será abordado em um capítulo posterior, sendo ele uma figura-chave para a compreensão das circunstâncias das mortes Passos e Eva. JC também trabalhava na barraca como garçom, e estava geralmente muito inquieto e “cheirado” de pó. Não demorou muito para que eu percebesse que a relação dele com o seu tio, Adriano, não era das melhores, pois viviam se alfinetando, embora Adriano sempre ficasse por cima, certamente por ter mais experiência de vida, dinheiro e poder de mando. Portanto, frente a Adriano, JC se comportava como um

verdadeiro devedor, um sujeito que estava sempre em déficit com o próprio tio, pois JC sempre dependia dele para satisfazer o terrível vício em cocaína.

Em suma, Passos vivia desconfiado, pois alegava que JC já tinha roubado a própria mãe, e uma pessoa assim não poderia jamais ser vista como um indivíduo de caráter, confiável e honrado. Outro elemento importante era que a opinião de Passos sobre o sobrinho parecia se aplicar e se estender também à sua esposa Débora, que também usava muita cocaína e geralmente perdia o controle e falava bobagens quando estava sob efeito da droga, o que geralmente incomodava a todos. Portanto, por inúmeros motivos, Débora também era tratada com relativa reserva e distanciamento por parte de Adriano.



Imagem 16. Adriano em momento de descontração com uma garrafa de cerveja. Fonte: Arquivo Pessoal.

Era perceptível que depois de cada carreira de pó os empregados de Passos pareciam trabalhar com mais empenho, tornando-se intensamente proativos, e também excessivamente conversadores e tagarelas. Geralmente, em alguns momentos eu procurava auxiliar em muitas atividades na barraca, varrendo ou recolhendo as cadeiras e mesas, pois naquelas ocasiões eu e Adriano geralmente não ficávamos o dia inteiro apenas na barraca, pois ele sempre me chamava para circular de carro, e geralmente retornávamos aos fins de tarde, quando ele já tinha que fechar o comércio. Sempre tinha algum assunto para resolver, algum lugar para ir ou alguma coisa para pegar ou deixar na casa de alguém.

Outro elemento a ser destacado desse período está relacionado à venda de bolinhas de salgados congelados, com sabores variados, dos tipos que costumam vender tradicionalmente em barracas de praia ao longo do litoral cearense. Adriano havia organizado o referido negócio dos salgados com a ajuda de Rodrigo e Eva, que ficavam encarregados de produzir semanalmente as bolinhas e embalar. Nesse sentido, Passos saía distribuindo os salgados aos finais de semana, passando por Icaraí, Tabuba e Cumbuco. Ele às vezes fazia as entregas muito louco, bebendo ou cheirando pó, parando em vários lugares diferentes e tratando de assuntos variados com seus contatos e clientes.

Depois percebi que, além de não depender das vendas menos lucrativas dos salgados, em comparação com os grandes lucros do tráfico de cocaína, ainda assim a entrega das bolinhas se mostrava uma facha eficaz para Adriano, pois nestes percursos ele geralmente deixava valiosas encomendas de pó com seus clientes, amigos e conhecidos. De maneira geral, eu percebia que seus amigos também eram comerciantes, donos de barracas ou clubes particulares e estavam profundamente inteirados dos negócios ilícitos de Passos. Portanto, pode-se afirmar que o negócio dos salgados funcionava como mais uma fachada estratégica elaborada por ele, pois seus amigos barraqueiros compravam tanto as bolinhas congeladas de salgados como também a droga cobiçada e muito mais lucrativa.

Quem o conhecia pessoalmente percebia que Adriano era um indivíduo com grande capacidade de articulação e percepção social, pois conseguia agradar a todos, reunindo em torno de si pessoas no mínimo inusitadas, como o ex de Eva, o senhor Eudes, que eu também cheguei a conhecer, assim como militares e até PM's. Em muitas ocasiões eu pude sair com Adriano e Eva, visitando algumas dessas pessoas que muitas vezes os recebia calorosamente, sempre num clima muito familiar. Portanto, enfatizo que Adriano e Eva não estavam sempre descontrolados, pois sempre se portavam muito bem e de maneira tranquila, divertida e sociável. Mesmo bebendo e curtindo eles sabiam como agir e se comportar em diferentes contextos de interação *face a face* (GOFFMAN, 2013).



Imagem 17. Adriano abraçado com Tio Jones, militar e parente de Rodrigo. Fonte: Arquivo Pessoal.

Com base nestas percepções compartilhadas com Rodrigo, a seguir destaco um relato seu acerca da fotografia acima destacada, em que Adriano está sorridente, abraçado a um senhor de camisa listrada que também sorri, e Eva está de vestido cinza um pouco mais à frente. Rodrigo me enviou a imagem e depois um breve comentário a respeito do contexto da fotografia, falando também acerca dessa dimensão mais íntima e familiar de Adriano e Eva, que também procuro enfatizar em meu trabalho:

Eu vou te contar o contexto dessa foto. Essa foto era no aniversário de alguém. É uma das festas que eu nunca ia. E sempre tinha! (Risos). É engraçado quando eu lembro dessa fase, que eu lembro que toda semana eles saiam pra algum lugar e eu nunca ia, eu gostava de ficar sozinho em casa. Eu gostava quando as pessoas saiam, aí eu ficava em casa de boa, né? Fazia um “barulho” lá. Mas essa festa é na casa da minha tia, essa minha tia tu conheceu ela. Ela é filha de militar, sabe? E ela é casada com um militar, que é esse cara que tá do lado do Adriano. Esse cara aí é o meu tio Jones. Ele é tipo bolsonarista, tudo e tal. Ele até tava no acampamento lá, nesses acampamentos aí (Risos). Mas só pra entender o contexto. Então, minha mãe teve um casamento com o Eudes, né, que é o pai das minhas irmãs. E eles terminaram, e depois de uns 9 anos ela casou com o Adriano. E aí, pra corroborar com isso que tu tá falando, que ele tinha essa capacidade de sociabilidade, né? E ele vira e mexe tava em eventos na casa da minha vó, que é a mãe do ex da minha mãe, entendeu? (risos). Almoçando, até mesmo bebendo junto com o Eudes, que é o ex da minha mãe, né? E estando em festas... Por exemplo, essa cara aí, o Tio Jones, ele é uma

peessoa de poucos amigos assim, sabe? E você vê ele com o Adriano aí, olha! O Adriano tinha essa capacidade cativar as pessoas, num sei como que ele fazia isso. Realmente, ele sempre tinha... Eu não sei se era a questão do beber, sabe? Porque o beber é um instrumento de sociabilidade muito forte, né? Beber e tal, convidar pra sair e tal. Não sei se era isso, e não sei se era só isso também. Eu acho que ele acabou experienciando... experimentando, né? A questão de ter uma “vida normal”, assim, sabe? De ter uma família, teoricamente, ter um emprego, de ter rotina. Rotina normal assim, que fosse... Porque não era sempre que ele tava por aí e tal. Eu lembro que tinha na semana os momentos que eles saiam, iam beber e tal, mas não era sempre. A gente tava muito em casa também, aí fazia almoço, ele ia na casa da mãe dele, aí eu ia as vezes junto. Que é a único lugar que eu ia com eles assim, que eu saia, era pro Metrópole, pra casa da mãe dele. Eu nem gostava muito, mas eu nem sei porque agora que eu ia.

(Relato de Rodrigo, dezembro de 2021, Atibaia – São Paulo).

Em geral, eu frequentava o Icarai primeiramente por conta da banda formada com Rodrigo, e também por gostar da companhia de Adriano e Eva. Por outro lado, embora eu sempre tenha me visto como uma espécie de desviante de ideias, muitas vezes eu me sentia deslocado naquele cenário de excessos, em contato com algumas pessoas que eu não necessariamente simpatizava, pois nem todos os contatos de Adriano me agradavam: alguns pareciam mal-encarados, encenqueiros e nada confiáveis (como JC), embora aparecessem raramente (COMERFORD, 2014). Por outro lado, o casal sempre foi muito gentil comigo e, como ressalta Rodrigo, as eventuais festas realizadas por eles eram bastante pontuais e reservadas, ocorrendo em datas mais específicas e feriados, por exemplo.

Ressalto que nunca fui um indivíduo totalmente entregue à diversão, e sempre me vi como alguém que questionava profundamente às normas sociais estabelecidas⁴⁰. Portanto, sempre fui mais introspectivo, pois também gostava de ler, de música e de ficar em casa, e eu sempre costumava refletir e questionar a fundo minhas experiências pessoais que considero mais radicais, sobretudo em relação ao uso de drogas psicoativas como a cocaína. Atualmente, penso que talvez por ser uma espécie de *desviante* mais reflexivo e socialmente crítico, por assim dizer, Adriano tenha me enxergado mais como um *escritor* ou *pensador social*, alguém que estava no caminho certo, pois ele costumava respaldar suas opiniões afirmando que me achava diferente, inteligente e alguém que merecia algum voto de confiança. Com o tempo, percebi que eu tinha mais autocontrole do que imaginava, e eliminei gradativamente o pó de minhas diversões.

⁴⁰ “Assim, o desviante que ingressa num grupo desviante organizado e institucionalizado tem mais probabilidade que nunca de continuar nesse caminho. Ele aprendeu, por um lado, como evitar problemas; por outro, assimilou uma fundamentação para continuar. [...] Outro fato merece atenção. As fundamentações dos grupos desviantes tendem a conter repúdio geral às regras morais da convenção, às instituições convencionais e a todo o mundo convencional.” (BECKER, 2008, p. 49).

Naquela época eu já percebia que ficar louco o tempo todo não seria algo positivo para mim a longo prazo, pois sempre havia uma contrapartida, uma vez que nada na vida vêm completamente de graça. Na época, eu percebi que aquilo havia passado de uma diversão banal dos fins de semana para se transformar numa espécie de repetição circular e sem sentido, embora houvesse algo mais que me impulsionasse a experimentar e suportar sensações que hoje considero realmente autodestrutivas, falando especificamente em relação ao uso e abuso de drogas psiquicamente mais *pesadas*.

Para mim, sob efeito da cocaína tudo soava como uma estranha ficção, e tudo parecia tão distante e à deriva que o futuro surgia como um quadro caótico de Jackson Pollock, como uma imagem turvada e sem definição aparente. Naquelas circunstâncias eu jamais imaginava que chegaria a fazer doutorado, e muito menos sobre a vida de Adriano Passos. Assim, a partir de março de 2013 não mais frequentei o Icaraí, pois além de evitar o uso do pó eu pensava em fazer a seleção do mestrado em Sociologia naquele mesmo ano, e sabia que aquele estilo de vida iria me atrapalhar imensamente. Por ironia do destino, no ano de 2013, apesar de ter passado por tantas complicações pessoais, finalmente consegui fazer meu projeto de pesquisa e passar no mestrado, sendo o primeiro colocado naquele processo seletivo. Por fim, lembrando tantas experiências viscerais que vivi, o que tenho a dizer é que a cocaína não é algo com que se brinque impunemente.

4.2 Policiais e bandidos: a recursividade moral das oposições

Conheci o paraíso e eu conheço o inferno.
 Vi Jesus de calça bege e o diabo vestido de terno.
 No mundo moderno, as pessoas não se falam.
 Ao contrário, se calam, se pisam, se traem e se matam.
 Embaralho as cartas da inveja e da traição.
 Copa, Ouro e uma Espada na mão.
 O que é bom pra si e o que sobra é do outro.
 Que nem o sol que aquece, mas também apodrece o esgoto.
 É muito louco olhar as pessoas. A atitude do mal influencia a minoria boa.
 Morrer à toa (e que mais?) matar à toa (e que mais?).
 Ir preso à toa, sonhando com uma fita boa.
 A vida voa e o futuro pega.
 Quem se firmou, falou. Quem não ganhou, o jogo entrega.
 Mais uma queda em 15 milhões, na mais rica metrópole e suas várias contradições.

(“A Vida é Desafio”. Racionais Mc’s, In: Nada como um dia após o outro dia. São Paulo, 2002).

A fim de realizar uma pequena reflexão teórica, concernente a alguns dos elementos expostos até este ponto da escrita: foi concebendo o campo do social como o lugar da diversidade, da contrariedade e da adversidade, que atentei ao fato de que, embora desviantes (BECKER, 2008) sejam enquadrados como símbolos de desistência social, acredito que eles também podem ser encarados como personagens simbólicos de determinada resistência social, embora com algumas ressalvas.

Em muitos aspectos, observa-se o transgressor da lei como um elemento considerado extremamente “ordinário”, como se ele fosse fruto de um fenômeno que apenas surge do nada. Considero que tais classificações sociais parecem se firmar numa postura radical de normatização social, no sentido de ter que responder somente a um *centrum* oficial de poder, onde é permitido seguir apenas um domínio e hierarquia de Estado. Portanto, o “bandido”, “criminoso” ou “fora da lei” é também visto pelo Estado como aquele que desistiu de ser alguém na vida, sendo encarado como elemento resultante de impulsos de recusa social e comunitária.

Nesse sentido, em suas correrias e danações, refletidas nas trajetórias de indivíduos como Adriano Passos, com inúmeras pendências com a lei, a polícia, e em permanente conflito com outros indivíduos “fora da lei”, eu quase sempre observei o transgressor como alguém que em seu modo de agir ignora muitas coisas. Entretanto, o que ele mais ignora parece ser o fato de que tudo aquilo que busca combater no plano inconsciente está sendo constantemente reforçado e legitimado por suas próprias ações e práticas conscientes, que parecem fomentar e ampliar ainda mais as zonas rígidas do discurso policial e controle social do Estado.

Em resumo, considero que as ações perpetradas pelo “bandido”, portanto, são praticadas sempre no sentido de afirmarem simbolicamente e localizarem espacialmente aquele mesmo indivíduo enquanto “marginal”, “criminoso” e “fora da lei”, o que demonstra claramente um mecanismo tácito e recursivo de retroalimentação moral, observadas nas complexas relações estabelecidas entre bandidos e policiais: ou seja, entre as imagens conflitivas do crime e da ordem.

Nesse sentido, nos primeiros diálogos mais direcionados que estabeleci com Rodrigo a respeito da minha pesquisa de doutorado, procurei abordar e explorar mais especificamente as suas percepções pessoais acerca do consumo de drogas ilícitas e das práticas criminais de Adriano, de modo que ele relata o seguinte:

Sobre a relação dele (Adriano) com o mundo das drogas, né... Do crime, assim. Cara, é estranho, mas tu soube... eu acho que tu soube até antes do que eu. Tudo que eu sabia do Adriano era que ele tinha morado em São Paulo com o irmão dele, durante muito tempo, e que ele tinha voltado pro Ceará, que ele fez uma sociedade com o cara lá da Barraca, e era “barraqueiro”. A única coisa que eu sabia. “Barraqueiro”, né, é o comerciante que tem uma barraca de praia. Enfim, tudo que eu sabia era isso. Aí o tempo foi passando... Teve uma vez que te contei, eu não sei se contei pra você, acho que contei pra ti. Que eu tava no carro, eu tava com a Dani, na época que eu namorava com a Dani, eu acho. Eu fui mexer alguma coisa no porta-luvas, na parte de baixo do porta-luvas, caiu um saquinho, parecia um saco de sal, sabe? Aí eu olhei pra ele e fiquei: “Nossa, que estranho isso aqui tá aqui”. Será que isso aqui é sal. Aí depois eu fui e experimentei e vi que não era sal. Aí eu liguei pra minha mãe: “Olha mãe, tô achando um negócio muito estranho aqui e tal” Era cocaína, só que eu não sabia, porque eu jamais imaginaria que teria cocaína em casa ou tipo no carro, por exemplo. Ela falou: “Não, foi de um amigo do Adriano que deixou aí”. Então, por aí você tira que havia um certo receio, não só dela, ou talvez que ele tivesse por causa dela, né? De que eu soubesse de todo o passado do Adriano, se liga? Então, eu sei que eu só fui começar a descobrir o que o Adriano fez, assim, foram através de pequenas doses de informação. Quando eles vieram pra São Paulo, a minha mãe tinha falado: “Ah, ele ficou preso uma época”. Mas eu também nunca tive assim a curiosidade de saber, de perguntar. Eu soube que ele tinha sido preso e tal por causa de... Acho que era assalto a banco ou sequestro, alguma coisa assim... A minha memória ela falha muito sobre isso, já tem um tempo, né. Acho que mais de 10 anos. E eu fui sabendo aos poucos, né. Eu sabia e isso pra mim não me chocava. Porque eu conhecia o Adriano, a gente convivia junto, pra mim era uma boa pessoa, jamais eu iria julgar por uma coisa do passado, sendo que eu to ali com ele e eu sei como é que a pessoa é, né? Enfim, eu to vendo como é que a pessoa se relaciona com os outros e tal. Sempre achei ele uma pessoa muito justa assim, no dia a dia, né. Então, eu fui sabendo do que ele vivia aos poucos e depois que eu vim pra São Paulo... Depois que eu vim pra São Paulo foi que eu fui ter mais informações que a minha mãe passava, de vez em quando ela falava: “Ah, aconteceu isso, isso e isso”. Aí eu ficava assim, né? Tipo: “CARAMBA!” Porque eu lembro, uma coisa que eu lembro bastante, é que minha mãe sempre teve a preocupação de que ele fizesse algum tipo de curso, curso de mecânico, ela sempre tava incentivando ele. Porque na mente dela, a barraca ali não ia durar muito tempo, e se não tivesse a barraca ele ia ficar sem profissão, sabe? Então ela tinha essa percepção, era o que ela queria pra ele. Na minha interpretação disso tudo, eu vejo que depois que o Adriano voltou pro Ceará, que ele começou a trabalhar na barraca ali com aquela sociedade, ele passou a ter uma vida muito boa, assim né, do ponto de vista econômico. Ele passou a ter uma vida boa, que ele sempre fazia eventos ali, tirava uma grana. Por evento dava uma grana boa assim, sabe? Então, ele esteve acostumado sempre a gastar bastante com as pessoas, com os amigos. Às vezes a gente... Eu lembro que teve uma época que a gente ia almoçar num restaurante chamado Virada Paulista, eu acho que é Virada Paulista, não tenho certeza se é esse o nome, que fica em Fortaleza. E esse restaurante, na primeira vez que eu fui almoçar lá com eles eu fiquei assim: “Nossa, mano, que que é isso? Uma refeição deu...” na minha cabeça assim, deu tipo 200 reais, sabe? Uma refeição que pra época era caro. Eu sei que eu tinha noção do que era barato e do que era caro, e eu achei muito caro. Aí eu fiquei assim: “Caralho, mano, isso aqui é muito caro!” Até às vezes eu me sentia até mal de tá ali assim, porque, enfim, mim era uma coisa assim fora da realidade, sabe? E aí quando a Barraca ela começou a declinar, né, que os avanços do mar foram mais frequentes e ele teve que sempre arrumar uma grana pra poder reconstruir aquilo ali, eu acho que ele se viu numa situação de que “Olha, o meu padrão de vida tá caindo e...” Sei lá, ele procurou o mais fácil pra ele, né? Então depois do comércio o que era mais fácil pra ele era esse universo da droga e tal. E eu acho que foi uma tentativa dele manter... Acho que no final das contas, toda essa questão do crime, tudo tá relacionado à sobrevivência, né, a tentar sobreviver nesse mundo que é tão louco, né?

(Relato de Rodrigo, dezembro de 2021, Atibaia - São Paulo).

Refletindo acerca de alguns elementos conceituais identificados no relato de Rodrigo, compreendo que as imagens evocadas em minha Tese, como um inventário socioantropológico de diferentes tramas humanas interconectadas – relacionando “bandidos”, “marginais”, “noias”, “traficantes” (FOUCAULT, 2003) –, podem ser encaradas como geradoras de determinada “recursividade moral”, frequentemente encarnada no que considero figuras de “ordem” e “conservação”: como o “delegado”, o “policial”, “o militar”, o “agente federal”, etc. Em suma, numa tentativa de aguçamento da visão e da imaginação sociológica, observa-se de que maneira curiosa as figuras destacadas, embora pertencentes a esferas amplamente antagônicas, parecem conter relações intimamente dialógicas entre si, de modo que se afetam e se transformam mutuamente mediante os choques gerados por suas ações e práticas divergentes, numa constante troca de astúcias. A seguir destaco uma breve passagem de Judith Butler (2015, p. 13):

Gostaria de começar considerando como pode ser possível colocar a questão da filosofia moral – questão que tem a ver com conduta e, portanto, com o fazer – dentro de um referencial social contemporâneo. Colocar a questão nesse quadro já é admitir uma tese a priori, a saber, não só que as questões morais surgem no contexto das relações sociais, mas também que a forma dessas questões muda de acordo com o contexto – e até o contexto, em certo sentido, é inerente à forma da questão.

Pode-se afirmar que um bandido cada vez mais *expert* no mundo criminal, especialista em burlar de formas variadas as armadilhas e arapucas da Lei, obriga que o agente do Estado também vá se tornando ainda mais especializado, no sentido de neutralizar as respectivas ações contra a lei e vice-versa. O paradoxo, entretanto, consiste em que muitos homens de farda agem como verdadeiros foras da lei, de modo que para muitos eles conseguem ser ainda piores do que eles. Portanto, um bandido que almeja ser profissional, especializado e racionalizado no âmbito criminal deve dispor de inúmeros procedimentos objetivos: ferramentas e recursos, máscaras e fachadas sociais, táticas e estratégias de ação calculadas, construindo uma influente rede de contatos, códigos e camaradagens: elementos que os trabalhos de Jania P. de Aquino (2009; 2010; 2014) demonstram e analisam de forma magistral. Nesse sentido, como diria Hunter Thompson (2011): quando as coisas ficam bizarras, os “bizarros” se tornam “profissionais”.

Em suma, as práticas empregadas por policiais e bandidos são quase que constantemente mimetizadas uns pelos outros em suas ações: a partir da elaboração de estratégias e contra estratégias, embora cada um receba recompensas diferenciadas, enquanto

resultantes de suas diferentes práticas e ações, individuais ou coletivas. Teoricamente, imagina-se que no combate ao crime o policial recebe a condecoração, enquanto o bandido recebe o respeito em sua comunidade. Por outro lado, o que mais pesa para ambos os lados é o fator econômico, ou seja: o dinheiro.

Com base em tais reflexões, em minhas pesquisas sobre o crime, a violência e o conflito, tais personagens modulares começaram a se delinear mais profundamente a partir de observações de campo, quando ainda frequentava os sertões cearense, observando modos de vida profundamente antagônicos, embora inteiramente dialógicos entre si, como frisado em parágrafos anteriores. Por outro lado, posso afirmar que comecei a me debruçar timidamente sobre tais personagens antes mesmo de iniciar o mestrado, quando trabalhei no primeiro semestre de 2013 do primeiro Censo Penitenciário do Estado do Ceará, realizado do ano de 2013 a 2014, mesma época em que parei de frequentar a casa de Adriano e Eva. Assim, ao iniciar o doutorado busquei aperfeiçoar o que venho analisando já há bastante tempo, elaborando diferentes maneiras de correlacionar tais tipologias, utilizando-as inclusive como instrumentos teórico-metodológicos em minha análise.

As imagens evocadas em minha Tese devem ser encaradas como testemunhos, vestígios e rastros complementares às experiências relacionadas a modos de vida tidos como radicalmente opostos à norma social, embora existam elementos ocultos contraditórios que devem ser revelados e refletidos analiticamente. Em suma, de um lado desponta a “vida braba”, a vida da “danação” e da “vagabundagem” e, de outro lado, emerge a vida considerada digna do “cidadão de bem”: “trabalhador, temente a Deus e pai de família”, embora tais classificações sejam construídas coletivamente com base num sistema de classificações sociais profundamente injusto e desigual, de modo que o cientista social deve ter consciência disso o tempo todo.

Assim, tudo consiste em evidenciar uma confluência desviante, na observação de sujeitos “marginais” pautados numa vida considerada “torta”, “fácil”, “profana” e “criminosa”, em contraste com o andar na linha dos chamados “cidadãos de bem”. Portanto, são relações sociais certamente povoadas de muitos binarismos, concernentes à diversificação dos quadros de identificação, decomposição, rastreamento e captura social, de modo que tais binarismos são erigidos a partir de condutas e posturas moralmente recursivas, qualificadas pela máquina de ressonância do Estado como práticas “legítimas” ou “malditas”. Em suma, procuro demonstrar como tais dualidades são inteiramente imbricadas no âmbito de meu quadro analítico.

5 NA TORRE DE BABEL: VESTÍGIOS DE UMA TRAJETÓRIA CRIMINAL ENTRE CEARÁ E SÃO PAULO

O que me deixava muito assim pensativo às vezes, era de como que uma pessoa ela consegue ser... Como é que ela consegue ter o bem e mal, tá ligado? Porque eu convivia com ele, né? Pra mim ele não era uma pessoa ruim. De todos os namorados que minha mãe teve, pessoas que ela teve, ele foi o único que respeitou ela assim. Que não batia nela, por exemplo. Que eu nunca vi nenhum sinal disso assim, pelo menos enquanto eu tava ali naquele meio. E ao mesmo tempo ele conseguia ser muito cruel, pelo menos pelas narrativas, né? Como é que o cara ele consegue ser uma pessoa boa, ter um senso de justiça ali, mas fazer coisas assim horríveis, sabe? Torturar alguém e tal. Então isso sempre vinha à minha mente. Enfim, o que eu sei do passado do Adriano veio mais pelo que eu ouvi da minha mãe. Como se fossem pequenas informações que chegavam, e do que ele contou nesse dia, né, que ele foi pra São Paulo, porque tinha fugido, aí acabou ficando um tempo no Carandiru, e meio que teve uma oportunidade de sair e fugiu pro Nordeste. E aí foi quando ele conheceu minha mãe. Não sei como é que surgiu a barraca na vida dele, assim. O cara que era sócio dele, que eu esqueci o nome dele agora, se eles tinham algum passado aí e tal. Mas eu sei que ele tinha essa barraca, que não era dele mesmo, mas ele cuidava. Depois que o mar derrubou uma vez o antigo dono não quis mais cuidar dela, ele foi e pegou um empréstimo e refez a barraca. E durante muito tempo aquilo ali funcionou, né. Até que veio a crise, a barraca ali já não gerava mais muita coisa, eu acho que foi o que fez ele voltar novamente pra vida do crime.

(Relato de Rodrigo, dezembro de 2021, Atibaia - São Paulo).

Na madrugada natalina do dia 25 de dezembro de 2021, por volta da 00h10, eu desembarcava no aeroporto de Guarulhos, região metropolitana de São Paulo, aguardado pelo filho de Eva, Rodrigo, que além de ser um amigo de longa data já havia se tornado o interlocutor principal na realização do livro de Adriano. Entretanto, ressalto que naquela conjuntura da viagem eu ainda não pensava objetivamente em encontrar “o interlocutor” para a pesquisa, mas sim o meu amigo próximo, com quem já havia tocado em várias bandas e vivido tantas histórias fantásticas, boas e ruins, de modo que em meu trabalho procurei atentar para os limites e fronteiras das intimidades, no âmbito das relações humanas mais subjetivas. Assim, sempre tive muito cuidado em como abordaria Rodrigo em minha pesquisa, a respeito de sua relação com Adriano e Eva, sua mãe.

Eu também lembrava muito de minha mãe e meu pai durante a referida viagem, pois eles já haviam morado em SP no início da década de 80, antes de meu nascimento que se deu em 1988. Ao pegar as malas atravessei o aeroporto enquanto Rodrigo me esperava lá fora, pois era madrugada de natal e de lá pegaríamos uma condução em direção ao bairro Pinheiros, localizado na zona oeste da cidade de São Paulo, onde fica a residência de uma ex-namorada, que também é dançarina e professora de Sociologia. Conheci Clarice em um encontro de

estudantes de Ciências Sociais regado a muitos shows musicais, eventos artísticos e bebedeira, realizado no Crato no ano de 2008, quando ela ainda morava em Fortaleza e fazia graduação em Ciências Sociais no Rio Grande do Norte.



Imagem 18. Vista da cidade de São Paulo, bairro Pinheiros, dezembro de 2021. Fonte: Arquivo Pessoal.

Portanto, passei uns dias no apartamento de Clarice, e apenas no dia 30 de dezembro Rodrigo retornou à São Paulo para me buscar, pois passaríamos a virada de ano juntos na cidade de Atibaia, interior paulistano, para onde ele havia se mudado recentemente. Portanto, depois de circular com Rodrigo pelo bairro Pinheiros e tomar uma cerveja, peguei algumas coisas no apartamento de Clarice e logo viajamos para Atibaia. Ressalto que antes de se mudar para Atibaia Rodrigo havia morado na cidade de Mairiporã, lugar que também conheci e visitei na companhia dele.

Após aquelas férias, Rodrigo retornaria ao trabalho, ministrando aulas de Sociologia em sua nova cidade. Naquelas circunstâncias, fazia quase um ano que eu não via Rodrigo, de modo que a última vez que o vi foi quando ele tinha vindo ao Ceará em dezembro de 2020, e então nos encontramos na praia do Icarai e passamos alguns dias circulando e trocando ideias. Fato curioso é que Rodrigo acabou se tornando meu interlocutor de forma completamente espontânea e casual, pois eu já havia conversado em várias ocasiões com ele a respeito da trajetória criminal de Adriano, embora inicialmente parecesse ainda muito distante

a ideia de realmente escrever um livro sobre o assunto, mas depois ficou claro a importância dos relatos de Rodrigo para a composição do trabalho.

Entre inúmeras insistências e desistências, o livro de Adriano aos poucos foi se delineando e ganhando vida em minha mente. Em vários momentos, eu deixava claro para Rodrigo que a trajetória de seu padrasto havia me impulsionado a escrever alguma coisa pertinente sobre ele, embora eu não soubesse ao certo de que forma aquilo poderia se concretizar um dia. Posteriormente, aos poucos fui construindo um texto de Tese que foi apontando gradativamente os caminhos. Portanto, em meus escritos iniciais procurei estabelecer uma aproximação contínua, refletindo alguns aspectos conceituais que se relacionassem com a vida criminal de Passos, pois no começo eu hesitava bastante em empreender uma pesquisa sobre ele – justamente por se tratar de alguém que havia sido muito próximo, e que considero mais um amigo que se foi.

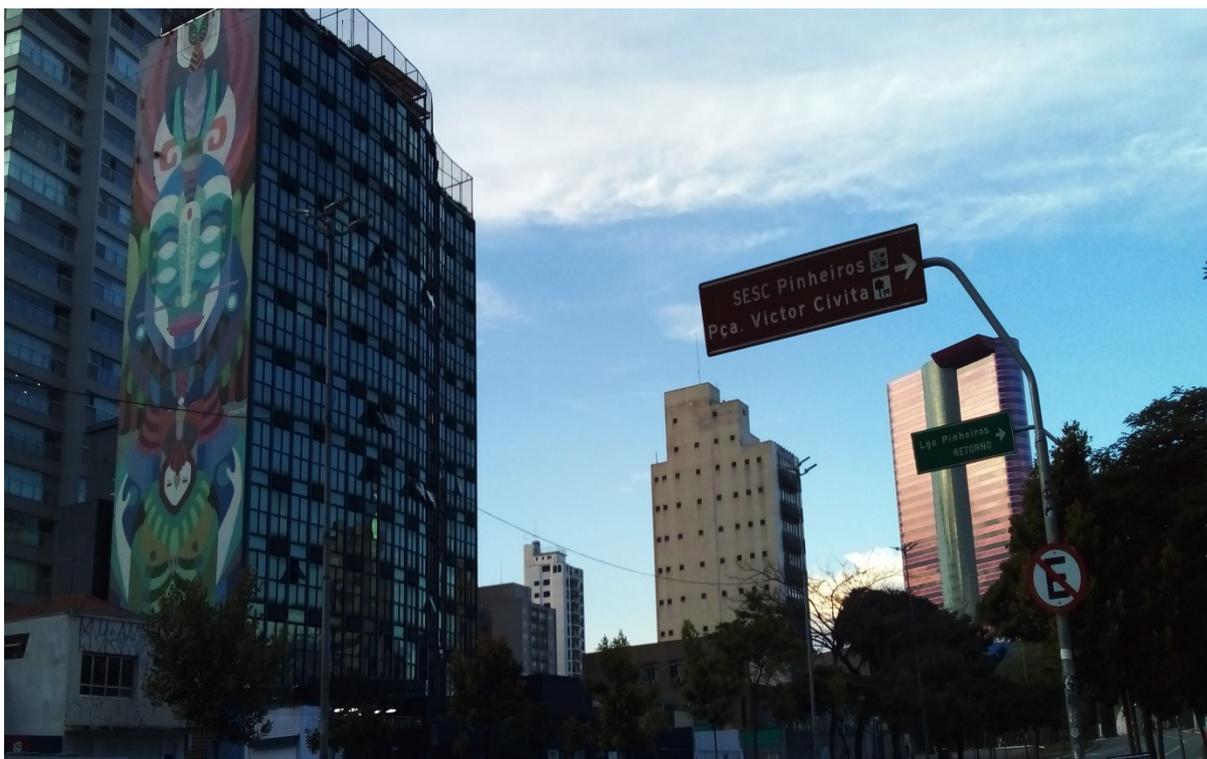


Imagem 19. São Paulo, janeiro de 2022. Fonte: Arquivo Pessoal.

Não deixei de observar um detalhe curioso: ao chegarmos na residência de Rodrigo em Atibaia, logo pude avistar em cima da mesa do computador uma moldura com uma foto de Adriano e Eva sorridentes e recém-casados, tirada em 2009. Para mim aquela

fotografia representava a persistência de suas memórias⁴¹ e afetos, além de outros aspectos inquietantes que eu relutava em encarar anteriormente. Considerando que conheci Rodrigo e seus familiares em 2009, para mim a decisão em pesquisar a vida de Adriano significava adentrar territórios extremamente sensíveis, de afeto e nostalgia. Em suma, além dos fatores ligados à intimidade, meus bloqueios também estavam inicialmente relacionados à minha fase como usuário de cocaína ao lado de Adriano, uma vez que enxergo esse período como um dos mais obscuros da minha vida em relação aos excessos.



Imagem 20. Eva e Adriano recém-casados. Fonte: Arquivo Pessoal.

No ano de 2022, contados aproximadamente 13 anos de convivência intensa e constante com o referido círculo familiar, eu já me sentia inteiramente íntimo daquelas pessoas, sobretudo de Rodrigo, pois eu estava de alguma forma diretamente envolvido em sua trajetória de vida e seus tantos dramas vividos, embora posteriormente eu tenha me

⁴¹ “A memória coletiva [...] envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Ela evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal.” (HALBWACHS, 1990, p. 54).

distanciado mais de Adriano e de Eva (o que Rodrigo também fez), de modo que não pude acompanhar os três últimos anos de suas vidas. Portanto, a fim de clarear tais aspectos, procurei utilizar depoimentos e documentos que possibilitaram uma reconstrução parcial do cenário íntimo de Adriano e Eva no contexto de seus assassinatos.

Lembro que muitas narrativas de Adriano faziam referência ao tempo que ele passou em São Paulo, e que foi preso por supostamente ter se envolvido em assaltos a banco. Passos me confessou que ao chegar ao Ceará, vindo de São Paulo por volta de 2006, ele era alguém completamente insano, só andando nos lugares armado e geralmente atrás de algum conflito, por mais banal que fosse. Ele me relatou que nessa época eventualmente se envolvia em vários esquemas criminais, agindo em grupos formados temporariamente com sujeitos que ele costumava chamar simplesmente de “contatos”.

Em meio aos contatos estavam tanto os amigos quanto os conhecidos, embora tudo servisse apenas como um código qualquer, ou uma simples forma de chamado, pois em muitos momentos Adriano enfatizava que no meio criminal não existiam “amigos” verdadeiros: todos eram potenciais traidores de todos até que uma situação muito extrema provasse o contrário, fato que a obra de Misha Glenny (2016) corrobora em grande parte, uma vez que nos esquemas criminais do tráfico de entorpecentes, nota-se que os liames são muito voláteis, firmados em laços e pactos extremamente frágeis. De qualquer forma, os traidores, chamados geralmente de X9, não têm grandes chances na vida criminal, pois logo são mortos pelas armações e tramas de outros criminosos: seja para fortalecer e confirmar as normas e estatutos do crime, seja para tomar os seus postos de comando e controle de tráfico, ou apenas por simples acertos de contas pessoais.

Apesar de tudo, Adriano enfatizava que ainda assim era possível haverem alguns elos de camaradagem, embora tais elos fossem sempre vistos pela máxima inquestionável: jamais confie em ninguém! Em várias ocasiões, entre 2012 e 2013, fui apresentado a muitos desses referidos contatos, que frequentavam constantemente a barraca Praia e Sol, muitas vezes acompanhados de toda a família, embora muitos destes encontros tenham se dado nas residências de alguns desses indivíduos, em encontros geralmente espontâneos, tranquilos e comportados, sem grandes festas regadas a bebidas e drogas, ao contrário do que se poderia imaginar. Portanto, no círculo de contatos de Passos, nem tudo era tão fora de controle e desregrado, pois sempre havia alguma “ordem” tácita.

Eu notava que os referidos contatos de Adriano geralmente não pagavam nada do que consumiam em sua barraca, embora alguns parecessem retribuir os agrados com outros favores, que nem sempre estavam relacionados ao meio criminal, ressaltando as

considerações (SÁ, 2010) presentes nestes elos. Muitos dos contatos de Adriano eram indivíduos já faccionados, sobretudo do Comando Vermelho e PCC. Logo compreendi que as associações se davam de forma completamente racionalizada, margeada por laços de simpatia e consideração, com meios e fins objetivamente definidos, onde os mais inexperientes ficariam para trás no calor e intensidade das ações e interações.

Ao retornar de São Paulo, Passos narrou que a primeira vez que Eva entrou em sua casa, na época em que os dois ainda namoravam, que seria por volta de 2005, ela tomou um tremendo susto ao se deparar com inúmeras armas de grosso calibre espalhadas por cima da cama de Adriano, além de perceber as grandes quantidades de cocaína que Passos administrava. Segundo Adriano, bastante nervosa Eva logo ordenou que ele se livrasse de todas aquelas armas ou ela terminaria o relacionamento.

Assim, Adriano afirmava com convicção que foi “por amor a Eva” que refletiu um pouco mais sobre a sua própria vida criminal, decidindo se tornar um ser humano mais equilibrado, doméstico, brando e pacífico, pelo menos por um tempo. Nesse sentido, aos poucos Passos foi mudando completamente seu estilo de atuação e jogando fora os grandes excessos, que passou a considerar superficiais, posteriormente concluindo que só atrapalhavam a rentabilidade dos negócios com o tráfico de cocaína, que Adriano passou a ocultar cada vez mais de sua vida socialmente reconhecida.

Decidiu então se firmar em um tráfico discreto, que ele considerava mais inteligente: firmado em contatos relativamente confiáveis e sólidos ao longo do litoral da região metropolitana de Caucaia e Fortaleza. Ele ressaltava que mantinha os negócios apenas para manter as contas em dia, tendo ainda dinheiro de sobra para eventuais diversões com Eva, que logo se tornaria sua esposa. Entretanto, com o passar dos anos, os negócios se ampliaram muito além do previsto, e Adriano se viu como gerente de uma lucrativa rede de clientes e colaboradores da qual não podia mais se desvincular facilmente.

No ano de 2012, lembro que Adriano me confessou algo que permaneceu por muito tempo gravado em minha memória. Numa noite de quarta-feira de cinzas, bastante cheirado de cocaína, ele me disse o seguinte: “Cara, o que eu mais detestava era acordar e não ter um centavo no bolso! Eu não aceitava não ter dinheiro!” Eu percebia que essas suas falas resguardavam evidentes doses de emoção, uma espécie de desabafo risonho e eufórico, e um certo orgulho íntimo pelo que viveu e viu.

Apesar de cenas fortes de violência e morte que Adriano encarou friamente ao longo da vida, aquelas eram vistas apenas como aspectos inevitáveis da “carreira” que ele mesmo enfatizava que havia escolhido seguir, seja por adrenalina ou simplesmente por livre e

espontânea vontade. Nesse sentido, nos diálogos que estabeleci com Passos, em nenhum momento eu percebia nele qualquer vestígio de arrependimento ou lamento. Portanto, ele parecia viver exatamente como a vida e o mundo o forçaram a viver.

5.1 O inferno é uma prisão: relatos do Carandiru

A cadeia era colada no metrô, ficava assim há uns três quilômetros do centro de São Paulo. Você entrava, dava no portão principal. Você entrava na cadeia, tinha uma parte que ficava uma gaiola que eles chamavam de “ratoeira”, que você entrava e ficava preso ali. Ali as pessoas se identificavam e seguiam direto. Atravessavam dois portões que davam na Divineia, pátio de distribuição central. Lá chegavam os caminhões que abasteciam a cadeia, de lá saíam os caminhões de lixo, e por lá passavam todas as pessoas. Não havia forma de entrar ou sair da cadeia sem passar pela Divineia. E aí a cadeia era dividida em dois lados. Do lado direito, começava pelo Pavilhão IV. O Pavilhão IV era o Pavilhão onde havia um único preso por cela. Isso gerava sempre boatos de favorecimentos na transferência dos presos para o Pavilhão IV. No Pavilhão IV funcionava a enfermaria, no quarto andar. Depois vinha o Pavilhão VII, que era chamado de “a fábrica de túneis da cadeia”. Porque era o lugar mais fácil para fazer túnel, devido a proximidade com a Muralha. Tinha mais ou menos uns 700 presos. Depois vinha o Pavilhão IX, no fundo, à direita. O Pavilhão IX é pra onde iam os presos recém chegados, aqueles que ainda não tinham passagem pela cadeia. Era um Pavilhão de jovens que não conheciam as leis da cadeia ainda. Portanto, era um Pavilhão muito explosivo, era um Pavilhão onde aconteciam muitas brigas e mortes. No eixo central da cadeia havia o Pavilhão VI, que era um Pavilhão mais administrativo. Lá havia um grande cinema que havia sido destruído numa rebelião anterior, e também celas onde ficavam os presos. Do lado esquerdo da cadeia começava pelo Pavilhão II, que é por onde entravam os recém chegados. Ali eles deixavam as roupas na portaria, recebiam uma calça beje, tinham o cabelo cortado: cortado na parte inferior e ficava só um topetinho em cima. E a partir daí iam pra uma cela grande, que chegava a ficar 30, 40, 50 presos até. E a partir daí eles iam sendo distribuídos pros vários Pavilhões. Depois vinha o Pavilhão V. O Pavilhão V era considerado a rala da cadeia. Era um Pavilhão pequeno superlotado, com celas com 8, 10 presos. Pra lá iam os estupradores e os justiceiros que precisavam de proteção. E lá havia uma ala de travestis. O Pavilhão VIII era a “fábrica de facas da cadeia”. Lá moravam homens condenados a penas longas, com diversas passagens pela detenção. Homens sábios que conheciam profundamente as regras da cadeia, por isso o Pavilhão era calmo, mas nos momentos de crise, a palavra final era dada pelos presos do Pavilhão VIII. (Relato de Drauzio Varella, in Deus e o Diabo em Cima da Muralha, LIEFF; ALVES, 2006)⁴²

Ressalto mais uma vez que os fatos aqui relatados me foram revelados gradualmente, em situações e diálogos contínuos, inteiramente fluidos e espontâneos que eu e Adriano estabelecemos entre os anos de 2009 a 2013. Inicialmente, em vários momentos

⁴² DEUS E O DIABO EM CIMA DA MURALHA. Dir.: Daniel Lieff e Tocha Alves. Prod.: Black Ninja Filmes. YouTube. 15 de set. de 2015. 54 min. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=VbTMV1-0BTk&t=2569s&ab_channel=DrauzioVarella>. Acesso em: 20 de junho de 2021.

cheguei a duvidar das narrativas de Adriano, sobretudo aquelas relacionadas ao seu período de detenção no Carandiru, apesar da riqueza de detalhes com que ele relatava os fatos. Porém, em conversas posteriores com Rodrigo, ele afirmou saber da existência de fotos antigas de parentes que comprovavam as narrativas da prisão de Passos. Como o leitor pode constatar ao longo do trabalho, algumas são fotografias dele com amigos no que parece ser um bar, em São Paulo, outras são no interior do Carandiru, justamente entre nos anos de 1990 e 2000, além de suas fotos familiares. Percebi então que suas histórias eram em grande parte verídicas, o que me impulsionou a reunir todos os materiais possíveis, a fim de poder analisar seus curiosos percursos.

De algum modo, depois de muitas voltas e revoltas na tentativa de delinear minha Tese, percebi que as respostas estavam logo ali, encarnadas na figura de um homem de quase 40 anos e com muita história para contar. Muitas vezes relembro as curiosas circunstâncias que me levaram a conhecer aquela figura peculiar, embora as memórias se atropelem umas sobre as outras. Trata-se de alguém que me aproximei aos poucos, entre idas e vindas de Fortaleza à praia do Icaraiá, e só depois de algum tempo percebi que Adriano controlou sutilmente a minha aproximação, não deixando margens de dúvidas a respeito de seu passado criminal e seus negócios lucrativos com a cocaína. Foi me observando que aos poucos Passos foi estabelecendo um elo de confiança, e nos tornamos “confidentes”, conversando sobre todo tipo de assunto, inclusive relacionamentos, pois eu havia me tornado um bom ouvido para as suas inúmeras narrativas.

Em nossas conversas, Adriano afirmou que a partir dos 17 anos de idade chegou a ser preso inúmeras vezes, pois participava de gangues de bairro em Fortaleza, não sendo possível precisar a quantidade exata e muito menos todos os locais em que ele teria sido detido, seja no Ceará, São Paulo ou outros lugares pelos quais transitou. Porém, lembro que sua primeira prisão – ou “queda” – teria se dado por ocasião de um assalto a banco frustrado, realizado com outros comparsas na cidade de São Paulo, provavelmente ao final da década de 1980 – considerando que, segundo os relatos de Rodrigo, Adriano teria viajado para São Paulo por volta do ano de 1988, após ter se envolvido no assassinato de um policial militar na cidade de Fortaleza, Ceará.

Adriano me negou veementemente que tenha ingressado no crime por falta de recursos ou opções na vida, e afirmava inclusive que teve uma infância muito feliz e próspera no pequeno município cearense de Granja, tendo inicialmente escolhido a vida que quis por questão de pura rebeldia e adrenalina. Nesse sentido, Passos contrariava firmemente a tese pré-concebida de que o sujeito se torna bandido apenas por questão de miserabilidade ou

pobreza extrema, o que demonstra como os percursos no mundo criminal, em geral, são muito mais complexos do que se imagina, de modo que muitas vezes não se trata de simples escolhas, divididas entre um sim, um não ou um talvez.

No contexto brasileiro, estes determinismos criminais servem apenas para tratar o crime como se fosse um fenômeno precisamente localizado por GPS, como se sempre emanasse das regiões mais empobrecidas e vulneráveis da tessitura social, quando nós pesquisadores sabemos que as raízes de tais problemáticas sociais são muito mais profundas e arraigadas do que o senso comum é capaz de sugerir. Nesse sentido, observa-se que o crime é tratado como se fosse um produto por excelência das comunidades, favelas, sertões e morros, o que constitui uma falácia antiquada, racista e preconceituosa.

Indo mais além das explicações de ordem econômica ou material, depois de tantos anos buscando entender as razões do ingresso no mundo criminal, hoje penso que indivíduos como Adriano Passos acabam seguindo o que eu chamo de fluxos ou correntes de ação coletiva, de modo que tais fluxos estão impregnados de suas respectivas cóleras sociais, ou seja: potências desejanter de morte, agressão, destruição, conflito e desagregação. Ressalto que discorri sociologicamente sobre o que eu considero a cólera social num tópico desta Tese, no capítulo introdutório.

Portanto, em outras palavras, compreendo que modos de vida produzem diferentes modos de ação individual, e modos de ação individual – ao serem amplificados – geram determinadas correntes de ação coletiva: os famigerados “ismos”. Aqui, é preciso considerar a estreita relação existente entre o microcosmo humano e o macrocosmo social: a forma como um simples indivíduo, através de suas práticas, é capaz de afetar e transformar positivamente ou negativamente quase toda a estrutura social de um país, de modo que a história da humanidade coleciona inúmeros exemplos desses indivíduos, vide a trajetória de Wolfgang Amadeus Mozart (ELIAS, 1995).

Em geral, considero que os fluxos de ação coletivas são como correntes prático-discursivas, que as massas humanas seguem de maneira extremamente vertiginosa e mais ou menos inconsciente (FREUD, 2013). De repente, quando percebem já foram inteiramente tragados e arrastados pelas suas correntes de ação e emoção, encontrando-se imersos nas lógicas de suas tramas e códigos coletivamente compartilhados, que funcionam como verdadeiras amarrações simbólicas sobre os indivíduos.

Em nossas primeiras conversas sobre drogas, prisões, fugas e tráfico, talvez para me impressionar, Passos afirmava detestar policiais – o que não deixava de ser verdade, em se tratando de um indivíduo que já havia se envolvido num suposto assassinato de um PM em

meados da década de 1980, em Fortaleza –, de modo que posteriormente eu tenha descoberto que Adriano havia estabelecido intensas relações criminais com alguns “homens de farda”, que geralmente o coagiam todas as semanas. Os relatos de Rodrigo afirmam que inclusive Eva chegou a ser sequestrada por policiais que exigiam saber onde Adriano estava, pois queriam extrair dinheiro dele. É certo que Passos administrava propinas aos PM’s apenas por questão de pura estratégia e garantia de relativa “segurança”.



Imagem 21. Adriano Passos (sem tarja) com seus parceiros e familiares no Carandiru. Fonte: Arquivo Pessoal.

A meu ver, Adriano representa alguém que jamais aceitou e jamais aceitaria as regras do jogo de uma vida inteiramente “normatizada”. Na sua visão de mundo, viver mediante padrões sociais, como um legítimo “cidadão de bem”, era como jogar um jogo que ele já sabia que ia perder, pois as regras eram injustas para sujeitos como ele. Em suma, compreendo que para Adriano, persistir num estilo de vida arriscado, desviante e criminal, era uma forma de preservar resquícios de sua rebeldia e insatisfação juvenil para com o “sistema”. Entretanto, por outro lado, ele era constantemente forçado a pôr em prática o que

havia restado de sua racionalidade de adulto: vivido, experiente e ex detendo do Carandiru. Portanto, Adriano se equilibrava entre esses dois impulsos.

Embora não rememore a quantidade exata, na última vez em que passamos uma noite juntos conversando e usando drogas, em meados de agosto de 2013, Passos me revelou que esperava um grande carregamento de cocaína, que inclusive estaria muito próximo de chegar, vindo diretamente da Bolívia, país sul-americano comumente relacionado ao cultivo da folha de coca e intensa rede de tráfico de drogas. Por inúmeros motivos óbvios, eu notava claramente os extensos riscos e a imprevisibilidade das consequências de suas práticas criminais aparentemente sem limites, e que pareciam ainda mais arriscadas para pessoas completamente alheias àquele universo tão cheio de meandros, como eu era na época em que conheci Passos.

Naquele ritmo, para mim, aos poucos foi ficando bastante claro onde tudo iria parar, de modo que eu precisava encontrar uma forma de escapar de algo que já era inevitável. Certa noite, Adriano me contou que um dia eu ainda receberia a notícia de sua morte, pois ele nunca mais seria mais preso na vida, e que a notícia também sairia no jornal, tendo inclusive envolvimento de policiais militares.

De maneira bastante assertiva, era assim que eu analisava as formas como Eva, Rodrigo, suas irmãs, e até amigos e conhecidos da família poderiam ser afetados pelos negócios de Adriano, apenas por conviverem com ele, uma vez que nunca tiveram relação direta com o tráfico.

A seguir, o relato de Rodrigo fortalece o sentido de minhas antigas suspeitas, quando ele fala de dois personagens que acredita reunirem as maiores suspeitas de envolvimento nas mortes de sua mãe e seu padrasto. Portanto, o primeiro personagem a ser destacado sem dúvidas seria JC, sobrinho de Passos, sobre quem discorri brevemente em capítulos anteriores, de modo que o segundo personagem apontado por Rodrigo seria a polícia, tal como segue:

Cara, a respeito dessa suspeita em cima do JC... A minha mãe ela tinha alugado um apartamento lá no Icaraí. E ela deixou a casa (em que morava com Adriano) porque... O que aconteceu? Ela aceitou o Adriano lá, eles tinham se separado, né? O Adriano ficava indo lá de vez em quando. Aí o Adriano acabou levando o JC e a mulher (Débora) com a criança. A minha mãe ia pra escola e quando ela voltava, tipo ela encontrava a casa toda bagunçada, cheia de pó (cocaína) em cima da mesa, e fralda suja da criança. Eles não faziam nada, não cuidavam da casa! A minha mãe brigou, chamou atenção do JC e da mulher dele, tá ligado? “Mano, vocês tão aqui e tal...” Ela brigou com ele. Por isso a nossa suspeita também ela existe por esse fato. E aí, eu acho que tem muitas características de crime passional isso aí. Enfim, então teve essa indisposição aí que aconteceu. Aí minha mãe pegou... Como ela também

não queria mais, tava acontecendo muita coisa, tipo, a polícia tinha invadido a casa já umas duas vezes e ela tava se sentindo em perigo. Ela alugou o apartamento lá no Icarai. Quando aconteceu o fato as coisas dela tavam lá já. Ela tava em processo de mudança, entendeu? Então, cara, ela tava sentindo que ia acontecer alguma coisa, tanto que ela fez um “seguro de vida”, não sei se tu sabe disso, ela fez um seguro. A gente recebeu depois que ela faleceu. Passou um tempo, a gente não sabia que existia esse seguro, depois que descobriram. Fez a pesquisa lá, e ela tinha feito mesmo esse seguro, no meu nome, no da Raquel e no da Gabi. Então ela meio que tava ligada já, sabe? Teve um episódio, não sei se tu leu em algum canto, mas teve um episódio um pouco antes: a polícia ela ia lá na escola da minha mãe, ela foi uma vez na escola da minha mãe, e a mãe tava esperando o ônibus pra voltar pra casa, e tipo pegou (capturou) ela. Ficou rodando (na viatura) com ela atrás do Adriano, querendo saber informações do Adriano... Cara, a polícia ela esteve envolvida o tempo todo na história do Adriano, entendeu? Tanto recebendo dinheiro, porque o Adriano pagava, quanto... Quanto tudo, na verdade, assim! A todo momento, né? Ou eles iam lá extorquir o Adriano, ou bater no Adriano, ou ameaçar, ou pegar minha mãe para querer saber informações. Então é um outro personagem a polícia... dessa história. E, cara, sobre esse fato também da polícia. Depois de um tempo, acho que um ano, chegou uma multa lá em casa, uma multa de trânsito de uma moto que o Adriano tinha, dessas que sumiram. Aí a moto tava com um policial, se liga? Roupa da polícia, entende? Então tipo, muitas coisas tem a suspeita do JC, tem a suspeita em cima da polícia. Só que assim, a polícia eu acho que... Um policial ele não faria, não cometeria um crime dessa forma. Mas pode ter sido muita coisa ali. Pode ter sido assim, uma mudança de poder, tá ligado? Uma troca de poder: “sai ele, entra eu, e aí vai ser diferente”, sei lá! E aí cada um ficou com uma coisa. Não sei, são teorias.

(Relato de Rodrigo, dezembro de 2021, Atibaia - São Paulo).

Portanto, como frisado anteriormente, parei de frequentar a casa de Adriano de maneira gradual e espontânea, tanto por conta do tempo demandado por outras obrigações pessoais, como também pelo fato de eu ter me afastado gradativamente daqueles excessos, como o uso de álcool e drogas em demasia. No fundo, eu pressentia muitas mudanças implícitas em curso, sobre as quais Passos não se dava conta ou apenas ignorava erroneamente, pois ele posteriormente passou a radicalizar ainda mais suas práticas, levando um estilo de vida literalmente inconsequente, que certamente não se adequava mais aos perigos cada vez maiores ocasionados pelas profundas mudanças ocorridas no cenário nacional do crime. Portanto, compreendo que, por ocasião de tantos excessos praticados, aparentemente a “racionalidade” de Adriano estaria definhando.

A sua previsão sobre a chegada massiva das facções advindas das favelas paulistas e morros cariocas era real, embora ele não parecesse tão preocupado com a explosão e reestruturação geral que aquele evento iria provocar, sobretudo em relação aos seus “contatos” e negócios criminais; pois tais fenômenos surgiam como uma inevitável reconfiguração do crime como um todo, com as mudanças nas posições de mando, algo que geralmente ocorre nas diferentes regiões do país de tempos em tempos, apresentando-se como um fenômeno praticamente cíclico.

Em outros momentos, Passos me detalhou a forma como havia realizado algumas fugas impressionantes de alguns presídios. Entretanto, havia um episódio que ele enfatizava com mais frequência em suas falas, relacionado a uma história que ele narrava como se fosse algo realmente “espetacular”. Nessas ocasiões, Passos me contou que elaborou uma estratégia insana que o permitiu escapar de uma prisão, na qual teria sido detido por algum tempo, supostamente no estado de São Paulo. Nesse contexto, Adriano ficou alguns dias construindo uma “teresa”: o que consiste em inúmeros lençóis amarrados e enlaçados uns aos outros, e que ao final funcionam como uma corda firmemente trançada e resistente. Portanto, ele afirmava ter escapado de uma dessas prisões exatamente assim: utilizando uma “teresa”, e simplesmente saltando desesperadamente os altos alambrados, entre profundos cortes de arame farpado e incessantes rajadas de metralhadora.



Imagem 22. Adriano, à esquerda na imagem, com seus colegas no pátio interno do Carandiru. Fonte: Arquivo Pessoal.

Em todo caso, suas histórias mais impressionantes certamente se relacionavam aos horrores e agruras vividos no Centro de Detenção Professor Flamínio Flávero, localizado no

Complexo Penitenciário do Carandiru, onde Adriano afirmava ter ficado preso por vários anos, ao longo da década de 1990. Aquilo me chamou atenção, pois de alguma forma, posso afirmar que desde que me entendo por gente ouço falar do Carandiru, seja através de reportagens, documentários, filmes ou conversas. Tive a impressão que as experiências no Carandiru, portanto, pareciam constituir um verdadeiro “divisor de águas” na trajetória de José Passos de Souza. Ali ele teria presenciado e sentido na pele a violência infernal nas gêneses de inúmeras facções criminais envolvidas em intensas intrigas, sucessivas traições mútuas e confrontos sangrentos em torno do controle do tráfico de drogas, de armas e de influências.

A Detenção é um presídio velho e malconservado. Os pavilhões são prédios cinzentos de cinco andares (contado o térreo como primeiro), quadrados, com um pátio interno, central, e a área externa com a quadra e o campinho de futebol. As celas ficam de ambos os lados de um corredor — universalmente chamado de “galeria” — que faz a volta completa no andar, de modo que as de dentro, lado I, têm janelas que dão para o pátio interno e as outras para a face externa do prédio, lado E. Paredes altas separam os pavilhões, e um caminho asfaltado, amplo, conhecido como “Radial”, por analogia à movimentada avenida da zona leste da cidade, faz a ligação entre eles. O portão de entrada dos pavilhões é guardado por um funcionário sem armas nem uniforme. Para diferenciá-los dos presos, os carcereiros vestem calça escura ou jeans. É proibido entrar no presídio com armas, exceção feita ao temido pelotão de Choque da PM, nos dias de revista geral. As celas são abertas pela manhã e trancadas no final da tarde. Durante o dia, os presos movimentam-se com liberdade pelo pátio e pelos corredores. Cerca de mil detentos possuem cartões de trânsito para circular entre os pavilhões. São faxineiros, carregadores, carteiros, estafetas, burocratas, gente que conta com a confiança da administração, além daqueles que os conseguem por meios ilícitos. Para os funcionários, esse passa-passa torna a cadeia incontrolável, e, se cada pavilhão pudesse ser isolado como unidade autônoma, ficaria mais fácil vigiar. (VARELLA, 1999, p. 18-19).

Tudo se passa em um contexto que eu considero decisivo, época em que muitas forças criminais ainda começavam a se delinear e outras estavam enraizando ainda mais seu poder e influência em seus respectivos territórios de controle do tráfico, visto que algumas facções começaram a ser geradas ainda nos anos de 1970, sobretudo nos morros do Rio de Janeiro (MISSE, 1999; 2010). Observa-se que algumas facções, como o PCC, surgiram com discursos de combate à opressão e tortura policial nos presídios brasileiros, defendendo a aderência massiva dos detentos espalhados pelos maiores Centros de Detenção dos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e alguns estados do Nordeste brasileiro. Além do PCC, outras facções muito citadas por Passos eram o “Comando Vermelho” e os “Amigos dos Amigos”. A fim de compreender melhor o processo de formação de facções cariocas e paulistas, destaco a seguinte passagem de Misha Glenny (2016, p. 116):

Tal como no Rio, grande parte da violência associada ao narcotráfico se concentrava nas favelas. Mas, como ficavam situadas na periferia, as classes médias e altas de São Paulo se viam menos expostas ao uso de armas de fogo e às carnificinas diárias. O grande centro econômico do país chegou mais tarde ao mundo dos grupos do crime organizado. A história específica dos bandidos cariocas que conheceram os presos políticos em Ilha Grande, durante a ditadura militar, não se aplica a São Paulo. Em outubro de 1992, porém, a Polícia Militar e as forças especiais de São Paulo perpetraram um massacre dentro do Carandiru, causando a morte de 111 detentos, abatidos como gado. Em reação, um grupo de presos formou uma organização chamada Primeiro Comando da Capital (PCC). Em sua declaração inaugural sobre a missão a que se propunha, em termos tomados à linguagem do movimento pelos direitos humanos, o PCC afirmava que fora criado para defender os presos e os favelados. Mais tarde, o Comando Vermelho afirmou que havia orientado a cúpula do PCC em suas fases iniciais, e sem dúvida a retórica da organização de São Paulo refletia a antiga estratégia do Comando Vermelho de projetar uma imagem de libertação social para as favelas.

Tudo se tornou ainda mais inusitado quando Adriano afirmou que se encontrava preso no Carandiru, no Pavilhão VIII que era considerado mais “calmo”, quando houve ali o terrível Massacre, em outubro de 1992. A verdadeira chacina perpetrada pelo Estado consistiu numa ação policial considerada desastrosa, realizada no pavilhão IX – que posteriormente se converteria até em nome de grupo de *rap*. A ação resultou no frio e cruel assassinato de 111 detentos, embora muitas fontes oculares afirmam que foram muito mais mortos, de presos que foram torturados e abatidos indistintamente, sem qualquer razão por parte da polícia militar, a não ser o ódio gratuito pelos pobres, pretos e encarcerados.

É importante ressaltar que o acontecimento teria fomentado e impulsionado a formação de uma das mais poderosas e violentas facções criminais do país, o *Primeiro Comando da Capital* (PCC).⁴³ Entretanto, é importante frisar que, no que se relaciona às gêneses das principais facções criminais brasileiras, houveram muitas guerras e conflitos relacionados às configurações territoriais e estabelecimento das zonas de influência destas facções, a exemplo do que ocorreu no Rio de Janeiro com o chamado *Terceiro Comando*⁴⁴:

⁴³ “O PCC, que foi também chamado no início como Partido do Crime, afirmava que pretendia ‘combater a opressão dentro do sistema prisional paulista’ e ‘vingar a morte dos cento e onze presos’, em 2 de outubro de 1992, no ‘massacre do Carandiru’, quando a Polícia Militar matou presidiários no pavilhão 9 da extinta Casa de Detenção de São Paulo. O grupo usava o símbolo chinês do equilíbrio *yin-yang* em preto e branco, considerando que era ‘uma maneira de equilibrar o bem e o mal com sabedoria’” (PRIMEIRO COMANDO DA CAPITAL. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Primeiro_Comando_da_Capital. Acesso em: 23 de abril de 2022).

⁴⁴ “No começo dos anos 1970, havia uma divisão dentro do presídio Cândido Mendes – um segundo grupo de bandidos que se recusava a reconhecer a autoridade da liderança do Comando Vermelho original. Conhecidos como Falange Jacaré, formaram uma nova organização, o Terceiro Comando, que nos anos 1990 iria contestar o poder do Comando Vermelho numa série de terríveis guerras mortíferas entre as facções. Até hoje pode-se identificar uma favela do Terceiro Comando pelos grafites de jacarés armados até os dentes. O nascimento dessas facções criminosas prenunciou uma imensa transformação na vida das favelas. As estruturas tradicionais de poder e respeito seriam eliminadas por uma das forças sociais mais poderosas que o Brasil já conheceu – os traficantes.” (GLENNY, 2016, p. 70).

grupo de traficantes formado nos anos 1970, que em geral questionavam o poder e a autoridade do *Comando Vermelho* (CV) como principal monopolizador do narcotráfico nos Morros cariocas (BARBOSA, 1998).

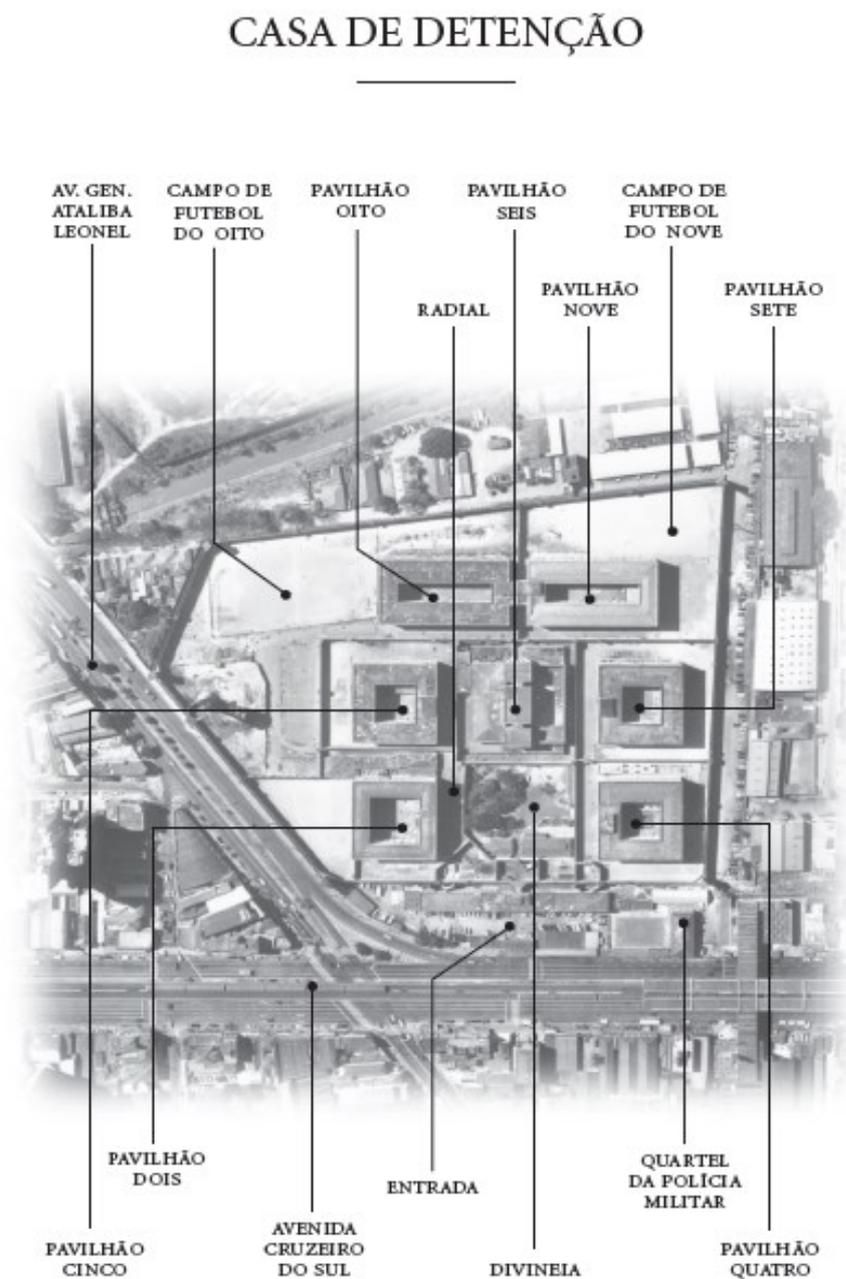


Imagem 23. Mapa da distribuição dos pavilhões no Carandiru. Fonte: (VARELLA, 1999).

Neste ponto, é preciso enfatizar como o *Massacre do Carandiru* constituiu um verdadeiro marco simbólico no imaginário social brasileiro no início de 1990, acontecimento impactante que com o tempo acabou se convertendo em inúmeros documentários, matérias jornalísticas, artigos, trabalhos acadêmicos e ótimos filmes, como o que fora dirigido pelo cineasta Hector Babenco. É certo que o filme de Babenco popularizou ainda mais a realidade cotidiana daquele presídio tão controverso, palco de eventos que redefiniram por completo os caminhos e as orientações do crime organizado e ordem em todo o território brasileiro (GLENNY, 2016). De forma inevitável desembocamos na análise das gêneses das facções criminais em diferentes estados do Brasil, assim como Passos dizia em vários momentos: “Eu vi nascer as facções, e as guerras entre elas, brigando pelo poder”.

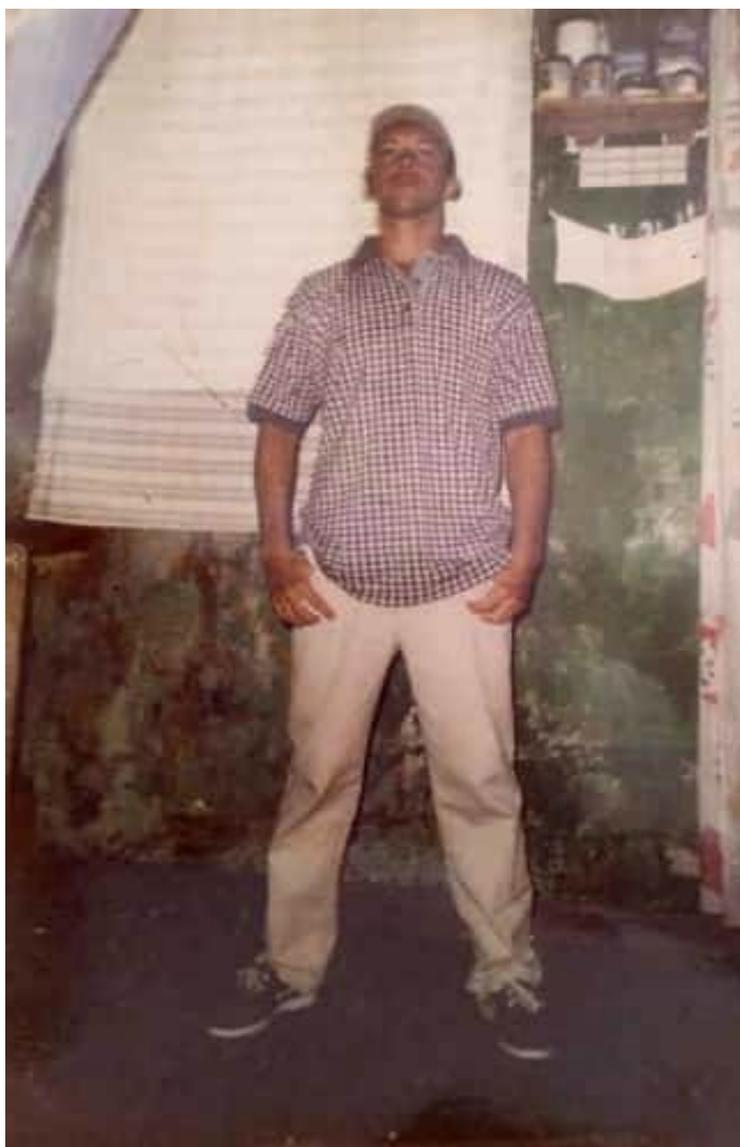


Imagem 24. Adriano no interior de uma cela no Carandiru. Fonte: Arquivo Pessoal.

Hoje percebo que na época em que frequentei a residência de Passos ainda não tinha uma dimensão tão realista do que ele me falava, embora acontecimentos posteriores tenham demonstrado o grande valor sociológico de suas narrativas, vindo de um ponto de vista mais panorâmico. Atualmente, no Ceará a realidade das facções não é mais nenhuma novidade, uma vez que todos falam disso constantemente no cotidiano, em praticamente todos os lugares, em bares, esquinas, nas ruas e conversas de beira de calçada.

Justamente por conta desses fatores eu resolvi trazer muitas *imagens* para a minha pesquisa, pois foram justamente as imagens que possibilitaram uma melhor visualização de minha obra, quando pude então resgatar as narrativas de Passos com um colorido diferenciado e mais palpável, por assim dizer. A busca de imagens se deu pelo fato de que, sempre que eu decidia falar sobre as histórias de Adriano com algum amigo ou conhecido, a pessoa já me olhava torto, desconfiando das histórias que eu contava, ou como se Adriano tivesse mentido ou fantasiado seus relatos e eu tivesse acreditado nele passivamente, o que jamais ocorreu. Com o tempo parei até de falar sobre o assunto, evitando inclusive as perguntas proferidas pelas pessoas acerca dos objetivos de minhas pesquisas. Hoje ressalto que falo sem bloqueios, pois com o tempo aprendi a explicar meu trabalho para as pessoas.

Foi assim que me senti muito bem quando recebi de Rodrigo tantas imagens quase que esquecidas pelo tempo, retratos antigos e curiosos de Adriano em várias fases de sua vida, que emergiram como verdadeiras ilustrações de tudo que ele havia me relatado de 2009 a 2013. Fotos de quando Passos era criança ou adolescente ao lado de sua família, fotos de quando estava na prisão, além das inúmeras imagens que tenho registradas em meu arquivo pessoal, com muitas que optei por não incluir aqui por conta do espaço.

Compreendo que o valor maior das fotografias enviadas por Rodrigo consiste no fato de que elas são a comprovação derradeira das narrativas de Adriano, demonstrando que ele havia me falado a verdade. Isso tudo me faz lembrar a forma como ele sempre enfatizava suas *correrias* e achava importante me contar suas histórias, como se soubesse que eu guardaria tudo para analisar o que deveria fazer com aquilo futuramente. Portanto, certamente as imagens da *trajetória social* de Adriano acionaram gatilhos que me fizeram enxergar tudo com mais clareza. Por algum tempo, confesso que eu até me senti em dívida com Passos sobre a escrita de seu livro. No entanto, embora sempre tenha ouvido com muita atenção seus relatos, eu não acreditava em tudo, mas também não considerava suas narrativas como apenas invenções arbitrárias de sua mente. Algo deveria ser real. Em outras palavras, como sou um investigador social e tenho um espírito naturalmente científico, sempre gostei de ter mais

comprovações factuais e concretas antes de sair acreditando em tudo que me dizem, pois prezo pela informação com segurança e propriedade científica.



Imagem 25. Amigos de Adriano no Carandiru. Fonte: Arquivo Pessoal.

Considero que outro fator que me impossibilitou escrever algo na época em que nos víamos pessoalmente, certamente está relacionado com o consumo da cocaína, embora grande parte de minha pesquisa de campo tenha sido feita de forma inconsciente, pois em 2013, época em que ouvi, analisei e registrei as histórias de Adriano, eu era um potencial “usuário”, e por isso decidi incluir um tópico sincero explicando devidamente estas experiências, na tentativa de evidenciar a percepção de um aprendiz de pesquisador (pois ainda não pretendia pesquisar Adriano) sob efeito da droga, o que não é tanta novidade no campo da literatura antropológica mundial (CASTANEDA, 2013). Hoje penso que seria impossível estabelecer qualquer conexão de escrita razoável estando sob o efeito de pó, uma vez que era praticamente impensável ficar ao lado de Adriano sem cheirar, sobretudo em se tratando de pessoas mais jovens, inconsequentes e imaturas como eu mesmo era naquela época e talvez ainda sou hoje, embora em outros aspectos. Portanto, mesmo depois de morto, a única forma que encontrei de pagar o débito mental com Adriano foi escrever de vez o bendito livro que ele tanto me pediu enquanto estava vivo.

Indo mais adiante, enfatizo aqui alguns elementos que demonstram a imensa força e impacto das facções criminais no imaginário popular brasileiro mais recente, assim como a imagem do Brasil para pessoas vindas do exterior, que quase sempre observam o país como um potencial celeiro de crime, corrupção, violências e impunidades. Falo especialmente das ações faccionais violentas e explosivas empreendidas no começo dos anos 2000 na cidade de São Paulo, assim como o surgimento das *Milícias*, grupos armados de policiais ou ex-policiais que surgiram em várias comunidades, em vários Estados brasileiros e praticam bárbaros assassinatos e caos em busca do controle do tráfico e nos morros e favelas. A formação das Milícias, vale ressaltar, surgiu como um elemento que gerou ainda mais complexidade ao quadro geral da violência e do crime no Brasil, considerando que entre os anos de 2019 e 2022 tivemos um presidente extremamente fascista e corrupto, um ex-militar que possui sérios indícios de ter relação direta com líderes milicianos perigosos.

Sobretudo no que concerne aos atentados relacionados ao *Primeiro Comando da Capital* (PCC), iniciados na noite de 12 de maio de 2006⁴⁵, que teria sido orquestrado da prisão por um indivíduo muito famoso na mídia criminal brasileira, chamado Marcos Willians Herbas Camacho, mais conhecido como Marcola, apontado como líder máximo da facção PCC há vários anos, o que ele sempre negou. Inclusive, vale ressaltar que Marcola tem uma história realmente extraordinária. Foi preso pela primeira vez aos 18 anos, por assalto à banco, e também fez passagem no Complexo do Carandiru, abrangendo um pouco do período em que Adriano ficou preso lá, supostamente entre 1992 e começo dos anos 2000, considerando que Passos saiu da prisão por volta de 2002.

Talvez isto explique porque Adriano costumava discorrer e falar sobre muitos líderes criminais como se os conhecesse pessoalmente, de modo que ele sempre procurava enfatizar as trocas de confiança e parceria, como também as traições e covardias envolvidas

⁴⁵ “Iniciada na noite de 12 de maio de 2006, uma sexta-feira, a onda de atentados contra forças de segurança e alguns alvos civis com origem no estado de São Paulo por ordem do grupo criminoso conhecido como Primeiro Comando da Capital (PCC). No dia 14, o ataque já havia se espalhado por outros estados do Brasil, como Espírito Santo, Paraná, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e Bahia (este último sem ligação direta com o PCC). Os ataques, que ficaram conhecidos como ‘Crimes de Maio’, tomaram uma repercussão na mídia brasileira e foram destaque na mídia internacional durante os dias do ocorrido. Em todo o estado, 564 pessoas foram mortas e 110 ficaram feridas entre 12 e 21 de maio de 2006, do quais 505 eram civis e 59 agentes públicos. No dia anterior ao início dos ataques, a Secretaria da Administração Penitenciária do Estado de São Paulo havia decidido transferir 765 presos para a penitenciária 2 de Presidente Venceslau, unidade de segurança máxima localizada no interior paulista, depois que escutas telefônicas terem revelado que facções criminosas planejavam rebeliões para o Dia das Mães daquele ano. Entre os presos a serem transferidos estava Marcos Willians Herbas Camacho, o ‘Marcola’, considerado o líder do PCC. Em represália, a facção articulou rebeliões em 74 penitenciárias paulistas e, já na madrugada do dia 12, agentes de segurança pública, viaturas, delegacias de polícia, cadeias e prédios públicos passaram a ser alvo de ataques de criminosos.” (ATOS DE VIOLÊNCIA ORGANIZADOS NO BRASIL EM 2006. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Atos_de_violência_organizada_no_Brasil_em_2006. Acesso em 8 de dezembro de 2021.

nas tramas criminais, o que comumente ocasionava diversas mortes bárbaras na cadeia, perpetradas por indivíduos que logo depois de apertar a mão de seus oponentes os esfaqueava pelas costas, como Passos me narrou que viu acontecer inúmeras vezes no Carandiru e outras prisões. Tudo isso fortalece a tese de que na cadeia (e com certeza não só na cadeia) não se deve confiar em ninguém.

Portanto, com base nos elementos e fatos acima destacados, ressalto abaixo uma breve passagem de Misha Glenny (2016, p. 16), acerca dos chamados “Crimes de Maio”, perpetrados pelo PCC no estado de São Paulo. Inclusive, ressalto que em seu livro “O Dono do Morro”, o autor apresenta de maneira magistral o fator das traições e astúcias no âmbito das tramas do crime e da ordem:

Pude ter uma ideia de como o Brasil pode deixar de ser um lugar tão inspirador e se transformar num lugar de fato assustador quando cheguei a São Paulo em maio de 2006, três dias antes da rebelião do Primeiro Comando da Capital (PCC), que paralisou o maior centro industrial da América do Sul durante dois ou três dias. Foi um choque considerável ver como uma metrópole tão sofisticada podia ficar refém de uma organização criminosa. Outro choque foi ver como a polícia militar executou sua vingança logo a seguir, numa orgia de chacinas extrajudiciais. (GLENNY, 2016, p. 16).

Glenny destaca um episódio relativamente recente e muito importante para compreendermos a narrativa do crime organizado no Brasil no contexto dos anos 2000 até os dias atuais, demonstrando até que ponto as consequências de um terrível Massacre, como o ocorrido no Carandiru, podem chegar a resultados extremos, arrastando pessoas a correntes de ódio e assassinato cada vez mais amplas e enraizadas, o que revela, portanto, o fator de uma certa cólera social, enfatizada por mim em linhas anteriores. Em outras palavras, é irônico pensar que muitos destes episódios sórdidos tenham se definido a partir dos eventos ocorridos naquele antigo presídio.

Em muitas conversas, Passos me confessara que ainda não conhecia o “inferno real”, mas que se ele existisse certamente seria um local como o Carandiru, em que o caos ocorria praticamente “todo santo dia”. Para Adriano, portanto, a prisão era a própria visão do que poderia se chamar de “inferno”, localizado aqui mesmo na Terra, como um lugar feito apenas para manipulação, descarte e deterioração de seres humanos e nada mais além disso (FOUCAULT, 1987).

Destacando um detalhe curioso, percebi que muitas imagens de Passos no Carandiru, entretanto, demonstram um jovem que parecia integrado com aquele ambiente, assim como em relação aos demais detentos, pois em muitas fotos Adriano aparece muito

esperto e risonho, como se estivesse ao lado de amigos fiéis, e nada de ruim estivesse acontecendo com ele. Sobre isso, pode-se dizer que o riso também é uma fachada, ocultando muitas emoções que o indivíduo não quer revelar facilmente, pois na prisão demonstrar fraqueza é também um claro sinal de covardia.

Por outro lado, aparentemente Adriano conseguiu se equilibrar muito bem na prisão, sobretudo em relação ao seu proceder (MARQUES, 2009), a partir de alianças inteligentes firmadas com outros detentos, uma vez não teve maiores problemas ou foi perseguido na época em que ficou detido no Carandiru. Ao contrário, lá ele teria estabelecido valiosos contatos e experiências significativas relacionadas ao mundo criminal, o que demonstra que Passos era um indivíduo bastante articulado socialmente, diferentemente do bandido Elitônio, por exemplo, analisado em minha dissertação, e que parecia ser extremamente “rude”, “antissocial” e “arredio”, de modo que nunca foi preso pela polícia, embora tenha sido assassinado muito mais precocemente.

Portanto, aquele homem meio “galego”, como diz no Ceará, que tinha o olho esquerdo furado e aparentava ter uns 50 anos de idade – apesar de parecer mais jovem em muitos aspectos –, narrava com precisão e riqueza de detalhes como no dia 22 de outubro de 1992, apenas ouviu passivamente e completamente apavorado os gritos de desespero e disparos de armas de fogo vindos do Pavilhão 9. Adriano ficou imaginando que o Massacre iria se alastrar ainda mais para os outros pavilhões e logo ele seria executado, considerando ainda que o Pavilhão 8 ficava exatamente anexado ao Pavilhão 9, o mais caótico e efervescente da prisão. Portanto, Passos enfatizou que no momento estava detido no pavilhão considerado o mais “comportado”, no qual segundo ele se encontravam os detentos supostamente mais experientes e com conexões diferenciadas, incluindo alguns que cumpriam penas consideradas mais brandas.

6 O INIMIGO ÍNTIMO: PACTOS E RUPTURAS NAS TRAMAS CRIMINAIS

Viver essa longa avenida de gás neon
 Portas de ouro e prata
 Falsos sonhos nessas noites de verão
 Faces coloridas, farsas de alegria
 Beijo sem sabor
 Gestos clandestinos tontos e sedentos de amor
 Espinhos, rosas, risos, pranto e tanto desamor
 Corte, cicatrizes, gritos engasgados
 Lágrimas de dor
 Máscara no rosto, continua a festa
 No sorriso o sal
 A orquestra geme as dores do palhaço
 Triste marginal
 Ai de quem mergulhar nesse mar de veneno
 Nessa lama enfeitada, nesse sangue das taças
 Temendo sofrer
 Ai de quem quer negar esse mar de veneno
 Mil vezes maldito na inconsciência
 Das vidas à margem há de ser

(“Gás Neon”. Luiz Gonzaga Jr. (Gonzaguinha). In: Plano de voo. São Paulo, 1975).

A análise reflexiva sobre as peças de investigação relacionada aos assassinatos de Adriano e Eva certamente aponta para caminhos no mínimo curiosos, evidenciando aspectos bastante cruciais para a devida aproximação, análise e compreensão dos fatos ocorridos na residência do casal nos últimos dias de fevereiro de 2016. Eu falo de *aproximação* por não se tratar de uma investigação rigorosa ou policial sobre “o que realmente ocorreu”. Em suma, como procurei discutir em capítulos anteriores, em minha percepção metodológica “o que realmente ocorreu” é sempre impossível de saber com total exatidão, de modo que seria uma pretensão descomunal investigar e desvendar um assassinato que nem mesmo a polícia forneceu explicações plausíveis e aprofundadas sobre o caso.

É possível constatar que algumas informações encontradas nos depoimentos de alguns personagens distintos desta trama familiar, íntima e criminal, revelam-se extremamente incoerentes, o que não é uma grande surpresa, visto que o caso demonstra a alta possibilidade do envolvimento de policiais militares, os mesmos que ameaçavam e cobravam propina a Adriano toda semana, assim como a clara influência de outros personagens ocultos na trama, como possíveis desacordos com outros traficantes faccionados dos bairros praieiros de Caucaia e região metropolitana de Fortaleza. Certamente, muitos personagens já estavam de olho na influência e nos negócios lucrativos de Passos, há tempos.

Portanto, a aproximação dos acontecimentos se dá apenas mediante versões fornecidas acerca do que ocorreu, segundo o ponto de vista de cada interlocutor em particular, analisando-os separadamente. De todo modo, os curiosos elementos encontrados nos depoimentos das pessoas mais próximas de Adriano e Eva foram fundamentais para minha construção conceitual, como uma forma de revelar as diversas tramas envolvendo as relações familiares, negócios, traições, amizades e inimizades que envolveram a trajetória do principal personagem em perspectiva. De maneira geral, aí estão firmados muitos dos elementos que venho discutindo ao longo desta obra: os pactos e afetos, mas também as rupturas e rixas do mundo criminal, embora eu pense que as entrelinhas guardam mais pormenores ignorados e quase que imperceptíveis acerca de seus assassinatos.

A seguir destaco alguns relatórios das diligências policiais relativas à investigação do assassinato do casal Adriano e Eva, de modo que posteriormente irei introduzir aos poucos alguns depoimentos individuais, referentes aos personagens citados no relatório a seguir, que retrata os fatos de maneira mais ou menos sequencial. Portanto, todos os depoimentos destacados neste capítulo são parte dos arquivos concernentes às investigações policiais, fornecidas para mim através de Rodrigo e seu advogado. Ressalto ainda que nomes e detalhes mais específicos foram alterados ou suprimidos a fim de resguardar a identidade dos envolvidos, assim como fiz ao longo dos capítulos anteriores:

Dando sequência as investigações conversamos com MARCELO, vulgo PAULISTA. PAULISTA relatou que era amigo do casal e usuário de cocaína. Que no dia 24/02/2016 emprestou seu automóvel para ADRIANO e ficou com uma moto pertencente a este. Que no sábado, 27/02/2016, fora surpreendido com a notícia da morte do casal e ao chegar ao imóvel onde os corpos foram encontrados percebeu que seu veículo havia desaparecido. Informa ainda que no dia 29/02/2016 veio à esta delegacia para registrar a ocorrência e enquanto ainda estava aqui recebeu uma ligação telefônica de AVALANCHE dizendo que seu veículo havia sido encontrado próximo à Avenida Mozart Lucena com Avenida Independência em Fortaleza.

Refere que foi até o local acompanhado pelo IPC Elionardo, conforme determinação do Delegado titular da DMC, Aroldo Antunes, e lá constatou que realmente se tratava de seu veículo, o qual estava com problemas mecânicos. Acrescenta que a moto de Adriano que ficou em seu poder foi devolvida para RAQUEL, filha de EVA (quanto à motocicleta, RAQUEL disse que foi requisitada por AVALANCHE em pagamento de uma dívida de ADRIANO, que a moto foi passada pra uma outra pessoa).

Posteriormente fomos à residência de MARCOS ANTONIO, vulgo AVALANCHE que contou que era amigo do casal, mais de ADRIANO do que de EVA. Que conhecia ADRIANO há aproximadamente 02 anos e que este havia inclusive indicado-lhe o local para montar seu comércio (Bar do Avalanche, estrada da Barra Nova/Caucaia). Que a última vez que esteve com o casal foi quarta-feira à noite, 24/02/2016, ocasião em que a dupla teria ido até à sua residência. Ressalta-se que no celular de ADRIANO encontramos várias fotos do casal com AVALANCHE e até com a família do mesmo. Quando questionado quanto ao ramo de atuação de ADRIANO, AVALANCHE desconversou, disse que não sabia de nada. Quanto à

morte de ADRIANO e EVA, AVALANCHE relatou o seguinte: que tinha ciência de que ADRIANO não se dava muito bem com o sobrinho JC, mas mesmo assim o aceitou juntamente com a esposa DÉBORA em casa porque sua mãe havia morrido a pouco e esta desejava ver a família unida. Além do mais, relatou que JC e a esposa estavam passando por necessidades, não tendo sequer onde morar. Afirma ainda que alertou ADRIANO quanto ao risco de colocar JC dentro de sua casa, já que era conhecedor das desavenças entre tio e sobrinho, mas ADRIANO não teria dado-lhe ouvidos. Que havia presenciado uma discussão entre ambos e que inclusive o tio em outra ocasião teria “puxado uma arma” para o sobrinho.

Questionado se já conhecia RAQUEL, respondeu que havia se tornado amigo da mesma através do Facebook. Que esta havia lhe dito que estava bastante preocupada com a sua mãe, pois há dias tentava falar com ela e não conseguia e o convidou para ir até a residência de EVA. Que aceitou o convite e que foi ao local sozinho e ao chegar lá encontrou RAQUEL acompanhada por outra pessoa, provavelmente um parente. Que RAQUEL falou que a casa estava fechada e ele verificou que uma das janelas estava quebrada (o que se contradiz ao depoimento de RAQUEL já que esta afirmou que teria sido AVALANCHE quem teria quebrado a janela), e por esta janela avistou os dois corpos no quarto e, então, acionou a Polícia via CIOPS.

Perguntamos a AVALANCHE o porquê de ter chamado uma advogada para o local e ele respondeu que LIVIA (advogada) já havia defendido ADRIANO em algumas situações, bem como era muito amiga da vítima. LIVIA, por sua vez, disse que não é amiga de ADRIANO, que apenas o defendeu em um processo, que não sabe porque AVALANCHE a chamou naquele dia. AVALANCHE afirma que pegou a moto que estava na oficina porque havia negociado a moto com ADRIANO, porém, com a morte do mesmo a dívida não foi quitada e ele a pegou de volta.

Em decorrência das primeiras diligências fomos até a localidade de Carausanga/Caucaia a fim de localizar JC e DÉBORA, pois informações davam conta de que a família de DÉBORA morara naquele povoado. Não os encontrando, checamos outros três endereços encontrado no sistema de informações policiais em um deles, no Conjunto Nova Metrópole/Caucaia, soubemos que o casal fora visto nas proximidades; inclusive DÉBORA juntamente com a filha fora visitar uma amiga de nome Shirley. Dando continuidade, fomos ao endereço da mãe de DÉBORA, Sra. IRENE, onde encontramos NISE e a sobrinha Lara de aproximadamente dois anos de idade. Ressaltamos aqui a atitude dissimulada de NISE e sua óbvia determinação em reter informações quanto ao paradeiro do casal. Disse que a irmã ligava para falar com a filha, e que já fazia um tempo que o casal vivia de favor na casa de qualquer amigo que os acolhessem, que não fala com a irmã e que a mesma deixou a filha Lara para que a avó cuidasse antes do carnaval, que desde então não sabe onde encontrá-los; que DÉBORA e JC não frequentam sua casa. Que foi no local do crime, quando do achado dos corpos, a pedido de ERONDINA irmã de ADRIANO; que na ocasião sua mãe ficou no carro com as crianças (entre elas Lara), enquanto ela adentrou ao local; que não falou com nenhuma familiar das vítimas naquele local (contradizendo o depoimento de RAQUEL, que diz que a reconheceu como a irmã de DÉBORA e a confrontou naquele local).

As investigações nos levaram ao transsexual conhecido pelo nome de PRISCILA, para quem JC havia ligado e dito onde estava o automóvel de PAULISTA; a mesma teria falado pelo “WhatsApp” com AVALANCHE que por sua vez avisou ao proprietário a localização do automóvel. Conversamos longamente com PRISCILA, que relatou sua convivência e amizade de longa data com as vítimas, principalmente com ADRIANO. Ressaltou que não acredita na versão de suicídio, e também não acredita que JC e DÉBORA sejam os autores do crime, que inclusive ambos não teriam condições físicas de enfrentar as vítimas. Disse que JC foi seu vizinho e por isso o conhece; que faz o tipo medroso e que se envolveu com o tráfico por meio de Adriano, mas que depois se desentenderam e passou a fazer os “corres” dele por conta própria; que tinha até outros fornecedores; que Adriano era o principal distribuidor de “maconha” e “pó” do Icarai e tinha muitos inimigos; que ambos tiveram suas casas invadidas pela polícia militar.

Quanto à EVA E ADRIANO, relatou que o casal se dava muito bem, e tinham um relacionamento aberto; que Eva sabia das namoradas de Adriano; aceitava seu relacionamento com NATÁLIA; e só teria tido problemas com uma das namoradas porque a mesma ligava proferindo xingamentos e em uma ocasião invadira sua casa; que o casal ia se mudar para um apartamento no Icaraí e colocar a casa do Guajiru à venda. Revelou que quando tomou conhecimento do fato conversou com JC e o mesmo lhe contou que havia saído de casa com a companheira na terça-feira anterior ao crime pela manhã e retornara mais tarde, porém o portão estava fechado e como não tivesse a chave não conseguiram entrar, por isso retornaram somente na quarta-feira pela manhã, tomaram café, dormiram e saíram novamente. Que quando retornaram o portão estava fechado como acontecido anteriormente, e como de costume foram procurar outro lugar; que estava com o carro porque seu tio havia mandado ele deixá-lo na oficina; PRISCILA acredita que JC não se apresentou por medo de ficar preso, de ter algum mandado de prisão em aberto contra ele, visto que “tem problemas com a polícia”.

Examinando o material apreendido em busca de indícios que nos ajudasse a elucidar o caso, observamos que há vários aparelhos celulares, dentre eles o celular de Adriano com registro de ligações e aplicativo whatsapp. Algumas conversas fazem referência a comercialização de entorpecentes; há ainda uma conversa com Natália onde Adriano conta quem invadia sua casa, etc.

Por termos conhecimento de que a família de Débora tem contato com a mesma e seu companheiro, deixamos com a irmã Nise a notificação para comparecerem a esta delegacia. Reforçamos a notificação por meio de Priscila, que nos confirmou que JC está ciente.

(Última parte do Relatório de Diligências Policiais sobre a morte de Eva e Adriano Passos, 14 de abril de 2016, Caucaia - Ceará).

A seguir destaco um relato que considero muito importante. Mateus, mais conhecido como Avalanche, também era comerciante, dono de um bar na Barra do Ceará, e teria conhecido Adriano em 2014, quando se tornou uma espécie de aliado de Adriano, tornando-se também conseqüentemente um grande conhecido de Eva. O casal teria ficado tão íntimo de Avalanche que inclusive Passos foi se hospedar em sua casa temporariamente por alguns meses, no período em que teria se desentendido com Eva, conflitos que vinham ocorrendo com frequência. De todo modo, nunca será possível saber a realidade profunda de todos os fatos relatados, ainda mais por se tratar de um caso tão delicado, envolvendo muito dinheiro, narcotráfico, corrupção policial, além de dois assassinatos extremamente cruéis e previamente planejados, ao que tudo indica.

Através da leitura dos depoimentos, observa-se que Avalanche teria sido uma das primeiras testemunhas a chegar na residência, após desconfiar do desaparecimento de Adriano e Eva. Lá ele teria se encontrado com Raquel, uma das filhas de Eva, com quem Avalanche conversava anteriormente pela ferramenta *Whatsapp*, momento em que ambos perceberam algo muito estranho no sumiço do casal e então resolveram se dirigir à residência dos dois, localizada na praia do Guajiru, próximo à praia do Icaraí.

DISSE QUE: Há aproximadamente uns dois anos atrás era proprietário de um bar na Barra do Ceará, conhecido como “BAR DO MATEUS”, onde conheceu “ADRIANO”, tendo posteriormente vindo a saber que o nome era JOSÉ PASSOS SOUSA; Que inicialmente tinham um relacionamento apenas de proprietário de bar e cliente, mas com o passar do tempo, se tornaram amigos; Que no final do ano passado (2015), em meados de outubro o depoente fechou seu negócio na Barra e alugou uma casa na Barra Nova, Icarai, onde montou seu bar, o qual ficou conhecido como “BAR DO AVALANCHE” pelo fato de ser conhecido pelo apelido de “AVALANCHE”; Que os laços de amizade se estreitaram e “ADRIANO” frequentava a casa do depoente e vice versa; Que muitas vezes o depoente utilizava a moto de “ADRIANO” e deixava seu carro com ele; Que como era amigo de “ADRIANO” também conheceu “EVA”, ex-mulher dele e a filha dela, Stephanie; Que o depoente tinha conhecimento de que apesar de o casal está separado de fato, eles eram amigos e residiam juntos, mas algumas vezes quando brigavam, muitas vezes por ciúmes de “EVA”, o depoente cedia sua casa para “ADRIANO” passar uns dias; Que o depoente nunca trabalhou diretamente com “ADRIANO”, isto é, nunca foi seu funcionário; Que pelo fato de a mãe do depoente não ter se adaptado ao Icarai, no mesmo de fevereiro do corrente ano (2016), o depoente decidiu voltar para seu antigo endereço, em Fortaleza, no Bairro Vila Velha (...); Que na quarta-feira, dia 25 de fevereiro, “ADRIANO” e “EVA” apareceram em sua residência, à noite, por volta das 22 horas, e passaram em torno de uns quarenta minutos, conversaram amenidades, estavam aparentemente bem e foram embora; Que perguntado ao depoente se viu em qual carro eles estavam nesta noite, respondeu que eles utilizavam o carro de “EVA”; Que no dia seguinte à noite, RAQUEL, filha de “EVA”, telefonou para o depoente, perguntando se tinha visto a mãe, tendo o depoente informado que “EVA” e “ADRIANO” estiveram em sua residência, na noite anterior; Que na sexta-feira, RAQUEL, ligou novamente, dizendo-se preocupada, pois ainda não tinha conseguido contato com a mãe; Que o declarante disse para RAQUEL o seguinte: “Tu imagina o que possa está acontecendo”, isso se referindo ao fato de o casal serem viciados em cocaína e muitas vezes desligavam o telefone e passavam de dois, três dias, curtindo, “pirando o cabeção” na casa deles; Que o declarante mesmo muitas vezes tentou localizar “ADRIANO” por telefone e, não conseguindo, ao procurá-lo pessoalmente encontrava-o em companhia de “EVA”, “muitos doidos”; Que era de conhecimento da filha de “EVA” que a mãe e o padrasto eram usuários de cocaína; Que por telefone RAQUEL disse que iria na casa, tendo o declarante dito que iria também, pois tinha uns negócios para resolver com “ADRIANO”; Que combinaram de se encontrarem na casa, no dia seguinte, por volta do meio dia; Que o declarante chegou à casa do casal, no horário combinado, tendo encontrado o portão aberto, e do lado de dentro RAQUEL, que saiu do portão já em prantos, dizendo: “ESTÃO MORTOS! ESTÃO MORTOS!” Que o declarante se assustou com a afirmação de RAQUEL e, adentrou ao terreno e quando se aproximou já sentiu o cheiro de podre no ar, e logo viu que do lado de dentro do vidro tinha muitas moscas; Que o depoente quebrou um quadrado de vidro da janela, do quarto do casal, afastou a cortina um pouco e viu os corpos em cima da cama; Que ao ver essa cena saiu da casa rapidamente e, inicialmente acionou a polícia, em seguida ligou para LIVIA, advogada de “ADRIANO”, pois na concepção do depoente esta era uma pessoa importante para tomar conhecimento do que estava ocorrendo; Que o depoente afirma que não convocou LIVIA para o local, apenas comunicou o fato; Que o declarante esclarece que chegou no local de “carona” de moto com um amigo e não sabe informar como RAQUEL chegou no local; Que o depoente e RAQUEL ficaram na rua, em frente à residência, aguardando a chegada da polícia, que chegou logo uma viatura da polícia militar, tendo posteriormente outros órgãos sido acionados; Que após a chegada da polícia, a advogada de “ADRIANO” também chegou ao local, e ficaram aguardando o desenrolar dos trabalhos policiais, ficando no local até a chegada dos bombeiros; Que naquele mesmo dia, o depoente tomou conhecimento de que MARCELO, conhecido como “PAULISTA”, o qual é mecânico, havia deixado seu carro em poder de “ADRIANO” e levado a moto de “ADRIANO” para o conserto, sendo que citado carro não encontrava-se na casa; Que como alguns dias antes da morte de “ADRIANO” este, em conversa com o depoente, lhe disse que o sobrinho, JULIO

CESAR (JC), estaria morando em sua casa, pois não tinha para onde ir, pelo fato de a polícia estar atrás dele e porque ninguém queria mais dar abrigo a ele, então o depoente deduziu que JC estivesse com o carro, visto que no dia em que os cadáveres foram encontrados, nem JC nem a esposa apareceram, e ninguém sabia deles; Que como o depoente tinha conhecimento de que JC e Priscila tinham uma grande amizade, então ligou pra PRISCILA, perguntando pelo JC, tendo inicialmente PRISCILA dito que não sabia, porém o depoente disse para PRISCILA tudo que estava ocorrendo e pediu para que se tivesse contato com ele perguntar onde o carro de “PAULISTA” estava; Que Priscila mandou um áudio, via Whatsapp, onde JC dizia onde o carro estava; Que o depoente estava em casa e foi andando até o local, tendo encontrado o carro abandonado numa avenida em Fortaleza; Que ligou para “PAULISTA” e este estava nesta delegacia neste momento, pois tinha vindo conversar com o delegado sobre o sumiço do carro; Que o depoente ficou lá sentado aguardando, e “PAULISTA” foi ao local acompanhado com um inspetor desta delegacia; Que enquanto o depoente aguardava sentado, lá próximo ao carro, o depoente, em conversa com um morador, este lhe disse que tinha visto quando o carro tinha parado na subida, pois, pelo barulho, era como se tivesse forçado muito o motor, ou seja, acelerando bastante; Que desceram do carro um casal, e nisso, veio uma pessoa em uma moto, levou primeiro a mulher, depois voltou e levou o homem; Que o declarante ressalta que segundo informações da vizinhança o carro foi deixado lá na sexta-feira à noite; Que o depoente tomou conhecimento através de PRISCILA, que JC alegou que tinha saído no carro, a pedido de ADRIANO, para levar a uma oficina e, como o carro deu defeito, deixou o carro no local, fechou e disse que teria entregue as chaves a ADRIANO; Que pontua o depoente que, conhecendo ADRIANO como conhecia, ele jamais teria entregado o carro de PAULISTA na mão de JC; Que o declarante lembra muito bem do que disse a ele, no dia em que soube que JC estava morando na casa dele, “TU TÁ ABRIGANDO COBRA PRA TE MORDER”, pois o depoente tinha conhecimento de que tio e sobrinho não se davam bem; Que finalmente o depoente pontua que tomou conhecimento que poucos dias da morte de ADRIANO E EVA, pessoas viram JC em um bar, vizinho ao Mercadinho Líder, no Icarai, com o carro cheio de mulheres e esbanjando dinheiro, inclusive lhe disseram que ele estava com um pacote de dinheiro. E nada mais disse nem lhe foi perguntado, mandou a Autoridade encerrar o presente termo que, lido e achado conforme vai devidamente assinado por todos (...)

(Depoimento de “Avalanche”, 19 de abril de 2016, Caucaia - Ceará).

No depoimento de Avalanche as histórias envolvendo alguns personagens importantes se destacam nitidamente: como em relação a JC, sobrinho de Adriano, que morava com ele na época do assassinato, e que logo depois de suas mortes simplesmente sumiu com a companheira Débora, de uma forma no mínimo misteriosa, não deixando para trás quaisquer informações sobre o próprio paradeiro e sobre o que teria feito realmente no dia dos assassinatos, de modo que depois ele ainda forneceu versões completamente duvidosas e desconstruídas sobre o que estaria fazendo nas circunstâncias das mortes, sobretudo através das supostas ligações telefônicas trocadas com Avalanche, que aparentemente não gostava muito de JC, e o indagou duramente sobre o paradeiro do automóvel de Paulista, que deveria estar nas mãos de Adriano.

Outro fato a ser destacado é que Avalanche garante que Passos jamais emprestaria seu carro à JC, informação que posso confirmar tranquilamente, pois de todos os anos em que

frequentei a residência de Eva e Adriano, jamais vi JC ficar permanentemente com o carro, nem que fosse para comprar algo rapidamente e voltar, uma vez que ele não era considerado confiável, algo geralmente compartilhado na visão e opinião das pessoas que eventualmente o conheciam, como eu mesmo.

Portanto, observa-se que o automóvel de Paulista (que deveria estar com Adriano) estava com JC justamente naqueles dias sombrios, e o veículo foi simplesmente abandonado em um ponto qualquer da cidade de Fortaleza, no bairro da Barra do Ceará. JC deu a desculpa de que o carro teria apresentado falhas mecânicas, e resolveu abandoná-lo, o que não faz o menor sentido. Portanto, como frisado em capítulos anteriores, o casal JC e Débora é fundamental para a compreensão das tramas finais envolvendo as mortes de Adriano e Eva, pois concentram em torno de si aspectos nitidamente suspeitos. Assim, pode-se dizer que JC se constituiu em um verdadeiro “inimigo íntimo” de seu próprio tio Adriano, pois a relação entre os dois estava bastante desgastada e caótica há vários anos.

Nesse ponto é preciso considerar também um dos relatos de Rodrigo, que destaquei em um capítulo anterior. No referido depoimento, Rodrigo afirma que sua mãe, Eva, vinha estabelecendo intensos conflitos domésticos com o casal JC e Débora, que consumiam altas quantidades de cocaína em casa, sem qualquer pudor, além de não organizarem e nem limparem nada enquanto ela saía para trabalhar.

Rodrigo ressalta que Eva inclusive teria começado a organizar sua mudança definitiva da residência em que passou tantos anos ao lado de Adriano e que, no entanto, havia se convertido em um lugar extremamente negativo e caótico para ela, pois Adriano havia cometido o grave erro de levar para lá seu sobrinho que, segundo o próprio tio, era profundamente viciado em cocaína e pouco confiável. Ao que tudo indica, outros personagens, como Avalanche, tentaram alertar Adriano inúmeras vezes acerca dos perigos envolvendo a ida de seu sobrinho para sua residência. Em geral, certamente Adriano estava triste e confuso naqueles dias difíceis, pois sua mãe havia falecido um mês antes, e ela teria morrido muito triste com ele, segundo Rodrigo me relatou.

Congregando tais informações, destaco o depoimento de Débora dado à polícia, que apresenta inúmeras contradições e informações claramente falsas, visto que ela sabia perfeitamente dos negócios com o tráfico de drogas de Adriano Passos e o seu marido JC. Portanto, seu depoimento me parece mais uma tentativa de incluir outras narrativas desconstruídas na trama, culpando outros personagens como Natalia e Bia, mulheres que ela expõe em seu relato de forma bastante inexata, o que acaba constituindo um relato em nada convincente, como pode ser constatado a seguir:

DISSE QUE: É companheira de JC, sobrinho das vítimas, ELOINA, conhecida como Eva e JOSÉ PASSOS, conhecido como ADRIANO; Que a declarante tem conhecimento das declarações prestadas por seu companheiro e, confirma tudo que ele disse, acrescentando que na quinta-feira pela manhã, quando JC foi ao imóvel, a declarante ficou dormindo na casa de NELINO, local onde passaram a noite; Que durante todo tempo esteve em companhia de JC, tendo acompanhado-o ao Cartório, quando este foi encontrar a avó do filho dele, do primeiro relacionamento, porque precisava assinar um documento autorizando o filho a viajar; Que a declarante também gostaria de enfatizar que desconhecia os negócios entre JC e o tio; Que a declarante tomou conhecimento de que na sexta-feira, uma mulher que trabalha com vendas de cosméticos (AVON), conhecida como BIA, que reside em frente ao Motel Ilha, esteve na casa, pois teria ido lá por conta de uma dívida, e esta, segundo a declarante soube, teria visto uma movimentação de pessoas no interior da residência; Que a declarante estava residindo na casa com seu companheiro, antes de ocorrer os fatos aqui apurados pela polícia, mas desconhece os motivos pelos quais o casal morreu, porém, a declarante tem conhecimento de que uma mulher de nome NATALIA, conhecida como OLHO DE GATO, que trabalhava em uma casa de massagem no Icarai, foi namorada de ADRIANO e esta, uma vez, invadiu o condomínio, armada de canivete, para agredir ADRIANO, também certa vez ela empurrou ADRIANO da sacada do apartamento, tendo ele ficado muito machucado; Que a declarante ressalta que tomou conhecimento através de EVA que NATALIA havia pulado o muro da casa para tentar matá-la, e que quem tinha levado NATALIA lá tinha sido AVALANCHE; Que por causa dessa invasão de NATALIA, as chaves da casa teriam sido trocadas e, só quem tinha a chave era EVA, também, EVA pretendia se mudar e deixar a declarante e JC morando na casa, pois estava com muito medo; Que perguntada se existe algo mais que queira falar, respondeu que não (...)

(Depoimento de Débora, companheira de JC, 26 de abril de 2016, Caucaia - Ceará).

Somando-se às informações lançadas por Débora, a seguir destaco o depoimento de sua mãe, Dona Irene. De maneira geral, o relato de Dora Irene me pareceu bastante vago e superficial, embora ela revele alguns detalhes importantes, que demonstram as estranhas movimentações feitas pelo casal JC e Débora nos dias anteriores ao assassinato de Adriano e Eva. Portanto, baseado em tais impressões, destaca-se ainda o fato de que naqueles dias JC e Débora demonstravam um comportamento bastante errático e alterado pelo uso de cocaína, além de tratarem a filha (que era apenas uma bebê) de maneira extremamente irresponsável e criminosa, pois faziam tudo de ruim ao lado da criança. Tudo isso é confirmado pelos relatos de Rodrigo, que sempre conversava com Eva por telefone, diretamente de São Paulo, de modo que ela já vinha se queixando há bastante tempo sobre o comportamento negativo do casal, enquanto estavam morando em sua casa. Em suma, era como se Eva estivesse sendo expulsa por JC e Débora da casa que ela mesma lutou para construir.

Um aspecto curioso se relaciona ao fato de os dois terem deixado a filha com a avó poucos dias antes do assassinato do casal, de modo que a mãe de Débora já percebia os maus tratos sofridos por sua neta, pois ela estava nas mãos de dois viciados em cocaína profundamente inconsequentes. Além disso, após a notícia dos assassinatos, Avalanche teria

avistado JC curtindo, farreando e bebendo livremente ao lado de várias mulheres, perambulando louco pelos bares do Icaraí, cheirando muita cocaína e agindo como se tivesse “de cima”, ou seja, esbanjando muito dinheiro. Portanto, não é demais perceber que tais atitudes eram no mínimo estranhas para quem havia acabado de perder o tio e a tia de forma tão brutal, sobretudo em se tratando de pessoas que o tiraram da rua e o acolheram em sua residência mesmo à contragosto, e recebendo pesadas críticas e avisos de amigos que se preocupavam com as consequências do comportamento de JC.

Assim, as perguntas centrais aqui são as seguintes: se JC não tinha culpa alguma nas mortes, porque tantas contradições e obscuridades? E porque ele simplesmente sumiu após o ocorrido? Estas são perguntas que talvez nunca serão respondidas objetivamente, embora fique claro que JC ensaiou se tornar um traficante, e parecia almejar o lugar de seu tio Adriano. Em todo caso, embora eu considere que o depoimento de Dona Irene não inclua tantas informações adicionais, decidi destacá-lo a seguir com o intuito de que seja comparado aos depoimentos anteriores, sobretudo aquele dado por sua filha Débora:

DISSE QUE: É servidora pública do município de Caucaia, na área da Educação; Que é mãe de Débora, companheira de JC, e este é sobrinho da vítima, conhecida como ADRIANO; Que no sábado dia 27/02/2016, a declarante recebeu um telefonema de CLAUDIA, irmã de ADRIANO, lhe dizendo que o irmão, FERNANDO, tinha informado por telefone de que possivelmente teriam encontrado o corpo do irmão ADRIANO morto na casa onde residia e CLAUDIA disse que estava em outra cidade, pois participava de uma missa de um mês da morte da mãe, então pediu a depoente que se pudesse fosse averiguar os fatos; Que como estava de carro, já nas proximidades do Tabapuá, deslocou-se para o local onde ADRIANO residia; Que ao aproximar-se da casa de ADRIANO, a depoente percebeu uma grande movimentação, muitas pessoas na rua e viu várias viaturas da polícia; Que como a depoente estava com duas crianças no carro, não aproximou-se muito e parou o carro, indagando a uma pessoa que passava se sabia informar o que estava ocorrendo; Que a filha adolescente da depoente, por curiosidade, desceu do carro e caminhou em direção à casa, sendo que logo em seguida ligou para a depoente, pedindo que fosse lhe buscar e, poucos minutos depois, sua filha adolescente, BRUNA, já chegou acompanhada por suas policiais da Divisão de Homicídios que lhe fizeram algumas perguntas; Que a declarante afirma que teve contato com a filha de JC, na quarta-feira, dia 24 de fevereiro, quando os dois foram ao bairro Metrópole, onde a depoente reside, ver a filha menor, que está sendo cuidada pela depoente desde a quarta-feira de cinzas, e os pais ficaram em uma lanchonete brincando com a filha; Que a declarante atualmente esta com a neta, filha do casal, JC e DÉBORA, em sua casa, cuidando da criança em tudo que esta necessita; Que perguntada a depoente porque está com a neta, respondeu que percebeu que a neta não estava sendo bem cuidada; Que perguntada a depoente se tinha conhecimento de que JC e DÉBORA eram usuários de cocaína, respondeu que nunca viu eles usando, mas percebe o comportamento alterado deles; Que a declarante tinha conhecimento de que sua filha e o companheiro iriam passar uma temporada na casa do tio de JC; Que a declarante não sabe informar maiores detalhes sobre as vítimas, pois não tinha contato com eles; Que perguntada sobre o fato de a filha de EVA ter afirmado ter visto a criança, neta da declarante, na casa onde ocorreu o crime no domingo, dia 21 de fevereiro, a depoente esclarece que realmente nesta data eles levaram a criança

para passar o dia com eles, e que muitas vezes eles levam ela até para dormir, e a depoente não pode impedir pois não possui a guarda legal da criança. E nada mais disse nem lhe foi perguntado (...)

(Depoimento de Dona Irene, mãe de Débora, 20 de abril de 2016, Caucaia – Ceará).

Mediante a leitura dos depoimentos destacados pude encontrar muitas informações novas e decisivas, que procurei elucidar ao longo deste capítulo, relacionando tais peças empíricas com as informações que eu soube a partir de Adriano e outros interlocutores que conversei ao longo dos anos, como as próprias irmãs de Rodrigo, Raquel e Gabi. Portanto, procurei respeitar ao máximo o transcorrer sequencial dos fatos, da forma mais legítima e aproximada da realidade socialmente construída pelas versões do real disponíveis. De todo modo, compreendo que estas várias versões acerca do que “realmente” ocorreu⁴⁶ acabam impactando diretamente na própria análise em si, sobretudo se tratando de um trabalho com um certo viés profundamente socioantropológico.

Compreendo que o papel do pesquisador, de maneira geral, deve ser o de remontar um quebra-cabeça extremamente complexo e cheio de camadas sobrepostas, de modo que ao final da escrita a totalidade de seu trabalho possa comunicar com propriedade algo acerca da verdadeira realidade dos fatos narrados (SODRÉ, 2009). Portanto, minha intenção neste capítulo foi construir uma espécie de “quadro de eventos” eficaz, que possa servir como um auxiliar na reconstituição e compreensão dos últimos episódios da trajetória de Adriano Passos e sua ex-esposa Eva, possibilitando que elementos importantes e essenciais para minha análise conceitual fiquem mais nítidos aos prezados leitores.

Nesse sentido, a seguir destaco o depoimento de Livia, que se apresenta como a suposta advogada de Adriano. Assim como o relato bastante nebuloso de Débora exposto anteriormente, Livia me parece ocultar, confundir e desconversar muitos fatos importantes para a compreensão da trama, aparentemente com a clara intenção de se esgueirar por completo de Adriano. Em outras palavras, como se diz popularmente no Ceará Livia tenta

⁴⁶ “Não é muito difícil determinar a essência da ‘novela’ como gênero literário: existe uma novela quando tudo está organizado em torno da questão ‘Que se passou? Que pode ter acontecido?’. O conto é o contrário da novela porque mantém o leitor ansioso quanto a uma outra questão: que acontecerá? Algo sempre irá se passar, irá acontecer. Quanto ao romance, nele acontece sempre alguma coisa, ainda que o romance integre, na variação de seu perpétuo presente vivo (duração), elementos da novela e do conto. Nesse aspecto, o romance policial é um gênero particularmente híbrido, visto que, muito frequentemente, alguma coisa = x, da ordem de um assassinato ou de um roubo, aconteceu, mas o que aconteceu será descoberto e isso no presente determinado pelo policial-modelo. Alguma coisa aconteceu ou alguma coisa acontecerá podem designar, por sua vez, um passado tão imediato, um futuro tão próximo que não se distinguem (diria Husserl) das retenções e protensões do próprio presente.” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 63-64).

“tirar o corpo fora”, sobretudo em relação aos negócios de Adriano com o tráfico de cocaína que ela certamente era ciente, o que não era tão incompreensível:

DISSE QUE: Era advogada da vítima, JOSÉ PASSOS DE SOUSA, conhecido como “ADRIANO”; Que conhecia as vítimas há poucos meses, pois foi indicada por MATEUS (AVALANCHE), amigo em comum da depoente e das vítimas, para acompanhar a vítima JOSE PASSOS DE SOUSA em dois depoimentos na Delegacia do 22º DP no Icarai, um inquérito por portaria de (...) e, no outro inquérito por portaria de (...) como testemunha, onde provavelmente o sobrinho era o envolvido; Que no dia em que os corpos das vítimas foram encontrados, a depoente recebeu um telefonema de AVALANCHE, não recordando o horário preciso, mas estava em um supermercado e estava no horário do almoço, onde AVALANCHE lhe disse que tinha ido à casa de EVA á pedido da filha dela e, quando chegou na casa, estava trancado e ele sentiu um cheiro de podre, e quebrou um pequeno quadrado de vidro da janela, tendo avistado dois corpos sobre a cama e, pelo mau cheiro, já estava em avançado estado de decomposição; Que imediatamente a depoente se dirigiu para o local e, quando chegou encontrou AVALANCHE, em pé próximo de um poste, em frente à casa, e uma composição da polícia militar, já resguardando o local; Que logo depois a declarante viu as duas filhas de EVA, chegando logo depois outra composição da polícia militar, os quais acionaram a Divisão de Homicídios e a perícia forense; Que os trabalhos da perícia iniciaram já no início da noite; Que a declarante tomou conhecimento lá no local, de que a vítima, ADRIANO, possuía um irmão no bairro Metr pole, mas este, mesmo tendo sido informado do que estava ocorrendo não compareceu logo no local; Que a declarante tomou conhecimento de que recentemente a vítima, ADRIANO, havia permitido que um sobrinho dele, o qual a depoente não sabe informar o nome, estava residindo com a esposa na casa das vítimas; Que soube também que este sobrinho que estava morando l  não se dava bem com a vítima, ADRIANO,; Que a depoente entrou em contato telef nico com ambas as vítimas, umas duas semanas antes dos corpos serem encontrados, ele porque precisava resolver um problema de uma moto apreendida e ela, porque estava pensando em oficializar o divórcio; Que perguntada se possui mais alguma informa o relevante que possa elucidar o crime, respondeu que não...

(Depoimento de Livia, advogada de Adriano, 6 de abril de 2016, Caucaia - Ceará).

Prosseguindo a análise, considero que um dos depoimentos que me deixou bastante curioso foi o de Priscila, que revela muitos aspectos fundamentais sobre a rela o entre Adriano e JC. Trata-se de uma transexual que não cheguei a conhecer pessoalmente na época em que frequentava a casa de Adriano e Eva, pois no contexto em que os conheci ela ainda viajava pelo exterior a trabalho, como consta em seu depoimento sobre o caso. Inicialmente, achei que Priscila fosse Ricardo, um senhor homossexual que eu havia conhecido e convivido no ano de 2012, pois ele frequentava sempre a casa de Passos e Eva. Ressalto que Ricardo era muito querido, brincalhão e divertido, e já tinha uma certa idade avançada, aparentando ter uns 70 anos ou mais.

Pelo depoimento de Priscila, achei que Ricardo havia assumido um novo nome posteriormente, após realizar algum tipo de procedimento para mudança de sexo, embora

Rodrigo tenha me esclarecido que se tratava de outra pessoa. Porém, para mim, a transexual Priscila acabou emergindo como um novo personagem inusitado inserido na trama, assim como a Olho de Gato (Natalia) e Avalanche (Mateus), que também não cheguei a conhecer pessoalmente, uma vez que ele só teria começado a frequentar a residência das vítimas a partir de 2013, mesmo período em que eu parei de frequentar a região.

Naquela época, lembro que Ricardo morava muito próximo à primeira casa que conheci no Icarai ao visitar Rodrigo, ainda no ano de 2009. Lembro bem que, naquela época, Rodrigo me dizia que a referida casa que eles moravam na verdade pertencia a uma grande amiga de sua mãe, que havia ido embora para a Europa, Suíça, muitos anos antes e se chamava Pam, que se tratava obviamente de mais um apelido.

Lembro bem quando num certo dia em 2009, provavelmente um domingo pela manhã, eu dormia no sofá da sala da casa de Rodrigo no Icarai e o telefone tocou repentinamente. Eva desceu para atender, e foi esta a primeira vez que a vi e ouvi ela falando pessoalmente, pois a ligação foi bastante prolongada, e a conversa fluía animadamente sobre assuntos de família, amigos, despesas domésticas e outros temas variados. Portanto, pela forma como Eva conversava ao telefone, imaginei que a pessoa do outro fosse com certeza uma amiga de longa data. Portanto, esta pessoa seria de fato a dona da casa, chamada de Pam, que já morava na Suíça há vários anos e chegou inclusive a trabalhar como dançarina de boates e *stripper*, segundo me disse Rodrigo.

E sobre a Pam, cara. A Pam era muito amiga do Ricardo. Ela tinha um relacionamento homossexual com uma amiga do Ricardo, que era a Nati. Aí a Pam ela foi pra Suíça, foi trabalhar lá, tipo numa boate, tá ligado? Aí o tempo que ela ficou trabalhando lá, ela mandava dinheiro pra essa Nati no Brasil pra ela fazer a casa que a gente morou lá, aquela casa lá do Icarai. Isso aconteceu durante anos. Aí, de repente, a Pam. Que é Pam de Pantera. O nome dela eu esqueci qual é o nome dela, mas é um nome engraçado. O engraçado é que todo mundo tinha um nome que não era o nome (risos). Eu conversei sobre com a Bárbara, ela tava falando que a mãe dela tem um nome lá, algum nome assim diferente, bem popular assim, mas todo mundo chamava ela de Estela. Aí eu falei: “Nossa, é engraçado, porque minha mãe era Eloína e todo mundo chamava ela de Eva. E o Adriano não era Adriano, era José, mas todo mundo chamava de Adriano”. Parece que todo mundo tem um outro nome, tá ligado? Enfim, aí coloca a Priscila também que era Bruno, né? Parece que todo mundo tá querendo esconder alguma coisa. Então a Pam, o apelido dela era Pantera. Aí ela se casou com um suíço lá. Era um suíço que já conhecia o Brasil, já tinha filho com brasileira. Torcedor do Flamengo. Pra ele a melhor banda do mundo era Legião Urbana, acredita? Ele falava que Legião Urbana era a melhor banda do mundo. E eu conheci eles durante um tempo, depois ela quis voltar... Quis voltar pro Brasil aí pediu a casa, né? Aí a minha mãe já tinha comprado o terreno lá também. Eu não sei se foi depois que ela comprou. Eu sei que a gente... assim que a Pam pediu a casa, a gente já se organizou lá e fez aquela casa lá (a casa em que Adriano e Eva foram mortos). A gente se mudou pra lá também construindo. E sobre a Pam eu sei só isso só, cara. Não tenho muitos detalhes sobre ela. Eu me vejo, em meio a

essas pessoas eu ficava muito em casa, sabe? Tipo, quando as pessoas iam sair pra festa. Tipo, “Ah, a gente vai almoçar lá na casa do Ricardo!” Eu não ia, ficava em casa. Quando o pessoal ia: “Ah, a gente vai lá num sei aonde, com num sei lá quem”. Eu gostava muito de ficar em casa, né? Então, raramente eu tava no convívio dessas pessoas, assim.

(Relato de Rodrigo, dezembro de 2021, Atibaia - São Paulo).

De fato, nunca cheguei a ver Pam pessoalmente, embora ela tenha se tornado uma personagem que posteriormente estava muito distanciada de Adriano e Eva, não sendo tão importante para análise de minha Tese como um todo. Por sua vez, Priscila afirmava ser amiga de longa data de Adriano e Eva, de modo que pela análise de seu depoimento tão revelador, é possível concluir que ela fez parte de muitos momentos, sobretudo nos últimos meses vividos pelo casal assassinado, embora ela também tente se apresentar como completamente desinformada a respeito dos negócios de Passos. Portanto, em relação ao núcleo de intimidades de Adriano e Eva, no depoimento de Priscila despontam algumas informações importantes, relacionadas às confusões e conflitos internos do casal, assim como sua relação conflituosa com JC e Débora, tal como se segue:

DISSE QUE: É conhecido como PRISCILA; Que conhecia as vítimas desde criança, pois sempre residiram no bairro Icarai; Que passou um tempo fora, viajando à trabalho, mas retornou há aproximadamente uns três anos; Que era muito amigo da vítima, JOSÉ PASSOS DE SOUSA, conhecido como ADRIANO, o qual tinha uma barraca de praia, frequentada pelo depoente nos fins de semana, e tinha certa amizade com ELOÍNA ALVES DUTRA PASSOS, conhecida como EVA, pois ela era professora e o declarante também é; Que o declarante passou a residir no Icarai, no condomínio São Pedro, e JC passou a morar no apartamento de frente, o qual ficava porta com porta com o apartamento do depoente; Que passou a estreitar os laços de amizade com JC a mulher dele, DÉBORA, e era só abrir a porta do apartamento do declarante que já estava dentro da casa dele e vice versa; Que sempre percebeu uma grande movimentação no apartamento dele, mas nunca procurou saber o que ele fazia, sendo que certa noite estava com uns amigos em casa, e estes estavam bebendo e se divertindo, momento em que perguntaram ao depoente onde poderiam conseguir um transporte para comprar “PÓ”, pois curtiavam cocaína; Que por acaso o depoente encontrou JC nas escadas e depois de uma conversa JC lhe disse que estava falando com a pessoa certa e, desde esse dia, o depoente descobriu qual era a verdadeira fonte de renda de JC, ou seja, a venda de drogas ilícitas; Que logo surgiu uma “ponte” entre o depoente e as pessoas que tinham interesse em consumir drogas, pois quando alguém queria comprar o declarante informava quem vendia; Que uma vez JC disse ao declarante que não fosse bater lá, pois um tio dele viria morar uns tempos com ele, e era muito chato; Que o declarante não sabendo se o tio ainda estava residindo no imóvel, bateu na porta certo dia, e tamanha foi a surpresa quando viu que o tio de JC era justamente ADRIANO; Que depois dessa data, o depoente passou a ter conhecimento de que ADRIANO também era envolvido com o tráfico de drogas e, não só dono da barraca de praia; Que o depoente tem conhecimento de que os dois trabalhavam juntos, e o lucro era dividido entre os dois, porém começou a surgir problemas entre os dois, pois ADRIANO, muitas vezes tirava drogas para consumo e gostava muito de

“farrear”, e as vezes não repunha, fazendo com que JC ficasse no prejuízo; Que os dois brigaram e ADRIANO saiu do apartamento; Que ano passado (2015) a polícia deu “um bote” no condomínio, mas deu o bote errado, e entrou no apartamento do depoente perguntando pelo JC e pelas drogas, porém JC tinha saído há pouco tempo com os bolsos cheios, com a mulher; Que no dia que a polícia invadiu o apartamento do depoente, sem mandado, por volta de 20 horas, foi o pior dia de sua vida, foi muito constrangedor, e eles quebraram várias coisas em seu apartamento; Que o depoente estava com a filha menor de JC, e a criança ficou muito agitada porque fecharam todas as janelas; Que o depoente passou a argumentar com os policiais que eles não tinham mandado e naquele horário não podiam entrar em seu apartamento, e como eles não encontraram nada, e nem conseguiram pegar o JC, foram embora; Que desde esse dia a relação do depoente com o casal ficou comprometida, e acredita que tenha sido alguma denúncia, pois quando a mulher de JC usava cocaína, ficava muito agitada e chamava atenção da vizinhança; Que os dois eram usuários de droga; Que o declarante saiu do condomínio e foi morar com uma amiga em outro bairro; Que certo dia recebeu um telefonema de sua amiga ANDREA, e esta lhe disse que haviam encontrado o corpo de ADRIANO e de EVA, mortos dentro de casa; Que o depoente ficou chocado com o que ouviu e imediatamente entrou em contato via Whatsapp com MATEUS, o qual chama de AVALANCHE, e perguntou-lhe que conversa era essa; Que AVALANCHE lhe disse que era verdade, que ele havia ido na casa e encontrado o portão da frente aberto, porém a casa toda trancada, mas como sentiu um cheiro de podre muito grande no ar, quebrou o vidro da janela e viu os corpos dentro do quarto; Que logo o depoente ligou para JC, e este atendeu o telefone dizendo que estava no Guajiru (Icaraí), e não estava sabendo de nada, e que iria lá na casa do tio; Que até então o depoente não sabia do fato de que JC estava morando na casa de ADRIANO; Que depois o depoente falou novamente com AVALANCHE, e ele lhe disse os detalhes do que estava ocorrendo, e chamou JC de safado; Que o depoente entrou em contato com JC e disse que AVALANCHE estava querendo saber onde estava o carro o qual pertencia a PAULISTA, que havia desaparecido da casa, tendo JC dito ao depoente que ADRIANO tinha lhe pedido para levar o carro para uma oficina na Barra do Ceará, e o veículo apresentou defeito, tendo ele fechado o carro e ido embora, entregando a chave a ADRIANO; Que o depoente não sabe informar o dia em que ocorreu esse problema do carro, somente JC pode esclarecer; Que o depoente acha essa história muito estranha, pois conhece JC muito bem, e não acredita que ele tenha sido capaz de matar o tio, pois ele era uma pessoa muito medrosa; Que o depoente tem conhecimento de que em todas as casas onde JC morava, ou pedia para passar uns dias, eram sempre invadidas pela polícia; Que também tem conhecimento de que a casa de ADRIANO foi invadida pela polícia várias vezes, e que os policiais extorquiram dinheiro dele.

(Depoimento de “Priscila”, amiga de Adriano e Eva, 14 de abril de 2016).

Neste ponto, acredito que mediante os materiais apresentados, torna-se possível compreender de maneira geral os fatos envoltos nas mortes de Adriano e Eva, estabelecendo assim um panorama socioantropológico sobre esta confusa trama. Ressalto que todas as trajetórias de vida relacionadas aqui em muito me afetam, pois me possibilitaram iluminar questões fundamentais para a feitura de minha pesquisa, que por algum tempo permaneceu bloqueada, e muitas vezes eu mal conseguia encarar meus escritos, pois aquilo que me trazia um misto de muitos sentimentos contraditórios e muitas vezes conflitivos. Portanto, com base nas questões discutidas até aqui, vale indagar: quais seriam as repercussões das definições e representações dos “males sociais” espacialmente e virtualmente apropriadas e incorporadas

pelos indivíduos em seus movimentos e momentos pessoais? Que tipo de repercussões tais atribuições devem fomentar no *socius*, que parece ser tanto o centro quanto as margens de toda potência humana significante? Questões muito abstratas, admito.

Não sei se sou capaz de responder a essas perguntas tão pretensiosas, mas considero que a vida social se desenvolve em uma espécie de *constância na adversidade*, uma espécie de fluidez no contraditório, na relação entre forças opostas que apesar de tudo se complementam. Entendo que a *sociedade* humana é este caos sem destino aparente. Trata-se de um caos que em suas incontornáveis circularidades acaba seguindo, por fim, uma lógica de ordenação e conservação que logo fomentará uma nova ruptura, uma nova transformação ou crise social profunda. Tudo consiste no fluxo de várias formas de organização social que na prática assumem a aparência de serem sempre as mesmas, embora esteja em permanente transformação. A seguir destaco o bilhete de Aila, vizinha de Adriano e Eva.

Luzia Corrêa


 Se conheciam há anos por conta da Barraca de Praia. A casa dos Fundos é vazia, para al-
 - Observou movimentação estranha mas acreditou por conta das festas. 20:30 via uma moto (na sexta) entrando no portão menor. Acredita que "Eva" não cometera suicídio, viu a vítima conversar com uma amiga professora que está de mudança para um apto no Itaquera; que não estavam vivendo juntos, muitas idas e voltas; ouviu falar que a polícia estava investigando Adriano, que vieram na casa, que "Eva" fez uma "carta" pl a polícia declarando ã ter envolvimento com as atividades ilícitas, que a carta estava com a polícia.

Jonhata.

Depoimento escrito à mão de Aila em 2016, vizinha da casa dos fundos e amiga de Adriano e Eva. Fonte: Arquivo Pessoal.

Embora seja tão mal escrito, o bilhete de Aila dá algumas pistas valiosas da relação entre o casal e das constantes movimentações na casa: “Se conheciam há anos por conta da barraca de praia. A casa dos fundos é vazia para observar movimentação estranha, mas acredita ser uma das festas. 20:30 viu uma moto (na sexta) entrando no portão menor. Acredita que Eva não cometera suicídio. Viu a vítima conversar com uma professora e que estava de mudança para o Icarai, que não estavam vivendo juntos, muitas idas e voltas, ouviu falar que a polícia estava investigando Adriano, que vieram na casa, que Eva fez uma carta para a polícia declarando não ter envolvimento com as atividades ilícitas, e que a carta estava com a polícia.”

Por fim, retornando a reflexões anteriores, penso que a transgressão e o crime jamais representarão uma ruptura definitiva e total com o poder e a ordem instituída, mas apenas um lance adicional nos infinitos jogos de reprodução das práticas e arranjos sociais, que em essência são profundamente conflitivos. Portanto, trata-se de uma constância que adviria da própria máquina ressonante do Estado, encarnada principalmente na “família tradicional brasileira”, intensamente acionada e apropriada pelos principais centros de conservação, reprodução, repressão social e constrangimento moral (IRLYS BARREIRA, 2003; BUTLER, 2009), independente de que tais centros de poder estejam mais relacionados ao universo do crime ou da Lei.

Depois de ter destacado que a universalidade da família repousa nessa concepção naturalista da diferença dos sexos, Claude Lévi-Strauss corrige o efeito dogmático que poderia produzir a adesão a essa evidência acrescentando que uma outra condição é necessária à criação da família: a existência prévia, diz ele, de ‘duas outras famílias, uma pronta a fornecer um homem, a outra, uma mulher, que por seu casamento farão nascer uma terceira e assim indefinidamente’. Este esclarecimento chama nossa atenção para o fato de que duas abordagens do fenômeno familiar são possíveis. A primeira, sociológica, histórica ou psicanalítica, privilegia o estudo vertical das filiações e das gerações insistindo nas continuidades ou nas distorções entre os pais e os filhos bem como na transmissão dos saberes e das atitudes herdadas de uma geração à outra. A segunda, mais antropológica, ocupa-se sobretudo da descrição horizontal estrutural ou comparativa das alianças, enfatizando que cada família provém sempre da união – logo, do estilhamento – de duas outras famílias. No primeiro caso, usaremos com mais frequência a palavra ‘família’; no outro, ‘parentesco’. (ROUDINESCO, 2003, p. 14).

Em suma, estes são aspectos imprescindíveis encontrados numa intersecção sociológica erigida entre o que considero potências de conservação e de transgressão social, que emanam da mesma fonte familiar e atuam de forma prático-recursiva: transformações que emergem de um ponto de atrito qualquer, no âmbito dos embates perpetrados por agentes de

oposição: bandidos e policiais, marginais e cidadãos, velhos e jovens. Tais conflitos, entretanto, jamais implicariam uma ruptura definitiva da ordem, mas sim uma interação e troca de astúcias extremamente necessárias para a constante atualização das pulsões e dos impulsos psicológicos, sociais e individuais mais requisitados.

7 A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL NAS TRAMAS DO CRIME E DA ORDEM: UMA CONCLUSÃO

Essa tensão – as contradições entre os desejos do indivíduo parcialmente controlados pelo inconsciente e as exigências sociais representadas por seu superego – é o que alimenta constantemente a ideia de um núcleo individual natural na concha condicionada pela sociedade ou pelo ambiente. Essas contradições fazem parecer evidente ao indivíduo que ele é algo distinto “internamente”, enquanto a “sociedade” e as outras pessoas são “externas” e “alheias”. Essa forma específica de superego, esse cerceamento especialmente vigoroso e semi-automático de todos os impulsos e afetos direcionados para outrem, foi o que permitiu ao indivíduo – de maneira cada vez mais perceptível a partir do Renascimento – perceber-se como “sujeito” e perceber o mundo como uma coisa separada dele por um abismo, como por um “objeto”. Isso facultou-lhe ver-se como um observador externo ao restante da natureza, enquanto a natureza o confrontava como “paisagem”; facultou-lhe sentir-se indivíduo independente de todas as outras pessoas e ver as outras pessoas como um campo “estranho” que originalmente nada tivera a ver com seu “interior”, como um “ambiente”, um “meio”, uma “sociedade”. (ELIAS, 1994, p. 53).

Na paisagem prática, lugar de onde emana o calor das ações sociais, nada deve ser ocultado. A intenção deve ser mostrada, a postura deve estar sempre firme, as ferramentas devem estar por perto, os colaboradores em prontidão e o olhar sempre atento. As ciências sociais nos ensinam que a paisagem prática se apresenta, portanto, como a seara das revelações mais imediatas e emergentes acerca de infinitos modos de viver e praticar o mundo: e onde um mundo todo se revela, é possível que ao menos uma partícula de mundo deva estar sendo, de fato, praticada e, portanto, transformada. É assim que os significados mais profundos das pessoas e coisas partem do que já está evidente no próprio ato do encontro, nos detalhes considerados mais banais e nos acasos.

Porém, é certo que a dimensão mais subjetiva dos seres também deva estar intimamente implicada em uma imagem familiar objetiva, a partir de elementos que para muitas pessoas podem se apresentar como inteiramente inúteis ou desinteressantes, lançando as bases de discursos utilitaristas e anticientíficos, tão em voga nos dias atuais. Por outro lado, para as pessoas mais científicas e buscadoras⁴⁷, o ordinário se mostra potencialmente capaz de revelar outras perspectivas inusitadas, possibilitando elaborações científicas autênticas ou raramente vislumbradas. Em todo caso, para a grande massa da população, há coisas que certamente “é melhor não saber”.

⁴⁷ “É possível que seja um pouco mais difícil as pessoas se contemplarem e analisarem, sem a obstrução de seus próprios anseios e temores, do que é para elas erguer o véu que esconde a natureza inanimada. Está perfeito que os filósofos nos exortem, ao longo dos séculos, com seu ‘Conhece-te a ti mesmo!’; mas talvez a maioria das pessoas, ao ouvir essa injunção, pense e sinta: ‘Não queremos saber muita coisa a esse respeito’.” (ELIAS, 1994, p. 69).

Considero aqui as circunstâncias práticas que se apresentam com grande carga de significado, despertando nas pessoas uma imaginação sociológica espontânea, como bem ressalta Wittgenstein (2014, p. 65): “Queremos compreender algo que já está aberto diante dos nossos olhos. Porque, em um certo sentido, é isto que não parecemos compreender”.⁴⁸ Portanto, compreendo que o Estado é este “isto” primordial, a imagem elementar que se abre diante de nossos olhos de forma incontornável e irresistível.

Portanto, foi desse modo, a partir de tais *insights* e percepções assimiladas em conversas com interlocutores, amigos, professores e pesquisadores, entre incontáveis incursões ao campo empírico, que decidi partir em minha Tese de uma concepção um tanto mais radical, realizando inclusive relatos muito íntimos sobre meu passado. É assim que me vejo como estando completamente imersos nas problemáticas de minha pesquisa, pois são questões que sempre me afetaram não apenas enquanto estudante.

Indo mais adiante, observo que a “família tradicional brasileira”, sendo genuinamente nascida de processos criminais, incluindo invasões, violências e violações, e mesmo tendo sido forçosamente ordenada por um processo civilizador (ELIAS, 1993) extremamente atropelado, corrupto e restritivo, tem sempre a necessidade de retornar inconscientemente às suas imagens originárias. Esse retorno inconsciente produz um verdadeiro choque geracional, que acaba resultando em conflitos sociais inúmeros, como os que vemos ocorrer todos os dias: crises que buscam extravasar o elemento caótico, colérico e violento encontrado no seio de qualquer núcleo familiar.

Em outras palavras, especialmente no caso brasileiro, com suas raízes intensamente familistas e personalistas (FERNANDES, 1976), a família necessita sempre retornar de maneira prático-recursiva às suas imagens e símbolos primordiais. Entretanto, estes símbolos e imagens estão povoados de desordem, crueldades e perversidades latentes que em determinado devem emergir, implodir, sobretudo em épocas críticas de imensos desarranjos sistêmicos. Em suma, tais crises são refletidas nos embates sucessivos travados no ringue social por sociedades mergulhadas em profundas diferenças e contrariedades mútuas, embora também com nítidas semelhanças entre si, constituindo o que considero imagens de “conservação” e “subversão” social, ou seja, imagens do “crime” e da “ordem”, encarnadas em tipos sociais como o policial e o “fora da lei”.

Com base em tais reflexões, a seguir destaco um trecho interessante de Elisabeth Roudinesco (2003, p. 11):

⁴⁸ “Uma imagem mantinha-nos prisioneiros. E não podíamos escapar, pois ela residia em nossa linguagem, e esta parecia repeti-la para nós, inexoravelmente.” (WITTGENSTEIN, 2014, p. 72).

Baseada durante séculos na soberania divina do pai, a família ocidental foi desafiada, no século XVIII, pela irrupção do feminino. Foi então que se transformou, com o advento da burguesia, em uma célula biológica que concedia lugar central à maternidade. A nova ordem familiar conseguiu represar a ameaça que esta irrupção do feminino representava à custa do questionamento do antigo poder patriarcal. A partir do declínio deste, cuja testemunha e principal teórico foi Freud ao revisitar a história de Édipo e de Hamlet, esboçou-se um processo de emancipação que permitiu às mulheres afirmar sua diferença, às crianças serem olhadas como sujeitos e aos “invertidos” se normalizarem. Esse movimento gerou uma angústia e uma desordem específicas, ligadas ao terror da abolição da diferença dos sexos, com a perspectiva de uma dissolução da família no fim do caminho.

Refletindo as ideias destacadas pela autora, considero que a nítida reafirmação e reconfiguração dos modelos mais rígidos e impositivos da “família tradicional” (ROUDINESCO, 2003)⁴⁹ – cada vez mais evidenciada em vários contextos ao redor do mundo, por ocasião de uma recente e gradativa ascensão de paradigmas político-ideológicos ultraconservadores –, a explicitam como principal deflagradora do rastreamento e decomposição social de indivíduos e grupos que se distanciam de um mundo novo que há tempos deseja se afirmar: operando como berço de significâncias, diferenças e impulsos profundamente morais e afetivos, e também sanguinários e bélicos, que seriam simultaneamente estimulados de um lado e, de outro lado, compulsivamente e sutilmente reprimidos e relegados às psicologias individuais.

Portanto, é certo que, mais cedo ou mais tarde, tais imagens, produzidas e reproduzidas socialmente, adormecidas no inconsciente coletivo, sendo profundamente reprimidas nos indivíduos e, sobretudo, na dimensão de um universo social mais consciente, logo encontrarão suas disposições agonísticas (COMERFORD, 2003) capazes de perturbar toda tessitura social, realizando deslocamentos numa consciência social imanente, mediante sucessivos choques transformativos. Nesse sentido, considero que a família se configura como *locus* fundante de potências conflitivas de ordem, tradição, transgressão, loucura, conservação, destruição, afeto e intriga: forças opostas embora complementares, inteiramente borbulhantes no mundo das práticas, tramas e dramas sociais. Os conflitos geracionais parecem emergir, portanto, quando os símbolos de poder, conquista e *status* não mais correspondem às pressões exercidas pelas demandas transformacionais de uma nova sociedade que insiste em despontar. Em suma, tais questões se encontram firmadas no

⁴⁹ “(...) o grande desejo de normatividade das antigas minorias perseguidas semeia problemas na sociedade. Todos temem, com efeito, que não passe do sinal de uma decadência dos valores tradicionais da família, escola, nação, pátria e, sobretudo, da paternidade, do pai, da lei do pai e da autoridade sob todas as formas. Como consequência, não é mais a contestação do modelo familiar que incomoda os conservadores de todos os lados, mas, ao contrário, a vontade de a ele se submeter.” (ROUDINESCO, 2003, p. 10).

problema das transformações existentes entre paradigmas de tradicionalidade, modernidade e contemporaneidade.

Compreendo que em torno da família é que se constrói o domínio básico da ação e do pensamento, na concepção de objetividades que exigem o desenvolvimento de subjetividades específicas, rigorosamente firmadas no sentido de determinados modos mais respaldados e legítimos de operar e agir no mundo que só maltrata, desgasta e devora os indivíduos. É, portanto, na família onde parecem se gestar e se organizar as regiões e territórios mais rígidos e maleáveis do discurso de dominação, autoridade e ordem, constituindo as imagens mais elementares do discurso de Estado, que mantém coesa a potência disciplinar das instituições mais legitimadas e enraizadas do poder social: como a estruturação dos aparatos bélicos das Forças Armadas, dos destacamentos e das tropas policiais (FREUD, 2013; ARENDT, 1989).

Neste ponto, caberia indagar: considerando as emoções e os afetos, o que violência e crime, família e Estado estabelecem em comum? O que tornaria tais conexões e questões algo cientificamente pertinente, na tentativa de análise de um contexto sócio histórico e econômico altamente regressivo e letal, que encontra praticamente nas mesmas imagens, símbolos e representações de “amor e afeto” o motor propulsor de suas reproduções mais perversas, cruéis e repressivas?

Sem ordem paterna, sem lei simbólica, a família mutilada das sociedades pós-industriais seria, dizem, pervertida em sua própria função de célula de base da sociedade. Ela se entregaria ao hedonismo, à ideologia do ‘sem tabu’. Monoparental, homoparental, recomposta, desconstruída, clonada, gerada artificialmente, atacada do interior por pretensos negadores da diferença entre os sexos, ela não seria mais capaz de transformar seus próprios valores. Como consequência, o Ocidente judaico-cristão e, pior ainda, a democracia republicana estariam ameaçados de decomposição. Daí a permanente evocação das catástrofes presentes e vindouras: os professores apunhalados, as crianças estupradoras e estupradas, os carros incendiados, as periferias entregues ao crime e à ausência de qualquer autoridade. (ROUDINESCO, 2003, p. 10).

Por outro lado, é necessário perceber até que ponto as diversas formas de organização familiar em muito se assemelham ao rigor e a ordem que mantém coesas as hordas incontroláveis de toda forma de delinquência, marginalidade, vagabundagem e desvio (GENET, 1986). Em geral, são os “bandos”, as “maltas”, as “facções” e todo tipo de associação coletiva que incomoda o Estado, como quem anuncia que “ainda estamos aqui”. Por outro lado, nota-se que em suas raízes profundas, tais formações sociais, com seus discursos contra o Estado, são muitas vezes fomentadas e controladas pelo próprio Estado: o

que se aproxima da tese foucaultiana de que “as margens” são um produto mitológico do Estado. Em suma, destacam-se as noções socialmente compartilhadas de “bem e mal” (o “amigo” e o “inimigo”) discursivamente projetadas e simbolicamente incorporadas no campo de investigação em que procurei inscrever a minha própria narrativa científica. Tudo só foi possível mediante uma permanente prática de leituras, reflexões, conversas, esboços e escritos, funcionando como exercícios quase que indistintos das minhas próprias preocupações existenciais.

Podemos resumir as principais diferenças entre a segmentaridade dura e a segmentaridade flexível. Sob o modo duro, a segmentaridade binária vale por si mesma e depende de grandes máquinas de binarização direta, enquanto sob o outro modo as binaridades resultam de ‘multiplicidade com n dimensões’. Em segundo lugar, a segmentaridade circular tende a se tornar concêntrica, isto é, ela faz coincidir todas as habitações num só centro, o qual não pára de se deslocar, mas permanece invariante em seus deslocamentos, remetendo a uma máquina de ressonância. (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 89).

Aprofundando as reflexões teóricas, penso aqui na emergência de um sujeito que é interpretado a partir do que projeta e desloca em suas ações práticas, como no caso de Adriano Passos. Sujeitos arrastados por seus infinitos encontros, sem deixar de considerar que sempre existem os bons e os maus encontros: margeados de hesitações, obstruções, considerações, permissividades e liberalidades. De fato, muitos outros jovens (CAVALCANTE, 2011), como um dia foi Adriano, são lançados todos os dias na intensidade sedutora e agressiva de uma paisagem prática previamente construída, amarrados a uma infinda teia de símbolos e significados, como uma trama de relações que eles mesmos tecem e entretecem simultaneamente, sem perceber conscientemente o que realizam (GEERTZ, 2008). Portanto, considero que estes são aspectos que se encontram na base dos principais objetos e problemáticas que procurei discorrer em minha Tese.

Na profusão dos conflitos mundanos, como uma forma de facilitar as classificações automáticas e compulsórias impostas pela existência social diária, a vida passa a ser qualificada a partir de rótulos e trajetórias simultaneamente enredadas, que movem disposições e práticas de conservação da ordem de um lado e, de outro lado, dinamizam também potências de transgressão e transformação social. Vale salientar que imagens de transgressão não necessariamente implicam em uma destruição total da ordem, embora possam causá-la em graus variados. Portanto, as trocas de astúcias entre forças divergentes são profundamente circulares e repetitivas, *repetição* que em algum momento produz

diferença (DELEUZE, 2018). Portanto, são potências de reprodução social que se alimentam de maneira profundamente retroativa: proliferando crueldades empreendidas tanto por agentes “da lei” quanto por indivíduos “fora da lei”, que em suas ações reavivam, dinamizam e atualizam os símbolos de práticas sociais introjetadas, corporificadas e institucionalizadas ao longo de milhares e milhares de anos de “civilização” (ELIAS, 1994), com seus centros duros, zonas neutras e periferias maleáveis.

O infundo confronto simbólico entre forças de transgressão e de conservação no âmbito criminal produz cenários e cenas de *interpelação social* (BUTLER, 2015), formulando quadros facilmente captados no cotidiano brasileiro. Tais interpelações apresentam raízes sociológicas intermináveis e sem datação definida, sobretudo quando profundamente estimuladas à reprodução de suas respectivas disposições elementares e embrionárias: como micro símbolos sociais de ordem, como também de ruptura, que podem ser observados em praticamente todas as formações sociais ao redor do mundo.

Nesse sentido, as várias conceituações do que é “ser violento” não devem escapar à percepção de que a violência parte de um elemento previamente e socialmente “produzido” ou, como diria Guimarães Rosa (1994), um “depositado”⁵⁰. Em suma, um terror depositado e perpetuado no embate entre oposições entre o “ser da família” e o “ser da malta”, que configuram e reconfiguram determinados cenários e práticas cotidianas imersas em autoimagens de *desejo e medo* (ELIAS, 1994, p. 63-79).

Segundo Muniz Sodré (2009, p. 90): “[...] num primeiro nível, o que ritimiza o cotidiano são as rotinas, inscritas individual e coletivamente na vida social; num segundo nível, os acontecimentos, que pontuam – em diferentes escalas de intensidade – essas rotinas.” É assim que as dimensões das maiores crueldades cotidianas parecem estar relacionadas e enleadas à profusão de sujeitos e grupos em processo de conflito com algum inimigo externo, sempre visto como antagônico, sujo e ameaçador, mas que seria apenas um reflexo turvado do que ele mesmo busca rastrear e combater (ECO, 2011).

O *inimigo*, portanto, é encarado como o invasor e profanador de uma essência previamente resguardada, cultivada e amada, sendo constantemente enquadrada como alvo de possíveis interpelações e violações. Nesse sentido, o medo do outro é advindo de tais projeções coletivas: o agente externo sempre encarado como fonte de ameaças à concha familiar superprotegida, gerando então embates e possíveis novas sociedades (SENNET, 1988; TARDE, 2003). Por outro lado, temos ainda os vestígios de um invasor mais

⁵⁰ “O que o medo é: um produzido dentro da gente, um depositado.” (ROSA, 1994, p. 519).

institucionalizado, como podem ser vistos os agentes policiais, que frequentemente emanam impulsos de criminalidade, que no final das contas são movidos justamente por uma vontade de autoridade de Estado.

As sociedades de bandos dos sertões podem ser também citadas aqui, como formas possíveis dessas imagens de resistência social erigidas contra modos legítimos de circunscrever a potência das experiências práticas consideradas socialmente subversivas. Tudo consiste na proliferação de uma ação transgressora que logo será devidamente circunscrita e englobada pelos agentes do Estado, que se mostram como produtos do que eles mesmos perseguem e buscam capturar. Nota-se que muitos coletivos armados necessitam de impulsos de ordem bastante característicos, que possam garantir uma sucessão de movimentos e deslocamentos estratégicos em seu território, sobretudo em suas relações com o que está *fora* do território, e por isso Adriano construiu ao longo de vários anos a sua rede de contatos e influências, garantindo temporariamente a sua segurança.

Ressalto que tais reflexões são realizadas numa intersecção reflexiva entre a trajetória de Elitônio (e bandos criminais dos sertões) e a trajetória de Adriano Passos, com suas tantas narrativas. No fundo, considero que todos são simpáticos às formações organizacionais e hierárquicas dos domínios de Estado, pois inconscientemente também reproduzem e mimetizam as mesmas formas de dominação, seja mediante o uso da violência, da ameaça velada ou explícita. Assim, não se pode ignorar que Adriano também matou pessoas, e Adriano também prendeu e feriu pessoas.

Portanto, considero que as referências que mobilizam as tramas criminais aqui pesquisadas, demonstram não apenas transgressões e subversões, mas também imagens de conservações, reproduções e atualizações de símbolos de domínio, de ordem e controle social, que seriam sedimentados, sobretudo, num âmbito *micropolítico* (DELEUZE; GUATTARI, 1996). Em suma, considero que, inconscientemente, Adriano Passos queria ser tão poderoso quanto o Estado, embora simulasse uma certa oposição ao mesmo, estabelecida em torno de um ódio gestado contra o que ele chamava “sistema”. Entretanto, ele esquecia que o Estado não é sustentado apenas pela força bruta, mas sobretudo pelo poder da palavra, e a palavra é o verbo e o verbo é a Lei.

Aqui é onde procuro inserir as tramas familiares e afetivas de Adriano Passos: as implicações no “ser de família” e “ser da vagabundagem”⁵¹. Nesse sentido, observa-se que a

⁵¹ “É importante reter dessa rápida análise sobre o lugar da família no mundo do crime que os valores ligados à moral instituída estão também presentes nas condições de legalidade e contravenção que caracterizam a história dos chamados ‘fora da lei’.” (BARREIRA, 1998, p. 169).

intensiva proliferação de figuras familiares de ordem parece fomentar – simultaneamente – a gênese de imagens opostas de rebeldia, escape e ruptura coletiva. É assim que a transgressão social emerge como mais um arrojado mecanismo canalizador e atualizador de “ordem”, num constante rearranjo da própria lógica social dominante de oposições. Portanto, como procuro evidenciar em meu trabalho, trata-se de oposições irreconciliáveis, embora sejam curiosamente complementares. Como dizia William Blake (2007, p. 38): “*Opposition is true Friendship*” (“Oposição é verdadeira Amizade”).

Em suma, os apontamentos acerca de experiências nitidamente transgressoras, referentes a uma carreira criminal intensiva – frequentemente associada a “bandidos e marginais” –, emprestam um sentido adicional à lógica de classificações de uma vida supostamente mais “moral”, “normatizada”, “familiar” e “devotada”, que constitui a tipologia social do “cidadão de bem”, tão falado na atualidade. Em outras palavras, o “moral” existe em função de confirmar e atualizar o “imoral”, assim como o “imoral” existe em função de confirmar e atualizar o “moral”. Portanto, compreendo que nos jogos sociais não há posições rigidamente demarcadas e definitivas. É preciso considerar que em sociedade tudo vacila, tudo se transforma e se multiplica recursivamente.

O desejo e o temor apontados por Elias (1994) emergem na tentativa dos indivíduos em sobreviver em meio à multidão de seres sociais que lutam para adquirir suas respectivas formas, e que se transformam e se reconfiguram inclusive na recusa das suas próprias formas e das formas alheias. O medo social fundante transita, portanto, um constante devir transformativo, relacionando cenários de ameaça como zonas limítrofes de seguridade e distinção social. Tal lógica parece resguardar o fortalecimento das relações e representações de poder sobre um arcabouço incontornável de práticas e discursos geradores de campos autossuficientes de dominância social: máquinas de ressonância discursivas nas quais os indivíduos fazem ressoar inconscientemente a própria voz de seus opressores, ou seja, o próprio controle de Estado que ninguém quer abrir mão.

É preciso considerar que a aceleração dos vertiginosos fenômenos de criminalidade e expulsão social pode estar relacionada ao complexo e gradativo apagamento de comunidades ditas *tradicionais*, profundamente apegadas à terra e aos seus liames parentais, gerando um inchamento geracional das zonas urbanas e metropolitanas, onde se encontram jovens imersos em contextos laborais circulares e angustiantes, como ocorre em Fortaleza, São Paulo e Rio de Janeiro, por exemplo. Nesse sentido, considero que a construção a longo prazo de um “eu-marginalizado” empreendida por Adriano Passos, com uma vida dividida entre a obrigação da vida familiar e a liberdade da vida criminal, pareceu se

gestar a partir da noção socialmente compartilhada de um incontornável fracasso individual e familiar, pois penso que Adriano Passos se achava fracassado em muitos aspectos, sobretudo em relação à sua própria família, da qual ele parecia sempre esperar qualquer tipo de reconhecimento, ao menos como alguém que pelejou na vida.

Foi assim que em meu trabalho busquei compreender as formas micropolíticas de interpelação e classificações de indivíduos criminais no contexto de suas vivências, ações discursivas e performatividades cotidianas, sempre os confrontando com os agentes armados do Estado, evidenciando assim meu campo de análise. Foi necessário, portanto, conectar múltiplos cenários discursivos e narrativas viscerais variadas, na busca por uma escrita minimamente coesa e criativa, realizando uma crítica ao aprimoramento do controle social e ferramentas de vigilâncias punitivas do Estado contemporâneo (GARLAND, 2008; FOUCAULT, 1987).

Em relação ao meu processo de escrita, destaco a seguir uma bela passagem de Ítalo Calvino (1990, p. 61):

Desde o início, em meu trabalho de escritor esforcei-me por seguir o percurso velocíssimo dos circuitos mentais que captam e reúnem pontos longínquos do espaço e do tempo. Em minha predileção pela aventura e a fábula buscava sempre o equivalente de uma energia interior, de uma dinâmica mental. Assitava para a imagem e para o movimento que brota naturalmente dela, embora sabendo sempre que não se pode falar de um resultado literário senão quando essa corrente da imaginação se transforma em palavras.

Em suma, compreendo que o desenvolvimento destas questões seminais propiciou reflexões fecundas sobre a gênese das “facções”, “bandos” e “gangues” no Estado do Ceará e no Brasil como um todo, numa aproximação de territórios, práticas e imagens intensas de violência, como as relacionadas ao Complexo do Carandiru. Como apresentado em linhas anteriores, mediante minhas próprias experiências pessoais vivenciadas ao longo dos anos, a partir de 2016 busquei aperfeiçoar minhas principais reflexões acerca da teoria do “desvio” ou mais especificamente sobre as chamadas “carreiras desviantes” (BECKER, 2008)⁵², não deixando de considerar o montante de reformulações críticas existentes, direcionadas à reelaborações do referido conceito. Foi a partir de tais reflexões que passei a encarar as experiências desviantes como sendo empreendidas pela própria máquina de produção e

⁵² Assim como propõe Howard Becker (2007, p.161-164), os conceitos aqui esboçados foram desenvolvidos a partir de experiências empíricas e reflexões intensivas.

reprodução das moralidades recursivas, gerando tanto outras multiplicidades subversivas como também novos dispositivos de controle e vigilância social.

Na elaboração de esboços e esquemas mentais, profundamente imerso na tentativa de delinear os fundamentos deste trabalho, noto que minhas bases teórico-metodológicas se mantiveram quase as mesmas ao longo dos anos de prática de pesquisa em Ciências Sociais. Tais bases resistiram a muitas reavaliações, crises pessoais e coletivas, que apenas refletiram um pouco mais da minha ansiedade em obter um texto mais apropriado e satisfatório.

Depois de enfrentar uma pandemia global que levou a óbito milhões de pessoas em todo mundo de 2019 a 2022, além de uma depressão prolongada que atravessei por ocasião da morte de minha querida amiga Lyanne logo no início do meu doutorado, em 2017, com o tempo precisei identificar o que realmente pretendia buscar (ou reencontrar) no campo empírico, a fim de organizar tais experiências num quadro imaginativo, prático e conceitual que fosse possível visualizar em palavras. Portanto, refleti sobre a melhor maneira de adequar minhas ideias e problemáticas na tentativa de desenvolver uma escrita aberta, imaginativa, criativa e autêntica, certamente originada de muitos incômodos.

É provável que alguém que reflete com dedicação o fenômeno da violência, do crime e do conflito (difícil saber onde começa e onde termina o outro) deva se deparar ainda com o fenômeno do sofrimento humano, como uma espécie de “dor social” de natureza subjetiva. Assim, a própria percepção dos aspectos simbólicos dos fenômenos é o que possibilita desnudá-los enquanto construções sociais, portanto *relacionais*, motivadas simultaneamente por fatores objetivos e subjetivos. Nesse sentido, o trabalho de pesquisa socioantropológico parece consistir numa investigação profunda dos alicerces de tais edificações sociais, ou seja: alcançando as genealogias e os fundamentos dos fenômenos, delimitando suas respectivas temporalidades e espacialidades, observando seus padrões de ação e desdobramentos na realidade prática.

Em contrapartida, observa-se que a própria noção de “dimensão prática” do mundo social é apenas mais uma interpretação constituída a partir de uma organização simbólica das relações e das coisas humanas, delineando o que muitos autores convencionam chamar “sociedade”. Portanto, parece impossível encontrar alguma prática social que não corresponda a um complexo arcabouço simbólico *a priori*, que funcione como uma espécie de “programador”, impulsionando os indivíduos a estabelecer maneiras de fazer e agir consideradas mais ou menos legítimas em um contexto social específico, onde tudo se passa de forma quase absolutamente “inconsciente” (BOURDIEU, 2009).

Porém, é preciso considerar que um símbolo sem qualquer expressão prática é como algo que jamais existiu, uma vez que em sociedade praticar alguma coisa é como vivificar um quadro de imagens mortas, ou que antes poderiam parecer caóticas e sem movimento. Portanto, é a própria prática humana que faz emergir uma potência social transformacional, capaz de atualizar e reanimar o que até então parecia estático, vazio e obsoleto, enraizando um quadro imaginativo que se move criativamente. Em geral, pode-se afirmar que a prática é aquilo que põe determinado símbolo (que por si só não significa nada) em movimento, atribuindo a ele a sua própria razão de existir. Portanto, quando o símbolo é *praticado* só então ele passa a ter alguma força e impacto social.

Considero que não há nenhuma realidade sociológica externa, sensível ao olhar do cientista, professor, estudante e pesquisador, que já não esteja simbolicamente implicada – ou imanente – em seu próprio universo mental, transcendental ou imaginativo, de modo que os encontros sociais deflagram as imagens mais imediatas destas realidades imanentes, geradas por uma consciência prática coletiva notavelmente recursiva e circular, como procurei demonstrar ao longo de meu trabalho.

Entretanto, ainda vale indagar: onde ficariam represadas (ou reprimidas) as “imagens fortes” da realidade social que (quase) ninguém quer enxergar? Onde se escondem as imagens impactantes que, mesmo quando são explícitas, as pessoas ignoram ou fingem que não enxergam? E indo mais além: porque determinadas pessoas merecem viver mais e melhor em detrimento das grandes massas populacionais nas grandes cidades que se matam, se atropelam e se destroem todos os dias na busca por um poder ilusório? Ou seja, a luta pelo “vencer na vida”.⁵³

Além do caos das massas desejanças, entretanto, a luta do pesquisador social é outra, é uma luta revolucionária. Como procuro enfatizar ao longo do trabalho, penso que o extraordinário se encontra justamente no âmbito do “banal”, do “ordinário”, constantemente convergindo às instâncias rígidas do “eu”: as cenas irrisórias da vida cotidiana que produzem novos arranjos e cenários práticos que transbordam como torrentes nas ações e nas entrelinhas das falas dos indivíduos, em seus diferentes grupos sociais e momentos discursivos. A prática de pesquisa, portanto, não deve persistir apenas como fruto de um trabalho individual, doloroso e solitário, embora o empreendimento – que sempre implica grandes dificuldades – envolva também a solidão, podendo alcançar aí a dimensão das

⁵³ “O problema moral, como se dirá, insere-se no reconhecimento dessa dissimetria essencial entre aquele que faz e aquele que padece, culminando na violência do agente poderoso. Ser afetado por um curso de acontecimentos narrados, eis aí o princípio organizador de toda uma série de papéis pacientes, segunda a ação exercida seja uma influência, uma melhoria ou uma deterioração, uma proteção ou uma frustração.” (RICCOEUR, 2014, p. 151).

subjetividades. Dessa forma, Bourdieu fala desse inevitável distanciamento do turbilhão do mundo por parte do observador social em “O Senso Prático” (2009).

Assim, compreendo que o cientista social deve alcançar algo que vá mais além do investimento meramente individual ou coletivo, atingindo um “centro bom” entre os dois, onde poderá eliminar as perspectivas mais segmentárias, limitadas e restritivas. A boa escrita deve ser tanto um produto dos isolamentos quanto das agitações dos encontros sociais sedutores⁵⁴ desejados pelo eu, na elaboração de um quadro de imagens relacionadas e estruturadas em torno de uma metodologia analítica que demonstre algo de minimamente conceitual e experimental, alternando a reflexividade interior com a expressividade exterior.

O ‘eu’ não se separa da matriz prevalecente das normas éticas e dos referenciais morais conflituosos. Em um sentido importante, essa matriz também é a condição para o surgimento do ‘eu’, mesmo que o ‘eu’ não seja induzido por essas normas em termos causais. Não podemos concluir que o ‘eu’ seja simplesmente o efeito ou o instrumento de algum *éthos* prévio ou de algum campo de normas conflituosas ou descontínuas. Quando o ‘eu’ busca fazer um relato de si mesmo, pode começar consigo, mas descobrirá que esse ‘si mesmo’ já está implicado numa temporalidade social que excede suas próprias capacidades de narração; na verdade, quando o ‘eu’ busca fazer um relato de si mesmo sem deixar de incluir as condições de seu próprio surgimento, deve, por necessidade, tornar-se um teórico social. (BUTLER, 2015, p. 18).

Como expõe Judith Butler (2015): aquele que não almeja refletir a si mesmo, é inteiramente incapaz de refletir o outro, sobretudo quando localizado em seu próprio lugar de fala e a partir de sua própria cosmovisão de mundo. De fato, a sociedade devora o indivíduo, ainda que o processo seja temporariamente adiado, por ocasião de ações estratégicas empreendidas por sujeitos mais excepcionais que parecem perceber a lógica da teia social e decidem agir conscientemente no sentido combater, questionar e corroer o “sistema”. Assim, mesmo quando o indivíduo se empenha energeticamente na tarefa de refletir o outro, mas sem estabelecer as devidas correspondências consigo próprio – ou ignorando a obscura opacidade do seu “si mesmo”, como afirma Butler (2015) – ele compreenderá apenas uma metade turvada das outras faces e feições sociais: como uma imagem projetada, não refletida e não confrontada de si mesmo.

Portanto, a metade perdida da imagem do mundo, na convergência entre o eu e o outro, só seria complementada, assimilada e iluminada com a confrontação da imagem

⁵⁴ “O perigo das novas democracias é a dificuldade crescente, para os homens de pensamento, de escapar à obsessão da agitação sedutora. É difícil baixar um sino de mergulhador num mar muito agitado.” (TARDE, 1992, p. 76).

recuperada do eu. Foi assim que “resgatar” as imagens de Adriano (em que um outro eu também aparecia) foram essenciais para meu trabalho de doutorado. Falando em outros termos, compreendo que a prática de pesquisa deve se gestar numa confluência entre impulsos e tendências individuais e coletivas. Por isso, é preciso estar atento e realizar, portanto, o que está para além do individualizante ou do faccioso, que constituem elementos de *mundanidade*. Nesse sentido, observo que muitos dos aspectos destacados aqui perpassam sensivelmente a concepção de “obra” definida por Hannah Arendt (2014, p. 9):

A obra é a atividade correspondente à não-naturalidade [*unnaturalnes*] da existência humana, que não está engastada no sempre-recorrente [*ever-recurrent*] ciclo vital da espécie e cuja mortalidade não é compensada por este último. A obra proporciona um mundo “artificial” de coisas, nitidamente diferente de qualquer ambiente natural. Dentro de suas fronteiras é abrigada cada vida individual, embora esse mundo se destine a sobreviver e a transcender todas elas. A condição humana da obra é a mundanidade [*worldliness*].

Em suma, uma obra deve servir como um testemunho, ou para relatar uma busca, elaborando métodos firmados na intersecção entre experiências concretas, imaginárias ou fictícias: na busca incansável pelo transitar, pela memória, seus meandros e suas potências de duração (KOFES, 2001, p. 40-70). Portanto, compreendo que a obra não é pertencente somente a um indivíduo ou a um grupo de indivíduos específico – ainda que possa ser o resultado de um isolamento, ou produto casual de uma reunião coletiva. De todo modo, ela deve ser a expressão e fruto intransferível de uma experiência de multiplicidade atuante, vivenciada em determinada época, na tentativa de responder questões emergentes numa condição de pura mundanidade. Em suma, é vivendo o “mundão” que a vida se descortina (SÁ, 2010).

A obra, vista enquanto uma resultante fictícia ou artificial de determinado contexto sócio histórico, como ressalta Hannah Arendt (2014), a partir do momento em que é intelectualmente gestada, a obra tem sua imagem logo desvinculada do momento presente, projetando-se em contextos sociológicos futuros que ainda estão completamente às margens de nosso alcance perceptivo e analítico, embora não seja impossível de alcançar e apreender no sentido *imaginativo* (ELIAS, 1982).

Penso que de alguma forma seremos sempre englobados de maneira incontornável pela multidão social sedenta e movimento massivos de seus agentes, a não ser que um dia possamos viver e habitar outros espaços e temporalidades, com outros rostos e nomes, outras tecnologias e outras referências bibliográficas possíveis: analisando inconscientemente

registros de nós mesmos outrora jogados, ocultados e esquecidos nos porões de um passado muito distante e difícil demais de explicar e compreender. Por fim, penso num futuro social repleto de outras dinâmicas humanas e estruturais muito mais complexas: realidades distópicas que ainda se mostram incompreensíveis para as limitadas sociedades humanas atuais.

Desde luego, esto no significa que dicha dinámica estructural esté fijada de una vez por todas en una dirección determinada; significa que mientras que existe un variado espectro de futuros posibles, las posibilidades de desarrollarse de cada uno de ellos están claramente delimitadas, no son infinitas. Por lo tanto, si las utopías anticipatorias han de ejercer alguna influencia en el desarrollo del futuro, solamente pueden hacerlo en tanto estén sintonizadas con los futuros posibles propios de la estructura y el impulso inercial de la sociedad en esta etapa particular de su desarrollo (ELIAS, 1982, p. 16).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDDT, Hannah. **As origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- ADAMO, Cristiane. **O diálogo entre as teorias da física quântica e psicologia analítica**. Vol. 5. Self – Rev Inst Junguiano, São Paulo, 2020.
- AQUINO, Jania P. de. **Príncipes e Castelos de Areia**: performance e liminaridade nos grandes roubos. Tese defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo, em agosto de 2009.
- AQUINO, Jania P. de. Redes e conexões parciais nos assaltos contra instituições financeiras. **Dilemas**: Revista de estudos de conflito e controle social, Rio de Janeiro, v. 3, n. 10, p. 75-100, 2010.
- AQUINO, Jania P. de. Performances do Crime: componentes dramáticos e teatrais dos grandes roubos no Brasil. *In*: BARREIRA, César (org.) et al (2014). **Violência como campo de pesquisa e orientação**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.
- BARBOSA, Antônio Carlos Rafael. **Um abraço para todos os amigos**: algumas considerações sobre o tráfico de drogas no Rio de Janeiro. Niterói: EDUFF, 1998.
- BARBOSA, Gustavo Baptista. A socialidade contra o Estado: a antropologia de Pierre Clastres. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 47 Nº 2, 2004.
- BARREIRA, César. **Trilhas e atalhos do poder**: conflitos sociais no sertão. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed., 1992.
- BARREIRA, César. **Crimes por encomenda**: violência e pistolagem no cenário brasileiro. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1998.
- BARREIRA, César. Massacres: monopólios difusos da violência. **Revista de Ciências Sociais** – UFC, 57/58: 169-185, 2000.
- BARREIRA, César. **Cotidiano despedaçado**: cenas de uma violência difusa. São Paulo: Edições Pontes, 2008.
- BARREIRA, César. Banditismo e práticas culturais: a construção de uma justiça popular. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 41, n 2, jul/dez, p. 73-82, 2010.
- BARREIRA, César. Crueldade: a face inesperada da violência difusa. **Revista Sociedade e Estado** – v. 30, n. 1, jan/abr., 2015.
- BARREIRA, Irllys. O lugar do indivíduo na sociologia: sob o prisma da liberdade e dos constrangimentos sociais. **Revista de Ciências Sociais**, Revisitando Temas Clássicos e Contemporâneos UFC, v. 34, n. 2, p. 51-64, 2003.

- BARROS, J.P.P. et al. “Pacificação” nas periferias: discursos sobre as violências e o cotidiano de juventudes em Fortaleza. **Revista de psicologia da UFC**, Fortaleza, v. 9, n.1, 2018.
- BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.
- BARTHES, Roland. **O Efeito de Real**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972.
- BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Editora Cultrix, 1999.
- BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- BECKER, Howard. **Segredos e truques da pesquisa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BECKER, Howard. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis, Editora Vozes, 1974.
- BENJAMIN, Walter. **O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. *In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* (p. 197-221). São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BERTAUX, Daniel. **El enfoque biográfico: su validez metodológica, sus potencialidades**. *Proposiciones* 29: 1-18, 1999.
- BIRMAN, Patricia; MACHADO, Carly. A violência dos justos: evangélicos, mídia e periferias da metrópole. **RBCS**, v. 27 n. 80, out/2012.
- BLAKE, William. **O casamento do céu e do inferno e outros escritos**. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: EDUSP, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão Biográfica. *In: Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papyrus, 1996, p. 74-82.
- BOURDIEU, Pierre. **Esboço de auto-análise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **O senso prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 2009.
- BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

BRAGA CAVALCANTE, Ricardo Moura. O Estado que caça: defesa social e política no Brasil. Revista Reflexões, Fortaleza-Ce, Ano 5, n.8, Jan./Jun., 2016.

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**: lições americanas. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAPOTE, Truman. **A sangue frio**. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

CASTAÑEDA, Carlos. **A Erva do diabo**: ensinamentos de Dom Juan. Rio de Janeiro: BestSeller, 2013.

CAVALCANTE, R. M. B. **Vidas breves: investigação acerca dos assassinatos de adolescentes em Fortaleza**. 2011. 161 f. Dissertação (Mestrado acadêmico em Políticas Públicas) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2011.

CIAMPA, Antonio da Costa. **A estória de Severino e a história de Severina**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

CLASTRES, Pierre. **A Sociedade contra o Estado**. Porto: Afrontamento, 1979.

CLASTRES, Pierre. **Arqueologia da violência**: a guerra nas sociedades primitivas. São Paulo: Cosac & Naify, 2014.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis, RJ: vozes, 1994.

COMERFORD, John Cunha. **Como uma família**: sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2003.

COMERFORD, John Cunha. Saber viver, em meio a encenqueiros, valentões e perigosos. *In*: BARREIRA, César; AQUINO, Jânia Perla de.; SÁ, Leonardo Damasceno de (org.). **Violência, Ilegalismos e Lugares Morais**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2018.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia**, v. 2. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia**, v. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia**, v. 4. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997a.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia**, v. 5. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997b.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **O anti-édipo**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo, Ed. 34, 2010.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

ECO, Umberto. **Construir o inimigo e outros escritos ocasionais**. Portugal: Gradiva, p. 7-35, 2011.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

ELIAS, Norbert. **Mozart: sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

ELIAS, Norbert. **Como pueden las utopías científicas y literarias influir sobre el futuro?** In, Figuraciones en proceso. (Compiladora) Vera Weiler. Santafé de Bogotá. Fundación Social. Universidad Nacional de Colombia, Universidad Industrial de Santander, 1998.

ELIAS, Norbert.; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos, seguido de envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

FERNANDES, Florestan. **A Revolução Burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FRAGA, Pontes. **Da Favela ao Sertão: juventude, narcotráfico e institucionalidade**. 2003. Disponível em: <https://red.pucp.edu.pe/ridei/files/2011/08/090802.pdf>. Acesso em: 23 de março de 2021.

FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu e outros trabalhos (1913-1914)**. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2001.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

FLUSSER, Vilém. **A escrita – Há futuro para a escrita?** São Paulo: Annablume, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **A vida dos homens infames**. In: FOUCAULT, Michel. **Estratégia, poder-saber: ditos e escritos IV**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 203-222.

FOUCAULT, Michel **Os anormais: curso no Collège de France (1974 – 1975)**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GARLAND, David. **A cultura do controle: crime e ordem social na sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Revan, 2008.

GENET, Jean. **Diário de um ladrão**. Tradução: Jacqueline Laurence; Roberto Lacerda. Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1986.

GIDDENS, Antony. **A constituição da sociedade**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GIRARD, René. **O bode expiatório**. Tradução Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2018.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2008.

GLENNY, Misha. **O Dono do Morro: um homem e a batalha pelo Rio**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: EDITORA PERSPECTIVA S.A., 1987.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de Interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GOFFMAN, Erving. **Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise**. Petrópolis, RJ, Vozes, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

KOFES, Suely. **Uma Trajetória em Narrativas**. Campinas; SP: Mercado de Letras, 2001.

MARTINS, José de Souza. **Linchamentos: uma justiça popular no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.

MARQUES, Adalton. **Crime, Proceder e Convívio Seguro: um experimento antropológico a partir das relações entre ladrões**. Dissertação de mestrado. PPGAS/USP, 2009.

MATOS JÚNIOR, Clodomir Cordeiro de. **Violência, Cidadania e Medo: experiências urbanas em Fortaleza**. Dissertação: Fortaleza, Ceará, 2008.

MATOS JÚNIOR, Clodomir Cordeiro de. A perspectiva das vítimas e a teoria social contemporânea: entre memórias do passado e futuros alternativos. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 45, n. 2, p. 26-35, maio-ago. 2019.

MATOS JÚNIOR, Clodomir Cordeiro de.; SANTIAGO, J. P. Facções, controles e gestão das periferias: mobilidades e direito à moradia em Fortaleza, Ceará, Brasil. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 53, n. 3, nov. 2022/fev. 2023, p. 27–52, 2023.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 1994.

- MISSE, Michel. **Malandros, marginais e vagabundos: a acumulação social da violência no Rio de Janeiro.** Tese de doutorado. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1999.
- MISSE, Michel. **Crime, sujeito e sujeição criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria “bandido”.** Lua Nova, São Paulo, 79: 15-38, 2010.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal.** Petrópolis – RJ: Vozes, 2012.
- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação.** 27. ed. Petrópolis, Vozes, 2012.
- PAIVA, Luiz Fábio S. **Contingências da violência em um território estigmatizado.** Campinas: Pontes Editora, 2014.
- PAIVA, Luiz Fábio S. **Os significados das mortes: os discursos dos meios de comunicação sobre crimes que “abalaram” o Brasil.** Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, 2012.
- PAIVA, Luiz Fábio S. Mortes na periferia: considerações sobre a chacina de 12 de novembro em Fortaleza. **O público e o privado**, Fortaleza, v. 1, n. 26, 2016.
- PAIVA, Luiz Fábio S. “Aqui não tem *gang*, tem facção”: as transformações sociais do crime em Fortaleza, Brasil. **Caderno CRH**, Salvador, v. 32, n. 85, p. 165-184, jan./abr. 2019.
- POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, 2(3): 3-15, 1989.
- PRADO, Clara Versiane dos Santos. A estética da existência marginal – o diário de um ladrão e o poeta Genet. **UNISANTA Humanitas**, v.2; ano 1, p.123-128, 2012.
- RICCOEUR, Paul. **O si-mesmo como outro.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.
- RIO, João do. **A alma encantadora das ruas: crônicas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas.** Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.
- ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- ROUDINESCO, Elisabeth. **A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- SÁ, Leonardo Damasceno de. **Guerra, mundão e consideração: uma etnografia das relações sociais dos jovens no Serviluz.** Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.
- SÁ, Leonardo Damasceno de. **Os Filhos do Estado: auto-imagem e disciplina na formação dos oficiais da Polícia Militar no Ceará.** Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2002.

SÁ, Leonardo Damasceno de. A condição de 'bichão da favela' e a busca por 'consideração': uma etnografia de jovens armados em favelas à beira mar. **Dilemas**: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, nov. 2011.

SÁ, Leonardo Damasceno de.; SANTIAGO, J. P. Entre tapas e chutes: um estudo antropológico do baculejo como exercício de poder policial no cotidiano da cidade. **O Público e o Privado** (Uece), Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 147-163, mar. 2011.

SENNET, Richard. **O Declínio do Homem Público**: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SHAW, Clifford R. **The Jack-Roller**: a delinquent boy's own story. Chicago: The University of Chicago Press, 1974. p. 384.

SIMMEL, George. **A Metrópole e a Vida Mental**. In: VELHO, Otávio (org.) O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro: Guanabara, 4. ed., 1987.

SIMMEL, George. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

SILVA, Paulo H. Rodrigues da. **Os Bandidos da Terra**: tramas e conflitos sociais no sertão cearense. Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, junho de 2016.

SOARES, Luiz Eduardo. **Justiça**: pensando alto sobre violência, crime e castigo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SUTHERLAND, Edwin Hardin. **The Professional Thief – by a professional thief**. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

TARDE, Gabriel. **Monadologia e sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2003.

TARDE, Gabriel. **A Opinião e as Massas**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

THOMPSON, Hunter S. **Medo e Delírio em Las Vegas**: ma jornada selvagem ao coração do Sonho Americano. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.

VELHO, Gilberto (org). O Estudo do comportamento desviante: contribuições da Antropologia Social. In: VELHO, Gilberto (org.). **Desvio e Divergência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**: Foucault revoluciona a história. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

WEBER, Max. **Ciência e política**: duas vocações. São Paulo, Cultrix, 2013.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. Petrópolis, RJ: Vozes; Braçança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2014.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina**. Conclusão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

POLÍCIA prende 70 pessoas em marcha por “união” das facções criminosas no Ceará. Disponível em: <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2016/06/policia-prende-70-pessoas-em-marcha-por-uniao-faccoes-criminosas-no-ce.html>. Acesso em: 10 de abril de 2021.

DE ALDEIA à cidade, conheça a história de Caucaia que hoje celebra 263 anos. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/ceara/de-aldeia-a-cidade-conheca-a-historia-de-caucaia-que-hoje-celebra-263-anos-veja-imagens-1.3289241>). Acesso em: 20 jun. 2022.

CASAL encontrado morto em quarto com golpes de faca. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/seguranca/casal-encontrado-morto-em-quarto-com-golpes-de-faca-1.1501081>. Acesso em: 10 de jan. 2020.

MAR derruba barracas no Icarai. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/mar-derruba-barracas-no-icarai-1.711374>. Acesso em: 02 ago. 2019.

DEUS e o diabo em cima da muralha. Dir.: Daniel Lieff e Tocha Alves. Prod.: Black Ninja Filmes. YouTube. 15 de set. de 2015. 54 min. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VbTMV1-0BTk&t=2569s&ab_channel=DrauzioVarella. Acesso em: 20 jun. 2022.

PRIMEIRO comando da capital. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Primeiro_Comando_da_Capital. Acesso em: 23 abr. 2022.

ATOS de violência organizados no Brasil em 2006. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Atos_de_violência_organizada_no_Brasil_em_2006 Acesso em: 8 dez. 2021.

A VIDA é desafio. Intérprete: Racionais MC's. Compositor: Racionais MC's. In: Nada como um dia após o outro dia. São Paulo: Cosa Nostra, 2002. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gUnpHJgLyRs>. Acesso em: 25 jan. 2022.

GÁS NEON. Intérprete: Luiz Gonzaga Jr. (Gonzaguinha) Compositor: Luiz Gonzaga Jr (Gonzaguinha). In: Plano de voo. São Paulo: EMI-Odeon, 1975. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xZ44xoXeVEw>. Acesso em: 25 jan. 2022.